

As práticas do jornalismo participativo no Modelo Atlântico-Norte ou Liberal. Estudos de casos *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian*

Adelino Filipe Saraiva da Cunha

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação

Fevereiro, 2025

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Ciências da Comunicação, realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Dora dos Santos Silva

[DECLARAÇÕES]

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente.
O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas
no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Adelino Filipe Saraiva da Cunha



Lisboa, 24 de Fevereiro de 2025

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a
designar.

A orientadora,

Dora dos Santos Silva

Assinado por: **Dora dos Santos Silva**
Num. de identificação: 11291974
Data: 2025.02.20 17:47:05+00'00'



Lisboa, 24 de Fevereiro de 2025

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a
designar.

O movimento, que no centro cessa, em torno ao qual, porém, tudo o mais gira.

Paraíso, Dante, Canto XXVIII

AS PRÁTICAS DO JORNALISMO PARTICIPATIVO NO MODELO ATLÂNTICO-NORTE OU LIBERAL. ESTUDOS DE CASOS *THE WASHINGTON POST, NATIONAL POST E THE GUARDIAN*

Adelino Filipe Saraiva da Cunha

RESUMO

A presente investigação propõe-se identificar e descrever práticas jornalísticas que incluam a participação dos cidadãos no processo de produção noticiosa, analisar como é que os jornalistas se posicionam perante esses contributos e o respectivo impacto nas linhas editoriais, tendo em vista explorar as potencialidades do jornalismo participativo e da interactividade na construção de novos territórios de compromisso com os cidadãos. A definição deste objectivo geral resulta da perda do monopólio na recolha, edição e difusão de informação por parte dos jornalistas e do refluxo da importância do jornalismo na intermediação entre o acontecimento e os cidadãos nos espaços públicos fragmentados das democracias ocidentais. Considera-se o objecto de estudo numa dupla dimensão: na perspectiva do jornalista, compreender as percepções sobre as vantagens e as desvantagens da participação dos cidadãos nas rotinas jornalísticas e analisar os momentos e os locais de inserção em que admitem que os cidadãos podem intervir, considerando os diferentes géneros e formatos jornalísticos; na perspectiva da produção, os objectivos específicos focam-se em analisar os mecanismos de interactividade existentes para a intervenção dos cidadãos nas edições digitais dos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian*, em função dos momentos e locais de inserção das notícias. Os resultados obtidos com o *corpus* de análise e as entrevistas com os jornalistas dos três jornais permitiram cumprir os objectivos da investigação e ainda viabilizaram a apresentação de um Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo susceptível de aplicação universal, bem com os princípios organizadores de um Manual de Práticas Participativas

PALAVRAS-CHAVE

JORNALISMO PARTICIPATIVO; DEMOCRACIA; INTERACTIVIDADE; CONVERSAÇÃO

ABSTRACT

This research aims to identify and describe journalistic practices that include the participation of citizens in the news production process, analyze how journalists position themselves in the face of these contributions and their impact on editorial lines, with a view to exploring the potential of participatory journalism and interactivity in the construction of new territories of commitment to citizens. The definition of this general objective results from the loss of the monopoly on the collection, editing and dissemination of information by journalists and the decline in the importance of journalism in intermediating between events and citizens in the fragmented public spaces of Western democracies. The object of study is considered in a double dimension: from the journalist's perspective, understanding perceptions about the advantages and disadvantages of citizens' participation in journalistic routines and analyzing the moments and places of insertion in which they admit that citizens can intervene, considering the different journalistic genres and formats; From a production perspective, the specific objectives focus on analyzing the existing interactivity mechanisms for citizen intervention in the digital editions of The Washington Post, National Post and The Guardian newspapers, depending on the moments and places where the news is inserted. The results obtained from the corpus of analysis and interviews with journalists from the three newspapers allowed the research objectives to be met and also enabled the presentation of a Participatory Journalism Assessment Model capable of universal application, as well as the organizing principles of a Participatory Practices Manual.

KEY-WORDS

PARTICIPATORY JOURNALISM; DEMOCRACY, INTERACTIVITY; CONVERSATIONALNESS

ÍNDICE

ÍNDICE DAS FIGURAS PRINCIPAIS	9
ÍNDICE DOS QUADROS PRINCIPAIS	10
INTRODUÇÃO	11
1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	16
2. REVISÃO DA LITERATURA	21
2.1 UMA VASTA GALÁXIA CONCEPTUAL	21
2.1.1 <i>User-Generated Content</i>	21
2.1.2 <i>Jornalismo comunitário, hiperlocalismo, news fatigue e news avoidance</i>	23
2.1.3 <i>Engagement journalism, reciprocal journalism e open journalism</i>	25
2.2 OS DESAFIOS DA CULTURA PARTICIPATIVA	29
2.3 A IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO NA DEMOCRACIA	35
2.4 JORNALISMO PÚBLICO, <i>JORNALISMO CIDADÃO</i> , JORNALISMO PARTICIPATIVO	39
2.4.1 <i>A pegada do jornalismo público</i>	39
2.4.2 <i>As potencialidades do jornalismo participativo</i>	44
2.4.3 <i>Uma ideia chamada jornalismo cidadão</i>	52
2.4.4 <i>Os termos de um desejável compromisso</i>	58
2.5 GÊNEROS E FORMATOS JORNALÍSTICOS	60
2.5.1 <i>As raízes na literatura e na linguística</i>	60
2.5.2 <i>A passagem para o jornalismo</i>	64
2.5.3 <i>O funcionalismo dos géneros</i>	67
2.5.4 <i>A transição do milénio</i>	75
2.5.5 <i>A velocidade da digitalização</i>	80
2.5.6 <i>Um caminho em construção</i>	87
2.6 CONVERSAÇÃO E COMUNICAÇÃO INTERACTIVA	90
2.7 TIPOS DE INTERACTIVIDADE	97
2.8 MODELOS DE AVALIAÇÃO	103
2.9 A EVOLUÇÃO DA INTERACTIVIDADE	106
2.9.1 <i>Relutância e horror</i>	108
2.9.2 <i>News-makers do momento</i>	109
2.9.3 <i>O refluxo do jornalismo de ideal cívico</i>	113
2.9.4 <i>Relutância geral</i>	115
2.9.5 <i>Participação desanimadora</i>	120
2.9.6 <i>Mitos e realidades</i>	121
2.9.7 <i>Controlo narrativo</i>	123
2.9.8 <i>Água para o moinho</i>	126
2.9.9 <i>Poucas oportunidades</i>	128
2.9.10 <i>Arenas pouco participadas</i>	134
2.9.11 <i>Quando tudo muda</i>	136
2.9.12 <i>Conservadorismo e rejuvenescimento</i>	138
2.9.13 <i>Má fé e ignorância</i>	140
2.9.14 <i>Desmobilização dos cidadãos</i>	140
2.9.15 <i>Círculos fechados</i>	143
2.9.16 <i>Amplos recursos interactivos</i>	145
2.9.17 <i>A novidade da hibridização</i>	147
2.10 CAMINHO PARA FAZER	149
3. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA	154
3.1 OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO	154
3.2 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO	155

3.2.1 Modelo de processo de produção noticiosa	155
3.2.2 Modelo de interactividade	158
3.2.3 Modelos de géneros e formatos jornalísticos	160
3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDOS	163
3.3.1 Estudos de caso	165
3.3.2 Entrevistas	174
RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	179
4. ESTUDOS DE CASO	180
4.1 <i>THE WASHINGTON POST</i> : PORTAS DE ENTRADA DOS CIDADÃOS	180
4.1.1 <i>Guest Opinions: interactividade e participação</i>	188
4.1.2 <i>Letters to the Editor: interactividade e participação</i>	204
4.1.3 <i>Live Chats: interactividade e participação</i>	216
4.1.4 <i>Podcasts: interactividade e participação</i>	225
4.1.5 <i>Cartoons: interactividade e participação</i>	229
4.1.6 <i>Editoriais: interactividade e participação</i>	234
4.2 <i>NATIONAL POST</i> : PORTAS DE ENTRADA DOS CIDADÃOS	241
4.2.1 <i>NP Comment: interactividade e participação</i>	243
4.2.2 <i>Letters: interactividade e participação</i>	248
4.3 <i>THE GUARDIAN</i> : PORTAS DE ENTRADA DOS CIDADÃOS	261
4.3.1 <i>Dados preliminares da investigação</i>	262
4.3.2 <i>Participação nos Callout</i>	264
4.3.3 <i>Participação nas Letters</i>	267
4.3.4 <i>Participação nos Comments</i>	270
4.3.5 <i>Dados finais da investigação</i>	273
4.3.6 <i>Callout: interactividade e participação</i>	273
4.3.7 <i>Letters: interactividade e participação</i>	303
4.3.8 <i>Comments: interactividade e participação</i>	319
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	326
4.4.1 <i>As cartas e os ensaios</i>	326
4.4.2 <i>As dinâmicas dos comentários</i>	328
5. ENTREVISTAS	334
5.1 ABERTURA À PARTICIPAÇÃO	334
5.2 PROCESSO DE PRODUÇÃO NOTICIOSA	336
5.3 AS POTENCIALIDADES DA INTERACTIVIDADE	339
5.4 AS POTENCIALIDADES DO JORNALISMO PARTICIPATIVO	342
6. MODELO DE AVALIAÇÃO DE JORNALISMO PARTICIPATIVO	344
6.1 METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO MODELO	344
6.2 APLICAÇÃO DO MODELO	351
6.2.1 <i>Avaliação de Jornalismo Participativo: The Washington Post</i>	351
6.2.2 <i>Avaliação de Jornalismo Participativo: National Post</i>	353
6.2.3 <i>Avaliação de Jornalismo Participativo: The Guardian</i>	354
6.2.4 <i>Síntese da aplicação do Modelo</i>	355
7. MANUAL DE PRÁTICAS PARTICIPATIVAS: PRINCÍPIOS ORGANIZADORES	359
CONSIDERAÇÕES FINAIS	362
ANEXOS	369
REFERÊNCIAS	375

ÍNDICE DAS FIGURAS PRINCIPAIS

Figura 1 User needs priority index.....	25
Figura 2 Quadro conceptual.....	28
Figura 3 The social techographics profile of online europeans	30
Figura 4 Uma galáxia de conceitos.....	32
Figura 5 Segmentations of news participation over time.....	45
Figura 6 Segmentations of news participation by market.....	46
Figura 7 Formas de participação identificadas nos estudos de caso: radial.....	153
Figura 8 Guest Opinions	181
Figura 9 Letters do the Editor	182
Figura 10 Chats featured hosts.....	184
Figura 11 Podcasts	186
Figura 12 Cartoons.....	187
Figura 13 The Post View	187
Figura 14 Podcasts	225
Figura 15 Matriz de códigos: participatory journalism.....	336
Figura 16 Matriz de códigos: ethics, deontology and newsproduction	339
Figura 17 Visualizador da matriz de códigos: interactivity	342
Figura 18 Árvore de palavras: jornalismo participativo	343
Figura 19 Nuvem de palavras: jornalismo participativo.....	343
Figura 20 Representação radial dos marcadores.....	349
Figura 21 Representação de intensidade dos marcadores.....	349
Figura 22 Modelo de avaliação de jornalismo participativo.....	351
Figura 23 Avaliação de Jornalismo Participativo: <i>The Washington Post</i>	352
Figura 24 Avaliação de Jornalismo Participativo: <i>National Post</i>	353
Figura 25 Avaliação de Jornalismo Participativo: <i>The Guardian</i>	354
Figura 26 Avaliação de Jornalismo Participativo: comparativo	358
Figura 27 Princípios organizadores	359

ÍNDICE DOS QUADROS PRINCIPAIS

Quadro 1 Síntese: género e função	69
Quadro 2 Modelo de processo de produção noticiosa	116
Quadro 3 Formas de participação identificadas nos estudos de caso: frequências....	151
Quadro 4 Processo de produção de notícias	157
Quadro 5 Abertura do processo de produção de notícias	157
Quadro 6 Interactividade selectiva e comunicativa	159
Quadro 7 Formas de participação	163
Quadro 8 Variáveis de análise	169
Quadro 9 Summary of epistemological positions.....	174
Quadro 10 Entrevistados.....	176
Quadro 11 Guião das entrevistas	177
Quadro 12 Guest Opinions - Mecanismos de interactividade	192
Quadro 13 Ligações geradas pelos leitores.....	194
Quadro 14 Guest Opinions - Resultados da participação	203
Quadro 15 Letters to the Editor: Readers Critique	204
Quadro 16 Letters do the Editor - Mecanismos de interactividade	206
Quadro 17 Letter to the Editor - Ligações geradas pelos leitores.....	207
Quadro 18 Letters to the Editor - Resultados da participação	215
Quadro 19 Live Chats - Mecanismos de interactividade	218
Quadro 20 Live Chats - Resultados da participação.....	224
Quadro 21 Podcasts - Mecanismos de interactividade	227
Quadro 22 Podcasts - Resultados da participação	228
Quadro 23 Cartoons - Mecanismos de interactividade	230
Quadro 24 Cartoons - Resultados da participação.....	233
Quadro 25 Editoriais – Mecanismos de interactividade	234
Quadro 26 Editoriais - Resultados da participação.....	240
Quadro 27 NP Comment - Mecanismos de interactividade.....	253
Quadro 28 NP Comment - Resultados da participação	260
Quadro 29 Investigação preliminar.....	263
Quadro 30 Formulação dos callout.....	273
Quadro 31 Callout – Cidadãos autores na secção Guardian Readers	286
Quadro 32 Callout - Cidadãos autores noutras secções	296
Quadro 33 Callout - Cidadãos fonte	297
Quadro 34 Callout - Mecanismos de interactividade.....	301
Quadro 35 Callout - Resultados da participação.....	302
Quadro 36 Letters – Ligações geradas pelos leitores.....	305
Quadro 37 Letters - Mecanismos de interactividade	317
Quadro 38 Letters - Resultados da participação	318
Quadro 39 Opinião – Comentários	319
Quadro 40 Opinião - Vídeos	323
Quadro 41 Comments - Resultados da participação	325
Quadro 42 Escala de Saaty	345
Quadro 43 Intensidade da importância dos marcadores	346
Quadro 44 Modelo de avaliação de jornalismo participativo - Carga fatorial.....	347
Quadro 45 Manual de Práticas Participativas	360
Quadro 46 Categorias e conceitos.....	369

INTRODUÇÃO

A presente investigação encontra-se ancorada entre os debates primordiais sobre o “declínio do jornalismo clássico” e o seu desligamento das preocupações dos cidadãos (Dahlgren, 1996), traduzido num refluxo contínuo da importância do seu papel de intermediação entre o acontecimento e as opiniões públicas; e os debates contemporâneos sobre as potencialidades do jornalismo participativo para inverter esta situação. Trata-se de explorar a configuração de territórios partilhados através de mecanismos de interação que permitam aos cidadãos envolver-se activamente no processo noticioso sem dispensar a intermediação profissional dos jornalistas, não apenas como reguladores, mas também como moderadores e incentivadores da conversação (Deuze; 2003; Nip, 2006; Chung, 2008; Rost, 2007, 2014).

A investigação procura mobilizar estes debates no quadro da responsabilidade do jornalismo na qualidade das democracias, na medida em que os sistemas de media permitem identificar relações sistemáticas entre as estruturas políticas e sociais dos países e os respectivos meios de comunicação, ou seja, encontram-se associados às representações sociais partilhadas e estas determinam tanto a sua acção presente como as perspectivas de evolução (Hallin & Mancini, 2010).

Procedeu-se à estruturação do *corpus* de análise através do estudo dos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian* tendo como referência o Modelo Atlântico-Norte ou Liberal proposto por Daniel C. Hallin e Paolo Mancini, na medida em que os seus padrões comparativos de variação com o Modelo Mediterrânico ou Pluralista Polarizado e com o Modelo Norte-Europeu ou Corporativista Democrático referem-se aos países que se distinguem pelo elevado desenvolvimento da imprensa de massas e pela profissionalização dos jornalistas em contraste com a reduzida intervenção política e do próprio Estado nos meios de informação, ou seja, Canadá, Irlanda, Estados Unidos e Reino Unido:

“A consolidação, que se verificou cedo, das instituições liberais em Inglaterra e nas suas antigas colónias, a par de um conjunto de características sociais e políticas relacionadas com esta história – industrialização precoce, governo limitado, uma autonomia racional-legal forte, pluralismo moderado e individualizado e maiorismo –, está ligada a um padrão distintivo de características do sistema de media” (Hallin & Mancini, 2010, p.255).

Ainda que sem uma contextualização concreta decorrente da separação entre o modelo oceânico anglo-americano e o modelo continental europeu (Gamble, 2006), os autores recorrem às dinâmicas históricas que determinaram a formação dos sistemas de media como ferramentas operativas, alegando a sua ligação com os sistemas partidários e consequente modelação através dos conflitos sociais e das instituições e padrões culturais que deles emergiram:

“Isto não significa que o passado determina integralmente o presente, nem com certeza que a mudança não tenha lugar. Mas existem relações claras entre os padrões da evolução histórica que remontam aos alvares da modernidade e os padrões dos sistemas de media que prevalecem hoje” (Hallin & Mancini, 2010, p.307).

Os autores caracterizam o Modelo Mediterrânico ou Pluralista Polarizado no quadro dos países onde existe um elevado grau de politização e de intervenção do Estado e dos partidos em contextos marcados pela lealdade ideológica, isto é, França, Grécia, Itália, Portugal e Espanha. O que se reflecte num “consumo desigual” de informação entre a população politicamente activa e a restante:

“Os laços entre os jornalistas e os actores políticos são estreitos, o Estado intervém fortemente no sector dos media e os jornais põem o enfoque no comentário sofisticado destinado a ser lido pelos activistas políticos” (Hallin & Mancini, 2010, p.305).

Nos países que integram o Modelo Norte-Europeu ou Corporativista Democrático, Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Noruega, Países Baixos, Suécia e Suíça, a intervenção do Estado nos media é significativa, mas atribui-se um elevado valor à sua autonomia, ou seja, a informação política é muito valorizada, sendo produzida para ser disseminada pelas audiências de massas: “Exalta-se o valor de um fluxo de informação livre e, ao mesmo tempo, o Estado é visto como tendo uma obrigação positiva de promover esse fluxo” (Hallin & Mancini, 2010, p.305). Tendo em vista operacionalizar uma análise dinâmica e sistemática de material parcial susceptível de caracterizar o todo (Mayring, 2021), a investigação considera um jornal norte-americano, um canadiano e um britânico como representativos deste considerando a sua relevância e impacto no sistema de media; a homogeneidade, incluem-se na mesma taxinomia jornalística; e sincronicidade, o estudo realizou-se dentro do mesmo recorte cronológico (Barthes, 1967; Bardin, 2000).

Através do estudo deste *corpus*, a investigação procura explorar caminhos para a construção de compromissos entre jornalistas e cidadãos considerando diferentes níveis participação, conversação, moderação e interactividade (Lewis, 2012). Trata-se de uma mudança do “ideal deliberativo” para dinamizar o envolvimento dos cidadãos na discussão das questões públicas (Reich, 2011), tendo em vista responder tanto às expectativas das “vozes não jornalísticas” como à exploração das “novas oportunidades” resultantes da inovação tecnológica, e.g., o potencial agregado e complementar da participação, conversação, moderação e interactividade, configurado como “poder deliberativo”. O contributo dos cidadãos deve reflectir-se na própria notícia como resultado e fundamento do processo participativo, no sentido em que tanto pode contribuir para o “processo da política deliberativa” enquanto “âmago do processo democrático” (Habermas, 1997, p.18) como valorizar-se através do desenvolvimento de sentimentos de pertença pelo “reconhecimento da cidadania” (Ahva 2019, p.938).

É nesta dinâmica que se inserem os mecanismos de interactividade, na medida em que tanto os jornalistas como os investigadores parecem ter desenvolvido uma espécie de “consenso (in)consciente” (Deuze, 1999) quanto à sua relevância para reaproximar os cidadãos do jornalismo (Domingo, 2008). Nesse sentido, os recursos da internet, estrutura de rede anti-hierárquica e capacidade de comunicação multidirecional (Newhagen & Levy, 1998), são analisados enquanto “gatilhos” para uma “transformação fundamental” do jornalismo (Pavlik, 2001) que pode contribuir para recentrá-lo na sua lógica original de serviço público e de diálogo com os cidadãos.

Os resultados da investigação confirmam a pertinência do cruzamento prévio de campos teóricos na revisão da literatura, na medida em que as análises às edições digitais dos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian* confirmam as virtudes da aplicação de mecanismos de interactividade na construção de um território de compromisso entre jornalistas e cidadãos. Desde logo, o potencial de conversação resultante do surgimento de comunidades alargadas resultantes da interacção entre cidadãos e jornalistas no processo de construção noticiosa (Bowman & Willis, 2013).

Depois, os resultados decorrentes dessa reconquista da confiança baseada na colaboração, ou seja, a mobilização dos cidadãos como autores de conteúdos de carácter noticioso e/ou como indutores de novos ângulos noticiosos e/ou como fontes noticiosas activadas pelos jornalistas, abrem novas possibilidades noticiosas em termos de

pluralidade de pontos de vista e representatividade social, isto é, podem melhorar a qualidade do próprio jornalismo (Abbott, 2017). Ao permitirem a integração dos cidadãos nas decisões jornalísticas, através das informações que disponibilizam e da aceitação dos seus pontos de vista no processo de construção noticiosa, estas dinâmicas baseadas na colaboração interactiva aumentam a representatividade e criam confiança.

Neste sentido, contribuem para o reconhecimento da importância do jornalismo na intermediação profissional e regulada entre os acontecimentos e as opiniões públicas, centrado no interesse público e no cumprimento da sua missão de escrutínio. Esta aliança entre a força da cidadania e o jornalismo rigoroso, livre e plural traduzem-se em “concepções sociais partilhadas” sobre o Estado e a sociedade e viabilizam a configuração de sistemas de media susceptíveis de contribuírem activamente para a melhoria da qualidade das democracias, na medida em que desempenham um papel central na formação de consensos (Hallin & Mancini, 2010).

Por último, importa considerar a vastidão e complexidade que resulta deste diálogo permanente entre o jornalismo participativo e a interactividade em termos de inovação tecnológica. Por um lado, o impacto epistemológico que resulta da autonomização de actuais formatos em eventuais futuros géneros jornalísticos entendidos como “convenções partilhadas tacitamente pelas comunidades discursivas (...) que normalizam certas formas de olhar o mundo e providenciam limites interpretativos aos contextos de receção” (Peixinho & Almeida Santos, 2021, p.60). Por outro, a hibridização resultante da aplicação de mecanismos tecnológicos existentes e as necessidades que tenderão a surgir pela via da sua generalização, e.g., na procura de novas formulações de transmissão emocional através das narrativas de carácter experiencial/imersivo. Podemos ainda acrescentar os desafios que resultam da utilização da inteligência artificial nos processos de intermediação (recolha, edição, difusão/moderação), na medida em que poderão vir a dispensar a intervenção humana nas formulações da realidade social e conseqüente impacto nas tomadas de decisão:

“Visto que a IA opera para recomendar conteúdos e conexões, classificar informações e conceitos, e prever as preferências e os objectivos dos utilizadores, esta pode reforçar inadvertidamente opções individuais, de grupo ou comunitárias. Com efeito, pode incentivar a distribuição de certos tipos de informação e a formação de certo tipo de conexões, e desencorajar outros. Esta dinâmica reflectir-se-á nos resultados sociais e políticos, independentemente das intenções dos operadores da plataforma” (Kissinger et al., 2021, p.116).

Considerando o objecto de estudo e os objectivos da investigação, esta tese encontra-se sustentada num quadro teórico que se considera sólido e orientado para a exploração focada dos conceitos operacionais fundamentais, ou seja, as experiências primordiais do jornalismo público, as ilusões do chamado *jornalismo cidadão* e as renovadas potencialidades do jornalismo participativo em diferentes contextos. Construído em torno de uma ideia de um compromisso entre jornalistas e cidadãos para valorizar a democracia através do reconhecimento desta reaproximação, procede-se à exploração do conceito de jornalismo participativo no quadro conceptual das diferentes formas de interactividade e eventual impacto no território epistemológico dos géneros e formatos jornalísticos, no sentido de identificar claramente quais os mecanismos tecnológicos que podem viabilizar essa dinâmica de cooperação.

A revisão compreensiva da literatura permitiu explorar as diferentes galáxias conceptuais que se foram configurando ao longo das últimas décadas, e entretanto testadas em diferentes estudos parciais, tendo em vista a construção de um quadro de variáveis de investigação para aplicação na análise dos três jornais. O que permite avaliar a sua aplicação comparativamente com outros *corpus* e identificar a inovação que decorreu do surgimento de novas variáveis no decurso da própria investigação.

A segunda parte da investigação concentra-se na apresentação e análise sistemática dos resultados obtidos com o *corpus* de análise e as entrevistas efectuadas com os jornalistas, tendo sido possível cumprir os objectivos e desenvolver um Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo susceptível de ser aplicado noutros *corpus* e permanentemente melhorado devido ao seu carácter orgânico. Também as entrevistas permitiram responder as questões relativas às percepções dos jornalistas quanto à integração dos contributos dos cidadãos no processo de produção de notícias e avaliar o seu posicionamento quanto às potencialidades dos mecanismos de interactividade na construção de um território de compromisso com os cidadãos. A totalidade da investigação permitiu também apresentar os princípios organizadores de um Manual de Práticas Participativas que consubstancia a ideia seminal da investigação de que o jornalismo circunda e é circundado pelos cidadãos numa relação multidimensional.

1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Esta investigação propõe-se identificar e descrever práticas jornalísticas que incluam a participação dos cidadãos no processo jornalístico, analisar como é que os jornalistas se posicionam perante esses contributos e o respectivo impacto nas linhas editoriais. A definição deste objectivo geral resulta da perda do monopólio de recolha, edição e difusão de informação pelos jornalistas e do refluxo da importância do jornalismo na intermediação do debate nos ecossistemas plurais das democracias.

A generalidade dos autores que estudam este tema cedo coincidiram na identificação de um processo de “declínio do jornalismo clássico” (Dahlgren, 1996) devido às lógicas empresariais que se sobrepõem à essência do jornalismo (McChesney, 1999), tendo mantido essa perspectiva comum na avaliação do impacto gradual desse declínio na qualidade das democracias (Gans, 2003; Zelizer, 2015; Budarick, 2023). A progressiva crise dos modelos de negócios decorrente das quebras de audiências e consequentes reduções das receitas publicitárias (Boczkowski, 2012, 2014; Athey et al., 2016) levaram ao desinvestimento na qualidade jornalística e conduziram a profissão para sucessivas tentativas de capturar a atenção dos cidadãos através de modelos que se limitavam a misturar entretenimento e informação (Thussu, 2007).

O tema preserva o seu interesse e valor investigativo próprios, aliás, expresso na sua continuada exploração académica (Otto et al., 2017; Marinov, 2020), mas que, de certa forma, poderá vir a ser progressivamente enquadrado nos estudos da hipermediatização enquanto construção e experimentação da realidade (Hjarvard, 2013; Hjarvard & Petersen, 2013). O envolvimento de todo o aparato mediático, televisões, rádios, meios digitais, redes sociais e tecnologias de interactividade, constitui um natural desafio para os jornalistas em resultado da sua perda do monopólio da mediação e dos desafios resultantes da rapidez da propagação da informação (Couldry & Hepp, 2017). A própria ideia de mediatização profunda da sociedade (Ponte et al., 2023) corresponde à sua própria estruturação como realidade e coloca necessariamente o jornalismo debaixo de pressão nas suas funções de intermediação e em competição contra-prudente com as redes sociais e os algoritmos (Hepp, 2019).

A procura inflamada por cliques, likes, partilhas e outros indicadores baseados em percepções e engodos de valor idêntico, ou seja, a “economia da atenção”, força uma exploração de todo o universo mediático e de todas as suas potencialidades fragilmente agregadas numa busca pela atenção perdida. Importará sempre considerar a natureza integradora da hipermediatização, a sua rapidez e dinâmica sincrónica, mas sem perder de vista uma necessária discussão sobre aquilo que se pretende integrar, isto é, o valor jornalístico absoluto daquilo que alguns autores consideram como “world of everyday” (Shkondin et al., 2020) e tendo como base comunicativa “expectativas divertidas e emocionalizantes” (Doevelin et al., 2024).

Parece-nos que a hipermediatização do jornalismo representa um caminho que revelará gradualmente contradições e oportunidades que, aliás, têm vindo a ser identificadas em estudos comparativos que colocam em perspectiva o “aumento da lógica” mediática e jornalística em paisagens mediáticas digitais (Peruško et al., 2020). Os resultados finais avaliam o seu impacto entre “aspectos construtivos”, e.g., aumento da acessibilidade à informação; aumento do envolvimento cívico; transparência e responsabilização das autoridades; educação e sensibilização política; reforço dos processos democráticos; e “aspectos destrutivos”, e.g., fragmentação social; propagação e desinformação; declínio da qualidade do discurso público; manipulação da opinião pública (Benkler et al., 2018).

A mobilização da academia para reflectir sobre estas mudanças continua a abrir novas perspectivas de debate (Zelizer, 2004), tendo como motor o impacto da digitalização (Benkler, 2006) e todos os desafios decorrentes deste universo em permanente expansão (Couldry, 2012). A investigação de referência encontrou na interactividade um caminho sobre o qual tanto os jornalistas como os investigadores desenvolveram uma espécie de “consenso (in)consciente” (Deuze, 2000) e foram produzindo inúmeros estudos de avaliação desse impacto ao longo de duas décadas (Domingo, 2008). As análises mais recentes focam-se nos desafios das tecnologias digitais decorrentes da rapidez de processamento e de divulgação dentro do quadro ético e deontológico do jornalismo, nomeadamente a credibilidade das fontes e a distorção da informação (Lestari, 2019). Dentro da longa experiência das diferentes fórmulas de participação dos cidadãos no jornalismo (Nah et al., 2024), os

investigadores continuam a trabalhar em múltiplos *corpus* de análise (Sebastião, 2024)¹ e em estudos para avaliar as percepções dos jornalistas sobre os modelos digitais participativos, mas tendo como orientação preservar a qualidade informativa num quadro de novas exigências (Neuberger, 2024). Um caminho que continua a desenvolver-se sustentadamente apesar das modas semânticas reveladas pela revisão sistemática da literatura realizada nos anos iniciais da presente investigação e às quais importará agora acrescentar “smartphone journalism” (Dosenko, 2024), “metaverse journalism” (Sukheem, 2024), “automated journalism” (Dodds & Yeung, 2024) e “drone journalism” (Ishaku & Nyitse, 2024).

Considerando toda esta complexidade, a investigação aborda o objecto de estudo numa dupla dimensão: na perspectiva do jornalista, importa compreender as percepções sobre as vantagens e as desvantagens da participação dos cidadãos nas rotinas jornalísticas em função do seu conhecimento sobre o conceito de jornalismo participativo, e analisar os momentos e os locais de inserção (as características das práticas) em que admitem que os cidadãos podem intervir, considerando os diferentes géneros e formatos jornalísticos; na perspectiva da produção, os objectivos específicos focam-se em analisar os mecanismos existentes para a intervenção dos cidadãos nas edições digitais dos jornais *The Washington Post*, *National Post*, e *The Guardian*, em função dos momentos e locais de inserção das notícias, considerando (também) os diferentes géneros e formatos jornalísticos.

Importa clarificar que não se diagnostica (nem tão pouco se antecipa) um processo de extinção do jornalismo, mas existe um certo consenso social de que estamos perante um refluxo agudo da sua importância, isto é, uma quebra da importância do jornalismo livre, rigoroso e verdadeiro:

- i. na construção da realidade social partilhada;
- ii. no escrutínio da vida colectiva nas democracias;
- iii. na promoção do debate cívico em função do interesse público geral.

O que significa que esse papel de intermediação continua a ser transferido para interesses que se encontram no domínio privado, orientados por vontades particulares

¹ Dissertação orientada pelo autor e aprovada em 2024, no âmbito do mestrado em Comunicação Audiovisual e Multimédia da Universidade Europeia.

e susceptíveis de reduzido escrutínio devido ao seu carácter transnacional e auto-fechamento (Ash, 2016). Intervêm livremente nos espaços públicos através de mecanismos que determinam os temas da discussão, fornecendo argumentos e condicionando a difusão interpretativa (Kakutani, 2018). Estas bolhas herméticas anulam o pluralismo do debate e a capacidade de escrutínio das audiências (dos cidadãos) e têm induzido os jornalistas para explorar um campo de combate (antecipadamente perdido), e que tem se tem reflectido na:

- i. transformação da informação em entretenimento;
- ii. diluição das fronteiras entre jornalistas e produtores de conteúdos;
- iii. simplificação dos conteúdos noticiosos (banalizando e descredibilizando);
- iv. aceleração do tempo para competir com as redes sociais (perdendo rigor).

Esta problematização enfatizou a necessidade de identificar unidades comunicacionais de análise que permitissem alcançar os objectivos de investigação, preservassem a coerência do *corpus* e acautelassem a potencialidade dos resultados. Foi nesse sentido que se procedeu à integração do Modelo Atlântico-Norte ou Liberal, na medida em que permite identificar relações sistemáticas entre as estruturas políticas e sociais dos países e os respectivos meios de comunicação. O que significa que os sistemas de *media* encontram-se associados às representações sociais partilhadas e estas determinam tanto a sua acção presente quanto as perspectivas de evolução:

“Não é possível compreender os media noticiosos sem entender a natureza do Estado, o sistema dos partidos políticos, o padrão das relações entre interesses económicos e políticos, e o desenvolvimento da sociedade, entre outros elementos da estrutura social” (Hallin & Mancini, 2010, p.22).

Reconhecendo as dificuldades inerentes à diferenciação para compreender a mudança, a opção pelo Modelo Atlântico-Norte ou Liberal (Estados Unidos, Canadá, Irlanda e Reino Unido) pode ser justificada através linhas de força do seu processo formação:

- i. reduzida intervenção do Estado;
- ii. predominância dos jornais comerciais em relação aos media partidários, sindicais e religiosos;

- iii. reconhecimento da sua preponderância nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas (e futuras).

Estas raízes identitárias resultam do processo de desenvolvimento parlamentar desses países e das dinâmicas de construção da esfera pública e elevação dos níveis de literacia das populações, ou seja, enquanto bases do mundo político moderno e de afirmação do poder de escrutínio do jornalismo. O desenvolvimento do profissionalismo jornalístico em torno do discurso centrado nos factos manifesta-se na diversidade da informação, na amplitude da actualidade noticiosa e no grau de rigor (Hallin & Mancini, 2010, p.216). Uma apreciação que se reflecte na tendência para que este sistema seja “comummente considerado em todo o mundo como o ideal normativo”, e mesmo evitando cair no exagero de ungi-lo como a *medida natural* de todos os sistemas, os investigadores afirmam que “o Modelo Liberal é de facto a vaga do futuro, no sentido em que a maior parte dos sistemas de media se desloca, em importantes aspectos, na sua direcção” (Hallin & Mancini, 2010, pp.255-256):

- i. modelos de negócios focados na obtenção do lucro em troca de informação: componente comercial sobreposta às tendências partidárias;
- ii. adopção das práticas anglo-saxónicas de separação das notícias dos comentários;
- iii. profissionalismo dos jornalistas assente nos princípios da objectividade metodológica e neutralidade política.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Uma vasta galáxia conceptual

A construção do quadro teórico pretende começar por contribuir para uma certa estabilização conceptual nos estudos do jornalismo através da identificação de territórios orgânicos de partilha entre jornalistas e cidadãos. A proposta encontra-se ancorada na ideia de que o jornalismo circunda e é circundado pelos cidadãos e que essa relação pode ser definida em função da experiência original do jornalismo público, na sua passagem pelo ilusório *jornalismo cidadão*² e nas potencialidades actuais e futuras do jornalismo participativo com diferentes configurações.

A fragmentação conceptual traduz-se frequentemente em conflitos discursivos e pode desenvolver-se como uma certa apropriação de posições interpretativas através da ocupação de campos semânticos (Petri, 2019, p.13). Destas circunstâncias resultam significados sociais que tanto podem representar a realidade como eventualmente actuar sobre ela enquanto vocabulário normativo decorrente de exercícios de repetição hipnótica. A opção pela concentração do quadro conceptual decorre desta constatação e viabiliza um posicionamento plural e flexível, no sentido de incorporar as diferentes modulações semânticas dos conceitos como uma espécie de caixa de ferramentas.

A consolidação destes três conceitos operativos considerados fundamentais na problematização do objecto de estudo decorreu de uma necessária revisitação de outros conceitos que tentam igualmente superar as dificuldades reveladas pelos modelos designados tradicionais de jornalismo, tendo como principais factores de mudança os processos de envolvimento e aproximação aos cidadãos enquanto protagonistas da realidade social.

2.1.1 User-Generated Content

Partindo da ideia de que os cidadãos considerados como consumidores passivos representam agora a “antiga audiência” (Bruns, 2005), a possibilidade de desempenharem um papel activo passa necessariamente pela produção de conteúdo próprio no processo noticioso (Bowman & Willis, 2003). Essa passagem desenvolveu-

² A opção pelo itálico ao longo do artigo traduz uma reserva epistemológica do autor quanto ao reconhecimento de amadores no exercício de profissões ética e legalmente reguladas.

se em torno do conceito de conteúdo gerado pelos utilizadores (*User-Generated Content* - UGC) fora de ambientes profissionais e com actividade participativa indiferenciada em todos os ecossistemas digitais (Jönsson & Örnebring, 2010). A promessa inicial da relevância do UGC foi sendo progressivamente orientada para o território do jornalismo para valorizar as contribuições em sites de notícias, testemunhos e partilha de material próprio (Jönsson & Örnebring, 2011).

Alguns autores insistiram em projectar as virtudes do UGC para todos os ecossistemas digitais pelo seu carácter híbrido e potencial criativo e colocaram a questão em termos de uma competição nos espaços livres da comunicação digital, no sentido de reconhecer e valorizar o seu potencial transformador (Bruns, 2016). Importa destacar a abertura dos jornalistas e os esforços concretos desenvolvidos sistematicamente por alguns órgãos de informação, desde logo, a *BBC* e o *The Guardian*, cujas experiências de integração têm sido avaliadas em diferentes estudos académicos e registadas como uma “luta” entre a integração dos conteúdos gerados por cidadãos e a salvaguarda da credibilidade e responsabilidade ética e deontológica do jornalismo. Estas experiências podem ser resumidas nas palavras dos próprios jornalistas do jornal *The Guardian*: o comentário é gratuito, mas os factos são sagrados (Singer & Ashman, 2009).

O valor das “outras vozes” (Alan, 2013) mantém-se preservado e activo em contextos de rupturas sociais, e.g., revoluções, desastres e protestos, onde a velocidade e a fragmentação da informação reforçam a importância de múltiplos testemunhos e das perspectivas *in loco*. Porém, a prometida capacidade de transformação generalizada do UGC no jornalismo parece ter conduzido para uma certa “ilusão” resultante dos obstáculos resultantes das próprias práticas jornalísticas. As investigações na área do jornalismo chamam a atenção para a preservação do total controlo editorial por parte dos jornalistas e para o perfil dos conteúdos situar-se genericamente em *fait-divers*. A ambiguidade do próprio conceito e a sucessão de estudos acabou por conduzir a discussão para novas fronteiras através de uma especialmente interessante problematização:

“Paradoxically, then, the best way to produce widely participatory journalism may be to place less emphasis on the user as journalist, particularly rhetorically, and to instead to focus energies on creating a more seamless, engaging, and fully integrated news participation process for users” (Holton et al., 2013, p.731).

Esta sugestão de “concentrar energias” no desenvolvimento dos processos de participação em função da sua continuidade e capacidade de integração encontra acolhimento na ideia do desenvolvimento de novos territórios de compromisso entre o jornalismo participativo e a interactividade que orientam esta a nossa investigação. É aqui que repousa o especial interesse da formulação de Avery E. Holton, Mark Coddington e Homero Gil de Zúñiga, na medida em que superam a ideia da resistência à participação através de construção de um ambiente integrado e envolvente através da fluidez e da acessibilidade proporcionada pelo desenvolvimento de mecanismos de colaboração interactiva.

2.1.2 Jornalismo comunitário, hiperlocalismo, *news fatigue* e *news avoidance*

Se este debate sobre UGC parece estar confinado no território *demasiado regulado* onde ocorre a interacção, a ideia do jornalismo comunitário mantém-se válida entre académicos e profissionais, na medida em que preserva o seu espírito de mudança e valor intrínseco: produzir notícias *para e com* as comunidades locais. Nesta perspectiva, as formulações de cooperação encontram-se ancoradas no reconhecimento do sentido comunitário como um processo de negociação de significados partilhados para depois construir ligações profundas com as comunidades através da identificação das suas necessidades de informação e da inclusão do seu contributo no processo de produção noticiosa (Altschull, 1996; Berkowitz & TerKeurst 1999; Lowrey & Mackay, 2008; Howley, 2013; Robinson, 2013; Radcliffe, 2024).

Este jornalismo assume-se assim como um mecanismo de identidade e coesão das comunidades através da criação de espaços partilhados, mas necessariamente de natureza local e tendencialmente específica, na medida em que se tratam de representações de determinadas comunidades. Aliás, esta ideia de proximidade está na origem de desdobramentos para estruturas semelhantes como hiperlocalismo e em escalas geográficas de *pubs* e lojas – em contexto de reportagem para aproximar as notícias aos cidadãos (Harte, 2017).

Classificações como *news fatigue* e *news avoidance* consolidaram-se, entretanto, como objectos de estudo³ baseados em critérios selectivos decorrentes de características pessoais (Goyanes et al., 2021) e circunscritos às dificuldades da sua operacionalização conceptual (Skvosgaard & Andersen, 2020). Esses padrões de comportamento tanto respondem à ideia de *fatigue* e *avoidance* como incluem uma ideia de passividade, *news finds me* (Song et al., 2020). Os contextos de grande volume informativo aprofundam as dimensões do desafio (Toff & Kalogeropoulos, 2020; Fitzpatrick, 2022), e.g., a invasão da Ucrânia e o SARS-CoV-2 (Covid), que também se manifestaram ao longo da presente investigação:

A redução da influência jornalística inerente aos processos de intermediação reflecte-se na qualidade das democracias e no discurso público, na medida em que o debate fecha-se nos espaços digitais, onde a sua configuração específica decorre dos interesses particulares das organizações privadas e das suas regras de funcionamento (Elliot & Kristoffer, 2020). Considerando que o jornalismo aumenta o contexto informativo para um melhor entendimento do mundo e contribui para a tomada de decisões, aumentando o envolvimento no processo deliberativo, o cansaço decorrente do fluxo constante de informação pode provocar um desligamento dos cidadãos do seu “elo mais crítico” para a obtenção de informações relevantes (Toff & Kalogeropoulos, 2020). É no sentido de uma queda continuada que apontam os indicadores mais recentes, aliás, baseados nos mesmos motivos: “Selective news avoiders say the news media are often repetitive and boring. Some tell us that the negative nature of the news itself makes them feel anxious and powerless”⁴. Também por isso merece uma especial atenção qual o papel que as notícias podem cumprir para ponderar um desejável reencontro que atenda às prioridades e necessidades informativas dos cidadãos: “(...) There is a much bigger gap in providing different perspectives (e.g. more context, wider set of views) and also around news that ‘makes me feel better about the world’ (offers more hope and optimism)” (Fig.1).⁵

³ Cfr. <https://www.unc.edu/discover/news-fatigue-what-it-is-and-how-to-avoid-it/>;
<https://www.pewresearch.org/short-reads/2020/02/26/almost-seven-in-ten-americans-have-news-fatigue-more-among-republicans/>

⁴ <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/dnr-executive-summary>;
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/dnr-executive-summary>

⁵ <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/dnr-executive-summary>

Figura 1 User needs priority index



Fonte: Reuters Institute Politics

2.1.3 Engagement journalism, reciprocal journalism e open journalism

É no contexto do hiperlocalismo e na colaboração activa que alguns autores destacam a relevância do envolvimento genuíno e recíproco entre jornalistas e cidadãos como uma premissa de compromisso (*engagement journalism*). Começam por colocar as preocupações do cidadão no centro do processo de produção noticiosa através da interactividade para depois proceder à sua valorização numa dimensão comunitária. A “reciprocidade sustentada” (Hart, 2017) pode contribuir tanto para a melhoria de vida

das comunidades locais como para a própria qualidade do jornalismo como uma “prática cultural”.

Os primeiros estudos começaram por defender que se trata de uma nova fase do jornalismo público (Nip, 2006) no seu contributo para a melhoria da democracia por permitir estabelecer ligações às comunidades através do envolvimento dos cidadãos nas suas questões concretas e auxiliar os processos de deliberação pública na procura de soluções (*connecting for public life*). Partindo da lição passada do “fracasso do jornalismo público”, a mesma autora voltou ao tema mais tarde para reforçar as virtudes do engajamento no jornalismo participativo na sua dimensão democratizadora através de criação de conversas públicas (Min, 2020). Trata-se de uma disponibilidade para envolver os cidadãos através daquilo que produzem nas suas próprias plataformas existentes à data (*self-publishing*) e/ou disponibilizando nas notícias ligações úteis para sites e endereços de correio electrónico com interesse público – porém, ainda longe da lógica da produção de conteúdos para integração no processo jornalístico.

Regista-se depois uma evolução para tentar ultrapassar o consumo passivo de notícias baseado em dinâmicas de reciprocidade (*reciprocal journalism*), mas ainda como uma “ferramenta analítica adicional” para explorar novas formas de relacionamento com os cidadãos baseado na “sensação” do reconhecimento dos benefícios mútuos (Coddington et al., 2013). Não se trata de algo original dentro do quadro do jornalismo participativo, mas o seu reconhecimento representa “potencial não realizado” em tempos de luta feroz pela atenção das audiências. Nessa reflexão sobre os mecanismos de mudança, os autores posicionam o engajamento nos termos de uma relação de confiança entre os jornalistas e os cidadãos que importa construir e preservar (Green-Barber, 2018) considerando a própria essência do jornalista na sua convivência com as fontes das notícias, os públicos e as comunidades.

É nesse sentido que estudos mais recentes consolidam essas dimensões semânticas da escuta activa como potencial motor de mudança das relações (Wenzel & Nelson, 2020): apontam para a necessidade da integração de jornalistas especializados nas redacções e o recurso a projectos de mapeamento de práticas de engajamento para partilha de experiências concretas⁶, e às empresas privadas para estruturar esse

⁶ Cfr. <https://ejc.net/resources/engaged-journalism-in-europe-database>

envolvimento baseado no “valor de ouvir”⁷. Neste diálogo, entre constituir-se mais como uma atitude individual e organizacional que pode ser incorporada na dinâmica do jornalismo participativo, do que como um eventual conjunto de ferramentas, os estudos valorizam a mobilização desses actores externos no processo de produção noticiosa. Tendo em vista um melhor entendimento das audiências, a sua integração pode ser incorporada no seu início para recolha de informações prévias e discussões de enquadramento, e depois para a obtenção de métricas de engajamento, visualizações, gostos, comentários, etc. O que permite envolver os cidadãos e depois medir os seus interesses (Schmidt & Lawrence, 2020) na certeza do actual “contraste gritante” entre o conteúdo que o público quer e o que os jornalistas preferem relatar (Brannock & Poepsel, 2020).

Por um lado, o *engagement journalism* caracteriza-se pelo seu carácter colaborativo baseado na construção ou restauração das relações de confiança, ou seja, um apelo à mudança de comportamentos dos jornalistas num quadro de desigualdade de poderes e de urgência em recuperar audiências. Por outro lado, esse redimir de fronteiras jornalísticas baseado em atitudes move-se através de métricas de avaliação do envolvimento e reflecte-se essencialmente em contextos de comunidade, isto é, reforçam o carácter do jornalismo hiperlocal nos temas escolhidos e no foco em comunidades sub-representadas (Brannock & Poepsel, 2020).

Ficam necessariamente por explorar de forma sistemática outros conceitos como *open journalism*, ou seja, a partilha de evidências que sustentam as notícias, nomeadamente grandes investigações que exigem múltiplos recursos de recolha e análise de dados e transparência absoluta dos resultados apresentados⁸. O que poderia/poderá representar uma passagem do jornalista de “gate-keeper” para o jornalista “gate-opener” (Müller & Wiik, 2021), na medida em que tanto disponibiliza fontes como acolhe sugestões e interpretações.⁹

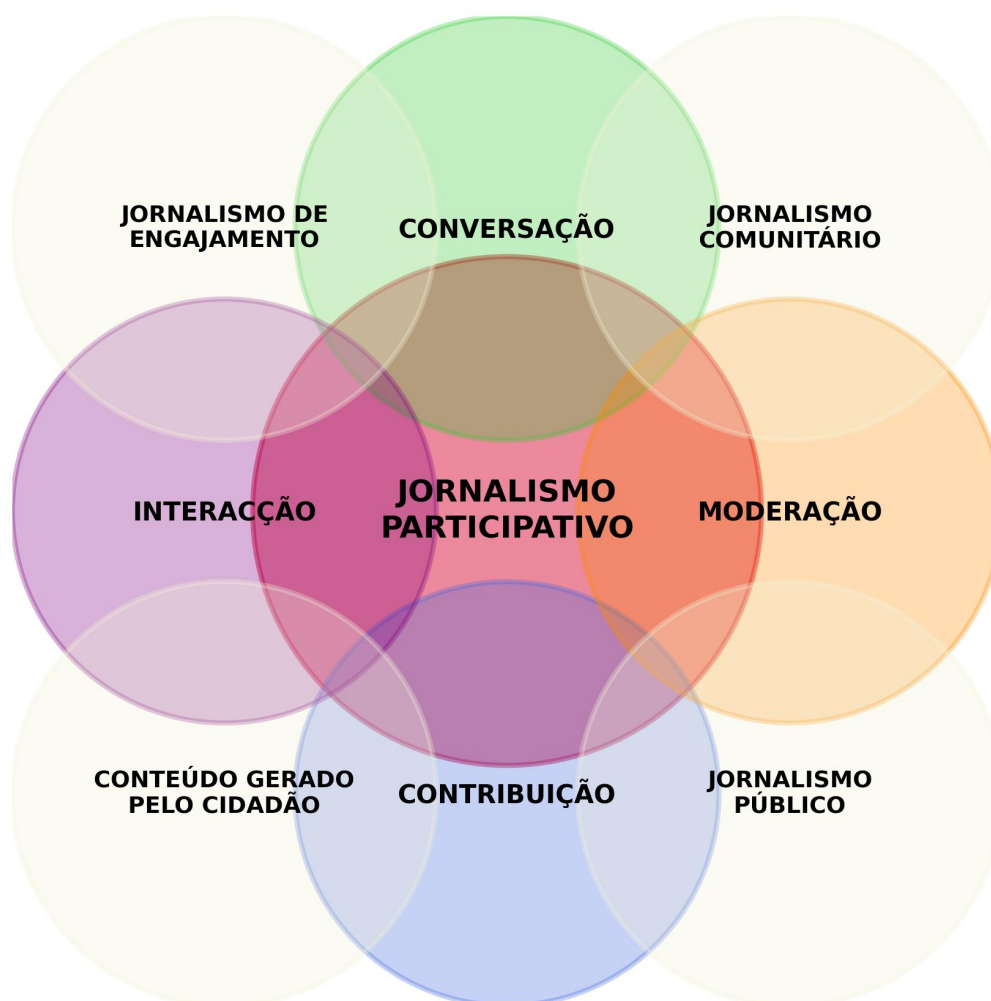
⁷ Cfr. <https://wearehearken.com> e <https://www.groundsource.co>

⁸ Cfr. https://www.icij.org/investigations/panama-papers/panama-papers-trial-begins-with-denials-eight-years-after-historic-tax-evasion-expose/?gad_source=1&gbraid=0AAAAACpCrOi8ABi5Ef7Z1wdEYCK7JpF52&gclid=CjwKCAiAm-67BhBlEiwAEVftNqEaRzmKFRUhMpa8-ySrnV4YhgOAlJ511

⁹ Cfr. <https://www.theguardian.com/media/2012/feb/02/open-journalism-how-to-get-involved-today>

O impacto destas formulações no objecto de estudo revelou-se de relevância inferior à opção pela sistematização dos conceitos base definidos para a investigação, mas devem ser consideradas nas potencialidades do jornalismo participativo através das suas diferentes configurações (Fig.2). Por um lado, porque consolidam o valor da integração dos conteúdos produzidos pelos cidadãos no processo noticioso, os seus contributos como testemunhas e fontes e as suas perspectivas próprias; por outro, porque o espírito colaborativo no reconhecimento da cidadania através do recurso às métricas de engajamento e do valor da reciprocidade na produção de notícias *para e com* as comunidades preserva igualmente a sua relevância no quadro do jornalismo participativo. Nuns casos, tratar-se-á de aproveitar potencial ainda não realizado, noutros, de integrar o seu poder transformador intrínseco.

Figura 2 Quadro conceptual



Fonte: Elaboração própria

2.2 Os desafios da cultura participativa

Esta opção baseia-se desde logo na necessidade de focar a investigação num caminho que reflecta de forma coerente as dinâmicas de mudança, na medida em que décadas sucessivas de investigação nos territórios dos jornalistas geraram não apenas tensões (Abbott, 2017), mas também posicionamentos académicos com a assertividade de manifestos que exigem a urgente reinvenção do jornalismo como propósito das sociedades democráticas:

“We see two options in journalism’s trajectory toward recoupling – a reformist path or a revolutionary path (...) One path expands the margins of acceptable action; the other unwinds in territory otherwise untraveled. Either path, we argue, would be better than carrying on in today’s rapidly shifting the world as if nothing in it could ever change. In other word, inaction or the maintenance of the status quo is no longer viable option” (Anderson et al., 2022, p.23).

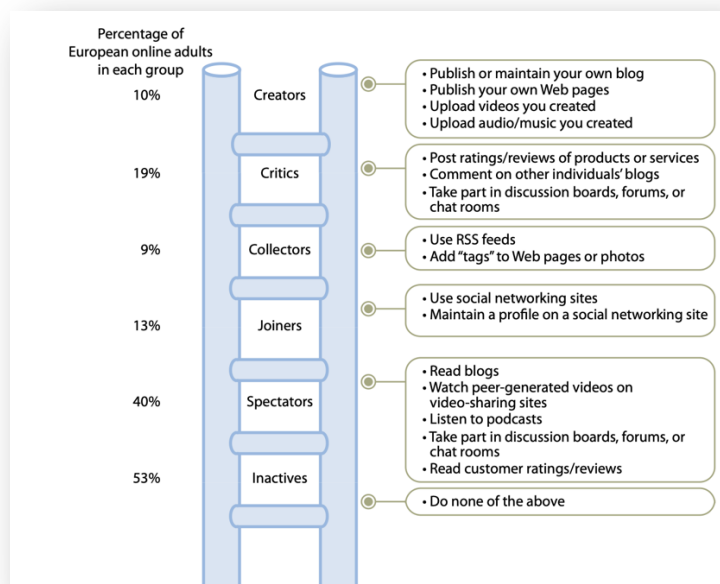
A construção do quadro conceptual começa desde logo por integrar o “ideal deliberativo” para dinamizar a participação activa dos cidadãos na discussão das questões públicas em contextos democráticos (Reich, 2011, p.102) por força da transformação resultante da convergência cultural e tecnológica entre os meios de comunicação social tradicionais e os processos de digitalização:

“Estamos, así, ante una emergente *cultura participativa* (en la que los consumidores mediáticos son invitados a participar activamente en la creación y difusión de nuevos contenidos” (Jenkins, 2008, p.277).

Importa ter em conta que na vastidão dos espaços digitais os cidadãos procuram diferentes formas de participação e em graus igualmente diferentes. Luís Martínez Rodríguez começou por diferenciar “utilizadores leitores” e “utilizadores produtores” separados entre os que procuram ligações para aceder a informação sem produzirem conteúdos e os que participam e contribuem para a ampliação, selecção, distribuição, edição ou modificação de conteúdos alheios. Os segundos podem ser depois divididos entre utilizadores que respondem a iniciativas propostas por terceiros, e.g., sondagens e fóruns (utilizadores reactivos); e os que “tomam a iniciativa nas suas contribuições para rede”, e.g., blogues e podcasts (utilizadores proativos) (Martínez Rodríguez, 2005,

p.326). O que justificou a realização de estudos especializados para a criação de perfis de utilizadores em função da sua participação nos espaços digitais (Fig.3).¹⁰

Figura 3 The social techographics profile of online europeans



Fonte: <https://www.samsa.fr/wp-content/uploads/2008/08/social-technology-report.pdf>

Trata-se de estruturar esta cultura participativa emergente num modelo de comunicação que possa acolher tanto respostas às expectativas das “vozes não jornalísticas” como proceder à exploração das “novas oportunidades” resultantes da inovação tecnológica, e.g., o potencial agregado e complementar da participação, conversação, moderação e interactividade. Por um lado, o jornalismo participativo, configurado como poder deliberativo, pode contribuir significativamente para a concretização dos “ideais deliberativos das sociedades democráticas” (Reich, 2011, p.113), no sentido em que Jürgen Habermas defende que “o processo da política deliberativa constitui o âmago do processo democrático” (Habermas, 1997, p.18); por outro, a construção de um território de compromisso partilhado passa pelo reconhecimento do valor da reciprocidade como factor de confiança entre os jornalistas e os cidadãos:

¹⁰ Mais tarde o índice acrescentaria os conversadores, participantes que actualizam e intervêm através das suas redes sociais.

“Attitudes and behaviors regarding reciprocity play a significant role in explaining the degree to which journalists are open to engaging with audiences in participatory ways. There are surely other unexplored social–psychological factors that also form an important part of the influences that help guide journalists into more engaged and networked forms” (Coddington et al., 2018, p.9).

Tendo sido ainda analisados largas dezenas de artigos especializados para identificar os principais conceitos e categorias que se encontram em debate, o foco da revisão da literatura beneficia significativamente dos estudos de Merel Borger, M., Anita van Hoof, Irene Costera Meije e Jose Sanders (2013), Jennifer Y. Abbott (2017) e Katherine M. Engelke (2019). O primeiro, procedeu à análise de 119 artigos publicados entre 1995 e 2011 sobre jornalismo participativo; o segundo, avaliou 71 artigos sobre jornalismo participativo e 219 sobre *jornalismo cidadão*, publicados entre 2006 e 2017; e, por fim, o terceiro estudo apresenta uma revisão sistemática da literatura através da análise de 378 estudos sobre jornalismo participativo online publicados entre 1997 e 2017.

Estas linhas de investigação começam por identificar uma certa desilusão dos cidadãos perante a apropriação dos jornalistas de todo o processo noticioso enquanto titulares de “poderes estabelecidos” (Engelke, 2019, p.31) e consequente redução dos potenciais níveis de participação (Borger et al., 2013). O considerável volume de estudos sobre as formas de participação dos cidadãos nos processos noticiosos produziu (necessariamente) um quadro interpretativo fragmentado e contribuiu para aquilo que vários autores diagnosticam como um clima de permanente tensão:

“The question of control arises out of a longstanding tension for journalists: on the one hand, a deeply embedded desire to retain professional autonomy because news-decisions judgment conveys status and authority; yet, on the other hand, a recognition that the public service role of the press entails encouraging civic participation and active deliberation” (Lewis, 2012, pp. 849-850).

Uma tensão¹¹ que parece resultar do excesso de categorias (e.g. cross-border-journalism, millennial-journalism, mobile-journalism, real-time-journalism) e da sua insuficiente conceptualização, ao mesmo tempo que se adicionam mais camadas flutuantes a uma gramática que já se encontra exausta (Cfr. Quadro 46). É provável que

¹¹ Jennifer Abbott cita frequentemente as “tensões” que resultam do confronto entre diferentes estudos, apontando para a necessidade de investigar as categorias proficuamente utilizadas pelos próprios investigadores.

Uma circunstância que decorre do impacto da digitalização (Lee & Tandoc, 2017) e da cidadania activa (Fiedler, 2009; Brock, 2013), mas no âmbito de uma dinâmica de mudança fortemente marcada pelo refluxo da capacidade financeira dos meios de informação, decorrente das acentuadas quebras de publicidade e de audiências. O que criou um quadro de vulnerabilidade, no sentido em que a redução dos recursos jornalísticos (humanos e financeiros) foi sendo artificialmente compensada com conteúdos produzidos por amadores (Gjoni, 2017).

Na verdade, a energia tem sido mais mobilizada para o derrubamento musculado das fronteiras do jornalismo e menos um esforço de construção de compromissos genuínos (necessários e inevitáveis). Por outras palavras: a *singularidade* que tantos buscam pode não passar de um *worm hole* para lado algum, na medida em que a simples existência de fronteiras impenetráveis mobiliza simultaneamente factores de inclusão e de exclusão. O que conduz o debate para a necessidade de considerar uma certa renegociação permanente entre o jornalismo profissional e os protagonistas da mudança (Carlson & Lewis, 2012).

Por tudo isto, parece-nos mais pertinente apresentar (num primeiro momento) uma certa estabilização conceptual de carácter analítico, isto é, começar por sintetizar a vasta categorização teórica existente, para depois analisar as resistências concretas à sua aplicação estratégica por parte dos jornalistas profissionais e (por fim) identificar eventuais perspectivas para explorar através de um novo modelo de análise. O considerável número de investigadores e o generoso volume de conteúdos produzidos projectaram significativamente esta área de investigação nas últimas décadas, mas a verdade é que essa massificação (incluindo a pluralidade das áreas académicas, nacionalidades dos autores e variabilidade dos estudos de caso) revela dificuldades no estabelecimento de um algum tipo de consenso:

“Trough-out the history of journalism (education and studies), the field has had to balance between industry and university, each with its own institutionalized expectations and assumptions” (Deuze, 2005a, p.443).

Uma parte do problema pode encontrar-se nas diferentes expectativas entre a academia e a indústria, sendo precisamente essa dissonância que complica a definição de um potencial território partilhado e torna as circunstâncias epistemológicas instáveis, ou seja, um debate que *não é carne nem peixe* por força das *expectativas dissonantes* (Deuze, 2005a, p.443). Será então uma *ave*? (Raudsepp, 1989, p.9).

No quadro do hiper-aceleramento da digitalização contemporânea, Jennifer Y. Abbott coloca em perspectiva as categorias de jornalismo participativo¹³ (participatory journalism) e *jornalismo cidadão* (citizen journalism) partindo da experiência inicial do jornalismo público (public journalism), isto é, formas de as audiências participarem no processo noticioso através das condições tecnológicas disponíveis e o potencial resultado desse impacto na própria qualidade das dinâmicas democráticas. A autora procede a essa paciente (e metódica) identificação e utiliza a comprovada existência das numerosas categorias divergentes para analisar as motivações dos respectivos autores e as suas expectativas. Contudo, prescinde daquilo que nos parece fundamental na reconhecida vertigem de publicações, isto é, a materialização de uma regularidade conceptual. O que poderá resultar do quadro teórico construído para a presente investigação através da formulação do problema e da sua síntese e não tanto de uma solução definitiva.

Partindo dos estudos de referência (Borger et al., 2013; Abbott, 2017; Engelke, 2019), apresenta-se uma proposta de estabilização conceptual para os significados da intervenção dos não-jornalistas nos processos jornalísticos. Trata-se de uma área onde se publicaram centenas de estudos ao longo das últimas décadas e com repetidas inconsistências conceptuais que contribuíram significativamente para a continuada porosidade interpretativa. O próprio estudo de Abbott detecta essas inconsistências acumuladas e projecta-se depois como uma importante actualização de um estudo idêntico publicado em 2013 (Borger et al., 2013), e entretanto melhorado pela revisão sistemática da literatura efectuada por Engelke.

Estes trabalhos encontram-se orientados para a identificação dos potenciais contributos dos cidadãos na melhoria da qualidade da democracia através da renovação do jornalismo (ou até da sua substituição): “Refers to a kind of news reporting that empowered citizens to collectively identify, engage, and improve important public issues” (Abbott, 2017, p.1). A mesma autora acrescenta que a maioria dos investigadores define o jornalismo participativo como um processo no qual os cidadãos contribuem para a produção de notícias e distingue o *jornalismo cidadão* como

¹³ Por não se tratar de uma questão semântica, importa distinguir jornalismo participatório (alguém que participa activamente em algo) de jornalismo participativo (no qual alguém toma parte). O posicionamento do sujeito (o cidadão) parece-nos fundamental nesta construção conceptual, e nessa medida ancoramos a ideia de jornalismo participativo na própria ideia de democracia participativa, ou seja, a possibilidade de intervenção deliberativa dos cidadãos.

“notícias produzidas por pessoas sem formação em jornalismo” e “sem a ajuda de jornalistas profissionais” (Abbott, 2017, p.14). Ao mesmo tempo que sugere esta clarificação (people untrained in journalism), como ponto de partida (incentivo) para futuros estudos, Abbott coloca também em perspectiva as expectativas optimistas ou pessimistas dos investigadores que abordaram o assunto em termos das potencialidades para a qualidade da democracia (decorrentes do envolvimento dos cidadãos nos processos noticiosos).

Importa antecipar que esse pessimismo diagnosticado resulta da “obstinação” dos jornalistas em manter os cidadãos afastados das notícias recusando assim a própria democratização do jornalismo. Quanto ao optimismo, importará explorar o seu potencial em detalhe, mas na certeza de que os *estados de alma* (se nos for permitido utilizar a melódica expressão para estas atmosferas afectivas) parecem emanar dos resultados apresentados em estudos com algumas insuficiências de estrutura conceptual. Desde logo em relação aos termos e à profundidade do envolvimento dos cidadãos no processo de produção de notícias: “Whereas some scholars have adopted an understanding of journalism as engaging citizens, others have adhered to the more traditional task of expertly informing the public” (Abbott, 2017, p.1).

Na certeza de que alguma coisa terá necessariamente de mudar, talvez possamos empenharmo-nos em identificar territórios de potencial compromisso num modelo interpretativo em que o jornalismo que circunda o cidadão é o mesmo jornalismo que é por ele circundado.

2.3 A importância do jornalismo na democracia

Os autores que estudam o jornalismo participativo têm procedido ao enquadramento dos seus artigos na necessidade de uma mudança através de novas práticas, cujos efeitos dependem dos diferentes níveis de poder atribuídos aos cidadãos. No mesmo sentido, as revisões de literatura também constataam o fracasso dos esforços para transformar o chamado *jornalismo cidadão* em exercícios de substituição do jornalismo profissional porque “os cidadãos só por si são incapazes de produzir jornalismo” (Abbott, 2017, p.15).

Os ambientes digitais foram rapidamente reconhecidos na sua dimensão de esferas públicas e identificados como potencialmente amplificadores de discussões que

podem contribuir para a qualidade da democracia, nomeadamente quanto à centralidade da deliberação apesar da reduzida qualidade das interações (Dahlgren, 2005)¹⁴. A aprofundar da discussão levou alguns autores a reivindicar uma clarificação dos territórios teóricos em que esta decorria e a questionar o ideal da interactividade no jornalismo digital como força transformadora da democracia (“uncomfortable myth”) devido às resistências dos jornalistas e ao seu poder de edição (Domingo, 2008), aliás, na linha de publicações anteriores focadas na “visão utópica” das tecnologias digitais enquanto instrumentos de transformação do mundo contemporâneo (Mosco, 2004).

O debate acabou necessariamente por se posicionar na influência da digitalização na democracia. O que levou ao natural questionamento sobre a quem aproveitavam, de facto, estes espaços digitais abertos, se aos cidadãos em geral, se apenas a grupos com capacidade de projectar uma voz forte (Gripsrud, 2009). O debate corria assim no reconhecimento de novas dimensões e novas formas de discurso, mas questionando a necessidade de avaliar o seu impacto na qualidade geral da democracia. O que surge com um estudo que propõe uma estruturação entre os diferentes entendimentos sobre democracia digital, tendo em vista uma melhor compreensão do posicionamento dos indivíduos e grupos em função do seu posicionamento ideológico:

(...) we are seeing a number of democratic traditions being advanced and renewed, and at the same time some aspects of digital media technology emphasized and promoted more than other aspects through linkage with particular traditions. The question left hanging is: to what extent do readings of technological affordances influence democratic understandings, and to what extent do the latter influence readings of democratic affordances?” (Dahlberg, 2011, p.866).

Gradualmente, os autores foram-se posicionando entre os que defendem que os cidadãos devem ser encorajados pelos jornalistas a envolverem nos assuntos de carácter público e os que propõem que os jornalistas melhorem a qualidade da informação que disponibilizam no âmbito das suas competências próprias e inalienáveis. É aqui que Abbott intervém para posicionar os fundamentos esgrimidos por cada conjunto de autores em função das respectivas expectativas. Consideramos que se trata de uma questão relevante, na medida em que reconhece a necessidade de proceder à sua problematização no quadro profissional dos jornalistas e da missão do jornalismo na

¹⁴ Cfr. também Olsson, T. & Dahlgren, P. (2010). *Young people, ICTs and democracy*. Gothenburg: Nordicom Sweden, University of Gothenburg.

democracia. Aliás, a deficiente abordagem desta questão resulta precisamente na tensão entre defensores do jornalismo participativo e *jornalismo cidadão*, e uma tensão cada vez mais ressentida por estar formulada em termos de exclusão de partes.

Os estudos debatem com intensidade (e até paixão) as potencialidades democráticas do envolvimento dos cidadãos, mas deixam muitas vezes de parte a própria ideia de democracia, refugiando-se em expedientes narrativos: “The majority [of the authors] adhere to idea that participatory journalism harbours the potential to democratize both journalism and society at large (Borger et al., 2013, p.125). É verdade que o problema se coloca nos constrangimentos infligidos à indústria pela perda do monopólio de edição e difusão, mas somos levados para caminhos sem saída quando a investigação se absolutiza nas críticas às tentativas de *salvar o negócio* e na (evidente) ausência de genuinidade na abertura do jornalismo profissional aos cidadãos:

“While scholars seem to be interested in journalists views on participation, their interested in the audience appears to focus more on their actions in participatory formats (e.g., the amount and content of user comments) or on their reactions to participation (e.g., influence of certain kinds of comments on the audience)” (Engelke, 2019, p.38).

O que depois se reflecte na fragmentação conceptual dos termos utilizados para enquadrar esta realidade na investigação académica e a sua utilização inconsistente e indistinta ao longo dos anos na indústria jornalística. É este o (bom) ponto de partida estabelecido por Jennifer Y. Abbott:

“How have scholars distinguished between ‘participatory journalism’ and ‘citizen journalism’? What have researchers of these journalism concluded about their ability to fulfil the democratic goals of public journalism?” (Abbott, 2017, p.2).

A clarificação através de uma revisão integrada da literatura antecipa desde logo uma utilização confusa de conceitos entre investigadores e as próprias conclusões dos seus estudos quanto ao impacto do contributo dos cidadãos na qualidade da democracia, isto é, as deficiências do quadro conceptual comprometem a potencialidade dos resultados. Esta tensão encontra reminiscências no jornalismo público, ou melhor, reminiscências das divergências entre os defensores dos jornalistas que integraram de alguma forma os cidadãos no processo noticioso (sem nunca prescindirem do seu papel) e os que os acusaram de noticiarem aquilo que o público “queria ouvir” em nome de uma falsa democratização. Terão sido estes autores a ganhar (conjunturalmente) esse debate, mas as mudanças entretanto verificadas justificam uma nova vaga de discussão,

mas agora formulada em termos diferentes: os defensores do envolvimento dos cidadãos no jornalismo apelam ao reposicionamento dos jornalistas em função das potencialidades exponenciais de interação:

“New media technologies challenge one of the most fundamental ‘truths’ in journalism, namely: the professional journalist is the one who determines what publics see, hear and read about the world. The combinations of mastering newsgathering and storytelling techniques in all media formats (so-called ‘multi-skilling’), as well as the integration of digital network technologies coupled with a rethinking of the news producer-consumer relationship tends to be seen as one of the biggest challenges facing journalism studies and education in the 21st century” (Deuze, 2005a, p.451).

Parece-nos que começa assim a surgir um caminho para ser construído, não apenas para superar um debate já ultrapassado, mas acima de tudo para construir territórios de compromisso entre cidadãos e jornalistas:

“There is emerging evidence – small but significant – that journalism’s ideological commitment to control, rooted in an institutional instinct toward protecting legitimacy and boundaries, may be giving way to a hybrid logic of adaptability and openness: a willingness to see audiences on a more peer level, to appreciate their contributions, and to find normative purpose in transparency and participation, à la open-source technology culture” (Lewis, 2012, pp.850-851).

É uma mudança que abre novas perspectivas, e que por isso mesmo justifica uma necessária prudência, ou seja, não se pode confundir isoladamente participação, conversação, moderação e interactividade com a sua execução em termos deliberativos, na medida em que é precisamente essa capacidade que se perfila como decisiva:

“In public journalism, conversation is defined more as traditional ‘public deliberation’, an informed and purposive public discussion aimed at reaching judgment or consensus (...) On the other hand, conversation in citizen journalism is not necessarily a reasoned discourse. It may not be even public, but private chatter. This is freewheeling ordinary conversation, sometimes opinionated and gossip like, other times serious and sincere. It may take place in social networking sites or at water coolers in the workplaces” (Min, 2016, p.5).

Conversas junto aos *dispensadores de água* são apenas isso, conversas junto aos dispensadores de água¹⁵, embora Seong-Jae Min considere que o esgotamento do jornalismo público deva ser tributado ao carácter artificial do esforço dos jornalistas (“the elitist notion of conversation in public journalism might have alienated many

¹⁵ A expressão utilizada por Seong-Jae Min refere-se à informalidade que pode caracterizar o envolvimento dos cidadãos no processo noticioso (Min, 2015, p.5).

citizens”), no sentido em que é precisamente a “conversa” como processo de significação social que deve ser valorizada como princípio (re)organizador:

“Journalism has always been about conversation the public is trying to have itself to make meanings in public life. The public journalism and citizen journalism movements, understood in such a context, are noble efforts to bring back conversation to the core of the journalism enterprise” (Min, 2016, p.12).

A autora pode até ter razão quando apela à urgência de os jornalistas reconquistarem a confiança dos cidadãos, mas coloca-se numa posição delicada quando procede à sua defesa através da dissolução dos próprios pilares do jornalismo:

“Instead of elusive traditional journalism criteria such as objectivity and impartiality, one needs to consider alternative criteria such as interactivity and transparency in evaluating citizen journalism” (Min, 2016, p.12).

O que justifica o reforço de necessidade de uma problematização que tenha por base a genuína construção de dinâmicas partilhadas entre jornalistas e cidadãos, mas sem que os primeiros deixem de ser aquilo que são simplesmente para responder (sem responder) à crise do negócio; e os segundos, possam sentir-se genuinamente valorizados pelo seu esforço de envolvimento na democracia através das suas capacidades e características individuais.

Talvez possamos encontrar no *Paraíso* de Dante alguma orientação cósmica para definir uma base genuína de cooperação (e não continuar a alimentar o ambiente tenso de conflito – que deve ser drenado), tendo como base o reconhecimento de que, tanto quanto as esferas celestes que representam o Universo circundam e são simultaneamente circundadas, também o jornalismo circunda os cidadãos sendo ao mesmo tempo por eles circundados. Poderá estar em Dante alguma da inspiração para a mudança de perspectiva da realidade? Uma mudança que nos possa dispensar de olhar para os céus à espera da queda do próximo meteorito.

2.4 Jornalismo público, *jornalismo cidadão*, jornalismo participativo

2.4.1 A pegada do jornalismo público

Quando o antigo governador do Estado norte-americano de Vermont, e candidato presidencial em 2008, afirmou que a internet era algo como *Gutenberg com esteroides*, o que Howard Dean pretendia era dramatizar o seu carácter radicalmente

inovador: “The most democratic invention since Gutenberg and the printing press; the internet is Gutenberg on steroids” (Fiedler, 2009, p.211). O que parece significar que todos passaram a poder participar no jogo comunicacional em condições de igualdade e de forma massiva desde que as pessoas anteriormente conhecidas como audiência (Rosen, 2008 [2020]) entraram no sistema na viragem para os anos 90.

O jornalismo público surgiu como uma tentativa (essencialmente dos jornais norte-americanos) de responder às preocupações iniciais dos cidadãos para obterem a resolução de problemas de carácter local/comunitário através do seu envolvimento no processo de deliberação política. Aquilo que Michael Schudson (1999) designou como “the best organized social movement inside journalism in the history of the American press”. Trata-se de um esforço para envolver os cidadãos no processo de política e recuperar as ligações às comunidades, mas quando Jay Rosen inscreveu retroactivamente o conceito, estava também a antecipar uma dinâmica: “If public journalism one day loses its name, becoming ‘just good journalism’, it will have succeeded” (Rosen et al., 1997, p.8). O que levou Tanni Haas a situar o jornalismo público como um “argumento” (para onde a imprensa deve ir) e “um conjunto de práticas” experimentadas em ambientes concretos, no sentido de estudá-lo como um “movimento” de pessoas e instituições atentas à mudança (Haas, 2007, p.1).

O assumir desse território (em larga medida definido por Jay Rosen, David Merritt e Arthur Charity¹⁶) permite explorar o quadro teórico dentro do seu contexto histórico e analisar as práticas em alguns meios de informação de carácter local. Esse sentido comunitário é uma marca importante, mas na perspectiva em que os jornalistas devem perceber os cidadãos como participantes activos, em oposição a espectadores passivos dos processos democráticos, ou seja, o jornalismo público apresentou-se como um movimento de reforma pioneiro no contexto da importância do jornalismo na qualidade das democracias: “Estão intrinsecamente ligados, se não mutuamente dependentes” (Haas, 2007, p.2). É uma tentativa que surge quando o jornalismo tradicional (já) se encontrava em perda na sua capacidade de ligação às comunidades, e que se traduz num esforço para estabelecer uma interdependência entre jornalismo e

¹⁶ Davis Merritt, *A new political contract must restore meaning to election campaigns*, Wichita Eagle, 1988; *Public journalism and public life: Why telling the news is not enough*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998; Arthur Charity (*Doing public journalism*. New York, Guilford, 1995; *Public journalism for people*. National Civic Review, 85(1), pp.7-13, em Haas (2007).

democracia, tendo como foco as potencialidades da digitalização na *emancipação* dos cidadãos:

“The networked environment makes possible a new modality of organizing production: radically decentralized, collaborative, and non-proprietary; based on sharing resources and outputs among widely distributed, loosely connected individuals who cooperate with each other without relying on either market signals or managerial commands” (Benkler, 2006, p.60).

No que se refere aos objectivos e práticas do jornalismo público, Abbott começa por colocar em evidência a falta de consenso em relação às práticas susceptíveis de constituir jornalismo público para depois identificar as quatro estratégias mais comuns entre os seus defensores, ou seja, as interligações estabelecidas por força das próprias práticas (que representam as quatro estratégias mais vulgarmente citadas):

1. A construção de uma parceria baseada no reconhecimento pelos jornalistas da importância dos contributos dos cidadãos:

“Public journalism influenced the journalist’s professional self-image so that they positioned themselves on the same side as the public. Here journalists did not consider themselves as reporters that should, from an arm’s-length distance, perform their public service to a receiving mass (...) journalists also ‘helped’ and ‘supported’ the public as citizens, and even ‘defended’ them” (Ahva, 2013, pp.790-806).

2. A possibilidade de os cidadãos participarem na definição da agenda jornalística e garantirem dessa forma a inclusão da sua perspectiva:

“One of the axioms of public journalism is that the public should be involved in setting the news agenda, issue selections, and overall establishing a citizens perspective” (Hermans, 2014, pp. 642-654).

3. A valorização da ligação aos cidadãos através do seu reconhecimento como especialistas em assuntos locais e portadores de um certo ponto de vista da realidade através do seu envolvimento na resolução dos problemas:

“Public journalism has three main goals: to connect to the community; to engage individuals as citizens; and to help public deliberation in search for solutions” (Nip, 2006, p.6).

4. A construção de uma relação que permitiu aos cidadãos intervirem na vida concreta das suas comunidades:

“Information which allows people act on those attitudes which they might already have (...) if the mass media fail to provide MI [Mobilizing Information] in non-electoral political processes, then, it seems likely that those who already have MI are advantage” (Lemert et al., pp.721-726).

Os temas das notícias eram escolhidos ou *pelos* cidadãos ou *com* os cidadãos. O que significa que, não só se podiam tornar parte activa na definição da agenda jornalística, como os papéis podiam até *inverter-se* para serem os jornalistas a assumirem-se como colaboradores:

“Public journalism influenced the journalist’s professional self-image so that they positioned themselves on the same side as the public. Here journalists did not consider themselves as reporters that should, from an arm’s-length distance, perform their public service to a receiving mass (...) journalists also ‘helped’ and ‘supported’ the public as citizens, and even ‘defended’ them” (Ahva, 2013, pp.790-806).

Nesta dinâmica conceptual, as próprias notícias incorporam *a voz* dos cidadãos para valorizar as suas experiências, conhecimentos e capacidades, e essa valorização pode passar pela sua transformação em fontes, constituição como porta-vozes de grupos de interesses ou como especialistas em assuntos locais. Essa valorização significa a projecção enquanto portadores de um certo ponto de vista da realidade (Hermans, 2014, pp.642-654).

O jornalismo público incentiva e cria condições concretas para que os cidadãos sejam envolvidos na resolução dos problemas comuns através das ligações às comunidades, participação no processo de deliberação pública e procura de soluções (Nip, 2006, p.6). A sua existência mobilizou o público para se envolver nos assuntos concretos do seu quotidiano, e por essa via fomentou a participação dos cidadãos na vida colectiva. Não é uma ideia necessariamente nova em termos académicos, mas surge aqui reenquadrada como toda a informação que reconhece formas de expressão no processo político em concreto (Lemert et al., pp.721-726). Jennifer Abbott explica que estas estratégias são usualmente invocadas nos meios académicos e os seus defensores alegam que representam mecanismos eficazes para a qualificação do jornalismo público. Encontram (natural) resistência na relação hierárquica imposta pelos jornalistas e uma resistência muitas vezes associada a uma certa inconsistência das fronteiras:

“On the one hand, they collectively suggest that the surveyed journalists held a generally greater liking for the less activist – and, arguably, less non traditional – shadings of public journalism’s philosophy and practice. They were comfortable with the notion of using their reporting to help their communities move toward solutions to public problems, for example. On the other hand, a number of the studies suggested a degree of affinity for the more activist – and, arguably, more non-traditional practices of public journalism, such as news-media-sponsored town meetings” (Massey & Haas, 2002, p.564).

A explicação para esta *resistência* pode encontrar-se na fundamentação do próprio jornalismo e no seu exercício normativo. Mark Deuze (Deuze, 2005a, pp.447-450) começa por proceder à sua conceptualização como uma ideologia para depois identificar as suas principais características:

- o ideal do serviço público como aspiração e legitimação (“doing it for the public”);
- a objectividade como elemento de auto-percepção dos jornalistas traduzido como uma atitude comprovativa de imparcialidade (“like fairness”)¹⁷;
- a autonomia editorial enquanto dinâmica protectora e simultaneamente marca identitária contra as forças extra-jornalísticas (“to be autonomous to tell the stories you want to”);
- as circunstâncias do imediatismo derivado da necessidade de informar o público e de cumprir os prazos inerentes ao processo informativo (“working in accelerated real-time”);
- o sentido de ética partilhada pelos jornalistas e que legitima a reivindicação generalizada do seu papel na sociedade em defesa do interesse público (“watchdogs of society”).

É neste quadro que Abbott projecta os *public journalists*, na exacta medida em que assumem o envolvimento dos cidadãos como uma “responsabilidade social” que permite o seu envolvimento e capacitação na resolução de problemas comuns através da aceitação das suas informações e propostas de debates, ou seja, uma missão para a melhoria da qualidade da democracia através da própria democratização do jornalismo (Abbott, 2017, p.5). A generalidade dos autores considera que esta experiência se

¹⁷ A problemática da objectividade terá de ser considerada noutros termos, mas que não têm aqui cabimento, isto é, a discussão da objectividade enquanto uma impossível significante de imparcialidade.

encontra esgotada após quase 3 décadas e focam agora os seus estudos na absorção dessas práticas nas rotinas do jornalismo (Nip, 2008, p. 191):

- Organização de painéis consultivos de leitores;
- Listagem dos contactos do jornalista;
- Extracção das contribuições *freelance* para as secções locais, ‘Closeups’;
- Fornecer directizes para uma escrita de proximidade.

Aqui chegados, uma coisa parece certa: não é necessário construir mais uma gramática de compreensão da realidade, mas antes sistematizar a investigação existente para depois problematizar os necessários conceitos operativos do debate. Insistir em mais significantes vazios ou repetitivos (apenas) contribuirá para aumentar a ansiedade no debate e tornará o exercício inconsequente neste contexto de elevada complexidade.

O jornalismo público começou por ser um movimento de abertura aos cidadãos, tendo em vista uma aproximação às comunidades através de um quadro de compromissos partilhados: ouvir os cidadãos para lhes dar voz, aceitar a sua colaboração na definição de uma agenda noticiosa, produzir notícias que os ajudassem a melhor compreenderem a realidade mostrando aquilo que não era visível. Trata-se de um compromisso cívico dos jornalistas de envolvimento, mas preservando os seus poderes de edição, isto é, o jornalismo contribui para a capacidade deliberativa dos cidadãos através de uma aliança de expectativas comuns (ainda que num quadro fortemente regulado).

2.4.2 As potencialidades do jornalismo participativo

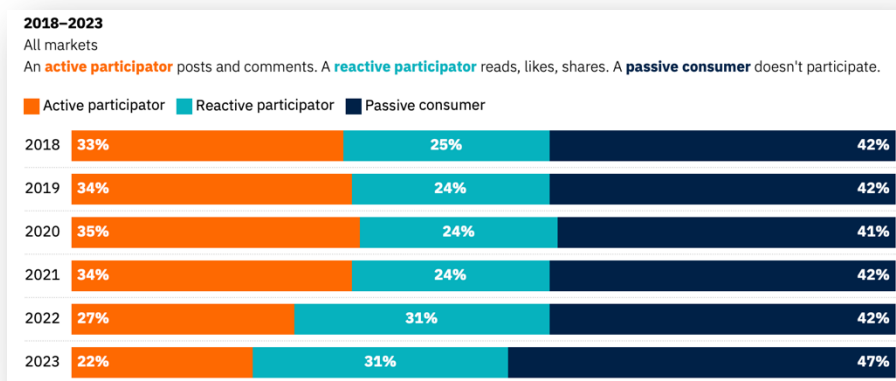
A participação dos cidadãos no jornalismo remonta generosamente aos primeiros jornais britânicos que guardavam um espaço regular numa página nobre para incluir comentários de leitores, e uma outra página propositadamente em branco para que pudesse ser utilizada como papel de carta (Hermida, 2011). Caso do manuscrito enviado no início do século XVIII para o jornal *The Evening General-Post* contendo diversas observações de um leitor. A estratégia teve experiência idêntica nas colónias atlânticas e também a edição americana do jornal *Publick Occurrences* guardava um espaço para que os próprios leitores pudessem escrever os seus conteúdos e depois partilhá-los livremente. É neste quadro que Joyce Nip estabelece uma base operativa imperfeita, mas simultaneamente estável de jornalismo participativo:

“News users could participate in the news making process in multiple ways, but in the recent development, participatory journalism takes the form of the news users generating content, more or less independently of the professionals, whereas the professionals generate some other

content, and also produce, publish and market the whole news product. User contribution is solicited within a frame designed by the professionals” (Nip, 2006, p.129).

Domingo Hermida corrobora esta ideia de que jornalismo participativo envolve publicação e transmissão de conteúdo produzido pelos cidadãos dentro de referida estrutura profissional, mas em “sites tradicionais”, para assim abrir portas à interactividade (Hermida, 2011). Nesse sentido, os estudos mais recentes consolidam a relevância do engajamento dos cidadãos no território do jornalismo participativo e o seu valor na qualidade das democracias para depois procederem à sua medição (Fig. 5).

Figura 5 Segmentations of news participation over time



Fonte: Reuters Institute Politics

Este estudo evolutivo começa por distinguir participação activa baseada em posts e comentários e a participação reactiva focada na leitura, gostos e partilhas, para depois apontar para uma “queda substancial” na participação activa:

(...) in recent years we can see the rise of the passive news consumer (up 5 percentage points, on average, from 42% in 2018 to 47% in 2023) and reactive participator (up 6pp, from 25% to 31%) alongside a substantial fall in active participation (down 11pp, from 33% to 22%)¹⁸.

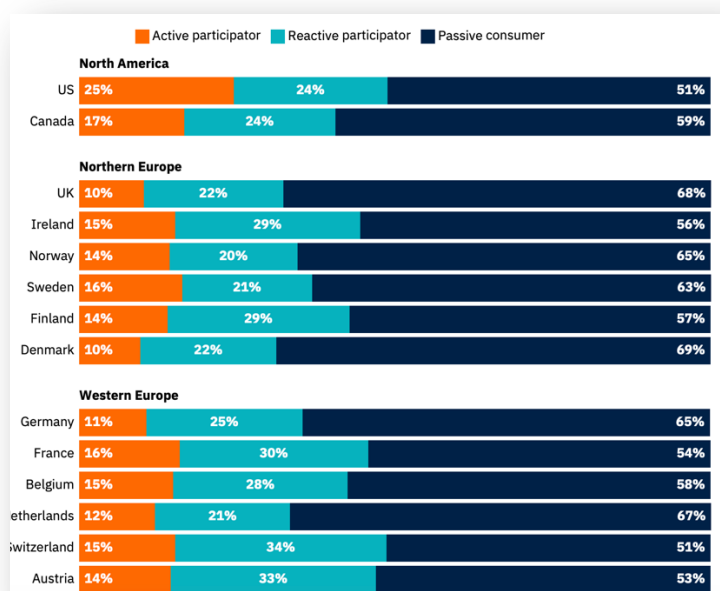
O estudo situa as possíveis causas para do refluxo nas mudanças registadas nas redes sociais habitualmente usada como fontes para acesso às notícias, nomeadamente a queda de usuários no Facebook, a desalavancagem dos conteúdos noticiosos na generalidade dos conglomerados digitais, a crescente popularidade dos aplicativos de

¹⁸ <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/unpacking-news-participation-online%20engagement-over-time>, consultado em Agosto de 2023

mensagens directas e a sedimentação dos públicos jovens em redes sociais que desvalorizam as notícias. Mas a dinâmica pode esconder algo mais profundo, por exemplo, o arrefecimento do optimismo em torno das oportunidades participativas.

Apesar de o estudo utilizar uma divisão regional de carácter comercial, considerando o foco da dissertação em jornais que integram o Modelo Atlântico-Norte ou Liberal, importa relevar que os dados colocam os Estados Unidos e o Canadá acima dos restantes países em termos de participação activa, enquanto a Irlanda acompanha a restante tendência e o Reino Unido indicia uma forte quebra (Fig.6).

Figura 6 Segmentations of news participation by market



Fonte: Reuters Institute Politics

O jornalismo participativo define-se desde logo pela natureza colaborativa entre jornalistas e cidadãos que encontram formas de trabalho conjunto, mas, apesar de os jornalistas preservarem o principal papel no processo de produção e de disseminação, verifica-se uma valorização da cidadania através da interactividade (e.g. hiperligações) e do seu reconhecimento em todo o processo noticioso, ou seja, antes da elaboração da notícia (e.g. como indutor), durante a notícia (e.g. como fonte) ou depois da sua publicação (e.g. como comentador).

“Networked journalism takes into account the collaborative nature of journalism now: professionals and amateurs working together to get the real story, hyperlinking to each other across brands and

old boundaries to share facts, questions, answers, ideas, perspectives. It recognizes the complex relationships that will make news. And it focuses on the process more than the product” (Jarvis, 2006).

O jornalismo participativo surgiu dessa necessidade de encontrar novos mecanismos de envolvimento dos cidadãos no processo jornalístico não tanto por convicção dos jornalistas quanto ao mérito intrínseco do compromisso, mas pela força das circunstâncias, ou seja, a ameaça do impacto da digitalização no negócio e o seu crescimento exponencial nestas primeiras décadas do século XXI. O que talvez esteja a contribuir para uma certa ambiguidade na própria definição deste conceito nos meios académicos. Nesse sentido, importa partir do território partilhado, isto é, aquilo que se encontra estabilizado, para depois colocar as diferenças em perspectiva.

A generalidade dos estudos concorda que o jornalismo participativo tem por base naturalmente os contributos dos cidadãos:

“Networked journalism takes into account the collaborative nature of journalism now: professionals and amateurs working together to get the real story, hyperlinking to each other across brands and old boundaries to share facts, questions, answers, ideas, perspectives. It recognizes the complex relationships that will make news. And it focuses on the process more than the product” (Jarvis, 2006);

“The twin or two-tiered developments of participatory news are part of a convergence process: a convergence between top-down and bottom-up journalism. Such convergence is driven both by commercial pressures on existing news organizations to arrest their decline in audience numbers, and by the sedimentations of participatory journalism projects as serious alternatives to the established news industry” (Deuze et al., 2007, p. 324);

“News users could participate in the news making process in multiple ways, but in the recent development, participatory journalism takes the form of the news users generating content, more or less independently of the professionals, whereas the professionals generate some other content, and also produce, publish and market the whole news product. User contribution is solicited within a frame designed by professional’s” (Nip, 2006, p.12).

Este aparente consenso quanto às fronteiras acaba por ficar algo comprometido na definição dos mecanismos concretos da colaboração. Enquanto um conjunto de investigadores define jornalismo participativo “as a collective action of audiences working with professional journalists in the news process (...) forcing newsrooms to share resources and products with users” (Hellmueller & Li, 2014, p.4); outros, apontam para o quadro concreto dessas circunstâncias: “User contribution is solicited within a frame designed by the professionals” (Nip, 2006, p.12). O que leva Jennifer

Abbott a advertir que a característica permanente do jornalismo participativo assenta no facto de os jornalistas continuarem a desempenhar o “papel principal” na produção e disseminação (Abbott, 2017, p.6).

A preservação intocável do poder de edição dos jornalistas corresponde necessariamente a uma redução da capacidade de intervenção dos cidadãos e exige uma clarificação sobre a sua real participação. Por exemplo, alguns investigadores incluem no processo de produção de notícias a simples submissão de textos e imagens, ou até os comentários ou recomendações de leituras (Holt & Karlsson, 2011, p.23), mas, na manifesta impossibilidade de simplesmente arrumar estas interações como *jornalismo cidadão* (Goode, 2009; Veenstra et al., 2015), importa considerar investigadores que tentam demonstrar que se tratam de interações com conteúdos produzidos por jornalistas e reafirmam a sua relevância como ferramentas do jornalismo participativo:

“As editors jumped on board because of the perceived need to offer greater levels of interactivity with readers, they acknowledge that were ‘latecomers to the party’ and that newspapers need to be in the business of interactivity” (Hermida & Thrumann, 2008, p.349).

“Blogs, comments, have you said, message boards, polls, chats, reads blogs, reader stories/images; fact-checking and gathering information for the media organization (...) that is something that the audience desires and appreciates” (Karlsson et al. 2015, p.298).

“Participants will respond strongest (...) when stories include such comments and when journalist also is engaged in power of moderators (...). The provision of comments to a collaborative-style story suggest that journalists care about reader input not just in the reporting process but after a story runs. In theory, that should increase what might be called overall perceived ‘conversationalness’” (Marchionni, 2014, p.234).

Trata-se de um tópico de discussão que importa agora aprofundar, tendo como ponto de partida a ideia de que a simples replicação do modelo de *gatekeeper* corresponde tanto ao defraudar das expectativas dos cidadãos como a uma subavaliação das potencialidades da própria digitalização:

“In essence, the big picture is that the internet did not bring about the revolutionizing impact on journalistic communication that many had hoped and perhaps even more feared” (Domingo & Heinonen, 2008, p.5).

O estudo desses modelos de intermediação permite uma síntese das etapas do processo, tendo em consideração que a participação pode assumir diferentes formas e valores dependendo do momento de inserção (Domingo et al., 2008, p.331):

1. Access/Observation
2. Selection/Filtering
3. Processing/Editing
4. Distribution
5. Interpretation

Estas etapas podem traduzir-se desde a classificação e avaliação de notícias, admissibilidade de comentários e de conteúdos próprios, até à introdução de hiperlinks que mudam os ângulos de notícias e de ligações para outros espaços individuais e sugestões de notícias. A sua aplicação já revelou que a etapa da interpretação tem sido “significativamente aberta” a algum tipo de participação, enquanto a selecção e filtragem se encontravam fechadas e as restantes com diferentes variações (Domingo et al., 2008, pp.334-335)¹⁹. O que indicia a continuidade de uma atitude conservadora na abertura do processo noticioso e leva os investigadores a constatarem a existência de um sentimento generalizado de relutância.

O envolvimento parece estar genericamente identificado através da submissão de textos, imagens, vídeos ou comentários ou outro tipo de interactividade de baixa intensidade, mas dentro de um quadro de vigilância. No entanto, alguns estudos apontam para uma certa evolução (ainda que localizada) dos níveis de participação:

“The highest level of participation found in this study was being a journalist’s counterpart on the frontline functioning as a correspondent by interviewing news sources and contextualizing news events. A few participatory journalists were even hired as freelancers, interns, or full-time journalists” (Hellmueller & Li, 2014, p.13).²⁰

Tendo em consideração as generosas variáveis em discussão, parece-nos oportuno reafirmar que o compromisso entre jornalistas e cidadãos deve ser genuíno e essa genuinidade pode desaconselhar uma aplicação intransigente do modelo de *gatekeeper*. A aceitação do jornalismo participativo significa aceitar a intervenção deliberativa dos cidadãos no processo noticioso, mas garantindo que os jornalistas preservam o seu poder de edição para assim prosseguir a procura do interesse público.

¹⁹ O estudo teve por base as edições digitais de 16 jornais e definiu como objetivo identificar as principais características da participação das audiências no processo noticioso. Os autores não procederam à análise dos conteúdos produzidos pelos cidadãos, nem entrevistaram os jornalistas responsáveis pela gestão desses espaços.

²⁰ O estudo examina a experiência do jornalismo participativo na CNN (iReport). Foram considerados os conteúdos produzidos ao longo de 6 anos.

Os estudos identificam algumas possibilidades sobre esse grau de participação concedido aos cidadãos (Nip, 2010, pp.136-139):

- Incorporação profissional: pessoas comuns têm a oportunidade de participar no processo noticioso;
- Cooptação profissional: jornalistas redirecionam conteúdos produzidos por cidadãos;
- Resposta da cidadania: interpretação das notícias veiculadas pelos jornalistas;
- Reportagem profissional orientada: inclusão do cidadão no trabalho jornalístico ao longo de várias etapas da produção noticiosa;
- Reportagem cidadã guiada: orientação jornalística de cidadãos que produzem conteúdo potencialmente noticioso;
- Submissões do cidadão: conteúdo sem solicitação de jornalistas;
- Jornalismo cidadão: jornalistas cidadãos como líderes informais para fazer sugestões para cobertura de notícias ou participar de fóruns de discussão sobre questões públicas.

Os estudos mais recentes procedem à síntese das etapas desse processo através de uma taxinomia das formas de participação nos processos noticiosos, incluindo ainda assim aspectos relativos aos modelos de financiamento (e.g. crowdfunding) e métricas estatísticas (e.g. análise de dados e sondagens) (Engelke, 2019, pp.32-33). A proposta de modos de interacção dos cidadãos (“ordinary people”) com o processo noticioso resulta no reconhecimento pelos jornalistas das suas vantagens (ligação à comunidade; envolvimento individual; auxílio na tomada de decisões) mas sem que essas vantagens sejam levadas ao seu limite: “With the exception of citizen journalism, journalists retain control in all the other modes, to varying degrees, on the issues as well the frames in which news users are engaged” (Nip, 2010, p.145).

É precisamente nesse sentido que inúmeros autores começam por partilhar a esperança que resulta deste potencial democrático para depois lamentarem a

“obstinação” dos jornalistas. Um desapontamento que expressam “with a clearly evaluative tone, typically chastising professional journalists in the discussion or conclusion for their resistance chance” (Abbott, 2017, p.7), tendo em consideração as fases em que os cidadãos estão autorizados a intervir.

— Na fase inicial: como potenciais fontes de informação:

“The initial information-gathering stage at which source material for a story is generated, such as eyewitness accounts and audio-visual contributions” (Singer et al., 2011, p.18)

— Na fase final: como intérpretes através dos comentários regulados, que podem apontar novas pistas ou até orientar a investigação:

“The potential of participatory journalism has been restrained and that little has changed in regard to the core gate-keeping powers of creating, selecting, and shaping news content (...) the traditional journalistic culture has mostly just transferred itself the online *medium*, leaving users to comment on already-made material” (Karlsson, 2010, p.79);

“The commentary weblog is taken further by some newsrooms and individual journalists, who use weblogs as drafting space or a test bed for the news: the authors share points of view with their audience, likewise sources and details *before* actually writing the piece” (Domingo & Heinonen, 2008, p.11);

“Once a professional has shepherded the information through the news production stages of filtering, processing and distributing the news, users are expected to react, adding their interpretation of the news. As ‘active recipients’, audiences are framed as idea generators and observers of newsworthy events at the start of the journalistic process, and then in an interpretive role as commentators who reflect upon the material that as been produced” (Hermida, 2011, p.153).

O optimismo parece sucumbir (sem sucumbir) neste quadro de hiperregulação mesmo entre investigadores que registaram casos positivos, e.g., a plataforma iReport (CNN): “CNN maintained editorial control and restricted participation of users only to commenting and gathering information (Hellmueller & Li, 2014, p.13). Um *estado de alma* que nos parece bastante expressivo nestas avaliações:

“Journalists need to rethink where their position is in the professional-participatory tension and how they work with others within this tension. In a networked environment, ‘there is no value in isolation” (Singer, 2008, p.74); “By adapting and appropriating this change, keeping in mind whom they work for, and then opening their boundaries, journalists may be able to reconstruct

their norms and practices and, consequently, maintains and even reinforce their identities as journalists in a turbulent time” (Shin, 2015, p.701).

O jornalismo participativo surge no quadro da perda do monopólio da edição e difusão dos conteúdos pelos jornalistas, isto é, ao contrário do jornalismo público, não existiu um esforço de convergência inicial baseado no reconhecimento das vantagens mútuas. É essa inconsistência na aplicação dos mecanismos de partilha que são revelados pelos estudos.

O jornalismo participativo define-se desde logo pela sua natureza colaborativa entre jornalistas e cidadãos que encontram formas de trabalho conjunto, mas os jornalistas preservam o principal papel no processo de produção e de disseminação. Essa natureza expressa-se pela colaboração e concretiza-se na interactividade. Por um lado, a possibilidade de submissão de imagens estáticas, vídeos e comentários; por outro, ligação das notícias aos blogues e podcasts dos cidadãos, redes sociais pessoais e dinamização de fóruns para debater notícias e depois proceder à sua melhoria através de novos ângulos. É verdade que as interacções resultam dos conteúdos produzidos pelos jornalistas (e nesse sentido são por eles solicitados), mas os jornalistas podem ser intermediários activos não apenas como reguladores, mas também como moderadores e incentivadores da interactividade para depois serem consequentes no processo participatório. Para isso, o jornalista deve estar *de facto* presente na conversação e depois dar-lhes sequência no processo noticioso. A replicação do modelo de *gatekeeper* e a sua simples transformação em potenciais fontes de notícias defrauda as expectativas dos cidadãos e ignora a vastidão de potencialidades da própria digitalização. Importa reconhecer que o jornalismo participativo concentra a interacção mais no processo do que no produto (na notícia), mas permite que os cidadãos participem na interpretação da realidade, na medida em que desempenham um papel regulado no processo jornalístico de transformação do acontecimento em notícia. Parece-nos (assim) fundamental começar por reconhecer as limitações para depois construir uma base de confiança sobre a qual serão desenvolvidos e aprofundados os novos mecanismos de colaboração, tendo já em vista alguns exemplos concretos que viabilizam a constituição do cidadão como um parceiro (vigiado) do jornalista, por exemplo, procedendo a entrevistas (reguladas) com fontes ou fornecendo informação de contexto.

2.4.3 Uma ideia chamada *jornalismo cidadão*

Sabemos que todas as estrelas (e sem excepção) acabarão por consumir todo o seu hidrogénio e assim se extinguirão um dia, ou melhor, as estrelas (todas as estrelas) esmagar-se-ão até se transformarem em buracos negros de onde nada pode sair (nem sequer a luz). Um buraco negro é apenas isso, uma estrela que se afundou sob o peso

da sua magnificência, e mesmo que os astrofísicos mais otimistas vejam nesta extinção um atalho para o futuro longínquo (Roveli, 2020, p. 79), continua a ser uma extinção. Também o desapontamento de alguns autores em relação aos jornalistas reflecte-se na crítica à preservação sagrada dos seus poderes de *gatekeeping*, e.g., Seong-Jae Ming insurge-se contra a rigidez normativa do jornalismo e fala numa atitude arrogante e elitista que afasta os cidadãos do jornalismo (condenando-o):

“One major reason that the public journalism movement failed is because of its rigid and overbearing conceptualization of conversation as purposive, judgment-making, artificial talk. The elitist notion of conversation in public journalism might have alienated many citizens” (Min, 2015, p.12).

O que justificaria uma reflexão sobre o que pode significar essa abdicação da intervenção jornalística. É mais fácil entender que o jornalismo tradicional manifesta profundas dificuldades para se adaptar à vertigem da digitalização do que depois dar sentido ao *ruído digital* através de novos modelos de inteligibilidade informativa. Insistir nesse ângulo-morto acaba por se reduzir a um simples esforço de deslegitimação dos jornalistas. A colocação do problema nestes termos não representa nenhuma reserva quando à necessidade de repensar os termos do *gatekeeping*, mas sim a necessidade desse debate incluir o impacto nos fundamentos do próprio jornalismo profissional e nos seus compromissos com a democracia.

Quando os investigadores pedem que os jornalistas coloquem a agenda dos cidadãos em primeiro lugar (Hermans, 2014, p.2), quais as consequências na sua missão de defesa do interesse público geral? Talvez possa ser perguntado em que se fundamenta essa “obstinação” e “resistência” dos jornalistas (Abbott, 2017, p.8), mas alguma razão existirá quando os estudos e os investigadores concordam no essencial: alguma coisa tem de mudar, ou seja, os jornalistas terão necessariamente de se reinventar como “co-creators of culture” (Deuze et al., 2007, p.334). A necessidade de mudança representa uma forte premissa que Deuze, Abbott e Engelke identificam genericamente entre os autores estudados, na medida em que os respectivos resultados apontam para a inevitabilidade da integração dos cidadãos no processo de produção noticioso. Caso contrário: “Journalism will *be changed* by the sheer power and influence of citizens involvement through new technologies” (Abbott, 2017, p.8).

Os estudos focam-se nas circunstâncias em que os jornalistas estão (ou não) a mudar para depois concluir pela permanência das mesmas condições devido à sua “obstinação”, tendo em consideração que assumem (com insuficientes reservas) que os cidadãos têm capacidade efectiva para participar no processo noticioso profissional através da “desprofissionalização” do jornalismo:

“If the ideology of professionalism is one of expert control, then the ideology de-professionalized participation may be one of distributed control, of facilitating and fostering engagement through an open system of communication. I put emphasis here on *engagement*, as a normative concept of this ideology, suggesting that good societies are engaged societies – they are robust and active, dialogical and diverse, freely sharing ideas and information” (Lewis, 2012, p. 848).

Sendo verdade que os jornalistas perderam o monopólio da edição e da difusão (o que significa menos audiências, menos receitas, menos recursos humanos qualificados, menos capacidade de trabalho), e sendo igualmente verdade que essa nova realidade tem correspondido a uma crescente desvalorização do papel dos jornalistas na qualidade da democracia, os esforços de reaproximação ao público arriscam-se a ficar comprometidos pelas modas em torno de conceitos X e os seus agregadores (Loosen *et al.*, 2020). Exigir uma redefinição das fronteiras do jornalismo dificilmente poderá passar pela redefinição das relações com o público através da simples e directa adopção das chamadas “citizen-centred practices”, ou seja, o centramento absoluto “no cidadão”:

“A highly centralized media system had connected people ‘up’ to big social agencies and centres of power but not ‘across’ to each other. Now the horizontal flow, citizen-to-citizen, is a real and consequential as the vertical one” (Rosen, 2008, p.164).

Importa para isso clarificar essa impossibilidade chamada *jornalismo cidadão* antes de proceder à sua devida defenestração conceptual, tendo antecipadamente uma decisiva ideia-chave comum a todos os investigadores: “People untrained in journalism” (Abbott, 2017, p.9).

“Where the people are responsible for gathering content, visioning, producing and publishing the news product, I call citizen journalism. In this model, professionals are not involved at all (unless in the capacity of citizens but not as paid employees” (Nip, 2006, p.14).

Mais desconcertante do que esta afirmação, é a constatação de Abbott de que “vários investigadores utilizaram a descrição de Nip” (Abbott, 2017, p.9), na medida

em que não existe e não pode existir *jornalismo cidadão*²¹. O jornalismo é uma profissão regulada e com regras éticas e deontológicas próprias, isto é, só pode ser exercido por pessoas habilitadas ao exercício da actividade, sujeitas ao escrutínio dos órgãos regulatórios e focadas no interesse público (Dear, 2014). O contrário seria admitir com igual absurdo *cidadãos-cirurgiões* ou *cidadãos-astronautas*:

“The routines associated with such work are durable partly because they are so important to the continuing authority of journalism: they not only construct external events as news, but they are self-legitimizing practices” (Williams et al., 2010, p.86).

Atitude diferente é reconhecer que os cidadãos conquistaram o seu próprio espaço na esfera pública a partir do momento em que os sucessivos processos de digitalização democratizam o acesso às ferramentas de edição e divulgação de conteúdos (Brock, 2013). A questão deixa assim de ser a simples possibilidade de escolher a informação que se pretende através da personalização dos *feeds*, na medida em que agora se trata de estar na origem da co-produção de conteúdos (que muitos pretendem ver confundidos com informação nos subsequentes processos de difusão).

Tendo em consideração que os cidadãos estão naturalmente *em todo o lado* com os seus telemóveis multifunções e com acesso à tecnologia de produção e às redes de difusão digital, os jornalistas reagem à perda do monopólio muitas vezes enredados em estratégias de simplificação das mensagens e de fragmentação de factos para facilitar e acelerar a sua propagação. O que poderá representar o pior dos caminhos. O risco da consagração do “culto do amadorismo” resulta da substituição do conhecimento organizado pela “sabedoria das multidões”, ou seja, milhões de editores amadores

²¹ O Estatuto do Jornalista em Portugal define como jornalistas “aqueles que, como ocupação principal, permanente e remunerada, exercem funções de pesquisa, recolha, selecção e tratamento de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados a divulgação informativa pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por outra forma de difusão electrónica”. Define como acesso à profissão a realização de “um estágio obrigatório, a concluir com aproveitamento, com a duração de 24 meses, sendo reduzido a 18 meses em caso de habilitação com curso superior, ou a 12 meses em caso de licenciatura na área da comunicação social ou de habilitação com curso equivalente, reconhecido pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista”. O exercício da profissão passa então a depender de habilitação conferida pelo respectivo título, “o qual é emitido por uma Comissão da Carteira Profissional de Jornalista”, acrescentando-se que “nenhuma empresa com actividade no domínio da comunicação social pode admitir ou manter ao seu serviço, como jornalista profissional, indivíduo que não se mostre habilitado, nos termos do número anterior, salvo se tiver requerido o título de habilitação e se encontrar a aguardar decisão”. Os restantes mecanismos legais consolidam a diferenciação desta profissão através de uma lei própria, a Lei de Imprensa n.º 2 de 1999, e também a Constituição consagra no seu artigo 38.º “a liberdade de expressão e criação dos jornalistas e colaboradores”.

produtores de conteúdo não confiável (Keen, 2007, p.44) que se assumem como *contra-jornalistas* ou *pós-jornalistas*.

Pretender que os cidadãos se afirmem através da superação da passividade das audiências (Rosen, 2008) corresponderá à perda das qualidades que têm enquanto especialistas amadores do quotidiano (everyday amateur expert) (Kristensen, 2015). Talvez a “tensão” resulte mais de um esforço obsessivo (e crescentemente desactualizado) para criar uma moda linguística, e menos de um verdadeiro ponto de viragem conceptual, na medida em que se verifica o reconhecimento de que se trata de um exercício amador: “There is a commonly shared core of the term: it refers to news produced by *amateurs* as opposed to *professionals*” (Örnebring, 2013, p.36). Mesmo os investigadores que se auto-dispensaram de uma clarificação, associam *jornalismo cidadão* a uma prática “untrained” em contraste com o jornalismo profissional. O que não impediu que imaginativamente alguns falem em “alternative journalists” em contraste com “institutional journalists” (Lyons, 2015). Na verdade, esta prática amadora pode ser facilmente sintetizada (sem ignorar ou menosprezar o seu enorme potencial para o processo de produção profissional de notícias) como “testemunhas ocasionais”, ou melhor:

“Bystanders at the right time and place forward mobile phone footage, pictures and tweets to institutionalised media or online platforms from here they are picked up by mainstream media” (Blaagaard, 2013, p. 194)

O que significa que manifestação da “tensão” centra-se na essência do jornalismo: “Where journalistic principles and professional honor are at stake (Bruns, 2012, p.1). Alguns autores ainda revelam alguma prudência, afirmando que “the citizen media website could be said to serve as an arena for practicing participation, and eventually some may move on to other higher-status media (Larssons, 2014, p.88)”; outros apelam a (aparente) confronto directo: “There are good reasons to embrace ‘citizen journalism’ constructing a binary opposition out of mainstream journalism”, ou seja, potenciar a capacidade dos cidadãos para dar visibilidade “viral” a determinados assuntos, mas continuando a caber aos jornalistas um importante e decisivo papel na construção ideológica da narrativa e do contexto (Semanting & Brookey, 2014, p.139).

Os cidadãos podem ser inequivocamente criadores de conteúdos de enorme potencial jornalístico, mas esses conteúdos não podem ser classificados como notícias

se dispensarem os profissionais. Pensou-se que essas novas formas de o cidadão falar directamente para os cidadãos iriam revolucionar a comunicação e secundarizar os jornalistas, mas o fenómeno condenou os produtores (sem tão pouco cumprir a herança do jornalismo público) ao papel de potenciais fontes ou representantes de assuntos locais ou pessoais. O que erradamente reduz o papel dos cidadãos a espectadores no momento certo e no lugar certo. A questão deve ser ancorada no papel que cada parte representa e no objectivo comum que pode ser construído. É por isso que alguns autores advertem que intervir na esfera pública não confere só por si autoridade e credibilidade (Bock, 2011, p.640; Swasy et al., 2015, p.226).

Nesse sentido, o pessimismo parece, de facto, resultar dos termos colocados pelos investigadores: “Because citizen journalism is discussed as a possible replacement for professional journalism, it must be judged by those standard” (Abbott, 2017, p.13).

Um conceito de *jornalismo cidadão* passa necessariamente pela sua negação, na medida em que se assume que amadores podem exercer a actividade de profissionais. Mesmo que se trate de uma ideia fundamentada num slogan forte: The people formerly known as the audience. A ideia de que *todos podem fazer notícias* não está apenas errada como acaba (e acabou) por comprometer os esforços genuínos dos cidadãos na produção de conteúdos, tendo em consideração que foram (erradamente) posicionados como uma espécie de *contra-jornalistas* ou *pós-jornalistas*. Colocado nestes termos, este culto do amadorismo importa mais pelas reacções que provocou entre os jornalistas do que pelos seus efeitos intrínsecos. Os defensores desta impossibilidade concordam que se trata da capacidade (liberdade) de qualquer pessoa recolher, produzir e divulgar informação, ou seja, uma capacidade que se limita às práticas permitidas pela digitalização e que acaba por se esvaziar (como esvaziou) na ausência de enquadramento institucional e do correspondente reconhecimento de credibilidade. Os cidadãos podem ser inequivocamente criadores de conteúdos e conteúdos de enorme potencial jornalístico, mas esses conteúdos não podem ser classificados como notícias se dispensarem os profissionais. Pensou-se que essas novas formas dos cidadãos falarem directamente para os cidadãos iriam revolucionar a comunicação e secundarizar os jornalistas, mas o fenómeno condenou os produtores (sem tão pouco cumprir a herança do jornalismo público) ao papel de potenciais fontes ou representantes de assuntos locais. O que, do mesmo modo, parece-nos errado (por ser limitado): reduzir o papel dos cidadãos a espectadores no momento certo e no lugar certo. A questão deve ser ancorada no papel que cada parte representa e no objectivo comum que pode ser construído.

2.4.4 Os termos de um desejável compromisso

A proposta de estabilização conceptual para encontrar um tabuleiro de compromisso mutuamente vantajoso pretende constituir-se como um contributo para uma potencial solução de harmonia (necessariamente imperfeita e contingencial) entre a aceitação da participação deliberativa dos cidadãos no processo noticioso e a garantia do rigor e verdade nas notícias orientadas para o interesse público colectivo. Os sinais de optimismo dos investigadores centram-se no impacto resultante da intervenção no debate público e os correspondentes benefícios para a comunidade, a capacidade de mobilização e de influência da agenda mediática, as potencialidades da interactividade e a capacidade de dar voz aos que não têm voz. Apesar da impossibilidade de centralizar todos os estudos neste debate concreto entre *jornalismo cidadão* e jornalismo, algumas as interpretações contribuem animadamente para a sua problematização:

“The democratic appeal of *online news* lies in the prospect of alleviating that scarcity and the additional democratic appeal of *citizen journalism*, more specifically, lies in the prospect of citizens themselves participating in the agenda-setting process” (Goode, 2009, p.1293).

“The new norms are very well applied to the alternative models of journalism. Citizen journalism, in particular, is an evolving collective mind grounded on transparency and interactivity. Imposing traditional news criteria such as objectivity on citizen journalism is futile (Min, 2016, pp.8-9). Interactivity should be treated more meaningfully and comprehensively. Interactivity, understood in the context of conversational journalism, may mean ‘the way in which news stories are told can be rearranged and challenged, and a greater variety of voices and different competing descriptions of events can be heard’” (Min, 2016, pp.7-8).

“The inclusion of unofficial sources by citizen journalists may be a reflection of intimate knowledge of community residents. A traditional journalist’s coverage area is much larger, making it more difficult to find sources to represent issues at a more personal level. Online citizen journalist’s circle of potential sources is likely smaller, which increases the likelihood that they know someone in an unofficial capacity to represent an issue” (Carpenter, 2008, p.541).

“Citizen journalists in Iran managed to keep their own stories in line with traditional media sources around the world. Arguably, it was not until traditional media organizations in the West picked up the story that those voices of dissent could be heard worldwide (...) This study has demonstrated how social media have many virtues: they provide a voice for those who may have not other way of reaching a wider audience” (Ali & Fahmy, 2013, p. 60).

O optimismo dos autores permite destacar ainda as qualidades que o jornalismo podia retirar destas práticas: maior afectividade e um tom de conversação em

detrimento da objectividade processual e da imparcialidade (Cunha, 2021). Por outras palavras: em detrimento daquilo que torna o jornalismo precisamente *em* jornalismo. O que não explica o pessimismo que Abbott encontrou entre os outros investigadores quanto às capacidades deste *jornalismo* por culpa dos seus autores: “Overly focused on personal issues and neglectful of the greater public welfare” (Abbott, 2017, pp.10-11).

Talvez se possa agora perguntar se o pessimismo dos investigadores quanto às potencialidades do envolvimento dos cidadãos não resultará das próprias expectativas alimentadas pelos seus quadros teóricos (e.g. Holt & Karlsson, 2015). Vejamos brevemente as razões do desapontamento quanto aos conteúdos produzidos isoladamente pelos cidadãos:

- Focam-se em poucas temáticas locais, e.g. entretenimento e desporto, e limitam-se a reproduzir conteúdos de marketing produzido pelas empresas;
- Não cumprem o papel de *watchdog*;
- Utilizam mais as suas opiniões e experiências pessoais (e até emocionais) do que potenciais fontes;
- Tendem a adoptar uma atitude anti-política e anti-sistema.

Os cidadãos podem ser aliados dos jornalistas, mas sem que sejam “colegas”: porque não exercem todos a mesma profissão. Podem ser produtores de conteúdos desejavelmente especializados em assuntos de carácter locais: porque estão próximos dos factos e das fontes. Mas para que tenham como regra o interesse público geral e uma metodologia de activação e transformação do acontecimento em notícia, os cidadãos teriam de ser aquilo que não: jornalistas. É por isso que alguns autores advertem que intervir na esfera pública não confere só por si autoridade e credibilidade:

“[They] do not have power of news organization behind them, nor can they claim the authority of membership in a socially recognized interpretative community” (Bock, 2011, p. 640).

“In this age characterized by a surplus of information from a variety of sources accessible to anyone online, credibility has become more important” (Swasy et al., 2015, p.226).

Nesse sentido, o pessimismo parece, de facto, resultar dos termos colocados pelos investigadores: “Because citizen journalism is discussed as a possible replacement for professional journalism, it must be judged by those standard (Abbott, 2017, p.13).

Tendo em consideração os longos anos de estudos que a questão já leva, importará agora abandonar o que reiteradamente fracassou (ou porque *está* a fracassar): a perda de

relevância resultante do desenquadramento profissional, a falta de acessibilidade às fontes oficiais e a visão limitada da realidade. Insistir neste exercício terá como consequência a contínua inundação do espaço público e consequente perda de relevância também do jornalismo profissional, isto é, menos verdade e menos rigor no espaço público.

O que significa que a insistência narrativa poderá ter mais efeitos contrários do que positivos porque torna o debate difuso e situa-o no horizonte da impossibilidade conceptual. É mais uma coisificação resultante da cedência ao soberania do instante do que um esforço interpretativo porque sugere uma simples transferência da *ditadura* jornalística para a *democracia* dos conglomerados anónimos. A questão, reafirmarmos, encontra-se na capacidade de construir compromissos e levá-los até aos limites de possibilidade do jornalismo, tendo como motivação não uma falsa concorrência (que não existe e nunca existirá), mas a certeza de que se trata de uma dinâmica imperfeita (*nós e eles*) e por isso em permanente construção e gestão das tensões:

“O poder não pode ser monopolizado nem estabilizado para sempre, nem capturado por ninguém. O poder é uma lugar transitório e instável, que se exercer, mas não se detém, e que geralmente se realiza de maneira acordada, limitada e compartilhada” (Innerarity, 2019, p.41).

2.5 Géneros e formatos jornalísticos

2.5.1 As raízes na literatura e na linguística

Considerando que a presente investigação pretende identificar e descrever práticas jornalísticas que incluam a participação dos cidadãos, o quadro teórico exige também o desenvolvimento de tentativas de identificação dos respectivos géneros e formatos jornalísticos, tendo como orientação as definições coincidentes do jornalismo como um contrato de mediação cognitiva entre a realidade e as audiências e a valorização dos factos como objecto do discurso jornalístico. Não se pretende apresentar uma proposta de reordenação de géneros ou definir novos critérios de classificação²² num território fortemente marcado pelas tendências do instante

²² Diferentes áreas de estudos geram necessariamente múltiplas variáveis de análise, e.g., géneros mediáticos na semiótica, géneros textuais na linguística, géneros discursivos na comunicação, géneros jornalísticos no jornalismo, géneros digitais na computação, etc.

(*normative fashion*), mas colocar em perspectiva as linhas de um debate em permanente mutação acelerada pelas linhas de força das dinâmicas da digitalização.²³

A generalidade dos autores concorda que os jornalistas comunicam através de diferentes formas discursivas com fronteiras genericamente delimitadas e em cumprimento de determinadas funções sociais, e por isso sujeitas à evolução ou ao esquecimento. Uma circunstância biológica inata, mas cada vez mais sujeita a pressão da mudança devido à hibridização decorrente das novas possibilidades de produzir difundir e aceder a informação, ou seja, aquilo Jean-Michel Utard classificou como “*mélange de genres*” e que se tornou em motor de mudança:

“The original Greek sense of the hybrid as something that questions conventional understandings, and the accepted order suggests how the metaphor usefully unsettles some of our fixed conceptions. Hybridity is inevitably associated with flux, in-betweenness, the interstitial, and the liminal. It is about being out of sync with a familiar past and a half-grasped future. It provides a useful disposition for studying political communication” (Chadwick, 2017, p.30).

Tendo por base um diversificado levantamento bibliográfico, Lia Seixas começa por escrever que a repetição das condições da situação comunicativa corresponde à identificação do mesmo género, mas adverte de imediato que essas condições possuem diferentes importâncias próprias e, por isso mesmo, diferentes importâncias hierárquicas na configuração dos géneros:

“Se formato leva em conta mídia, códigos e interações possíveis, deve levar em conta também uma categoria como ‘modo de discurso’. E se, nem todas as condições da situação comunicativa se repetem, não seria razoável considerarmos estar diante de outro género discursivo?” (Seixas, 2009, p.75).

Este questionamento do diálogo entre género e *medium* apresenta-se como uma dimensão fundamental de análise, mas também se configura como um impulso epistemológico para superar a fragmentação que decorre da ausência de estudos que “desbaralhem” (melhor dito: que organizem) os efeitos da hibridização²⁴: “A cada novo artigo, a cada novo trabalho, uma nova classificação, sugerida” (Seixas, 2009, p.3).

²³ As raízes do debate classificativo encontram-se remotamente identificadas nos exercícios de separação entre notícias e comentários de Samuel Buckley, director do jornal *The Daily Curant*, no século XVIII (Tengarrinha, 1989, p.215).

²⁴ De acordo com o Oxford English Dictionary, a palavra híbrido tem origem na língua latina da Roma antiga e era usada para descrever algo invulgar ou exótico. Actualmente, nas ciências sociais, representa

O surgimento histórico dos géneros pode ser identificado nas raízes filosóficas da Grécia Antiga quando se procedeu à categorização literária de diferentes poesias segundo o seu conteúdo e valor estéticos (dramático/narrativo), tendo depois renascido com a sua generalização na Europa medieval dentro do território da literatura e posteriormente no campo da linguística (textos agrupados pelas suas afinidades linguísticas e literárias). Essa abordagem viria a definir como factores fundamentais da comunicação “qualquer acto de fala” envolvendo uma mensagem e os seus elementos conexos (emissor, receptor, tema e código utilizado), tendo especial relevância a interlocução, ou seja, a troca de mensagens entre o emissor e o receptor (Roman Jakobson, 1973):

“Era preciso compreender a relação entre as funções destes elementos [língua e fala] com o sistema. Daí surgem as preocupações com a diferenciação entre tipos e géneros, o conceito de dominante, de onde se origina a teoria das funções da linguagem, teoria esta que deu origem ao principal fundamento de classificação de género jornalístico: a finalidade” (Seixas, 2009, p.26).

Os estudos da literatura valorizam as circunstâncias sociais de interacção, isto é, o processo, e ao afastarem-se da estrutura textual da linguística, estão a afastar-se da semântica e da sintaxe para assim se colocarem na geografia do acto comunicativo e do contexto social (Todorov, 1978, p.28). Trata-se de um centramento no processo evolutivo segundo a sua historicidade e que levará à classificação estruturalista dos géneros de acordo com os valores internos e as funções da linguagem (e.g., emotiva, poética, etc) determinadas pelo acto de comunicação (e.g., emissor, mensagem):

“Ao longo da história, os parâmetros de definição de género pertencem a diferentes paradigmas. Na época racionalista do classicismo, o género foi compreendido como valor absoluto, com lei natural que o regia. No romantismo, a noção, combatida, não importava e sim sua diversidade e hibridismo. Com o darwinismo, volta a substancialidade do género, que ditava a génese do ser. Com o formalismo e a semiolinguística estrutural, as dimensões histórica, espacial e discursiva mudam o paradigma de compreensão do texto. O estruturalismo e o formalismo russo foram o que seria o último paradigma conceitual da literatura até os dias atuais” (Seixas, 2009, p.27).

Esta ideia da prática discursiva conheceu novo impulso quando Mikhail Bakhtin introduziu mais uma camada conceptual. Primeiro, destacou a “importância especial”

a interdisciplinaridade, ou seja, uma disposição teórica que permite questionar novas questões sob novas perspectivas.

dos géneros por acumularem “as formas de uma visão do mundo e de um pensamento” para depois destacar a sua riqueza e a variedade em função da “inesgotável” actividade humana (Bakhtin, 1997 [1979], p.279; Bakhtin, 1986). Na sua perspectiva, os géneros comunicacionais começam por ser determinados por factores estilísticos e orgânicos, ou seja, as formas de expressão e a sua adequação funcional às actividades concretas através das quais se concretiza essa expressão. O que consolidou a definição dos géneros como “formas estáveis dos enunciados” que ocorrem em contextos comunicacionais específicos:

“The speaker's speech will be manifested primarily in the choice of a particular speech genre. This choice is determined by the specific nature of the given sphere of speech communication, semantic (thematic) considerations, the concrete situation of the speech communication, the personal composition of its participants, and so on. And when the speaker's speech plan with all its individuality and subjectivity is applied and adapted to a chosen genre, it is shaped and developed within a certain generic form. Such genres exist above all in the great and multifarious sphere of everyday oral communication, including the most familiar and the most intimate” (Bakhtin, 1986, p.78).

As condições de transição para os estudos da comunicação resultam em grande medida da abordagem da linguística de Roman Jakobson à noção de género (estruturando a linguagem nas funções emotiva, conativa, referencial, fática, poética e meta-linguística), do reconhecimento da centralidade da interacção social na composição dos géneros literários apresentada por Mikhail Bakhtin (diversidade dos intervenientes resultante do contexto social) e da ideia de formalismo narrativo estruturado em classes de texto sugerido por Tzvetan Todorov:

“A noção de género discursivo como tipo relativamente estável considera que, às situações de interacção verbal típicas, corresponderiam unidades discursivas típicas. Esta afirmação muniu toda uma tradição dos estudos de género, no campo da comunicação, pelos enunciados e não pela enunciação” (Seixas, 2009, p.39).

As funções da linguagem permitiram analisar as funções dos diferentes discursos jornalísticos (intencionalidade) e a interacção social evidenciou a relevância dos diferentes pontos de vista e diferentes protagonistas (condições extra-linguísticas). Ficou necessariamente território por explorar nas interacções situadas nos novos ecossistemas característicos da massificação dos meios de comunicação (Machado, 2001, p.10), mas estabeleceu-se um relativo consenso sobre o conceito de género:

“A definição de *tipos relativamente estáveis de enunciados* põe, pela primeira vez, o foco na situação de social de interação, ou seja, em condições extralinguísticas como finalidade discursiva, ‘autor’ e destinatário. Estas condições, constitutivas do enunciado, seriam reveladas através dos vestígios deixados na própria *unidade real da comunicação discursiva* (enunciado). Este método convence e se estabelece nos estudos discursivos da área da comunicação” (Seixas, 2009, p.44).

Partindo da linguagem como uma prática social concreta e não como uma representação da realidade, a constituição dos géneros discursivos como actos de comunicação relativamente estáveis implica o reconhecimento e a compreensão do processo de comunicação, isto é, o contrato de comunicação expresso por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau na análise de discurso:

“(…) ce qui fait qu'un acte de communication sera reconnu comme *valide* du point de vue du sens. C'est la condition pour que les partenaires d'un acte de langage se comprennent un minimum et puissent interagir en *co-construisant* du sens, ce qui est le but essentiel de tout acte de communication" (Charaudeau & Maingueneau, 2004, p.138).

A transição da teoria dos géneros literários para os géneros jornalísticos continua a desenvolver-se dentro de própria complexidade epistemológica da profissão e da sua interdependência com a sociedade. O que resulta em permanentes reconfigurações necessariamente provisórias e contingenciais. Os géneros jornalísticos aparecem por necessidade/oportunidade comunicacional, consolidam-se por força da sua repetição, adaptam-se, misturam-se, dão origens a outros géneros e, eventualmente, acabam por desaparecer ou por se manter por períodos consideráveis de tempo (mas sem que se eternizem).

2.5.2 A passagem para o jornalismo

A consolidação do funcionalismo e do estruturalismo tornaram-se na base dos estudos da comunicação e da posterior teorização sobre géneros jornalísticos, tendo proporcionado o desenvolvimento de diferentes linhas de investigação:

“Los géneros periodísticos son el resultado de un largo proceso histórico de trabajo colectivo. Estudiar cómo se hace una noticia, un reportaje, una entrevista; una crónica, una crítica, un artículo, un editorial es más que seguir la disciplina de unas normas. Es comprender la función de un texto, de un medio de información. Se trata de analizar y reflexionar sobre qui pasaría si no se hicieran las cosas como se hacen” (Santamaría Suárez, 1994, p.43).

O desenvolvimento desse processo conduziu à emancipação teórica e projectou-se como método para “organização pedagógica” (Martínez Albertos, 1992) para depois se constituir como uma modalidade estilística que sustenta as bases do jornalismo:

“Los géneros periodísticos deben ser para el periodista los fundamentos básicos para el conocimiento científico del mensaje informativo, es decir, la piedra de toque indispensable para que el trabajo profesional del periodista pueda ser considerado una actividad intelectual apoyada en una base científica” (Martínez Albertos, 2004, p.56).

Na sua análise ao processo evolutivo dos sistemas de classificação, César Mejía Chiang situa os estudos de Armañanzas & Díaz Noci (1996) e Rodríguez Pastoriza (2006) como contributos importantes para esse processo de ordenação e classificação:

“Así, los géneros se erigen como principios de orden y clasificación, árbitros de las relaciones entre formas y contenidos que brindan señales al lector para obtener el máximo partido a los textos periodísticos. Más que un ente exclusivamente teórico o abstracto, estos funcionan como modelos útiles para el lector y como categorías legibles para los receptores, quienes adoptan disposiciones decodificadoras diferentes ante textos disímiles (editorial, reportaje)” (Chiang, 2012, p.203).

O processo de emancipação no próprio quadro do jornalismo, no sentido de assumir os géneros como formas distintas de comunicação utilizadas pelos profissionais para difundir as suas mensagens (Vizueta & Marcet, 2008, p.16), resultaram de um “impulso intuitivo e criativo” (Cebrián Herreros, 1992, p.15) para se assumirem como um sistema de normas e de regras que facilitam a comunicação:

“Todas [as] formas específicas del discurso implican el conocimiento por parte del periodista de que el público, los individuos que reciben los discursos, son personas concretas que viven en una época determinada, que tienen creencias específicas, que se comportan con apego a ciertos valores sociales, que poseen una forma peculiar de conocer su mundo” (González Reyna, 1999, p.15).

Estavam assim criadas as bases para os estudos do jornalismo assumirem a natureza estável do enunciado (unidade da comunicação discursiva) na compreensão dos géneros jornalísticos, tendo em consideração a relevância atribuída ao contexto social da interacção e a superação das questões linguísticas, mas antecipadamente prisioneiros num recorte temporal prévio à digitalização.

González Reyna remete cronologicamente os géneros jornalísticos para o surgimento dos jornais impressos pela exigência de organização do discurso escrito especificamente noticioso (informar, descrever, relatar, comentar) e identifica a sua posterior passagem para os meios audiovisuais como uma complexa adequação decorrente da utilização da oralidade e da imagem dinâmica. Apesar de deixar aparentemente a análise deslizar para uma diferenciação entre “entretenimento” e “informação”, remete depois para a “absorção” das funções informativas dos meios escritos pelos meios audiovisuais para depois destacar a sua relevância tecnológica na rapidez da difusão noticiosa. O que colocará mais tarde a discussão no reconhecimento do *medium* não apenas como um sistema de distribuição de mensagens, mas também como um sistema de organização de mensagens:

“El medio no es sólo un sistema de distribución de mensajes sino también un sistema de organización de mensajes, y la organización de mensajes preexistentes se convierte, a su vez, em un nuevo mensaje. Al organizar el mensaje el medio lo reelabora, lo reformula, imponente de este modo su propia categoría o modo de percibir, de interpretar...” (González Reyna, 1999, p.23)”.

Na sua reflexão inter-disciplinar sobre as indústrias de narrativas representadas pelos meios de comunicação para as massas, Jesus Martin-Barbero situa os géneros como “um lugar *exterior* à ‘obra’, a partir do qual o sentido da narrativa é produzido e consumido”, ou seja, os géneros são lidos e compreendidos para assim se constituírem como “unidade de análise da cultura de massas”:

“Estamos diante de um novo modo de comunicação que é a narrativa *de género*. Não me refiro aqui a um género de narrativa, mas sim à narrativa de género por oposição à narrativa *de autor*, que é pensável não através da categoria literária de género, mas sim a partir de um conceito situado no âmbito da antropologia e da sociologia da cultura, com o qual é designado um certo funcionamento social das narrativas, um funcionamento diferencial e diferenciador, cultural e socialmente discriminatório, que atravessa tanto as condições de produção quanto as de consumo” (Martin-Barbero, 1987, p.183).

Esta ideia de que os géneros viabilizam a compreensão será adoptada por Lorenzo Gomis para defender que diferentes géneros jornalísticos traduzem diferentes necessidades de compreensão dos públicos que fixam (mesmo que provisoriamente) aquilo que é efémero:

“Gracias a los medios percibimos la realidad no con la fugacidad de un instante aquí mismo, sino como un período consistente y objetivado, como algo que es posible percibir y comentar,

como una referencia general. Son los medios los que mantienen la permanencia de una constelación de hechos que no se desvanecen al difundirlos, sino que impresionan a la audiencia, dan qué pensar, suscitan comentarios y siguen presente en la conversación” (Gomis, 1991, p.14).

2.5.3 O funcionalismo dos géneros

O carácter dinâmico dos géneros jornalísticos decorre da sua compreensão como acção social, no sentido da sua transformação decorrer da mudança das práticas discursivas por força do impacto da inovação tecnológica na recolha, edição e difusão de informação:

“Journalists retrieve, produce and distribute information in a different manner today than they did in pre-internet times. Likewise, the audience today perceives, uses and interacts with journalistic information in a different manner” (Steensen, 2011, p.52).

A mudança tanto decorre da inovação tecnológica como das próprias transformações sociais, e.g., as conclusões de alguns estudos demonstram que o aumento do número de mulheres jornalistas vem alterando as características de alguns géneros jornalísticos:

“The analysis resulted in three factors that in part help to explain why the portrait interview genre has somewhat more female protagonists than journalistic news texts do in general. The four main reasons why women are presented somewhat more in the portrait genre than in other journalistic genres are: (i) women are shown as exceptions to the female norm when, for example, taking a typical male job or managing in positions where there are few women; (ii) women are shown as representing female themes; (iii) use of the double bind as a story-generating factor; and (iv) the intimidation of journalism” (Siivonen, 2007).

Tendo em consideração os objectivos da investigação, a perspectiva das categorias do funcionalismo (função/finalidade/propósito/intencionalidade) no âmbito das teorias dos géneros poderá ser útil, na medida em que se encontram estruturados segundo as funções dos meios de comunicação e actualizados segundo as transformações sociais:

“A teoria funcionalista, assim, nos revela que os *media*, de modo geral, e o Jornalismo, por consequência, não cumprem uma única função e tampouco restringem sua capacidade produtiva a apenas uma maneira de tratar os acontecimentos e outras facetas. A lógica é simples: se, na sociedade, há várias demandas, geradas pelos múltiplos desempenhos dos atores sociais em suas atividades cotidianas, é natural que os meios de Comunicação se organizem de modo a suprir

essas necessidades – se não todas, ao menos as principais –, com conteúdos adequados a cada uma delas” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.46).

Os estudos de análise sócio-cultural desenvolvidos por Teun A. van Dijk assumem a intencionalidade (o propósito) do discurso como acção e reconhecem tanto as suas funções sociais enquanto acto comunicativo como a sua organização hierárquica:

“El discurso debería estudiarse no sólo como forma, significado y proceso mental, sino también como estructuras y jerarquías complejas de interacción y prácticas sociales, incluyendo sus funciones en el contexto, la sociedad y la cultura” (van Dijk, 2000, p.26).

Os actos comunicativos são considerados socialmente relevantes pelo contexto onde ocorrem e pela sua intencionalidade. Os diferentes vínculos que estabelecem com a sociedade asseguram que os membros do mesmo grupo se posicionam de forma idêntica em situações similares, isto é, trata-se de um vínculo do discurso à sociedade que garante a eficácia da interacção comunicativa por via da uniformização do propósito:

“Las comparamos con los lenguajes naturales, que también son compartidos socialmente por comunidades y permiten que los miembros individuales realicen las prácticas sociales del texto y el habla” (van Dijk, 2000, p.54).

Manuel Carlos Chaparro destaca este contributo de van Dijk com a sua proposta de organização do discurso em esquemas de narração (relato de acontecimentos) e esquemas de argumentação (comentário dos acontecimentos), no sentido em que estabelecem categorias de possibilidades de combinação baseados em regras de formações convencionais (Chaparro, 2008, p.172). Nesse sentido, importa analisar e sistematizar as principais propostas de classificação de géneros jornalísticos (Quadro 1), tendo como linha de orientação a sua finalidade informativa e a síntese efectuada por Marques de Melo e Francisco Assis a partir dos contributos de Lasswell (1987), Nixon (1963) e Wright (1968):

Quadro 1 Síntese: género e função

GÉNERO	FUNÇÃO
Informativo	Vigilância social
Opinativo	Fórum de ideias
Interpretativo	Papel educativo, esclarecedor
Diversional	Distração, lazer
Utilitário	Auxílio nas tomadas de decisões quotidianas

Fonte: Elaboração própria a partir de Marques de Melo & Assis (2016)

Esta abordagem permitiu a Lia Seixas proceder à sua aplicação metodológica nas *homepages* dos jornais *El País* e *O Globo*, tendo como objectivo “observar até onde categorias como ‘finalidade’, ‘propósito, *lead* e enfoque operam e como noções capitais para os estudos do jornalismo (atualidade, instantaneidade, periodicidade, valor-notícia, fato, acontecimento) podem operar na análise dos géneros jornalísticos”. A investigação procedeu à aplicação da “finalidade” no seu *corpus* de análise como “uma noção de dimensão sociocultural associada à noção de “função do jornalismo”, tendo concluído pela sua validação:

“Categorias decisivas dos estudos de géneros, como finalidade e ‘propósito’, precisam ser cotejadas com categorias dos estudos de jornalismo, como ‘funções do jornalismo’ (...) e formato (...) categorias pouco exploradas nos estudos de géneros (...) revelam a importância de se considerar (...) condições de produção e do discurso na compreensão do género jornalístico” (Seixas, 2013, p.177).

Considerando este quadro teórico de análise, importa destacar os primeiros exercícios de classificação apresentados por Luiz Beltrão, cujas obras-âncora começaram por fixar as funções essenciais do jornalismo na informação (1969), interpretação (1976) e opinião (1980) para depois apresentar uma proposta de classificação dos géneros jornalísticos (organização do material informativo) em três grandes conjuntos:

Luiz Beltrão (1980)

Funções	Jornalismo Informativo	Jornalismo Interpretativo	Jornalismo Opinativo
Géneros	<ul style="list-style-type: none"> — Notícia — Reportagem de interesse humano — Entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> — Reportagem de fundo 	<ul style="list-style-type: none"> — Editorial — Crónica — Opinião ilustrada

Fonte: Adaptado de Assis (2008)

Luiz Beltrão entende a reportagem como um relato de uma ocorrência de interesse colectivo “testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista” (Beltrão, 1969, p.195, citado em Lopez & Mata, 2009) que depois procede à sua difusão. A reportagem de interesse humano refere-se à utilização privilegiada das perspectivas baseadas em histórias de vida e a reportagem de fundo baseada no “objectivismo multiangular”, ou seja, a exposição dos factos segundo diferentes pontos de vista (Beltrão, 1976, p.46, citado em Lopez & Mata, 2009). Em meados da década de 80, José Marques de Melo iniciou a publicação de diversos estudos classificativos decorrentes de diferentes quadros comparativos, tendo apresentado uma primeira proposta assente da divisão funcional entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo (intencionalidade dos relatos).

José Marques de Melo (1985)

Funções	Jornalismo Informativo	Jornalismo Opinativo
Géneros	<ul style="list-style-type: none"> — Notícia — Entrevista — Reportagem 	<ul style="list-style-type: none"> — Editorial — Crónica — Comentário

Fonte: Adaptado de Assis (2008)

Deixando para trás a interpretação como género autónomo apresentada por Luiz Beltrão, a proposta de Marques de Melo procede a uma actualização decorrente da própria evolução do jornalismo, no sentido da sua libertação de um passado marcadamente opinativo para uma conjuntura informativa e opinativa. Os géneros caracterizam-se pelas diversas circunstâncias que determinam os relatos jornalísticos, isto é, rejeita a sua identificação baseada na expressão dos códigos da mensagem:

“Os géneros que correspondem ao universo da informação estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende directamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos protagonistas (personalidades e organizações). Já no caso dos géneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: a autoria (quem emite a opinião) e a angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)” (Citado por Chaparro, 2008, p.156).

Lorenzo Gomis entrou no debate teórico defendendo os géneros jornalísticos como uma necessidade fundamentada nos hábitos jornalísticos, e nesse sentido em normas do processo editorial para facilitar a compreensão pelo público, isto é, uma diferenciação essencialmente estilística. Na sua teoria do jornalismo, identifica os géneros jornalísticos como herdeiros dos géneros literários, mas coloca ênfase na dimensão da rapidez decorrente das necessidades de difusão noticiosa e das exigências específicas próprias do processo de construção para diferentes edições de notícias, reportagens ou crónicas. Ao justificar a descrição dos diferentes géneros característicos do jornalismo pré-digitalização, o autor reivindica essencialmente uma facilitação do trabalho comum dos jornalistas e limita-se a tratar do tema em termos de “convenções” de carácter universal: “Los géneros son formas asimiladas por el hábito, formas que pueden enseñarse y aprenderse” (Gomis, 1991, p.44).

Considerando o jornalismo como um método de interpretação sucessiva da realidade social que se configura no acto da troca comunicativa e se constitui pelo acto da linguagem (Seixas, 2009, p.186), Gomis refere-se aos géneros jornalísticos como uma exigência para o cumprimento das diferentes necessidades informativas, ou seja, separa o conteúdo da função para destacar esta segunda dimensão:

“Dentro de las necesidades informativas de la audiencia que trata de satisfacer un medio la función de la noticia puede distinguirse perfectamente de la del reportaje y al éste de la que cumple la crónica” (Gomis, 1991, p.45).

Este reconhecimento do jornalismo como método de interpretação sucessiva da realidade (Gomis, 1991) permitiu depois proceder à sua ancoragem nas características da profissão como um “saber específico” que permite aos jornalistas produzir discursos noticiosos socialmente aceites (Traquina, 2020). Nesse sentido, a proposta de Gomis faz repousar os géneros das funções de informar, interpretar, aproximar e relatar:

Lorenzo Gomis (1991)

Género	Notícia	Reportagem	Entrevista	Crónica
Função	Informar	Fazer sentir, aproximar, entender, relacionar, interpretar	Variante da reportagem centrada na aproximação a uma pessoa	Relatar através de especialistas temáticos

Fonte: Elaboração própria a partir de Gomis (1991)

O longo trabalho de Martínez Albertos justificou uma proposta orientada por uma associação entre estilos, atitudes e modos de escrita, tendo como base a ideia de que os géneros constituem diferentes métodos estilísticos da linguagem específica. A proposta introduz alguma complexidade, na medida em que define novas variáveis com modos de escrita, e.g., descrição e narração de factos para informar e relatar, associação de factos e razões para interpretar e analisar, e associação de factos e ideias para persuadir. O seu esquema inova também quando sugere a existência de uma relação de intencionalidades entre os objectivos dos jornalistas e as funções dos géneros.

Martínez Albertos (1992)

Estilo	Atitude	Géneros		Modos de escrita	
Informativo (1º nível)	Informar/ Relatar	1. Notícia 2. Reportagem objectiva	<ul style="list-style-type: none"> Reportagem de acontecimento Reportagem de acção Reportagem de citação Reportagem de seguimento 	Narração/ Descrição	Factos
Informativo (2º nível)	Interpretar/ Analisar	3. Reportagem interpretativa 4. Crónica		Exposição (factos e razões)	
Editorializante	Opiniar / Persuadir	5. Artigo ou comentário	<ul style="list-style-type: none"> Editorial Tópico Coluna Crítica Tribuna livre (cartas) 	Argumentação (factos e ideias)	

Fonte: Adaptado de Chaparro (2008)

Também Marques de Melo procederia a uma actualização da sua proposta inicial para reintegrar o género interpretativo. No âmbito de uma pesquisa realizada ao jornal *Folha de São Paulo* e à revista *Veja*, o estudo por si coordenado apresenta uma proposta de classificação que considera os géneros como uma realidade dinâmica, cuja mutabilidade decorre da sua natureza enquanto “instrumento de diálogo entre produtor e receptor”. O que permite a estruturação dos conteúdos, de acordo com normas que pretendem “unificar” e “uniformizar” a informação em determinados formatos (Dias & Rosemary, 1998, p.3):

José Marques de Melo (1998)

Género	Informativo	Interpretativo	Opinativo	Diversional	Utilitário
Formato	<ul style="list-style-type: none"> — Notícia — Entrevista — Reportagem 	<ul style="list-style-type: none"> — Perfil — Dossier — Cronologia 	<ul style="list-style-type: none"> — Editorial — Crónica — Comentário 	<ul style="list-style-type: none"> — História de interesse humano 	<ul style="list-style-type: none"> — Indicador — Roteiro — Serviço

Fonte: Elaboração própria a partir de Dias & Rosemary (1998)

Marques de Melo e Francisco Assis viriam ainda a apresentar uma proposta de sistematização do modelo de classificação, tendo como ponto de partida uma separação do trabalho jornalísticos entre géneros e formatos:

“Género jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da actualidade, por meio de suportes mecânicos ou electrónicos (...)” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.49);

“Formato jornalístico (...) é o feitiço de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da actualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.50).

Os géneros podem ser assim definidos pelas suas capacidades para agrupar diferentes formatos e a sua função social, sendo que os autores apresentam como exemplo o género opinativo indiferenciado entre os formatos editorial, artigo e comentário. Apesar de a proposta de Susana González Reyna ser susceptível de constituir-se como uma simplificação desta ideia, ao partir da defesa de que o género se trata da forma que melhor transmite aquilo que se pretende dizer, não deixa de

contribuir para o avançar do debate, no sentido de identificar quais as melhores formas para apresentar uma certa visão do mundo (o propósito):

“*La comunicación* es un proceso que pone de manifiesto la relación de los hombres entre sí y con su contexto social. Esta relación se da siempre con una intencionalidad: modificar la conducta, la comunicación periodística constituye un proceso de interrelación de individuos y grupos sociales, cuya forma concreta es *el mensaje*” (González Reyna, 1999, p.22).

Os géneros com propósito informativo utilizam formas de discurso expositivas, descritivas e narrativas, no sentido de permitir que através da narração o público tenha acesso suficiente a todos os detalhes representativos que lhe permitam “imaginar” o objecto noticiado, tendo em vista uma certa ligação emocional; e os géneros com propósito opinativo recorrem essencialmente a formas de discurso argumentativas para atingir influenciar atitudes e pensamentos (González Reyna, 1999, pp.14-21):

González Reyna (1999)

Propósito informativo	Notícia	Entrevista	Reportagem
Propósito opinativo	Editorial	Coluna	Ensaio

Fonte: Elaboração própria a partir de Reyna (1999)

Os géneros consolidam-se assim como um conjunto de enunciados definidos pelas especificidades do contexto de enunciação e marcados pela língua, objectivo comunicacional e conteúdo (Seixas, 2009). Neste sentido, a sua classificação deve ser considerada como resultante de todo o processo de produção do conteúdo jornalístico. Luiz Beltrão inclui no género informativo notícias, entrevistas, reportagens e imagens e define como pressuposto os factos já ocorridos, e Marques de Melo destaca a entrevista como um género específico que alimenta todos os outros e distancia-se para defender que a valorização dos factos não depende do conhecimento público.

Funções dos géneros jornalísticos (1980-1999)

Luiz Beltrão	José Marques de Melo	Lorenzo Gomis	Martínez Albertos	José Marques de Melo	González Reyna
<i>1980</i>	<i>1985</i>	<i>1991</i>	<i>1992</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>
<i>Informar</i>	<i>Informar</i>	<i>Informar</i>	<i>Informar Relatar</i>	<i>Informar</i>	<i>Informar</i>
<i>Interpretar</i>	<i>Opinar</i>	<i>Interpretar</i>	<i>Interpretar Analisar</i>	<i>Interpretar</i>	<i>Opinar</i>

<i>Opinar</i>		<i>Aproximar</i>	<i>Opinar</i> <i>Persuadir</i>	<i>Opinar</i>	
		<i>Relatar</i>	<i>Entreter</i> <i>Divulgar</i>	<i>Entreter</i>	
			<i>Informar</i> <i>Relatar</i>		
			<i>Interpretar</i> <i>Analisar</i>		
			<i>Opinar</i> <i>Persuadir</i>		

Fonte: Elaboração própria

2.5.4 A transição do milénio

Um qualquer ponto cronológico de mudança resulta de exercícios naturalmente artificiais, na medida em que a sua definição visa essencialmente contribuir para o conforto da teorização. Tratando-se de uma análise prospectiva dos géneros jornalísticos, a transição do milénio pode representar esse marco por força dos paradigmas tecnológicos que se têm revelado nas últimas duas décadas. Após uma fase marcada pelas reflexões sobre a natureza dos diferentes géneros segundo o seu conteúdo, os estudos evoluíram para a classificação das suas funções, no sentido de tentar seleccionar qual se adequa aos respectivos objectivos informativos. De certa forma, a proposta de Yves Agnès ainda se encontra ancorada na realidade dos jornais impressos, e por isso ignora as dimensões analíticas do dispositivo, mas apresenta uma classificação abrangente com novas composições, e.g., pré-publicação de partes de livros (“bonnes feuilles”), que deve ser tida em conta num debate que se pretende alargado e em sistemática e indefinida actualização:

Yves Agnès (2002)

Artigos de informação escrita	Narrativas (Les récits)	Estudos (Les études)	Opiniões exteriores	Comentários
Notícia	Reportagem	Análise	Entrevista	Editorial
Nota (la brê)	Perfil (le portrait)	Enquete	Mesa redonda	Comentário (le bille)
Síntse (La synthèse)	Necrologia	Dossiê	Le micro-trottoir	Crítica

L'écho	Le compte rendu	Resumo de documento	Tribuna livre	Crónica
Le filet	Artigo histórico		Comunicado	Caricatura (le dessin de presse)
Revista de imprensa (le revue de presse)			Correio	
Infografia			Les bonnes feuilles	

Fonte: Adaptado de Seixas (2009)

Na viragem do milénio, Manuel Carlos Chaparro apresentou uma “nova teoria de géneros jornalísticos” criticando a proposta de Martínez Albertos por limitar a construção literária a dois tipos de texto e à capacidade dos jornalistas para compreenderem e explicarem a actualidade: “Nesse entendimento, fontes e leitores são agentes passivos” (Chaparro, 2008, p.152). Partindo da classificação clássica de Marques de Melo, começa por afirmar que “opinião” e “informação” perderam a sua validade como critérios de classificação, na medida em que essas fronteiras foram “destruídas” pela sua integração intrínseca em todos os tipos de textos (porque não se pode dissociar o texto do pensamento (Chaparro, 2008, p.161). O autor propõe, assim, uma classificação em dois géneros (comentário e relato) que depois desagrega em dois agrupamentos de espécies (argumentativas, gráfico-artísticas, narrativas e práticas) para “romper, de vez e urgentemente, com o velho paradigma que divide o jornalismo em opinião e informação” (Chaparro, 2008, p.223):

Manuel Carlos Chaparro (2008)

Género Comentário		Género Relato	
Espécies Argumentativas	Espécies Gráfico-Artísticas	Espécies Narrativas	Espécies Práticas
— Artigo — Carta — Coluna	— Caricatura — Charge (representação burlesca)	— Notícia — Entrevista — Reportagem	— Roteiros — Meteorologia — Utilidades
Crónica: sem classificação			

Fonte: Elaboração própria

Por seu lado, Francisco de Assis começa por admitir todas as dificuldades classificativas decorrentes das dinâmicas de hibridização para depois proceder a uma síntese dos pontos comuns:

“Partem de perspectivas opostas para a sugestão de classificações a respeito dos textos jornalísticos. Mas uma lição é comum a Beltrão, a Marques Melo e a Chaparro: os três compreendem que variáveis, como espaço temporal e geográfico, ou o próprio jeito de ‘dizer’ os fatos noticiáveis, interferem na produção midiática e na percepção do pesquisador que a observa” (Assis, 2008, p.7).

Partindo da natural evolução da actividade jornalística, os sucessivos exercícios actualização e de revisão afirmam que os anteriores se tornaram absoletos e as propostas mais recentes tornaram-se progressivamente mais complexas por força da sua necessidade de “actualização”. Sonia Fernández Parratt começa por estruturar a sua proposta em quatro “macro-géneros” divididos em 10 “sub-géneros” para depois voltar a proceder à sua segmentação em 3 “funções”, voltando assim ao início do processo classificativo apresentado por Luiz Beltrão em 1980 (informar, interpretar e opinar):

“Sin descartar esa trilogía, que sigue siendo válida con puntualizaciones, sería necesaria una nueva clasificación que tenga en cuenta otros criterios igualmente importantes o hechos como que apenas existen ya géneros puros” (Fernández Parratt, 2008, p.102).

O seu estudo consolida-se através do pensamento de Martínez Albertos, na medida em que, incorporando a interpretação como uma ferramenta da informação, apresenta depois uma subdivisão baseada na ideia original do envolvimento do autor:

Sonia Fernández Parratt (2008)

IMPLICACIÓN DEL AUTOR													
Macro Géneros	INFORMACIÓN			REPORTAJE		CRÓNICA		GÉNEROS DE OPINIÓN					
Subgéneros	Breve información común	Información múltiple	Información reportajeada	Reportaje Objetivo	Entrevist informativa	Entrevista literaria	Reportaje Interpretativo	Crónica local	Crónica temática	Editorial	Crítica	Artículo firmado	Columna
Función	Informar		Interpretar (interpretación explícita)					Opinar (opinión explícita)					
Informar													

Fonte: Elaboração própria a partir de Fernández Parratt (2008)

Tendo como objectivo declarado apresentar uma proposta de redefinição dos critérios de classificação dos géneros, Lia Seixas começa por colocar em perspectiva a classificação dos géneros na finalidade das composições discursivas para definir como características a unidade textual, a sua manifestação através da rotina produtiva e a sua posterior consolidação institucional como formação discursiva. A autora exemplica com a potencialidade dos infográficos considerados géneros jornalísticos no jornalismo impresso (Seixas, 2009, p.305).

António Vilarnovo Caamaño e José Francisco Sánchez Sánchez falam na necessidade de encontrar novos critérios para uma “velha tipologia” (Vilarnovo Caamaño & Sánchez Sánchez, 1992), mas preservando noções essenciais e a relevância no processo noticioso como instrumentos optativos do jornalista para descrever a realidade. Assumindo a função (“finalidade”) como único critério homogéneo, relevam a importância da função social do discurso jornalístico e definem três tipos: “Satisfacer

curiosidades, oferecer informação de utilidade imediata o alcançar un conocimiento cabal del mundo en el que se vive” (Sánchez & Pan, 1998, p.28).

Lia Seixas considera os géneros jornalísticos como uma combinação regular e frequente de elementos linguísticos e extra-linguísticos que se instituem através da repetição (a organização discursiva diz respeito à estruturação do discurso) e define como critérios a lógica enunciativa, força argumentativa, identidade discursiva e potencialidades do *medium* (vinculação à realidade). A sua proposta assenta na divisão entre géneros discursivos jornalísticos e géneros discursivos jornalísticos: os primeiros, têm como enunciador a instituição jornalística e a competência de procedimento pertencente ao sujeito comunicante desse instituição; nos segundos, a instituição jornalística não faz parte da dimensão do enunciador e a competência de procedimento empregada não é de nenhum sujeito comunicante da organização jornalística. A autora cita como resultados do seu estudo os actos de linguagem mais frequentes no discurso jornalísticos: assertivo, opinativo e expressivo:

Lia Seixas (2009)

ACTOS DE LINGUAGEM	
ASSERTIVO	OPINATIVO
FINALIDADES	
MEDIAÇÃO	OPINIÃO
GÉNEROS DISCURSIVOS JORNALÍSTICOS	GÉNEROS DISCURSIVOS JORNÁLICOS
Notícia	Artigo
Nota	Crónica (brasileira)
Reportagem	Carta
Entrevista	Fórum
Infográfico	Caricatura
Editorial	Boletim de agência (francês)
Coluna	Tribuna livre (francesa)
Comentário	Les bonnes feuilles (francesa)
Análise (francesa)	
Crônica (espanhola)	
Síntese (francesa)	
Perfil (francês)	
Revista de imprensa (francesa)	

Fonte: Elaboração própria a partir de Seixas (2009)

A colocação em perspectiva das diferentes propostas acentua a dificuldade em encontrar um compromisso alargado entre os autores, mas é precisamente essa dificuldade que traduz um território de análise em permanente mudança. Trata-se de uma mudança caracterizada pelo surgimento de novos meios e de novos formatos e que leva diversos autores a insistirem na ideia de “baralhação” como resultado dessas novas práticas discursivas (aquilo que Manuel Carlos Chaparro designa como o enrugamento do jornalismo na sua velhice de três séculos). Nesse sentido, a classificação de géneros e formatos jornalísticos decorre em grande medida da necessidade de analisar o território onde as práticas discursivas se transformam em novos formatos através da sua regularização enquanto actos comunicativos (regularidade e institucionalização):

“The internet and digital media are, of course, especially powerful in these processes. The internet and digital media hybridize and integrate a wide range of “ancestral” (...) genres in the process of creating new genres (...). They also encourage users and audiences to engage (...) subversive interactions: the injection of familiar genres and routines into new and unfamiliar information environments. Journalists now routinely appropriate the genres of social media sites and hybridize these with their preexisting routinized, professional practice. But newer media are not uniquely powerful here (...)” (Chadwick, 2017, p.38).

Funções dos géneros jornalísticos (2002-2009)

Yves Agnès	Manuel Carlos Chaparro	Sonia Fernández Parratt	Lia Seixas
2002	2008	2008	2009
	GÉNERO	FUNÇÃO	FINALIDADES
Informar	Comentar	Informar	Mediar
Narrar	Relatar	Interpretar	Informar
Estudar		Opinar	Opinar
Opinar			
Comentar			

Fonte: Elaboração própria

2.5.5 A velocidade da digitalização

Os esforços do processo de teorização classificativa dos géneros jornalísticos na imprensa escrita produziram naturais divergências entre autores, mas alcançaram um considerável consenso sobre a utilidade da estruturação dos conteúdos segundo determinadas normas jornalísticas. Marques de Melo e Assis começam por citar os

“vícios terminológicos dos profissionais e as distorções do senso comum” para depois reafirmarem que não deixam de constituir reflexões importantes para melhorar o processo jornalístico; caso contrário, “qualquer exercício de sistematização não passará, de facto, do ‘passatempo anacrónico’ a que Tzvetan Todorov (1981, p.45) se referiu, ainda no século XX” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.53).

A discussão resulta do facto de os esforços se concentrarem mais em classificar géneros e menos em reflectir nos critérios de classificação, na medida em que o caminho decorrente dos desafios da hibridização entre géneros e formatos encontra-se ainda na *infância* da digitalização (Machado, 2001, p.6). Por isso mesmo, o ritmo da mudança haveria de conhecer um novo aceleração na viragem do milénio com as novas formas comunicativas. As características da digitalização mantiveram o processo classificativo aberto e criaram a ideia de um movimento em permanente mutação:

“A compreensão dos géneros jornalísticos e de suas extensões só tem sentido se inseri-los no ambiente que lhes é peculiar, ou seja, os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística, o que inclui evidentemente os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.42).

Em 2008, surgiu uma proposta que começa a problematizar as principais dimensões da digitalização no contexto jornalístico e tenta superar alguns dos principais problemas taxonómicos contemporâneos. A concepção aberta da linguagem jornalística apresentada por Armentia Vizueta e Caminos Marcet parte da teorização apresentada por Eliseo Verón na década de 70, no sentido de adicionar diferentes camadas à base visual (a matéria significante):

“La serie visual lingüística comprende los textos informativos y publicitarios desarrollados de forma lineal y discursiva (...) la serie visual paralingüística comprende el conjunto de elementos integrados por un componente inónico y un componente escrito, gráficos, planos etc. El elemento icónico puede dar diferentes significados al contenido textual. Modificando, jerarquizando, reforzando su significado literal (...) La serie visual no lingüística comprende los recursos tipográficos de la confección de periódicos, fotografías, dibujos y chistes sin acompañamiento literario, elementos cromáticos introducidos en las páginas, etc” (Armentia Vizueta & Caminos Marcet, 2008, p.16).

Os autores começam por constatar a necessidade de actualizar os géneros jornalísticos com uma visão global que inclua tanto a vertente lingüística, caracterizada

pela expressão escrita, como a vertente visual derivada da utilização exclusiva de imagens, bem como as formas de expressão que combinam o linguísticos com o visual, e.g., o infografismo como meio para difusão de mensagens jornalísticas. Nesse sentido, procedem a uma integração dos elementos “não linguísticos” e “para-linguísticos” no discurso jornalístico para incluir novas formas de linguagem digital:

“El componente sería lo que conocemos como texto escrito, mientras el componente visual no lingüístico estaría constituido por las imágenes (fotografías y gráficos), y el paralingüístico por los elementos de diagramación, el tamaño, la ubicación de la noticia y la tipografía, que también comunican al lector indicios de la importancia del mensaje. Dentro de esta serie visual paralingüística tendríamos que incluir en la actualidad al infoperiodismo, porque incorpora al mismo tiempo componente lingüístico y una componente visual no lingüística” (Armentia Vizueta & Caminos Marcet, 2008, p.16).

Segundo os autores, a existência de uma linguagem visual e de uma linguagem escrita jornalística, que se expressa em diferentes formas de expressão, permite uma formulação dos géneros jornalísticos baseada na linguística, isto é, a utilização das diferentes variáveis da linguagem escrita e da linguagem visual. Trata-se de um território vasto que se estende desde a fotografia aos cartoons, sendo marcado pela ausência de apoio textual e da linguagem que articula a escrita e a imagem para a produção de discurso jornalístico, e.g., as infografias em todas as suas variantes.

Armentia Vizueta & Caminos Marcet (2008)

Serie visual lingüística	Géneros con intencionalidad informativa	Informacion o noticia		
	Géneros con intencionalidad explicativa e interpretativa	Predominio explicativo	<ul style="list-style-type: none"> — Informe — Reportaje descriptivo — Reportaje de precisión — Reportaje de investigación — Entrevista de personaje 	
		Predominio interpretativo	<ul style="list-style-type: none"> — Reportaje interpretativo — Entrevista de actualidad — Encuesta periodística — Crónica 	
	Géneros con intencionalidad opinativa	<ul style="list-style-type: none"> — Editorial — Columna — Artículo de opinión — Crítica 		

		— Cartas al director — Revista de prensa
Serie visual no lingüística	— Fotografia — Retrato — Caricatura — Tira cómica sin apoyo textual	
Serie visual paralingüística	— Gráficos — Planos — Chistes com elemento icónico y escrito — Infografías	

Fonte: Elaboração própria a partir Armentia Vizqueta & Caminos Marcet (2008)

Partido de um estudo comparativo entre várias propostas de classificação, César Mejía Chiang afirma que existem mais semelhanças do que divergências entre os autores e, evitando introduzir factores de ruptura, apresenta uma proposta “más práctica y didáctica” que recupera a ideia de López Hidalgo (2002) para os elementos complementares decorrentes dos desafios da digitalização:

“Los elementos complementarios, analizados extensivamente por López Hidalgo (2002) y Yanes (2004), acompañan a las especies redaccionales, anexando datos e informaciones que ayudan a la correcta comprensión de los textos principales. Suelen aparecer como pequeños recuadros (despieces, background) o como piezas gráficas amenas (caricaturas) o de considerable importancia (infografías)” (Chiang, 2012, p.215).

Os géneros definidos pelo autor preservam o essencial dos anteriores exercícios, mas adicionam o carácter complementar dos elementos que emergem da digitalização, embora os classifique de forma autónoma como “elementos complementares”:

César Mejía Chiang (2012)

Géneros de opinión	Géneros informativos	Géneros interpretativos	Elementos complementares
— Editorial — Artículo — Columna — Crítica — Ensayo	— Noticia — Entrevista de declaraciones — Reportaje objetivo	— Crónica — Entrevista de perfil — Reportaje interpretativo	— Despieces — Bloques de antecedentes — Infografía — Caricaturas y chistes gráficos

Fonte: Elaboração própria a partir de Chiang (2012)

Os estudos desenvolvidos essencialmente nas áreas da computação e da informação conduziram para as primeiras classificações dos géneros digitais, tendo em grande medida como foco as características do *medium*: propriedades digitais

(interactividade) e estabilidade social e linguística (contexto). A avaliação da complexidade da mudança e das próprias formas dessa mudança pode beneficiar de abordagens teóricas baseadas na inovação, na medida em que apontam pistas exploratórias. É nesse sentido que têm sido realizados estudos empíricos para avaliar a hibridização dos géneros jornalísticos, por exemplo, Juliana Colussi e Paula Melani Rocha focam-se na utilização do *streaming* nos vídeos colocados no Facebook:

“Considering that genres are created and therefore change and evolve, the genre hybridization identified in this study may generate, in the near future, new journalistic genres, as is the case with ‘self-reports.’ In this sense, hybridization emerges as an opportunity for journalistic genres to change and evolve, which can be encouraged by the mobility factor contributing to new forms of information consumption through mobile devices connected to mobile data networks” (Colussi & Rocha, 2020, p.33).

As autoras começam por caracterizar a mudança decorrente dos ambientes digitais (interactivity, multimedia, customisation, immediateness, constant updates) e constatar o respectivo impacto junto dos jornalistas e das audiências para depois se debruçaram sobre géneros híbridos:

“The tendency for genres to become hybrid is an inherent characteristic of the press’s evolution. In the case of digital media, this tendency is more emphasized thanks to hypertextuality, multimedia, and interactivity features. On the one hand, with hypertextuality, permeability is intensified among journalistic texts and the capacity to combine them with each other spreads, thus broadening the limits to genres. On the other hand, the emergence of multimedia features entails combining languages independently developed over decades in different media” (Colussi & Rocha, 2020, p.24).

Na sua síntese, parecem, num primeiro momento, deixar de fora os artigos, tendo em conta que os artigos multimédia distinguem-se como género multimédia por aproveitarem as capacidades audiovisuais da digitalização, ou seja, articulam dinamicamente texto, fotografias, som e vídeos. Reivindicando as características inerentes à internet, acabam por conduzir para um conceito bastante mais alargado, na medida em que a utilização de hiperlinks equivale à profundidade do artigo (oportunidade de actualização, velocidade de transmissão e espaço ilimitado):

“(…) fulfils the discursive functions that have traditionally been assimilated to the journalistic genres of interpretation or in-depth treatment: *explanation* – hiperlinks used for the exposition of data on the main story; *background* – hiperlinkage to previously published background

information; *updating* – connection with pages of the *medium* with subsequently elaborated information” (Ureta, 2011, p.194).

Juliana Colussi e Paula Melani Rocha concluem que os casos estudados conduziram à hibridização, ou seja, os conteúdos inicialmente informativos disponibilizados pelos jornais *Estadão* (Brasil) e *El Tiempo* (Colômbia) em comentários e debates, isto é, o carácter dialógico da plataforma influenciou a participação das audiências nos vídeos e gerou potencialmente um género híbrido designado pelas autoras como “autorelatos”:

Juliana Colussi e Paula Melani Rocha (2020)

Special reports	Adaptação das reportagens impressas para a secção da “última hora”/”flash” em ambiente digital (Twitter, Facebook e Instagram). Esta narração das primeiras impressões sobre acontecimentos relevantes caracteriza-se pelo imediatismo e brevidade.
Simultaneous reports	Decorre da experiência da rádio: actualização permanente de informações.
Discussions forums	Incentivo à participação das audiências através de espaços de debates abertos e sem moderação.
Debates	Modelo similar aos fóruns de debate
Online interviews	Permite que o público entreviste pessoas. As perguntas são enviadas para um jornalista que procede à sua selecção para questionar ou colocadas directamente remetendo o jornalista para a moderação.
Flash graphics	Gráficos explicativos animados e interactivos.
Surveys	Explora as capacidades interactivas da digitalização permitindo a participação activa das audiências e em número elevado (comparando com limitações da impressão:

Fonte: Elaboração própria a partir de Colussi & Rocha (2020)

Alguns autores sugerem uma divisão dos géneros baseados em multimédia em “communicative genres” (chats, feed, fóruns), “entertaining genres” (atração de leitores através de conteúdos autorais, e.g. instagram), “presentation genres” (sites

personais, blogs, comentários) e “information genres” (textos utilizados como fontes, e.g., enciclopédias electrónicas, agências de notícias, mecanismo de busca):

“According to the nature of multimedia, the multimedia genres used on the internet combine various factors of information presentation - audio, visual, kinetic. The essence of genres involves the delivery of a complex of image elements to the consumer in a comprehensible way (verbal, graphic, sound, photographic, text, video, animation)” (Nuriddinova, 2020, p.114).

A abordagem pela inovação disponibiliza esta visão compreensiva de diferentes tipos de linguagem decorrentes de diferentes aplicações tecnológicas que configuram “multimedia storytelling”, ou seja, a combinação de informações na forma de hipertexto multimédia:

Madinabonu Nuriddinova (2020)

Reportage, copyright stories	Informação com número limitado de caracteres difundida através das redes sociais, e.g., Twitter; podcasts adicionais ao vídeo transmitido online.		
Online diary	Criação autoral, e.g., Instagram. Pensamentos e comentários “de autor” sobre actualidade, tendo como elementos texto, vídeo e foto.		
Online note genre	Difusão de notícias através de diferentes ângulos na forma de notas em sites, redes sociais, <i>feeds</i> , etc.		
News monitoring	Resultados da pesquisa expressos como infográficos, colagens de fotos, etc.		
Author's blog	Photoblog: Utilização das fotografias do autor.	Text blogging: O texto como principal recurso de comunicação.	Microblog: Colecção de mensagens, entrevistas, vídeos, infográficos, conversas em áudio, etc.
Videoblog in the genre of videoconferencing or videomost	Informações transmitidas ao vivo por um ou mais autores com possibilidade de existirem comentários interativos como opiniões adicionais.		
Videolog in multimedia commentary	Comentários áudio com elementos vídeo, gráficos e outros.		

Fonte: Elaboração própria a partir de Nuriddinova (2020)

2.5.6 Um caminho em construção

A imprevisibilidade da mudança coloca obstáculos tanto à classificação de géneros e formatos como à definição dos próprios critérios de classificação. Uma consequência não tanto da digitalização, mas das mutações dos fenómenos de hibridização que levaram Ramon Salaverría para o caminho dos géneros ciber-jornalísticos baseados na combinação da linguagem jornalística impressa com a linguagem audiovisual (Ramón Salaverría e Javier Dias Nóci, 2003).

Vejamos alguns exemplos da odisséia classificativa.

As fotografias disponibilizadas nas edições online são frequentemente organizadas em formato de galeria ou *slide-show* por força da tecnologia. Embora esta noção não exista nas edições impressas, não se reconhece uma galeria como um género jornalístico apesar de integrar as composições discursivas, por exemplo, das reportagens (ou apenas foto-reportagens das edições impressas). Já as infografias multimédia há muito que constituem a própria narrativização do acontecimento (a própria notícia) nos meios digitais, enquanto que no jornalismo impresso ainda acompanham/complementam um conteúdo escrito.²⁵

Podemos insistir no debate sobre se as infografias são ou não um género jornalístico, mas é provável que o seu reconhecimento acabe por resultar mais da continuidade e menos da consensualização teórica. A infografia parece estar em transição de formato para género por evidenciar tanto regularidade entre objectos de realidade como identidade discursiva e lógica enunciativa. Ao contrário dos conjuntos de fotografias em formato de galeria ou *slide-show*. O que nos leva para o questionamento da classificação de um conjunto de hiperlinks ao público, cujas fronteiras deverão ser fixadas na geografia dos formatos on line ou projectadas para os géneros enquanto produto de escolhas, omissões e hierarquização?

A autonomização do formato em género poderá vir a traduzir-se nessa capacidade de se constituir como unidade discursiva, isto é, quando determinado formato for capaz *per se* de transformar o acontecimento em notícia, mas insistir na

²⁵ Este debate parece ressuscitar um outro (mais antigo) sobre a constituição dos fotógrafos como foto-jornalistas, hoje em dia reconhecidos como jornalistas nas mesmas condições dos redactores. O que resulta da autonomização da prática discursiva e consequente emancipação editorial (tal como demonstra a editoria de infografia dos jornais *El Mundo* e da *Folha de Paulo*).

classificação coloca o debate na posição de *sitting duck*, porque importam mais os critérios da definição do que a sua aplicação, ou seja, devemos focar nas características de mudança e inovação dos *media* digitais (Silva, 2015; Silva, 2018a). A autora apresentou uma proposta preliminar para categorizar géneros e formatos digitais assente nos seguintes pressupostos (Silva, 2018b):

- i. adopção da divisão de géneros de Melo & Assis: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário;
- ii. formatos jornalísticos tradicionais: entrevista, reportagem, etc;
- iii. formatos digitais: podcast, slideshow, vlog, VR, virtual reality, scrollytelling, digital story package, etc.²⁶

Considerando os géneros como “instituições vivas que evoluem para ajustar-se às funções próprias da actividade a que servem e, não só evoluem, como também desaparecem e surgem outros novos” (Seixas, 2009, p.70), encontramos-nos numa fase de transição em que alguns formatos se tornarão em géneros após a sua estabilização como prática discursiva, ou seja, quando forem reconhecidos como portadores de unidade textual e composicional e surjam do contexto das rotinas produtivas inerentes às estruturas das redacções (Chadwick, 2013, pp.23-41).

Os exercícios classificativos têm sido arrumados na perspectiva de que os géneros (enquanto actos de comunicação estáveis) configuram-se como composições discursivas para distinguir diferentes práticas jornalísticas, sendo os formatos endossados para o dispositivo enquanto estratégias de comunicabilidade (interacção). Esta formulação significa que os géneros remetem para opinião/crónica, reportagens, entrevistas, etc, e os formatos para vídeos, foto-galerias, infografias, etc, mas essas frágeis fronteiras são facilmente questionadas tanto quanto géneros e formatos podem ser concebidos como representações discursivas da realidade:

“[...] Os dispositivos não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma. Os dispositivos da mídia também não exercem o simples papel de contextos. Enquanto que o enunciado e seu contexto podem ser – em uma certa medida – destacados um do outro (um mesmo enunciado podendo aparecer em diversos contextos), e o contexto trás ao enunciado apenas uma variável

²⁶ Cfr. Hernandez, R.K., Rue, J. (2016). *The Principles of Multimedia Journalism – Packaging Digital News*. Routledge.

do sentido, o local desempenha o papel de um matriz, de tal maneira que um certo tipo de enunciado só possa aparecer *in situ*” (Maurice Mouillaud, citado em Seixas, 2009, p.139).

Este dispositivo de enunciação traduz-se como uma forma de modelar conteúdos para atribuir-lhes sentido, ou seja, projecta-se além das suas dimensões tecnológicas para modelar o discurso e assumir um papel na configuração social enquanto meio de comunicação (McLuhan, 2015 [1964]), isto é, o dispositivo integra a própria lógica enunciativa.

Na ausência de um debate que coloque em perspectiva simultânea géneros e formatos, entra-se na circularidade da classificação (ou reclassificação) de cada género e cada formato em função de cada *medium*. Trata-se de um exercício de compreensão de singularidades num universo potencialmente ilimitado de conjugações (Martínez Albertos, 2004). Esta impossibilidade não decorre simplesmente do surgimento de novos media, mas sim das dinâmicas de hibridização que dão origem a novas práticas e novos formatos que podem constituir-se como novos géneros. Através de um texto introdutório a um debate sobre o tema, António Granado e Dora dos Santos Silva colocam em perspectiva os termos da discussão formulada por Marques de Melo e Francisco de Assis:

“Entendendo o género jornalístico como ‘a classe de unidades da comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respetivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade’ e o formato jornalístico como ‘o feitio de construção da informação transmitida’ pelos media, estas unidades precisam, no entanto, de uma nova reflexão e mapeamento quando nos deparamos com uma crítica escrita por um leitor e não um especialista, documentários interativos, peças em realidade virtual, live-tweetings ou uma simples infografia que se assume como ‘o’ formato jornalístico e não o *medium*” (Granado & Silva, 2021, p.10).

É a incerteza sobre os resultados da potencial hibridização (enquanto ponto de intersecção) que torna porosas as fronteiras desse território conceptual, mas também por isso estimulantes para os autores quando reconhecem que “o impacto do hibridismo nos campos dos géneros e dos formatos jornalísticos é inegável”. Uma infografia pode ser *apenas* a ilustração de um conteúdo escrito (sem que o seja), mas numa edição online uma infografia multimédia pode apresentar todas as características de uma composição discursiva autónoma (um género jornalístico?). Na mesma linha, como

classificar uma foto-galeria? Ou um conjunto de hiperligações? Por outro palavras, como é que o objectivo da composição discursiva configura a lógica enunciativa?

2.6 Conversação e comunicação interactiva

A vastidão semântica sobre a interactividade começou a constituir-se nos anos 70 quando os serviços televisivos passaram a disponibilizar as primeiras ferramentas de teletexto, tendo-se depois projectado com a universalização da internet nos anos 90 e a progressiva transformação dos espectadores em participantes activos com o surgimento das funcionalidades do controlo remoto da televisão interactiva. Na sua origem, trata-se de um conceito resultante da evolução da informática e das tecnologias da informação e da comunicação.

Essa ideia da interactividade como um processo dinâmico de colaboração que permite modificar a mensagem com base nas escolhas feitas pelos usuários (expressão que se refere ao papel activo permitido aos leitores através da utilização da internet) foi entrando com naturalidade na órbita dos estudos da educação como “cognitive artifact” (Che Embi & Hussain, 2009, p.204) e nos estudos das ciências da comunicação através da construção narrativa da gamificação (García-Avilés et al., 2022), podcasting (Bonini, 2022) e técnicas de storytelling (McErlean, 2018), no sentido de projectar no jornalismo a capacidade disponibilizada pelos sistemas de comunicação para “responder ao usuário” através da sua “participação na conversa” (Rogers, 1986, p.4). O progressivo alargamento de possibilidades tecnológicas haveria de abrir essas fronteiras no jornalismo para uma multiplicidade de caminhos de reaproximação aos cidadãos, tendo por base a ideia de que a interactividade produz relações baseadas na construção colectiva de artefactos e sentidos (Haddad & Brizuela, 2018, p.54):

“It is, it must be, a narrative that dissolves its forms and traditional functions, virtualizes them, reduces them to primary elements, to particles that must be later recomposed through connectivity operations” (Rodríguez Ruiz, 2009, p.25).

Considerando que a palavra interatividade se encontra ligada ao substantivo interação e ao adjectivo interativo, no sentido de designar uma relação dialógica que implica reciprocidade, isto é, uma troca comunicativa de recomposição das partículas comunicativas, adopta-se o conceito-síntese apresentado por Alejandro Rost:

“La interactividad es la capacidad gradual y variable que tiene un medio de comunicación para darle a los usuarios/lectores un mayor poder tanto em la selección de contenidos (interactividad selectiva) como en las posibilidades de expresión y comunicación (interactividad comunicativa)” (Rost, 2007, p.195).

A decisão encontra-se justificada no facto desta abordagem conceptual reconhecer a interactividade como uma capacidade gradual e variável permitida pelos meios de comunicação digitais para a interacção dos leitores com os conteúdos jornalísticos e por reconhecer ao mesmo tempo as possibilidades de expressão e comunicação dos designados leitores/usuários (Canga Larequi et. al., 2000). Referimo-nos aos vínculos que se estabelecem através dos novos modelos resultantes da reconfiguração das fronteiras tradicionais da comunicação bidireccional para a geometria variável da comunicação multidireccional, leitor/jornalista; leitor/leitores; leitor/leitor; leitor/protagonista da actualidade, ou seja, as novas fronteiras dos leitores/interactivos (Rost, 2007).

Esta permanente reconfiguração da sociedade em rede (Castells, 1996) continua a abrir sucessivas linhas de investigação na área do jornalismo e tem permitido a sua consolidação através dos estudos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas. É precisamente esse avanço que gera novas necessidades de construção de conhecimento sobre a relevância e o papel do jornalismo nas dinâmicas contemporâneas. Ramón Salaverría antecipa a necessidade de as futuras investigações irem além dos diagnósticos, no sentido de apresentarem “ideias e soluções” orientadas pela pesquisa qualitativa, mas esta dimensão interpretativa deverá considerar modelos de análise que permitam obter resultados susceptíveis de transferência de conhecimento para o mundo profissional:

“In studies on digital journalism, there is a dearth of academic contributions that are of use for solving the very serious problems of the media and journalists. After the disappointing evolution of the profession of journalism in recent years, it would seem justified for researchers to adopt a new approach by not simply observing, but making any proposals they can. More than data and diagnostics, journalism as a profession demands ideas and solutions” (Salaverría, 2019, p.15).

É com essa ambição de apresentar novas ideias e mais soluções que Berta García-Orosa e Xosé López-García falam na necessidade de as investigações trilharem

novos caminhos que contribuam para que os jornalistas possam tomar melhores decisões quanto aos desafios decorrentes daquilo que simplificam como “era digital” e consequente formação de “novos cenários” participativos assentes na conversação:

“The participatory nature of the media is one of the most characteristic features in digital native media, from conservative proposals such as the contribution through comments (...) to the creation of communities and the promotion of conversation” (García-Orosa e López-García 2020, p.11).

A interatividade representa por si só um desafio permanentemente renovado sobre quais as melhores formas de aproveitamento desse potencial narrativo, na medida em que se podem constituir como ecossistemas digitais que disponibilizam por si próprios meios para recolher, editar e difundir informações para diferentes propósitos (Hermida, 2010, p.301). O que permite questionar até que ponto a narrativa pode ser baseada em conteúdo – ou conectividade – e que nível de participação pode ou deve ser incluído na experiência narrativa:

“Although these two issues have been part of creative decision-making processes in media work before the Web, new technologies of production, distribution and communication are ‘supercharging’ them as the central dilemmas in the contemporary media ecosystem” (Deuze, 2005b).

Nesse sentido, importa também considerar os limites do jornalismo desenhados nos estudos que integram as suas análises no contexto de mudança marcada pelo refluxo da centralidade social da profissão e pelo surgimento dessas novas ferramentas de interactividade (Carlson & Lewes, 2012). Trata-se de encontrar referências de reflexão que considerem o respeito pelas regras éticas e deontológicas do jornalismo (Borger et al., 2013), mas sem que essas fronteiras se constituam como barreiras dogmáticas à interactividade. Caso contrário, a sua integração limitar-se-á a produzir espaços criticamente ilustráveis como “lazy interactivity” (Cuccu, 2009, p.279), ou seja, exercícios pontuais marcados pela resistência às mudanças na cultura de trabalho (Ryfe, 2021). É nesse sentido que se manifestam as críticas de diversos investigadores quanto ao desaproveitamento do “espírito democrático” da internet (Gillmor, 2006; Shirki, 2008, Briggs, 2010), isto é, criticam uma certa irredutibilidade na conservação do paradigma de controlo *top-down* (Lawrence et al., 2017, p.3) e uma resistência à mudança *bottom-up* (Min, 2015):

“Despite the promising interactive potential offered by Web 2.0, mainstream news organizations are often skeptical about the quality of contributions from non-professionals and restrict themselves to the publication of audience comments and content in particular sections” (Hermans et al., 2014, p.643).

As investigações académicas sobre o processo de constituição do jornalismo participativo como objecto de estudo identificam inúmeros artigos que começaram por proceder à sua integração como sinónimo de interactividade (Singer et al., 2001), mas essa realidade foi-se alterando à medida que o foco se transferiu para o estudo das práticas jornalísticas de produção e disseminação de notícias:

“As a result, participation is embraced in terms of more sources, illustrations to a story, free content, or a better connection with consumers, but kept at bay in terms of participants being co-decision makers or co-storytellers, positions that challenge journalists’ authority. Scholars, thus, conclude that professional journalism reduces participatory journalism to existing journalistic ways of working. This is represented in the semantic shift from ‘interaction’ to participation” (Borger et al., 2013, p.129).

Importa, pois, proceder à identificação das potencialidades comunicacionais da digitalização que se posicionem para lá da simples mudança semântica e que possam contribuir para incentivar a participação dos cidadãos no processo noticioso, no sentido de assumir a interactividade como uma “ponte entre o meio e os leitores/utilizadores” estabelecida através de diferentes mecanismos de selecção, intervenção e participação nos conteúdos do *medium* (Rost, 2014, p.53).

Sahyne Bowman e Chris Willis apontam para a representação deste território partilhado do jornalismo participativo como uma comunidade de genuína interacção, tendo por base as interligações promovidas pela conversação e pela colaboração. Também Doreen Marie Marchionni começa por situar esta conversação (“audience-centered”) no território da reciprocidade para reivindicar a criação condições concretas para que a audiência de junte à conversa:

“The manner and/or degree to which interpersonal, reciprocal exchanges between journalists and everyday citizens, whether mediated or unmediated, enhance news- work on matters of public import for the common good” (Marchionni, 2013, p.136).

A ideia seminal do “jornalismo como conversa” (Jamey Carey, 1987) decorre da necessidade de encontrar permanentemente novas abordagens conceptuais que permitam melhorar a qualidade do jornalismo através do envolvimento das audiências. Trata-se de uma acção colaborativa e colectiva que se traduz num processo contínuo de construção de uma comunidade multifacetada (Singer et al., 2011), mas acautelando que essa conversação por si própria não garante “soluções mágicas para resolver problemas” (Schudson, 1997, p. 307). É nesse sentido que Michael Schudson recusa a ideia absoluta da conversação como “alma da democracia” e que Risto Kunelius acrescenta que, tratando-se de um prática, um método e uma metáfora, a conversação não deixar de significar que, sem ela, “o jornalismo não terá corpo”:

“Creating a reasonable interaction between citizens and experts or politicians demands that journalism equals out the balance of power by offering its own resources and skills for the use of the citizens” (Kunelius, 2001, p.37).

Concebendo o jornalismo como essa conversa que permite aos jornalistas melhorarem o seu trabalho de interesse público em prol do bem comum, Doreen Marchionni fala na necessidade da participação ser “substancial” e cita em concreto as ferramentas digitais para essa aproximação (a notícia como comunicação humana):

“Journalism and conversation are companion concepts because one of journalism’s main roles is to promote talk among people about their own common involvement in public affairs (public conversation); because much news emerges from journalists talking with public officials and everyday people (interpersonal conversation) and journalistic aloofness and arrogance inhibit the process; and because audiences must see that the institution of journalism is responsive, listening carefully and being open to change as a result of communicating with the public” (Marchionni, 2013, p.138).

A autora procedeu depois ao estudo dos comentários como forma de conversação e alerta para a necessidade de se proceder à conciliação desse esforço participativo com a preservação da credibilidade dos jornalistas, na medida em que o “apelo à conversa” pode resultar em fórmulas discursivas demasiado informais:

“The conversation variable informality, meanwhile, proved somewhat problematic in regressions, as it did in earlier experiments. In no instance did it help with perceived credibility and expertise; and in several cases, it actually hurt, even in collaborative stories without comments” (Marchionni, 2014, p.243).

Este espírito de comunidade agregado pelo processo noticioso participativo (Lewis et al., 2013) beneficia com a moderação jornalística e a mobilização dos leitores como “uma extensão” por permitir aceder “vozes e perspectivas editoriais de diferentes origens étnicas e sociais”. Trata-se de envolver os leitores no processo noticioso, por exemplo, através da sua mobilização antes, durante e depois da elaboração da notícia²⁷:

“Participatory journalism helps develop real community around reporters, stories, and the media company’s brand experience. With a weblog, for example, a reporter has a place to extend reporting, interact with readers, exercise personal conscience, and share some level of personality that might be absent from his “unbiased” reports. These are elements that attract real community” (Bowman & Willis, 2003, p.55).

Alguns autores falam em “etnografia virtual” (Hine, 2000) para caracterizar este “esforço colaborativo” de actualização noticiosa permanente (Bruns, 2008) enquadrado num processo de mudança que passa pela migração dos modelos tradicionais de “gate-keeping to gate-watching”, tendo como dinâmica novas formas de interacção que reconfiguram parcialmente os centros de poder para aproveitar a “inteligência colectiva” e o “conhecimento das comunidades”:

“An alternative interpretation of the day’s events, and to round out industrial news and other sources by adding the backstory and providing further related (and often contradicting) information enabling readers to better assess for themselves and by themselves the quality and veracity of mainstream news stories, press releases, government and NGO reports, opinion pieces, and other material as it becomes available” (Bruns, 2008).

²⁷ Tendo em vista recolher o máximo possível de informação para uma reportagem sobre um incêndio durante um concerto de música num clube nocturno, ocorrido em 2003, em Rhode Island, o jornalista Frank Lennon criou um blogue no site do jornal *The Providence Journal* para actualizar a notícia em permanência. Primeiro, foram amigos e familiares das vítimas que começaram a disponibilizar novas informações sobre casos concretos, tendo sido depois seguidos por fontes institucionais que forneceram informações adicionais sobre o funcionamento dos clubes e contribuíram assim para a produção de novas notícias: “The readers became the sources as a community pooled its knowledge. The nature of this event, which involved so many people, so many questions and reporting spread all over the web, would have led to the invention of a weblog on the spot even if I hadn’t already been weblogging on the site” (Bowman & Willis, 2003, p.56). Em plena crise pandémica provocada pela SARS-CoV-2, o jornal *New York Time* utilizou *crowdsourcing* para solicitar aos cidadãos que partilhassem os comprovativos das suas despesas com sua saúde, por exemplo, tratamentos e testes. Os documentos foram submetidos através de uma nova ferramenta interactiva designada Attribute, tendo sido recolhidos centenas de contas que permitiram identificar padrões sobre o impacto financeiro nas famílias norte-americanas. A natureza participativa e o foco nos leitores revelou-se exemplar, na medida em que as reportagens permitiram corrigir assimetrias nos pagamentos de serviços médicos idênticos (Cfr: <https://letsgather.in/case-studies/how-the-new-york-times-used-crowdsourcing-to-uncover-long-financial-covid/>).

Podemos assim falar numa “cultura de participação” resultante dessa construção relacional que passa pelo “reconhecimento imediato” da experiência participativa, ou seja, passa por garantir que existe “algo de real” na participação que pode dinamizar a procura dessa interactividade e a sua posterior consolidação através de um processo de identificação mútua. Esse processo criativo de permanente procura permite identificar novos mecanismos de interactividade e desenvolver-se em si mesmo como uma resposta orgânica às ambições da cultura participativa:

“Growing towards participatory citizenship is not only an individualistic process, where a person learns useful skills for himself/herself, but also an interactive learning process in the context of one's environment and community. (...) The more ready and capable people are to participate, the more competent they are to be influential in their society and to improve their environment. The levels of action may divide people, leaving the receiver-users' marginalized and without a voice. The readiness to participate meaningfully requires both technical abilities and civic knowledge about how to influence decision-making” (Mäkinen, 2006, pp.384-385).

O desenvolvimento progressivo da ideia do jornalismo como uma conversa permanente no quadro da interactividade pode constituir-se como uma característica definidora do jornalismo participativo, na medida em que permite reaproximar o jornalismo dos cidadãos através da revisitação do sentido de comunidade (Paulussen & D'heer, 2013). A projecção da internet para lá das suas dimensões tecnológicas permite valorizar as conseqüentes mudanças culturais e sociais decorrentes das entusiásticas possibilidades de disseminação do conhecimento e levam alguns autores a compararem o seu surgimento com o impacto da invenção democratizadora da prensa de Gutenberg (Alves, 2006, p. 95). O que pode passar pela reconstituição de um território partilhado entre jornalistas e cidadãos na construção social da realidade através do enriquecimento do conteúdo noticioso e do aumento exponencial do raio de difusão:

“Within a news environment in which participation and relationship are foregrounded and the roles of producers and consumers are less distinct, journalists may be challenged to take reciprocity more deeply into account in their increasing interactions with news audiences (..) In particular, the ways that journalists view and apply reciprocal behaviors may be related to how they view and apply participatory journalism and other forms of online engagement. Further, these attitudes and behaviors may provide some indication of journalists' professional engagement at the community level, a component of communication that scholars have noted as significant in the strengthening of bonds within geographically or topically bound networks” (Coddington et al., 2014, p.3).

2.7 Tipos de interactividade

A interactividade no jornalismo tanto pode referir-se às ferramentas tecnológicas disponíveis, ao grau de interacção dos jornalistas com os cidadãos ou à capacidade destes para se envolverem no processo noticioso profissional (Min, 2015, p.7). Consideramos que deve ser entendida em todas as suas dimensões, isto é, enquanto princípio organizador no âmbito do “jornalismo conversacional” e na valorização do conhecimento existente fora dos circuitos, digamos para facilidade narrativa, tradicionais de recolha de informação:

“The highly networked publics today do not simply sit and take in every word from news reports, regardless of whether the information comes from professional or citizen journalists. They are gaining the ability to identify valuable information and call out bad information, which in the end will likely prove more reliable than simply trusting mainstream media outlets and their professionals based on belief in the brand and the promise of objectivity” (Min, 2015, p.8).

Alguns autores falam em “tradicionalismo cauteloso” para avaliar o relacionamento dos jornalistas com a interactividade (Chung, 2007) e outros em “jornalismo conservador” (Domingo, 2008) para descrever genericamente a “perplexidade” dos jornalistas perante esta simultaneidade de ameaças e oportunidades resultantes da digitalização (Boczkowski, 2004). O que pode conduzir para exercícios modestos de adaptação à mudança que se resumem a simples transferências da mundivisão da imprensa para a internet:

“The lack of interaction has led some researchers to conclude that most newspapers use their online versions as mirrors of their printed counterparts, where content from the latter is simply ‘lifted’ into the former without substantial augmentation. This transferring of content from print to web is often referred to as ‘shovel ware’ journalism, indicating that little or no adaptation to the new *medium* has been undertaken” (Larsson, 2012, p.197).

O potencial transformador do jornalismo participativo por via da expansão das ferramentas de interactividade na moldagem da relação com os cidadãos parece atenuar as críticas de alguns autores ao monopólio jornalístico (Gillmor, 2006; Shirky, 2008; Briggs, 2010) e abrir progressivamente portas que possam corresponder a um “afrouxar” dessas rédeas (Marchionni, 2013, p.135). Partimos da discussão tanto das possibilidades tecnológicas representadas pela digitalização para fomentar a participação dos cidadãos através da interactividade como da sua representatividade

enquanto transferência de poder no quadro de compromisso considerado na presente investigação, ou seja, a exploração de possibilidades de interacção e partilha.

A simples identificação dos recursos interactivos foi criando a necessidade de definição não apenas de diferentes conceitos de interactividade, mas também das suas diferentes tipologias. Mark Deuze começou por identificar três opções interactivas para “contar histórias”: interatividade navegacional, interatividade funcional e interatividade adaptativa. A primeira, permite ao leitor/usuário (Canga Larequi et al., 2000) ou leitor/interactivo (Rost, 2007) navegar de forma mais ou menos estruturada pelo conteúdo do site (através dos botões “próxima página” e “voltar ao topo”); na segunda, pode participar até certo ponto no processo de produção do site, interagindo com os produtores ou com outros leitores/usuários ou leitores/interactivos (através de acesso direto para hiperlinks e listas de discussão moderadas); e, por fim, Deuze descreve a interatividade adaptativa como correspondente a cada acção que tem consequências no conteúdo do site, na medida em que se adapta ao comportamento de navegação de cada usuário individual e “lembra” as suas preferências (Deuze, 2003).

Joyce Y.M. Nip estabeleceu depois uma separação entre o jornalismo interativo que permite aos leitores/usuários/interactivos a iniciativa após a publicação da notícia e o jornalismo participativo que os envolve no processo da sua construção. A busca pelas pegadas de interacção tem essencialmente em vista a identificação das potencialidades da digitalização na aproximação dos cidadãos ao jornalismo público:

Joyce Y.M. Nip (2006)

To connect to the community	To engage individuals as citizens	To help public deliberation in search of solutions
Listing of general email address/staff email addresses	News archive with or without search engine	Message boards about public affairs
Articles with email hiperlinks to authors	Customized news service	Chats
Posting form to contact newsroom/for letters to the editor	Hiperlinks to other sites designed to promote discussion, such as e-the-People	
	E-mail hiperlinks to candidates, officials, and institutions	
	Hiperlinks to sites such as government sites with general information or voting	

	information as well as election-related material, including candidates' personal/campaign sites and third-party information/advocacy sites	
	Interactive storytelling/games	
	Layering/hyperstory formulation of stories on civic issues or elections	
	Citizen blogs	
	Online pools	
	Opportunity to "talk back" on a story, editorial or letter to the editor	
	Citizen input (e.g. from message boards and blogs) used in stories, and/or editorials.	

Fonte: Adaptado de Nip (2006)

Esta proposta encontra-se estruturada nas potencialidades da interactividade para ligar os jornalistas às comunidades e proceder à sua integração no processo jornalístico, tendo em vista contribuir para a melhoria das decisões públicas sobre questões de interesse comum. Nesse sentido, os recursos interactivos focam-se na abertura de canais de recepção directa de contributos, promoção da discussão, ligação directa aos decisores, disponibilização de acessos a informação complementar, capacidade de resposta a conteúdos existentes e recolha de opiniões para criar padrões de análise sobre assuntos de interesse público. Tendo como objectivo valorizar a participação cívica nos processos de deliberação pública, Joyce Y.M. Nip reconhece a necessidade da introdução de técnicas de narrativa que potenciem a conversação dinâmica com os cidadãos e entre os cidadãos e cita em concreto as potencialidades da gamificação e do storytelling interactivo.

Diversos estudos procedem ao reconhecimento dessas potencialidades das narrativas transmedia através da aproximação do jornalismo às técnicas do storytelling, tendo como objectivo explorar formas de envolvimento das audiências, por exemplo através das multiplataformas que permitem configurar os conteúdos de forma flexível e atractiva (Thon, 2016; Gambarato, 2018). Alguns autores antecipam uma passagem da multimédia e interactividade para "convergência e transmedia" (Scolari, 2013, p.16)

e outros tendem a focar-se na semiótica para valorizar a interacção como espaço onde os cidadãos se podem expressar discursivamente através da produção de enunciados:

“Espacios de intervención del lector: aquellos sectores del diario que de algún modo se encuentran ‘intervenidos’ o ‘penetrados’ por la actividad del lector, a partir de algún tipo de acción por el ejecutada que ha dejado una huella en la interfaz del periódico (con excepción de la producción de enunciados): por ejemplo, los rankings (de notas más leídas, más comentadas o más votadas y de usuarios destacados), las encuestas, la votación de notas, el reporte de abuso en comentarios, y el listado de lecturas relacionadas; espacios de participación del lector: aquellos espacios del diario donde el lector puede manifestarse discursivamente produciendo enunciados” (Alselmino, 2012, p.118).

Fazendo avançar a tipologia navegacional, funcional e adaptativa apresentada por Mark Deuze na viragem do milénio, Deborah S. Chung define interactividade como uma “construção multidimensional” baseada no *continuum* expresso através da interatividade humana no *medium* configurada em diferentes categorias. Nesse sentido, apresenta uma proposta de recursos interactivos dividida em i) recursos interativos do *medium* que permitem aos leitores mais controlo ou opções de escolha na experiência de notícias ii) recursos interativos *medium*/humanos que permitem que os leitores-usuários personalizem as notícias ao seu gosto iii) recursos interativos humanos/*medium* que permitem aos leitores-usuários exprimir suas opiniões pessoais iv) características interativas humanas que facilitam a comunicação interpessoal online:

Deborah S. Chung (2008)

Interactive features	Human/ <i>Medium</i>	<i>Medium</i> /Human	Human	<i>Medium</i>
Submit stories function		Customized weather	Message boards	Audio files
Submit photos function		Customize topics	Chat functions	Video files
Submit news tip function		Customized headlines	Q&A (live chats)	
Reporter/editor email hiperlinks		E-mail updates/alerts		
Letters-to-editor				

Fonte: Adaptado de Chung (2008)

A configuração da interactividade através da relação humana com o *medium*, expressa através das ferramentas disponibilizadas aos cidadãos, representa um importante avanço conceptual, mas as possibilidades da multidimensionalidade foram evoluindo com naturalidade para a reivindicação concreta da atribuição de algum tipo de controlo não apenas na selecção das notícias, mas também na sua criação. Ernest Abadal e Javier Guallar começaram por descrever a evolução dos mecanismos disponibilizados pela digitalização, e.g., navegação através de botões de clique, motores de busca incorporados para aceder a mais informação, personalização de acesso de novos conteúdos e de arquivamento personalizado, serviços de alerta, *ranking* de notícias mais lidas, etc, tendo em vista consolidar as principais diferenças entre jornalismo digital e jornalismo impresso:

Imprensa Digital	Imprensa Escrita
Interactividade	Unidireccionalidade
Multimedialidade	Texto
Hipertextualidade	Linearidade, sequencialidade
Actualização permanente	Periodicidade
Personalização	Generalização
Memória (arquivo de documentação)	Imediatismo

Fonte: Adaptado de Abadal & Guallar (2010)

Partindo desta clarificação, os autores definiram a interactividade como um conjunto de possibilidades para os leitores se relacionarem com o meio, mas insistindo na necessidade da atribuição de algum tipo de controlo não apenas na selecção das notícias, mas também do processo produtivo jornalístico.

“En un sentido amplio, se refiere a la posibilidad de que los usuarios puedan actuar, relacionarse o comunicarse con el medio. se pueden establecer estadios o niveles de mayor intensidad: desde el establecimiento de canales de comunicación multidireccionales entre periodistas y lectores, hasta la existencia de mecanismos que permitan que el usuario pueda tener algún tipo de control de los contenidos, formando parte del proceso de creación y selección de las noticias” (Abadal & Guallar, 2010, p.43).

Os autores chegam mesmo a afirmar que o desenvolvimento máximo da interatividade deveria permitir que o usuário tivesse ao seu dispor instrumentos para modificar a forma e o conteúdo do ambiente noticioso em tempo real. Esta evolução

terá sido genericamente encarada na perspectiva das novas ferramentas de distribuição ou como uma extensão dos meios tradicionais e menos naquilo que se apresentava de verdadeiramente original. Uma atitude de simples transferência que alguns autores classificam como “preguiçosa” e “limitada” por parte dos jornalistas:

“O medo de canibalizar o meio tradicional e a preocupação em obter lucros imediatos limitaram bastante o ímpeto inovador, mesmo quando os problemas iniciais de acesso (velocidade das conexões, por exemplo) foram sendo eliminados. A utilização de narrativas que aproveitassem o hipertexto e a multimídia foi deixada de lado, enquanto se optava por ficar com o mais fácil: tomar emprestada uma linguagem mais simples, baseada principalmente em texto e na reciclagem de material já usado em outro meio, desperdiçando-se as novas possibilidades narrativas que a internet oferecia” (Alves, 2006, p.94).

Esta marginalização acentuou-se com a regulação cada vez mais musculada da participação e empurrou os leitores para novos espaços comunicacionais, isto é, os blogues e as redes sociais (depois os podcasts) constituíram-se como a grande viragem, na medida em que disponibilizam novas formas de aceder, editar e difundir através da interactividade personalizada e característica da interactividade comunicativa:

“Em duas décadas, os leitores tornaram-se mais visíveis. Esta maior visibilidade dos cidadãos na construção da atualidade não só está a afetar o mundo digital mas toda a ecologia dos *media*. Os jornais impressos publicam repercussões das notícias nas redes sociais, mostram os resultados de pesquisas digitais e escrevem sobre o mais comentado nos sites; na rádio, leem-se as mensagens que os ouvintes publicam nas páginas do meio no facebook e as mencionadas no twitter; os noticiários televisivos incitam a participar com *hashtags* no twitter e *posts* no facebook” (Rost, 2014, p.66).

A interactividade configura-se através da relação humana com o *medium*, ou seja, não se trata somente de disponibilizar ferramentas de interactividade, mas de partilhar algum tipo de controlo com os cidadãos. Trata-se de considerar um território que respeite a cultura profissional dos jornalistas e o aproveitamento das sucessivas possibilidades narrativas da multidimensionalidade. O que implica distinguir diferentes níveis de interactividade por expressarem diferentes níveis de compromisso.

Jaime Suau e Pere Masip apresentaram uma proposta dividida em três camadas: interactividade selectiva, interactividade participativa e interactividade produtiva. A primeira refere-se à possibilidade de interacção com os conteúdos disponibilizados

pelos meios de comunicação através da personalização dos temas; a segunda, aprofunda essa relação através da permissão de comentários ou outro tipo de contribuições que não constituam material potencialmente informativo; e, por fim, a interactividade produtiva como território de permite a publicação de conteúdo original. A sua aplicação a quatro sites noticiosos aponta para uma concentração de ferramentas correspondentes à interactividade participativa que se focam na valorização da opinião e avaliação dos conteúdos produzidos pelos jornalistas. Os autores lamentam a ausência de diálogo resultante da reduzida presença dos mecanismos de participação que possibilitam maior protagonismo através da partilha de conteúdo próprios, ou seja, aquilo que designam como interatividade produtiva:

“No existeix llavors un autèntic diàleg entre usuaris i mitjà, perquè, en aquells casos on són els usuaris els que comenten les notícies publicades pel mitjà, aquest no participa en la conversa e i tampoc proporciona mecanismes per contactar amb l'autor o amb la secció corresponent” (Suap & Masip, 2011, pp.93-94).

2.8 Modelos de avaliação

Alejandro Rost procede a uma análise desta proposta introduzindo a relevância do grau de interactividade e a sua dependência das opções interactivas disponíveis, da visibilidade atribuída ao conteúdo do leitor e da sua integração com conteúdos produzidos pelos jornalistas, ou seja, o papel que pode ocupar no processo noticioso. Depois de colocar em perspectiva a natureza da interactividade selectiva, exemplificando com as possibilidades de leitura do jornal impresso e de visionamento televisivo (poder de escolha), o autor centra-se na interactividade comunicativa. O conceito consolida a sua validade tanto pelas suas características tecnológicas como pela sua natureza participativa, na medida em que se trata da possibilidade dos meios de comunicação permitirem a participação dos cidadãos “tanto na selecção de conteúdos (‘interactividade selectiva’) como em possibilidades de expressão de comunicação (‘interactividade comunicativa’)” (Rost, 2014, p.55).

Segundo Alejandro Rost, a interactividade selectiva refere-se às possibilidades de controlo quanto ao recebimento dos conteúdos, isto é, aos factores que determinam as possibilidades de interactividade, e.g., hipertexto, ligações semânticas, navegação, hemerotecas, etiquetas, alertas, etc; enquanto a interactividade comunicativa diz

respeito concretamente aos conteúdos gerados fora dos meios, ou seja, as possibilidades de comunicação e de expressão entre os cidadãos e os jornalistas, e.g., comentários, fóruns, chats, correcções, envio de fotografias e vídeos, etc. (Rost, 2014, pp.57-58).

Alejandro Rost (2014)

	Interactividade Selectiva	Interactividade Comunicativa
Interactuantes	Interacção com os conteúdos	Interacção entre pessoas
Tipo de interacção	Relação com o sistema	Presença dinâmica de emissores e receptores
Papel do leitor	Receptor interactivo de conteúdos	Receptor e produtor interactivo de conteúdos
Opções	Ligações hipertextuais, motores de busca, infografias, modalidades de personalização, RSS	Comentários, blogues, fóruns, entrevistas abertas, <i>chats</i> , envio de notas/fotografias/vídeos.

Fonte: Adaptado de Rost (2014)

A aceitação do contributo antes e durante o processo de produção noticiosa pode ser vista numa perspectiva alargada, na medida em que o envolvimento permite o reconhecimento dos cidadãos e favorece a disseminação do conteúdo, ao mesmo tempo que cria dinâmicas colaborativas que permitem detectar eventuais imprecisões e fornecer novos ângulos de abordagem noticiosa através da sua participação no processo comunicativo:

“The simple fact that people actually can interact and can create their own content in the newspaper - which they could do only to a limited extent in an earlier era - cannot be discounted as a potential tool for audience power” (Jönsson & Örnebring, 2018, p.151).

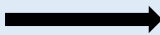
Chris Peters e Tamara Witschge posicionam-se precisamente para lá daquilo que descrevem como as narrativas tradicionais sobre as funções do jornalismo na democracia para se projectarem na importância das transformações participativas, isto é, assumir como “centralidade analítica” a interacção através das ferramentas digitais.

“(…) There is a distinction between prominent conceptualizations of digital journalism, in which audiences are seen as active co-participants, invoked to argue that journalism is becoming democratized, and that of the former grand narratives, wherein audiences were mostly separate

from journalism, which facilitated different democratic functions on its behalf” (Peters & Witschge, 2014, p. 24).

Os autores advertem que, mais do que “celebrar as novas tecnologias” pelo seu potencial, importa questionar a relevância da sua utilização em termos de oportunidades realmente disponíveis, no sentido de identificar os níveis de participação:

Chris Peters e Tamara Witschge (2014)

Nível de Participação	Mínimo		Máximo
Visibilidade e presença da audiência	Como resposta apenas a alguns itens	Como autores de textos em áreas designada.	Como contribuintes estruturados na plataforma.
Nível hierárquico da participação	Respostas baseadas em questões prévias sem interação jornalística	Interação com outros membros da audiência e/ou jornalistas, mas com impacto limitado	Diálogo e conversa baseada em contributos com impacto na produção noticiosa.
Etapas de produção	A notícia é apresentada como produto acabado.	Durante o processo de produção noticioso.	Durante a planificação do processo noticioso para participar na definição da agenda e dos ângulos das notícias

Fonte: Adaptado de Peters & Witschge (2014)

Trata-se de um modelo de relevância para a investigação, na medida em que se posiciona na análise do nível de participação dos cidadãos através dos mecanismos de interactividade disponibilizados pelos jornalistas. Os autores explicam que estes pontos de realização (“realisation points”/”entry points”) permitem avaliar tanto a visibilidade como a presença dos cidadãos no processo noticioso para “falar dentro da redacção”:

“(…) Participatory tools are employed in a selective fashion, and journalism is a long way from allowing audiences to share information jointly, co-monitor those in power, represent themselves in public affairs, and get into contact with political actors directly. This may not be surprising, given the commercial pressures and the continued (self-)understanding of journalism as a separate profession. However, the rhetoric that connects these tools to democracy often suggests that a fundamental shift of power is occurring and invokes a stronger role for the audience than that with which it is currently furnished” (Peters & Witschge, 2014, p. 28).

A interactividade deve ser ponderada para além das ferramentas disponibilizadas pelo *medium* para ser considerada nas relações estabelecidas e na partilha de controlo sobre o processo de produção numa perspectiva de multidimensionalidade. Trata-se de uma relação dialógica que viabiliza uma troca comunicativa em termos de reciprocidade. Os níveis de participação podem ser avaliados desde a interactividade selectiva à participativa, tendo como nível mais elevado a interactividade substantiva correspondente à produção de enunciados, ou seja, a possibilidade de publicação de conteúdo original.

2.9 A evolução da interactividade

Os estudos de caso relevam-se de enorme importância por permitirem identificar diferentes mecanismos de interactividade e as respectivas avaliações sobre a sua aplicação concreta. Ao mesmo tempo, permitem criar quadros cronológicos que podem ser mobilizados para analisar as suas tendências evolutivas no território do jornalismo profissional (Deuze, 1999). Esta perspectiva dinâmica permite não apenas avaliar o sucesso e o insucesso circunstancial de cada ferramenta de interactividade (enquanto poder do usuário para influenciar o fluxo da comunicação e a mensagem), mas também proceder à sua integração no quadro da problematização da investigação.

A exploração das potencialidades da interactividade como ferramentas do jornalismo participativo colide frequentemente com as fronteiras éticas e deontológicas do processo de construção noticiosa e com as limitações materiais das próprias redacções. Talvez devamos reafirmar que se trata de um processo de mudança que tem como principal característica a ascensão das audiências para co-participantes da produção de notícias, mas a realidade continua a revelar dificuldades nesse processo de configuração do jornalismo participativo como a *própria* mudança.

Os estudos desenvolvidos ao longo dos últimos anos reconhecem esforços de adaptação, mas parecem apontar para uma dissonância entre a teoria e a prática em grande medida baseada nas barreiras ao reconhecimento de um papel dos cidadãos no processo de co-produção. Por outras palavras, apesar da massificação dos discursos sobre inovação, a mudança encontra-se nas mãos dos jornalistas e nas suas decisões específicas sobre o processo de construção das notícias. É nesse sentido que alguns autores tentam superar as modas semânticas, ou seja, colocam em perspectiva a

mudança como uma passagem da oportunidade para um mito que depois se transforma num problema (Domingo, 2008) por via de um certo utopismo tecnológico (Katz, 2005) ou “ilusão interactiva” (Karlsson et al., 2015).

A onda de esperança que se foi levantando desde a década de 90 poderá estar a esvaziar-se lentamente? Estará a estrutura hierárquica do jornalismo a resistir à tecnologia como força impulsionadora da mudança? Ou as “tecnologias da liberdade” começam a transformar-se no próprio problema devido ao entusiasmo exagerado?

Os estudos do jornalismo têm defendido a necessidade desta mudança como um caminho para a reaproximação aos cidadãos e um conseqüente reforço da cidadania e da qualidade da democracia. É a configuração desta mudança como objectivo que tem produzido um campo teórico dividido entre *optimistas* e *pessimistas*, tendo por base um ambiente de *tensão* que resulta em grande medida do confronto dessa configuração teórica com a realidade. Uma tensão também marcada pelo surgimento de uma “nova geração de comunicadores” fora do jornalismo (Seib, 2022) que continua a traduzir-se na perda de monopólio dos jornalistas na vigilância da esfera pública.

Os riscos de um consenso forçado e a hegemonia discursiva devem ser evitados, na medida em que a questão não repousa apenas sobre as características tecnológicas, mas também sobre a sua apropriação pelos jornalistas e os riscos de uma súbita desintermediação. Nesse sentido, devemos considerar uma amplitude de reflexão que se projecte desde a personalização e agregação de conteúdos (com impacto na coesão das metas-narrativas jornalísticas) até ao envolvimento directo e deliberado dos cidadãos no processo de construção noticiosa (utilizadores e produtores como co-criadores). É nesse sentido que David Domingo sugere uma abordagem construtivista da inovação como um processo aberto que pode ter resultados diferentes em diferentes ambientes (Domingo, 2008, p.684). Os jornalistas reconhecem que a interactividade permite construir uma relação de novo tipo com os cidadãos, mas a aplicação dessas ferramentas parece revelar um desenvolvimento ainda insípido, na medida em que parecem ser mais direccionadas para captar a atenção e menos para fomentar a prática:

“Forums, the most commonly analyzed feature, were not a common option in 1999: 33% US online newspapers provided them (Schultz, 1999), 20% in Asian news sites (Massey and Levy, 1999). In the global sample of Kenney et al. (2000) only 17% of the sites had forums, while half of the Flemish sample of Paulussen (2004) offered this feature in 2000. Van der Wurff and Lauf

(2005) stated that only 40% of the websites of the leading newspapers of sixteen European countries had a user forum in 2003. Interviews with US online editors (Paul, 2005) and content analysis of thirteen European online newspapers (Fortunati et al., 2005) highlighted that reporters were seldom involved in the users' debates. Hermida and Thurman (in press) detected a dramatic increase of user participation features in UK online newspapers from 2005 to 2006, when the concept of participatory journalism gained widespread acknowledgment in the professional literature" (Domingo, 2008, p.688).

Tendo em consideração estas linhas gerais de orientação, procedeu-se à constituição de uma amostra de dezassete estudos de caso que compreendem um recorte cronológico de duas décadas de investigações (1999 e 2020) variando entre “retratos do momento” e evoluções dinâmicas ao longo do tempo. Incluem diversidade na tipologia dos meios de comunicação social analisados (sites de jornais, rádios e televisões) e variedade geográfica, social e política (Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Canadá, Croácia, Eslovénia, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Índia, Israel, Portugal e Reino Unido). Reflectindo a sua natureza multidimensional, os estudos consideram igualmente diferentes tipos de interactividade e as metodologias seguidas pelos investigadores acompanham este pluralismo, na medida em que variavam entre estratégias de investigação assentes na etnografia das redacções, análise de conteúdos, estudos das estruturas dos sites e entrevistas com os jornalistas.

2.9.1 Relutância e horror

Numa fase inicial da interactividade, Tanjev Schultz identificou como ferramentas de comunicação interactiva a disponibilização de endereços electrónicos dos jornalistas, salas de conversação síncrona e espaços de debate, e antecipou com sentido de oportunidade algumas características potenciadoras do discurso interativo e a sua capacidade na construção de vínculos entre jornalistas e cidadãos:

Tanjev Schultz (1999)

Estudos de caso a 100 sites seleccionados por amostra estratificada

E-mail	Pode servir como um meio rápido e assíncrono de comunicação interpessoal entre jornalistas e leitores.
Chats ao vivo	As salas de debate podem ser orientadas por moderadores e dinamizadas com tópicos

	previamente definidos de discussão. Podem igualmente ser disponibilizados hiperlinks para contextualizar o debate.
Inquéritos	A ausência de validade científica não permite extrapolações representativas, mas podem ser utilizados para fomentar discussões com os leitores.
Fóruns online	Usando postagens publicadas na internet, os leitores podem comentar artigos e tópicos de notícias.

Fonte: Adaptado de Schultz (1999)

A análise exploratória de 100 jornais online permitiu identificar muitas opções interactivas de carácter simbólico e levou o autor a apelar à criatividade dos jornalistas para introduzirem funcionalidades adicionais, incluindo a produção de notícias em “estreita colaboração” com os leitores. Trata-se, aliás, de um ponto muito valorizado por Schultz: reconhecer a importância da moderação jornalística para fomentar a conversação num território fortemente marcado pelo conservadorismo:

“At the moment, however, many newspapers seem reluctant to enter new territory at all. While most news media are represented on the internet, they do not necessarily employ the specific tools characteristic of the *medium*. In fact, some journalists appear horrified at the idea that readers want to engage in a discussion with them” (Schultz, 1999).

2.9.2 News-makers do momento

Assumindo como objectivo definir um “verdadeiro jornal digital interactivo”, Alejandro Rost procedeu à identificação das diferentes formas de expressão tecnológica disponibilizadas pelos meios de informação para que os cidadãos tenham “maior poder na construção da actualidade”. Partindo das possibilidades decorrentes da selecção (interactividade selectiva) e da comunicação (interactividade comunicativa), o autor analisou três jornais durante o período de 2001 e 2004, tendo apresentado um considerável conjunto de propostas concretas:

Alejandro Rost (2007)

Baseado nos estudos de caso *El Pais, El Mundo, Clarin e La Nación Line* (Rost, 2006)

<p>Primeira página feita pelos cidadãos como editores colectivos</p>	<p>Estabelecem uma agenda alternativa através da votação das notícias que consideram mais importantes numa escala da valorização de 1 a 3 ou de 1 a 5. A primeira página automática é gerada através das notícias mais lidas e a primeira página dos leitores decorre das notícias consideradas mais importantes.</p>
<p>Comentários debaixo de cada notícia</p>	<p>O leitor deve poder intervir imediatamente sob cada notícia para evitar o endosso da sua participação para secções separadas da actualidade. Tornaria possível que cada secção do site se tornasse num Weblog específico e todo o site numa uma gigantesca rede de blogues de construção colectiva com uma primeira página comum. Outra alternativa interactiva seria convidar os leitores a construir seus próprios Weblogs com base em determinadas notícias ou actualidade.</p>
<p>Comentários editados</p>	<p>Tendo em consideração o potencial de volume, torna-se necessário proceder a algum tipo de edição e priorização para garantir a qualidade da leitura e valorizar os melhores comentários “perdidos” na multidão, por exemplo, através da atribuição de maior visibilidade aos comentários mais citados por outros leitores ou por eles avaliados em escalas de a 1 a 3. Produzir notícias e reportagens sobre os temas mais discutidos pode ser outra forma de valorização dos contributos dos cidadãos e do debate público.</p>
<p>O usuário está em todas as notícias</p>	<p>O leitor deve poder intervir em todos os conteúdos para comentar, fornecer informações, sugerir notícias relacionadas ou sugerir sites relacionados. O que pressupõe a existência de mecanismos jornalísticos de verificação de veracidade e de actualidade.</p>
<p>Gestão pessoal e comunitária dos conteúdos</p>	<p>Tendo em vista a avaliação das notícias pelos leitores, incorporar em cada notícia ícones de hiperlinks para sites externos que facilitem e promovam a produção de informações pessoais e comunitárias (classificar, compartilhar, avaliar, comentar ou preservar o conteúdo que o usuário encontra na internet).</p>

Envio de fotos, áudios e vídeos	Aproveitar o potencial noticioso da massificação dos dispositivos individuais com câmaras existentes “em cada rua da cidade”
Secção Wiki	Permite a qualquer usuário criar artigos de domínio público e editar qualquer conteúdo no mesmo ambiente, por exemplo, em conteúdos permanentes: os leitores preparariam artigos ou reportagens especiais de forma colaborativa como “editores e redatores das notícias” usuários. Esse poder pode ser atribuído apenas a leitores cadastrados.
Entrevistas em linha hierarquizadas	Este espaço deve promover a participação e disponibilizar conteúdos de actualidade, isto é, deve estar editado com títulos atractivos, <i>leads</i> , hiperlinks relacionados, documentação, áudio, vídeo e fotos.
Entrevistas assíncronas	Entrevistas organizadas como um fórum de debate para promover o diálogo e a participação.
Leitores conectados online	Fóruns e chats contribuem para a formação de cibercomunidades baseados em conteúdos actuais, e.g., fóruns que reúnam fãs ou especialistas em temas específicos.
Leitores conectados online	Fóruns onde usuários respondem a perguntas de outros usuários através de perguntas de engajamento para fomentar a participação.
Pesquisas abertas	Pesquisas com ciclos diários cujos resultados são apresentados na mesma página inicial. Trata-se simultaneamente de uma forma de participação e de fornecimento de informação resultante do elevado número de participantes. Devem ser apresentadas de forma original e atractiva, com várias opções de voto e com informações de fundo, acompanhadas de informação de enquadramento. Cada resposta possível deve ser associada a um espaço de escrita para que o eleitor possa justificar a opção escolhida, tendo em visto criar uma segunda camada de aprofundamento para enriquecer o debate
O leitor no arquivo	O que o usuário diz merece ser arquivado para permitir uma rápida recuperação. Pesquisas, entrevistas online e fóruns devem ter arquivos organizados por secções temáticas e cronologicamente. Devem também incluir

	mecanismo de busca e, eventualmente, índices que facilitem a recuperação rápida de informação.
Responder a emails	O correio electrónico exige tempo e comprometimento dos jornalistas para que as dúvidas e preocupações dos usuários bem-intencionados possam ser respondidas e tornadas espaços interativos. Por outro lado, os endereços electrónicos das fontes e protagonistas devem ser igualmente divulgados para que os leitores possam estabelecer contactos diretos.

Fonte: Elaboração própria a partir de Rost (2007)

Alejandro Rost reconhece a necessidade da atribuição de competências jornalísticas aos cidadãos, que poderão até dispensar tanto a edição como a própria supervisão jornalística, no sentido de criar um quadro de auto-gestão em algumas ferramentas da interactividade colectiva, por exemplo, organizar os leitores como editores e atribuir-lhes responsabilidades nas diferentes fases do processo noticioso:

“Otra alternativa más controlada que el *Wiki* pero igualmente democrática y colaborativa para la elaboración de contenidos no urgentes es dejar todo el proceso (redacción, edición, valoración y jerarquización) a usuarios registrados que intervienen alternativamente en distintas etapas” (Rost, 2007, p.379).

Ao mesmo tempo que sugere que as notícias disponibilizem opções de comunicação directa tanto com o jornalista como com as suas fontes originais, Rost apresenta propostas centradas precisamente na produção de notícias, ou seja, defende a abertura do jornalismo aos leitores como “*news-makers* do momento”:

Campanha eleitoral no site	Criação de espaços especiais de expressão para os políticos promoverem suas ideias e dialogarem com os cidadãos durante as campanhas eleitorais. Divulgação e comparação de propostas, realização de pesquisas, fóruns e entrevistas on-line regulares com os candidatos.
O artista é mostrado e o usuário valoriza	Os artistas devem ter uma página gratuita de classificados para anunciar recitais, exposições, performances, exposições, espectáculos, etc.

	Esta página pode ser organizada por cidade e tipo de actividade artística e funcionaria como um guia completo de lazer. Os leitores poderiam publicar as suas avaliações críticas e valorizadas por rankings e fóruns.
<i>News-makers</i> do momento	Aproveitamento da notoriedade de personagens ou grupos em determinados momentos através da concessão de espaços específicos com opções interativas de expressão e de comunicação síncrona e assíncrona. Funcionaria como uma seção gerenciada pelos próprios <i>news-makers</i> que poderiam contar, conforme as necessidades, com um weblog, uma wiki-seção, fóruns, inquéritos, chats e entrevistas online.

Fonte: Elaboração própria a partir de Rost (2007)

Nas conclusões, consolida a interactividade como “um nó de múltiplos relacionamentos” com diferentes níveis de profundidade e com um repertório coerente e coeso de alternativas de acesso ao conteúdo, mas cujo sucesso depende da disponibilidade do *medium* para criar novas rotinas produtivas de comunicação e definir estratégias para motorizar a participação cidadã, tendo como orientação uma partilha tanto de espaço como de poder com os leitores. O que passa pela aceitação dos cidadãos no “processo de construção da actualidade” (Rost, 2007, p.384).

2.9.3 O refluxo do jornalismo de ideal cívico

No âmbito dos seus diversos estudos sobre jornalismo público, Joyce Nip propôs-se avaliar a sua “herança” através da análise das práticas jornalísticas do jornal *Savannah Morning*, tendo como orientação a concepção do jornalismo cívico enquanto movimento social e as esperanças que aportou durante a década de 90. Nesse sentido, importava verifica se o refluxo representa a *morte do rótulo* ou se as suas práticas foram simplesmente integradas como “bom jornalismo”.

O jornal operacionalizou um painel consultivo com o objectivo de permitir a entrada dos cidadãos na agenda noticiosa e aceitou que as suas escolhas fossem consideradas para a primeira página, mas todo o processo noticioso ficou preservado na esfera exclusiva da produção jornalística. O facto de o painel reunir apenas bi-

mestralmente leva Nip a sugerir que uma maior regularidade levaria à uma diferente formatação da agenda noticiosa, bem como o envolvimento dos cidadãos (também) nos valores noticiosos. A disponibilização do número de telefone dos jornalistas e o seu endereço de e-mail em cada notícia por si assinada permitiu o contacto directo dos cidadãos e a consequente inclusão das suas citações em secções especialmente vocacionadas para essa proximidade, mas a interacção baseou-se em respostas a questões previamente colocadas pelos jornalistas.

O projecto de incentivo às contribuições dos cidadãos como *freelancers* não remunerados em áreas geográficas de fraca penetração jornalística visava dar voz às comunidades locais e servir como base de recrutamento de jornalistas estagiários, mas o projecto *Closeip-SMN* fracassou devido ao reduzido número de participação e de captação de novos profissionais. Tal como a disponibilização prévia de regras de escrita, tendo por base os activadores da notícia e a definição de espaços com design específico para o leitor agir *como cidadão* e contribuir para a melhoria das notícias:

Joyce Nip (2008)

Estudo de caso *Savannah Morning News*

Organização de painéis consultivos de leitores	Escolher quais as notícias produzidas por jornalistas podem ser incluídas na primeira página.
Listagem dos contatos dos jornalistas	Número de telefone e endereço de e-mail dos jornalistas juntamente com a assinatura da autoria da notícia.
Utilização de citações de cidadãos em “ <i>vox populi</i> ”	Citações breves dos cidadãos como resposta a questões colocadas por jornalistas.
Uso de contribuições <i>freelance</i>	Permite que os cidadãos escrevam sobre assuntos de proximidade relativos às suas comunidades locais.
Disponibilização de diretrizes de escrita e de design aos leitores	Regras de escrita previamente definidas pelo jornal para permitir contributos directos dos cidadãos.

Fonte: Elaboração própria a partir de Nip (2008)

Segundo a autora, os cidadãos podem fazer parte das histórias de duas maneiras i) quando citados como fontes de notícias e ii) quando contam as suas opiniões

ou histórias com suas próprias palavras, sendo que este mecanismo lhe confere maior controlo sobre o conteúdo e representa uma característica forte do jornalismo participativo (Nip, 2008, p.187). O que omite, por exemplo, o debate resultante da agregação de comentários e as narrativas decorrentes das partilhas entre cidadãos como potenciais componentes de integração dos cidadãos a jusante do processo noticioso.

O estudo reconhece os consideráveis esforços do jornal estudado como um projecto de jornalismo cívico e cita como exemplos a criação de equipas específicas e a definição de práticas e rotinas de proximidade. Porém, os termos da conversa deliberativa acabaram por condicionar o resultado final, tanto por falta de recursos humanos, como de entusiasmo dos jornalistas, ou seja, como se o projecto participativo não fosse a essência do próprio projecto jornalístico:

“Although the team structure has been seen as a form that facilitates civic journalism, not every journalist in the SMN concurred with this view. When civic journalism took the form of projects, team editors who were not involved might be unwilling to release their reporters from their daily reporting duties” (Nip, 2008, p.192).

A desejada relação recíproca perfilada pelo jornalismo público abrandou em direcção a uma morte anunciada, mas manteve-se tanto a necessidade de encontrar formas de reencontro dos jornalistas com os cidadãos como a ideia de que a sua concretização passa por uma redefinição das fronteiras para que o jornalismo se assuma mais como uma conversa e menos como uma palestra (Gilmor, 2004; Kunelius 2011).

2.9.4 Relutância geral

David Domingo, Thorsten Quandt, Ari Heinonen, Steve Paulussen, Jane B. Singer e Marina Vujnovic começaram por desenvolver um modelo que define o ciclo de produção noticiosa baseado em etapas, tendo depois procedido à sua aplicação em 16 jornais online de 10 países diferentes. Trata-se de uma grelha de análise que estrutura o controlo jornalístico no fluxo noticioso desde o momento inicial de acolhimento de sugestões, seguido da decisão sobre o que deve ser noticiado e da sua produção editorial e formatação. Estes níveis revelam uma forte hierarquia jornalística e a participação nas fases finais acaba por ter maior expressividade nas dimensões relativas à recepção.

Quadro 2 Modelo de processo de produção noticiosa

Etapa	Descrição
Acesso/Observação	Fase inicial do processo de recolha de informações para produzir notícias através de relatos de testemunhas e outras contribuições.
Seleção/Filtragem	Quando são tomadas as decisões sobre o que deve ser publicado.
Processamento/Edição	A história é criada através da redacção e edição do conteúdo noticioso.
Distribuição	A história é disseminada para leitura e, potencialmente, discussão.
Interpretação	Momento em que a história é publicada e aberta para comentários e discussão.

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo et al. (2008)

Os autores procederam à avaliação de jornais da Bélgica, Croácia, Finlândia, França, Alemanha, Espanha, Eslovénia, Reino Unido e Estados Unidos, tendo como objectivo definir um conceito para jornalismo participativo para depois determinar quais as suas formas de expressão concreta. Rejeitam o carácter eventualmente normativo sobre os termos de uma mudança da relação entre o jornalismo institucional e os cidadãos, na medida em que se referem à análise de *como* jornalismo institucional capacita e envolve os cidadãos como uma “curiosidade académica”:

“This article is an initial effort to explore the extent to which the current development of audience participation opportunities in online newspapers is redefining journalistic culture, values and practices. We want to examine online media to see when and how institutional journalism accommodates the public’s capacity to participate in news communication as more than mere receivers” (Domingo et al., 2008, p.327).

Os seis investigadores não procederam à análise de conteúdo nem realizaram entrevistas com os jornalistas responsáveis pelos espaços participativos para entender a lógica de funcionamento e as consequentes dinâmicas de cooperação, na medida em que se focam na análise dos sites para identificar oportunidades de participação e respectivas regras. O modelo de análise dividiu a participação em espaços relacionados com as notícias, espaços de comentários e debates e recursos das redes sociais:

Estudos de caso *De Standaard, Gazet van Antwerpen, Jutarnji List, Dnevnik, Iltalehti, Helsingin Sanomat, Le Monde, Le Figaro, Spiegel (weekly in print), Frankfurter Allgemeine, El Mundo, El Pais, Guardian, The Times, The New York Times, USA Today*

Espaços relacionados à produção de notícias
Convite para enviar fotos, vídeo, áudio
Convite para enviar ideias para histórias
Entrevistas abertas colectivas com jornalistas
Espaço para publicar blogues de cidadãos
Espaço para publicar histórias de cidadãos
Seleção/hierarquia de conteúdo jornalístico orientada para o público
Hierarquia de conteúdo jornalístico orientada para o público
Espaços de comentários e debates
Comentários incorporados em histórias/blogues de jornalistas
Comentários incorporados em histórias/blogues de cidadãos
Seguimento de comentários de weblogues externos
Fóruns direccionados ao público, abertos a qualquer tópico
Fóruns dirigidos por jornalistas, mencionados em histórias
Sondagens
Recursos das redes sociais
Página pública de perfil de usuário
Sistema Karma: pontos do usuário com base na actividade
Marcação de conteúdo pelo usuário
Hiperlinks para promover conteúdo em sites sociais

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo et al. (2008)

O estudo conclui que as funcionalidades mais comuns limitam-se a permitir que os cidadãos classifiquem ou comentem conteúdo jornalístico, sendo poucos os sites que autorizam a publicação de conteúdo próprio. A maior parte centra-se na solicitação do envio de materiais audiovisuais (principalmente fotografias), ideias para notícias, hiperlinks para sites de redes sociais e espaços para blogues de cidadãos. Entre os poucos jornais que utilizaram ferramentas consideradas eficientes para a construção de comunidades, encontra-se o *USA Today* por criar páginas de perfil de usuário, bem como um sistema para recomendar outros usuários e suas contribuições e para denunciar abusos. Já a gestão dos comentários continua sob a autoridade exclusiva dos jornalistas. O estudo aponta para uma concentração de recursos na Interpretação:

“The audience did not take part at all in selection and filtering; while there was considerable variation in the other three stages, most of the sampled sites exhibited little openness. This suggests that the institutional media had largely kept the journalistic culture unchanged even when exploring participation opportunities for the audience. The core journalistic role of the “gatekeeper” who decides what makes news remained the monopoly of professionals even in the online newspapers that had taken openness to other stages beyond interpretation. Furthermore, no single stage in any of the cases allowed for complete involvement of the citizens as managers, either on their own or in collaboration with journalists. Professionals reserved the last word in management of each stage of the production process; citizens generally were limited to a role as contributors, if they were given a role at all” (Domingo et al., 2008, p.334).

Poucos sites convidam explicitamente os usuários a participarem na etapa de Acesso/Observação para gerar envolvimento nas fases subsequentes do processo de produção, mas a investigação registou com interesse o caso do *El País*:

“*El País*, which started its citizen journalism section in 2007, has a different strategy: the newspaper suggests topics to be covered by the amateurs, who can also decide what they want to report about. The range of topics is wide, including mostly cultural chronicles and lifestyle issues, but also hard news witnessed by contributors. Although separated from actual newsroom-produced content, it can be considered a form of crowdsourcing, where the journalists try to loosely guide the priorities of citizen journalists” (Domingo et al., 2008, p.336).

Na fase de Seleção/Filtragem, o estudo reafirma as poucas oportunidades participativas e cita a secção “Yo, periodista” do *El País* (imitando o “Y Reporter” da *CNN*), mas a redacção preserva total poder sobre quais as histórias publicadas. O *Times* experimentou um painel de leitores para proceder à realização de inquéritos on-line regulares, mas, apesar do prémio mensal em dinheiro, os cidadãos pouco aderiram.

Quanto ao envio de informação, as possibilidades centram-se no envio de material audiovisual e encontram-se devidamente separados dos conteúdos jornalísticos com secções e etiquetas próprias. Os blogues tendem a representar o mecanismo mais aberto à participação, na medida em que dispensam a moderação prévia. O jornal *Le Monde* faz a funcionalidade depender de um pagamento e o *Italehti* delimita as fronteiras dos blogues dos cidadãos ao entretenimento, confirmando assim a tendência da generalidade dos jornais (com excepção do *El País* e do *Dnevnik* que permitem que os usuários puliquem conteúdos de todos os temas):

“(…) in most of the websites that enable citizen participation in producing news content, this option is limited to specific topics such as entertainment and travel, leaving hard news as a journalist-only venture. That is the case in the British websites, as well as *El Mundo*, which just lets users submit local news or TV programme reviews, and *The New York Times*, which allows registered users to rate and review movies, books, theatre plays and travel destinations” (Domingo et al., 2008, p.337).

Mesmo as ferramentas de redistribuição são pouco utilizadas e a interpretação foca-se nos comentários de usuários abaixo de cada notícia e em espaços autónomos de debate, por exemplo, os painéis de discussão do *The Guardian* e a secção de incentivo ao comentário “Comment Is Free”. As estratégias de gestão de comentários oscilam desde a moderação pós-publicação ou e-mail como identificação do autor até sistemas rigorosos de filtração com supervisão das postagens antes de serem publicadas e mediante registo obrigatório. Os investigadores lamentam a “relutância geral” dos jornalistas em abrir a maior parte do processo de produção de notícias ao envolvimento activo dos cidadãos, na medida em que preservam o controlo na maioria dos estágios de produção das notícias, e sugerem a realização de estudos com entrevistas com os jornalistas para analisar as motivações e os factores contextuais que restringem ou promovem a abertura em cada fase de produção.

Nas suas conclusões, advertem que i) poucos sites convidam explicitamente os seus leitores-usuários a participar da etapa de Acesso/Observação ii) não são oferecidas oportunidades de participação nessa etapa iii) poucos jornais online permitem que os cidadãos enviem notícias e essa participação é limitada a temas específicos, como entretenimento e viagens, deixando as *hard news* como tarefa exclusiva dos jornalistas iv) os leitores-usuários não podem alterar as decisões jornalísticas diretamente v) a interpretação reduz-se aos comentários e espaços de debate a partir da matéria selecionada:

“The proposed analytical model is successful in describing the diversity of strategies and the general reluctance to open up most of the news production process to the active involvement of citizens (...) Journalists are retaining the traditional gatekeeping role in adopting user content on their websites” (Domingo et al. 2008, p.340).

Este modelo de estruturação do processo de produção noticiosa revelou-se de enorme utilidade para a investigação, na medida em que permitiu estruturar as

diferentes etapas de construção da notícia e proceder à sua aplicação num *corpus* de análise diferente para efeitos comparativos.

2.9.5 Participação desanimadora

O estudo desenvolvido Deborah S. Chung pretende identificar categorias de interactividade e os respectivos padrões de uso pelos leitores, tendo como contexto o potencial destas funcionalidades numa mudança dos modelos comunicacionais dos tradicionais fluxos unidireccionais para novos territórios que permitam aos leitores participar na produção de informação:

“(…) online newspapers are encouraged to share their control of news presentation with the audience by allowing increased communication among readers, promoting back-and-forth conversations between newsroom personnel and the audience, and providing opportunities for personalized journalism” (Chung, 2008, p.658).

Para categorizar os vários recursos que promovem a interatividade, a autora elaborou uma pesquisa online sobre a frequência de uso de recursos específicos que representam interatividade, tendo utilizado factores distintos para organizar quatro categorias seleccionadas com base na literatura académica de referência:

Deborah Chung (2008)

Inquérito aos leitores

Factor 1. Interactividade humano/ <i>medium</i>	
Função submeter histórias	Permite aos usuários enviar suas opiniões ou histórias.
Função submeter fotografias	
Função submeter “dicas”	
E-mails do jornalista	
Cartas ao editor	
Factor 2. Interactividade <i>medium</i> / humano	
Informação metereológica personalizada	Permite aos utilizadores adaptar as suas experiências de consumo de notícias ao seu gosto, fornecendo informações pessoais ao website
Tópicos personalizados	
Manchetes personalizadas	
Actualizações e alertas por email	
Factor 3. Interactividade humana	
Mensagens	Facilitam a comunicação interpessoal bidireccional
Funções de chat	

Chats ao vivo (Q&A)	
Factor 4. Interactividade do <i>medium</i>	
Ficheiros de audio	Permite enviar artigos para terceiros ou efectuar donwloads de ficheiros.
Ficheiros de vídeo	

Fonte: Elaboração própria a partir de Chung (2008)

Nas suas conclusões, a adverte que as potencialidades da interactividade são encaradas com “entusiasmo exagerado” porque o público online não utiliza esses recursos de forma extensiva. Por exemplo, e provavelmente pela perícia técnica implícita, entre os recursos usados com menos frequência encontram-se os recursos interativos humanos e os recursos interativos humanos/*medium*:

“It appears that the news audience does not actively engage in various uses of interactive features on news websites, especially the features that facilitate communication and the expression of ideas – features that require more effort to be utilized” (Chung, 2008, p.673).

Embora os resultados sejam “um tanto desanimadores para o entusiasmo inicial”, a autora incentiva as organizações de notícias que estejam “sinceramente interessadas” em envolver com seus públicos a continuar os esforços na aplicação de recursos interativos (Chung, 2008, p.674).

2.9.6 Mitos e realidades

Um dos vários estudos desenvolvidos por David Domingo recorre desde logo à assertividade do título para avaliar o “mito desconfortável” representado pelas expectativas criadas quanto impacto da interactividade no trabalho jornalístico e na configuração do processo de construção noticiosa, ou seja, a promessa de que a internet haveria de tornar o jornalismo mais dialógico e transformar os cidadãos em colaboradores activos dos jornalistas:

“Results suggest that despite the diversity of definitions and strategies regarding interactivity among the studied online newsrooms, the professional culture of traditional journalism prevails over the myth and turns it into a problem to deal with instead of an opportunity for change” (Domingo, 2008, p.681).

Além de um quadro teórico sólido e assertivamente bem seleccionado, o autor problematiza as expectativas criadas pela tecnologia e a sua influência na investigação

académica. Os ângulos de abordagem constituem por si só um desafio original para reflexão dos investigadores e, apesar de representarem um certo “arrefecimento” quanto à euforia representada pela evolução tecnológica, não deixa de se constituir como um entusiasmante desafio intelectual: ir além do mito:

“The rationale for the construction of the myth of interactivity was what researchers identified as a phenomenon of “disintermediation” fostered by the horizontally distributed technology of the internet: if journalists would not start to listen to their audiences, online users might look for other spaces to share information in a more horizontal, many-to-many way” (Domingo, 2008, p.685).

A investigação de David Domingo tem por base o estudo etnográfico desenvolvido na redacção de quatro sites ao longo de 6 meses e a sua posterior consolidação com a realização de entrevistas aos jornalistas para avaliar a sua opinião sobre a evolução do projecto e as suas concepções de jornalismo online:

David Domingo (2008)

Estudos de caso dos sites *laMalla.net*, *elPeriodico.cat*, *3cat24.cat*, *DiarieTarragona.com*

Email individual do jornalista	Permite contacto directo
Comentários	Imediatamente abaixo da notícia; transformam as audiências em críticos e colaboradores; debate pode criar comunidade virtual; conteúdo por ter aproveitamento jornalístico
Hiperlinks	Sugestão de ligações da notícia
Blogues	Substitui as tradicionais colunas de opinião dos jornais impresso

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo (2008)

A disponibilização do contacto directo do autor da notícia representa tanto um acto de transparência como uma possibilidade interactiva para *conversar* com o jornalista e a abertura dos comentários abaixo do conteúdo constituiu uma “diferença conceptual crucial” por aproximar os jornalistas dos cidadãos através das suas opiniões, dúvidas, críticas, sugestões de ligações a outros conteúdos e correcção de erros. Os comentários configuraram-se como micro-fóruns ligados a cada notícia e geram debate qualitativo entre os cidadãos e com os próprios jornalistas. Apesar das exigências para gerir a quantidade e qualidade das participações serem “um pesadelo”, os jornalistas

reconhecem a popularidade dos comentários por criarem debate comunitário entre os usuários. Quanto ao papel dos cidadãos no processo noticioso, o investigador confirmou que a maioria das contribuições não se relacionavam com a actualidade e encontravam-se em espaços editoriais separados. David Domingo afirma que os jornalistas “abraçaram” a interactividade como uma “característica crucial” do seu trabalho, mas as práticas relevaram dificuldades de conciliação com os valores e os procedimentos do jornalismo e tornaram a participação num “problema”:

“The fact that interactivity is counter-intuitive with the principles of traditional journalistic culture tended to diminish the willingness to explore audience participation (...) the professional culture of journalism is very prevalent and actually overshadows the strength and pervasiveness of the interactivity myth (...) there are other material and organizational decisions that also worked as brakes for the development of interactivity: the small size of online teams made it impractical to deal with extensive participation opportunities (...)” (Domingo, 2008, p.697).

Neste sentido, sugere uma partilha das conclusões dos estudos académicos com os jornalistas para “ajudá-los a concretizar valores tidos como garantidos e capacitá-los a decidir o futuro dos seus projetos” através da reflexão sobre os “constrangimentos materiais e sociais” da sua profissão e as práticas concretas que poderão adoptar para favorecer a interactividade e participação activa dos cidadãos (Domingo, 2008, p.698).

2.9.7 Controlo narrativo

Michael Karlsson elaborou um estudo para avaliar a participação dos leitores “ao longo do tempo” em quatro sites de notícias, tendo como questão central avaliar uma eventual perda do “controlo narrativo” dos jornalistas no seu “monopólio” do processo noticioso decorrente das diferentes modalidades de interactividade. O estudo das dinâmicas revela-se especialmente interessante num contexto marcado por observações do momento, ou seja, de carácter estático. O autor refere que a tendência aponta para um aumento da participação que “parece não ameaçar” a posição dos jornalistas, mas adverte para uma limitação dessas investigações:

“Existing studies, however, still suffer from three limitations. Most measure participatory features that are present anywhere on news sites, and thus assess occurrences but not the prominence or impact of user participation. Next, no existing study has focused on individual news items on the front page. They have instead focused on determining if different

participatory features are present anywhere on news websites or under the news brand umbrella” (Karlsson, 2010, p.68).

Karlsson atribui uma especial importância ao estudo do conteúdo das notícias e da edição das primeiras páginas por reflectirem ou não a efectiva participação dos cidadãos em termos de relevância e impacto, na medida em que, para que o conteúdo gerado pelos utilizadores tenha “impacto significativo” nas notícias, terá de se materializar nas notícias da primeira página.

Partindo do princípio de que se assiste a uma mudança que obriga o jornalismo a assumir “uma nova identidade” ao misturar “métodos antigos com novos potenciais”, propõe-se identificar quais os recursos participativos que foram introduzidos e a sua difusão ao longo do tempo e verificar até que ponto esses recursos participativos permitem que os usuários exerçam “controlo sobre os principais processos jornalísticos”:

“It is vital to identify what kind of activities are central to the journalistic profession in order to determine to what extent journalists are losing their gate-keeping power and users are increasing theirs” (Karlsson, 2010, p.71).

Segundo Karlsson, a actividade jornalística centra-se na “configuração” e na “selecção da informação” para publicação e se os cidadãos participarem “activamente” nesse processo “estarão, portanto, a realizar processos jornalísticos fundamentais”. O que pode ter implicações “para as normas e funções da profissão jornalística” (Karlsson, 2010, p.72) e, nesse sentido, importa mapear características participativas:

Michael Karlsson (2010)

Estudos de caso dos sites *Aftonbladet.se, Dn.se, Expressen.se, Svd.se.*

Comentários em notícias	Permite aos usuários fazer breves comentários sobre notícias
Hiperlinks de blogues	Permite que os usuários vinculem os seus blogues a notícias seleccionadas, sendo então publicado um hiperlink. São mais interessantes tanto em termos daquilo que expressam quanto à durabilidade
Sondagens	Solicita ao usuário que escolha (clique) em uma ou mais alternativas pré-definidas para perguntas específicas

Chats	Apesar de serem fortemente moderados, os usuários podem escrever e enviar perguntas para um fluxo sobre questões pré-determinadas em horários pré-determinados. Podem ser transformados em notícia
Fóruns	Permitem aos usuários trocar opiniões sobre diversos assuntos. Ao contrário dos comentários, ocorrem fora do perímetro delimitado das notícias
Assinatura de petições	Permite que os usuários sejam agregados em torno de causas cívicas ou políticas

Fonte: Elaboração própria a partir de Karlsson (2010)

Esta investigação identificou quatro notícias em que os cidadãos são autores únicos ou fontes principais e, apesar de o autor considerar o volume “insignificante”, não deixam de constituir um facto assinalável. No mesmo sentido, o estudo revela que os jornalistas começaram a trabalhar em conjunto com os utilizadores, sendo que estes podem actuar como fontes diretas de notícias, enviando informações ou imagens de eventos que testemunham:

“After nearly 15 years of online news in Sweden, one of the most digitalized countries in the world, users are participating to a large extent, but the forms of participation with the most impact pose little threat to the journalistic profession or its gate-keeping role (...) User-generated content in Swedish online news is currently somewhat akin to a player piano; it is in the room and creates atmosphere, but is in a corner, bothers few people, and consumes few resources, but nevertheless continues to play” (Karlsson, 2010, p.79).

As conclusões revelam que as características participativas dos casos estudados “não constituem uma grande ameaça aos poderes de controlo” dos jornalistas e apontam para um crescimento do jornalismo participativo, na medida em que se passou das circunstâncias limitadas dos comentários para a possibilidade de “comentar utilizando mais funcionalidades, comentar sobre mais notícias e realizar atividades tradicionalmente consideradas funções jornalísticas essenciais” com impacto na primeira páginas das edições digitais:

“It is nevertheless important to stress that although signs of increasing user participation in many forms have appeared, professional journalists still create, shape, and select most news content. This could change, but further empirical work is indispensable before extrapolating nascent findings to any potential systematic shift in gate-keeping power” (Karlsson, 2010, p.81).

2.9.8 Água para o moinho

Os investigadores Andy Williams, Claire Wardle e Karin Wahl-Jorgensen avaliaram as “atitudes” e as “práticas” dos jornalistas da *BBC* relativamente ao potencial informativo dos conteúdos gerados pelos cidadãos. Assumindo o “salto qualitativo” representado pelo jornalismo participativo, reafirmam a mudança dos sistemas de comunicação de fluxos unilaterais para sistemas colaborativos de carácter conversacional, mas advertem para a mesma atitude de resistência:

“(…) Opportunities for mainstream media audiences to participate in the processes of news production are often circumscribed. Much of the time participation is limited to providing comment on stories either in separate discussion boards or under already completed online news articles” (Williams et al., 2010, p.87).

A investigação teve por base as observações directas nas diversas redacções da *BBC* num total de 38 dias e a realização de entrevistas com jornalistas e editores. Os recursos interactivos identificados encontram-se divididos em cinco tipos diferentes de material disponibilizado pela audiência:

“Broadly speaking, the first three categories in this typology fit most easily into established and long-standing journalistic practices, particularly reporters source relationships. The final two examples are most disruptive of the traditional relationships between journalists and audience members, producers and consumers of the news. They are also the examples where most control over the production process is ceded to the audience member. These collaborative partnership-based journalistic projects were seldom found” (Williams et al., 2010, p.88).

Williams et al (2010)

Estudo de caso *BBC*

Conteúdo do público (Audience Content)	
Fotografias e imagens de vídeo	
Relatos de experiências	
Sugestões (<i>story tip-offs</i>)	
Comentários do público (Audience Comment)	
Mensagens escritas	
E-mails	
Conteúdo não noticioso (Non-news Content)	
Fotografias da natureza	

Conteúdo colaborativo (Collaborative Content)	
Web diaries	
Video Nation	
Jornalismo em rede (Networked Journalism)	
Comunidades online	

Fonte: Elaboração própria a partir de Williams et al. (2010)

A forma mais comum de participação centra-se nos comentários através de ferramentas específicas como fóruns interactivos de discussão e um blogue (Audience Comment), mas a *BBC* reconhece especial importância ao conteúdo enviado pelo público (Audience Content), nomeadamente material de testemunhas oculares, incluindo relatos diretos de experiências, conteúdo audiovisual e sugestões de histórias. Os jornalistas puderam efectuar um curso para aprender a considerar o potencial desse material (“Have they go news for us?”) e foram integrados num projecto dedicado (UGC Hub), mas o foco manteve-se naquilo que os cidadãos têm para o jornalismo e menos na dinamização de colaboração (Williams et al., 2010, p.89).

A experiência passou pela constituição de uma equipa residente de 12 jornalistas responsáveis por extrair conteúdo potencialmente noticioso, mas o volume do material (entre 10.000 e 12.000 emails diários) e a sua qualidade editorial (“inconsequentes”) colocaram em evidência uma concentração participativa em termos opinativos, ou seja, dificultando a valorização no processo noticioso e criando um problema aos jornalistas:

“Moderating debate at the BBC is costly. To manage these costs most of the corporation’s comment-based UGC is outsourced to third-party operators. The Have Your Say forum is an exception to this rule, however, and is moderated by a team of trained broadcast journalists and broadcast assistants at the UGC Hub. Under the supervision of the BBC’s Interactivity Editor this team is responsible for setting the parameters for, and moderating debates on, the forum, setting up post forms inviting the audience to respond to various online news stories, monitoring other Audience Content (e.g. that submitted to the yourpics@bbc.co.uk e-mail address), and distributing material to various BBC news outlets” (Williams et al., 2011, p.90).

Os leitores publicavam milhares de mensagens diárias para cada tópico e essa dinâmica disparava ainda mais nos debates mais dinâmicos, o que se traduziu em níveis de moderação jornalística necessariamente reduzidos. Os contributos permitiram i) gerar novas histórias ii) acrescentar informações sobre assuntos de última hora iii)

contactos complementares para notícias existentes, mas num número limitado em notícias de “alto perfil”. Apesar de o volume principal decorrer de denúncias, em alguns casos foi possível produzir notícias em versão *crowdsourcing*, mas sem que os investigadores tivessem conseguido antecipar grandes mudanças:

“Our data suggest that, with the exception of some marginal collaborative news projects rather than changing the way most journalists at the BBC work, in the main, the ways that BBC News processes audience material are firmly embedded within long-established practices and routines relating to newsgathering and sourcing. Put differently, the BBC’s embrace of the “audience revolution” has not notably disrupted the traditional roles played by consumers and producers of the news. The rise of UGC at the BBC has largely involved harnessing audience material in order to fit within existing long-established processes of journalistic production” (Williams et al., 2010, p.94).

Os autores reafirmam a tendência de outros estudos sobre a debilidade da conversação por vontade dos jornalistas e os termos de “desigualdade” daí resultante (Williams et al., 2010, p.95).

2.9.9 Poucas oportunidades

No âmbito de um vasto estudo envolvendo diversos autores, Alfred Hermida começa por analisar diferentes mecanismos de participação que permitem “moldar a conversa” e discute “até que ponto” as tecnologias e formatos de participação disponíveis permitem que os cidadãos “influenciem” o processo de produção:

“The findings suggest that most of the available options for participation frame the user primarily as a consumer of journalism – similar to the audience role in a more traditional print or broadcasting environment – rather than as a co-collaborator in the gathering, selection, production and dissemination of news” (Hermida, 2011, p.14).

Este esforço de permanente “re-imaginação” do jornalismo como uma conversa com os cidadãos que favoreça a sua participação activa nos processos noticiosos exige tanto uma definição desse papel como a avaliação dos processos técnicos, tendo em vista aferir o impacto nas normas e práticas do jornalismo, ou seja, as formas como os jornalistas implementam e geram as opções de participação. Como exemplos de mecanismos de participação interactiva, o estudo procede à sua organização como formatos de uso mais comum e que podem ser identificados nas diferentes fases:

Alfred Hermida (2011)

Formato	Descrição
Blogues de cidadãos	Criados pelos usuários e alojados nos sites das empresas jornalísticas.
Media de cidadãos	Fotografias, vídeos, etc.
Histórias de cidadãos	Submissão de contributos escritos sobre questões de actualidade, incluindo sugestões de notícias,
Entrevistas colectivas	Chats ou entrevistas com perguntas enviadas pelos leitores
Comentários	Submetidos através de formulário ou botão directo no item.
Conteúdo hierarquizado	Notícias classificadas com base nas preferências dos leitores.
Fóruns	Discussões conduzidas por jornalistas sobre questões de actualidade. Locais onde os leitores podem participar nas conversas ou debates.
Blogues de jornalistas	De autoria de um ou mais jornalistas, com artigos curtos em ordem cronológica inversa. Os blogues de jornalistas (também chamados de “j-blogs”) geralmente estão associados a um tópico ou perspectiva específica, com a possibilidade de os leitores comentarem as entradas.
Sondagens	Perguntas formuladas por jornalistas como tópicos para os leitores fazerem escolhas múltiplas ou respostas binárias. Fornecem <i>feedback</i> instantâneo e quantificável.
Redes sociais	Distribuição de <i>hiperlinks</i> para histórias por meio de plataformas de social media, e.g., Twitter e Facebook.

Fonte: Elaboração própria a partir de Hermida (2011)

Estas variáveis foram enquadradas no modelo apresentado por Domingo et al. (2008) e aplicados por outros autores a sites noticiosos na Bélgica, Canadá, Croácia, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos, tendo sido feitas entrevistas com os jornalistas das “comunidades online”:

Hermida (2011) baseado em Domingo et al. (2008)

Estudos de caso *De Standaard, Het Nieuwsblad, Gazet van Antwerpen, The Globe and Mail, The National Post, Vecernji List, 24 Sata, Helsingin Sanomat, Kaleva, Le Figaro, Le Monde, Frankfurter Allgemeine Zeitung, Focus, Der Spiegel, Süddeutsche Zeitung, Yedioth Aharonoth, Maariv, Haaretz, El País, 20 Minutos, Guardian, Daily Telegraph, USA Today, Washington Post.*

Access /Observation
Envio de material escrito (sugestões de notícias)
Envio de material audiovisual
Colocar perguntas para um entrevistado
<i>Crowdsourcing</i> (informações sobre notícias de última hora e/ou de carácter hiper-local)
Selection /Filtering
<i>Agenda setting</i> (decidir o que deve ser noticiado)
Processing /Editing
Cidadão como autor, mas sob rigoroso controlo editorial e em edição separada
Distribution
Partilhas de artigos por email
Partilhas de artigos por hiperlinks
Interpretation
Comentários
Fóruns
Inquéritos
Blogues de jornalistas

Fonte: Elaboração própria a partir de Hermida (2011)

Na etapa de Acesso/Observação, as ferramentas permitem o envio de texto ou material audiovisual, participação em debates e envio de perguntas para os jornalistas através dos seus endereços de e-mail ou do preenchimento de formulários. O jornalista preserva o seu poder de decisão quanto ao potencial valor noticioso das participações:

“In Israel, for example, online users of different websites had various ways to contact the newsroom. At the *Ynet* and *Haaretz* sites, they could send an email message to either the reporter or the newsroom. At NRG, only emails to the newsroom were allowed, via a ‘Scoop Mail’ feature. The *Ynet* website had a similar feature for reader alerts called the ‘Red Mail’ button” (Hermida, 2011, p.19).

Os diários *Helsingin Sanomat* e *Kaleva* solicitam sugestões de notícias e fornecem endereços de e-mail dos jornalistas e o jornal *Het Nieuwsblad* criou um endereço separado para notícias locais, mas repetiu-se o problema do volume e da

qualidade, na medida em que a maior parte do material centrou-se em temas relacionadas com viagens e lazer. O que pode levantar questões a jusante, ou seja, quais os tipos de apelos que são feitos à participação e qual a sua relevância na publicação:

“Overall, the way in which user participation tools were implemented at this stage of the news-production process indicated that newspapers were reluctant to allow audience members to set the news agenda” (Hermida, 2011, p.19).

Os jornalistas reconhecem a importância do cidadão como fonte e o estudo classifica esta participação como *crowdsourcing*, ou seja, uma prática através da qual os jornalistas tentam “orientar livremente” as prioridades, solicitando dados, análises ou outra assistência com histórias específicas ou tópicos de investigação:

“An editor at the *Guardian* (UK) described how readers had helped the newspaper in its coverage of Burma by providing details of events on the ground, while a *Globe and Mail* editor highlighted audience contributions in response to a series on mental health. At the other Canadian newspaper in our study, the *National Post*, editors experimented with crowdsourcing to cover a huge propane gas explosion that happened overnight in Toronto, setting up a blog and appealing for eyewitness accounts. Another example of crowdsourcing was a project on cycle paths by *Het Nieuwsblad* (Belgium), which asked readers to submit complaints, tips and photos. The newspaper’s editor in chief said the project proved that “citizens can help set the agenda,” but in all these cases, the reality was that the journalist shaped the users’ involvement, assessed the content that resulted and made the final decisions about its editorial value” (Hermida, 2011, p.20).

O estudo revela que estas ferramentas “limitam fortemente a capacidade de definição da agenda pelos cidadãos” embora reconheça algumas excepções, por exemplo, os espaços dominados pelos usuários do *LePost.fr*, do *My.Telegraph.co.uk* e da edição online do diário gratuito *20 Minutos*, cujos jornalistas confirmaram receber propostas temáticas muito variadas que traduzem um desejo de melhorar situações concretas do interesse dos cidadãos. Esta abertura pode indiciar que os projectos jornalísticos mais recentes podem estar mais abertos à participação dos cidadãos.

A investigação detectou “de longe” o maior fechamento de todo o processo de produção noticiosa na etapa de Selecção/Filtragem, na medida em que os jornalistas se relevaram irredutíveis na preservação do seu monopólio de decisão sobre o que deve e não deve ser noticiado. Os poucos jornais que incluem ferramentas participativas neste

nível concedem margens quase insignificantes de influência e/ou remetem os cidadãos para espaços separados do website principal:

“The best example was LePost.fr, the spinoff website of French newspaper *Le Monde*, which enabled contributors to perform a news monitoring function. Launched in September 2007, the website is an innovative online-only entity based almost entirely on user contributions. Users are encouraged to filter news from other sources and, in the words of the editor in chief, ‘give them an angle’. Contributors thus have some leeway in deciding what is news – albeit on a site that is viewed by the parent organization as an experimental laboratory and distinct from the more traditional newspaper brand” (Hermida, 2011, p.21).

No mesmo sentido, identificou-se que os jornalistas evitam permitir que os cidadãos entrem no processo participativo como autores ou co-autores de conteúdos (Processing/Editing) e, quando o fazem, impõem mecanismos musculados de controlo editorial, preservando o seu poder de edição, retirando informações para as suas próprias notícias e remetendo as publicações para a periferia editorial. As excepções confirmam a tendência detectada por outros estudos, no sentido de remeter essas colaborações para o jornalismo hiper-local e mantendo a musculatura de verificação:

“The Been There section of the *Guardian* (UK) website, for instance, allowed users to contribute travel reviews and advice, with some of the content selected and published in print. In Germany, *Der Spiegel* offered *Einestages*, a site about twentieth-century history that invited users to submit contemporary eyewitness accounts. Amateur and professional content was published side by side but was labelled with different icons to indicate the source” (Hermida, 2011, p.22).

Entre as várias fronteiras de aproximação, o estudo aponta para a utilização de blogues de utilizadores como opção de participação, mas mantêm-se as devidas distâncias editoriais, ou seja, os sites permitem o seu alojamento através de um registo e criam um imenso espaço vazio sem moderação ou critério editorial. Quanto à Distribuição, os jornais permitem partilhas de artigos por e-mail e de hiperlinks para as plataformas de redes sociais e, além de serem em número reduzido, foram identificadas idênticas restrições relativamente à autonomia dos cidadãos, na medida em que os jornais procederam à introdução de classificações baseadas em contagens automáticas para as notícias mais lidas ou mais partilhadas por e-mail como critério de selecção para exposição na página inicial:

“But again, there appeared to be a reticence about handing over too much decision-making about content hierarchy – that is, the prominence with which an item is displayed, an indication of its perceived value or importance. Making such judgments is another role journalists seemed to feel they could and should exercise themselves” (Hermida, 2011, p.23).

Por fim, a participação na etapa da Interpretação reuniu o maior número de opções para os utilizadores participarem através de incentivos à opinião através de comentários, inquéritos e fóruns. Os comentários são apresentados em enorme volume e com qualidade noticiosa questionável, exigindo uma permanente intervenção para seleccionar conteúdos potencialmente ofensivos e transformando-se, acima de tudo, numa conversa entre participantes. Os blogues dos jornalistas também permitem a participação e constituem uma ferramenta importante de interacção com os cidadãos. Trata-se de um espaço que favorece debates de estilo comunitário e com potencial de continuidade em função dos temas e da intervenção do jornalista.

As conclusões revelam que as opções de participação são “limitadas” e indiciam uma certa “relutância” dos jornalistas à abertura do processo de produção de notícias às contribuições exteriores à redacção. A maioria das oportunidades para os utilizadores contribuírem encontra-se no final do processo quando se admite a possibilidade de comentar ou discutir conteúdo produzido pelos jornalistas:

“Journalists retained control over nearly everything that came first, including the tasks of identifying, gathering, filtering, producing and distributing news. Only after those processes were essentially completed were audiences invited to offer their interpretation of the result, primarily through comments” (Hermida, 2011, p.27).

Na perspectiva dos jornalistas entrevistados, os cidadãos são considerados como a) destinatários activos das notícias b) fontes de informação para notícias de última hora e conteúdo hiperlocal c) membros de comunidade online, ou seja, não são considerados participantes activos no processo de produção de notícias e os seus contributos não geram notícias ou novos ângulos. As reduzidas oportunidades de participação transformam-nos em membros activos da audiência com capacidade para complementar informação em notícias de última hora ou comentando e partilhando conteúdo gerado pelos jornalistas, isto é, trata-se de uma extensão das “práticas estabelecidas de recolha de notícias à internet” para utilizar “tecnologias digitais rápidas e económicas para recolher informações de uma rede muito mais vasta”:

“In reality, our findings suggest that despite a diversity of strategies, many major newspapers remained generally averse to opening up significant stages of the news-production process to the audience (...) The way participatory tools are implemented and managed in newsrooms is not determined just by the availability of the technology; it also is shaped by the newsroom ethos, and that ethos varied somewhat from place to place” (Hermida, 2011, pp.30-31).

2.9.10 Arenas pouco participadas

Kristoffer Holt e Michael Karlsson regressaram à necessidade de identificar a influência editorial dos conteúdos produzidos pelos cidadãos nas edições digitais de três jornais através do estudo da relevância atribuída à primeira página, tendo em consideração que estas “arenas participativas” podem facilitar e aumentar a participação nas discussões políticas ao permitirem que os utilizadores participem activamente nas discussões e publiquem e/ou reajam a conteúdos já publicados:

“The possibilities of social media have been the subject of much idealistic discourse that hail the dawn of a new age – blurring the border between what is actually happening, and what many hope, or think ought to happen” (Holt & Karlsson, 2011, p.20).

Os autores entendem o jornalismo participativo como as diferentes maneiras através das quais a antiga “audiência” pode agora contribuir activamente para o jornalismo através da produção e partilha de conteúdos e da interacção com as notícias (comentando, recomendando, partilhando) e valorizam o seu potencial democrático (o diálogo, em virtude da sua reciprocidade, mutualidade e interactividade – é a própria essência da democracia participativa):

“Participatory journalism is a concept that indeed evokes notions both of how the idea of collective intelligence is realised in practice in the web 2.0-context and how the Habermasian ideal of dialogue and citizen participation in the public use of reason might be possible to realise” (Holt & Karlsson, 2011, p.23).

A investigação optou por ignorar as possibilidades interactivas alegando que a participação do usuário é condicionada pelas circunstâncias e pelo contexto em que é produzida, tendo focado as suas variáveis de análise na categoria do autor, tópicos sugeridos editorialmente e incorporação editorial.

Kristoffer Holt e Michael Karlsson (2011)

Estudos de caso *Newmill, Sourze, DN*

Autores	Jornalistas, personalidades públicas, porta-vozes, cidadãos comuns
Sugestão de tópicos	Produzidos por não-jornalistas ou sugeridos para serem integrados no processo editorial
Integração editorial	Integração editorial de conteúdos produzidos por não-jornalistas

Fonte: Elaboração própria a partir de Holt & Karlsson (2011)

Nos jornais tradicionais, todos os artigos são escritos por jornalistas e/ou por representantes de organizações públicas e políticas, a sugestão de tópicos revela-se pouco relevante no processo noticioso e mantém-se o controlo editorial. Nos jornais abertos à participação, os cidadãos produzem conteúdos, ainda que quantitativamente limitados, na medida em que os resultados apontam para circunstâncias em que os textos escritos por “pessoas comuns” têm menos probabilidade de serem incorporados editorialmente do que os textos escritos por personalidades publicamente conhecidas, jornalistas e porta-vozes de organizações, e que textos submetidos independentemente de sugestões editoriais têm menor probabilidade de serem incorporados editorialmente do que textos que abordam temas sugeridos pelos editores:

“At *Newsmill* the items on the frontpage to a large extent stems from organisations. Thus, *Newsmill* is an example of how organised interests, rather than citizens, move in when institutionalised journalism moves out. The average user has a role as a producer but it is restricted to about one in five news items. Ordinary people play a more active part on *Sourze* where they contribute with nearly two thirds of all news items” (Holt & Karlsson, 2011, p.31).

Os resultados mostram que os contributos dos cidadãos são secundarizados face aos interesses das organizações tradicionais em virtude do seu “estatuto social” como fontes e que os seus contributos se encontram igualmente desvalorizados:

“Taken together the findings suggest that these new and allegedly participatory arenas do not automatically foster an equal or uncontested discourse but are constrained by the underpinning logic of their context of production. The choices that editors make shape the conditions under which user generated content is produced, the immediate context of publication and the perceived prominence of the published content” (Holt & Karlsson, 2011, p.32).

2.9.11 Quando tudo muda

Partindo do princípio de que a sua classificação inclui todas as formas de interação e de interactividade propostos aos usuários, Natalia Raimondo Alselmino apresenta um modelo dividido entre os espaços de intervenção e de participação:

“Espacios de intervención del lector: aquellos sectores del diario que de algún modo se encuentran “intervenidos” o “penetrados” por la actividad del lector, a partir de algún tipo de acción por él ejecutada que ha dejado una huella en la interfaz del periódico (con excepción de la producción de enunciados): por ejemplo, los rankings (de notas más leídas, más comentadas o más votadas y de usuarios destacados), las encuestas, la votación de notas, el reporte de abuso en comentarios, y el listado de lecturas relacionadas; espacios de participación del lector: aquellos espacios del diario donde el lector puede manifestarse discursivamente produciendo enunciados: las cartas de lectores, los foros de discusión, los blogs, los comentarios de lectores a las noticias, los espacios relacionados con redes sociales, las entrevistas en línea, las páginas de periodismo ciudadano, las páginas de perfil de usuario, entre otros” (Alselmino, 2012, p.118).

O esquema analítico encontra-se delimitado pela possibilidade ou não da produção de enunciados, justificando que a “grande pergunta” assenta precisamente em saber “que lugar ocupa a participação dos leitores?”. É nesse sentido que sugere uma “gramática de reconhecimento” que se transforma organicamente no próprio sistema:

“Si bien es posible observar un aumento de la *sensibilidad* del sistema ante el entorno, esta acción de cederle un lugar – o muchos lugares, si contemplamos la multiplicidad de espacios que los diarios *online* han desplegado para que se manifieste la actividad del lector– al destinatario debe ser necesariamente fusionada al funcionamiento del sistema mismo e integrada a su *diferencia directriz* (Alselmino, 2012, p.316).

Os vínculos que se estabelecem nos diferentes espaços de intervenção e de participação representam o *lugar* do leitor e o reconhecimento do seu “valor agregado” resultante das possibilidades de conhecer e interagir com outros pontos de vista (Alselmino, 2012, p.295):

Natalia Raimondo Alselmino (2012)

Estudos de caso *Clarín e La Nación*

Espaço de intervenção do leitor	Espaços de participação do leitor
Quando o leitor deixa a sua marca através de determinadas acções (excepção da produção de enunciados).	Quando o leitor pode manifestar-se discursivamente através da produção de enunciados.
<ul style="list-style-type: none"> Rankings das notícias mais lidas, mais comentadas, mais votadas 	<ul style="list-style-type: none"> Cartas de leitores
<ul style="list-style-type: none"> Pesquisas 	<ul style="list-style-type: none"> Forúns de discussão
<ul style="list-style-type: none"> Votações 	<ul style="list-style-type: none"> Blogues
<ul style="list-style-type: none"> Denúncia de abusos em comentários. 	<ul style="list-style-type: none"> Comentários
<ul style="list-style-type: none"> Listas de leituras 	<ul style="list-style-type: none"> Espaços relacionadas com as redes sociais
<ul style="list-style-type: none"> Avaliação de comentários 	<ul style="list-style-type: none"> Chats/videos chats ou entrevistas
	<ul style="list-style-type: none"> Páginas dedicadas à participação da cidadania²⁸
ESPAÇOS ONDE SE MATERIALIZA A ACTIVIDADE DO LEITOR	

Fonte: Elaboração própria a partir de Alselmino (2012)

A investigadora reconhece que os dois jornais analisados “geram continuamente” espaços editoriais destinados a incentivar o fluxo comunicativo com público, mas mantendo a delimitação territorial. Indica o exemplo *La Nación* por ter colocado online o site “Sou Correspondente”, mas “apenas em raras ocasiões” permite uma sobreposição mínima entre o conteúdo publicado nesta secção e o resto da informação jornalística (Alselmino, 2012, p.190). Por um lado, a autora refere as “poucas ocasiões” em que os conteúdos criados pelos leitores foram chamados à primeira página, mas a sua existência não deixa de ser assinalável; por outro, cita participações dos leitores utilizadas como fontes de notícias:

²⁸ Refere expressamente “página de periodismo ciudadano”.

“Por ejemplo, unos días después de inaugurarse el sitio de periodismo ciudadano, *La Nación* publicó en su edición impresa la nota “Están presos y ocupan sus salidas de la cárcel para arreglar escuelas”, en la que aclaraban que “*La Nación* fue testigo del trabajo de los presos gracias a una lectora, que escribió en el espacio web Soy Corresponsal, del sitio www.lanacion.com” (...) también *Clarín* publicó, en algunas contadas ocasiones – siempre ligadas a denuncias sobre irregularidades o ilegalidades–, notas en las que remitía explícitamente a su espacio dedicado a la *participación ciudadana*, el blog “Testigo Urbano” (Alselmino, 2012, p.192).

Nas suas conclusões, Alselmino converge na ideia de que existe uma “contradição” entre os apelos à participação dos cidadãos e a sua concretização, na medida em que o controlo jornalístico preserva a delimitação de fronteiras em termos inflexíveis. A relação do público com as notícias caracteriza-se de forma vincada pelo seu carácter móvel, personalizado e participativo, e revela uma forte tendência para a disseminação através das redes sociais. Trata-se de um processo que modifica a informação por força desta circulação e a ausência de fluidez entre expectativas e possibilidades acentua a tensão referida por outros autores:

“Cabría preguntarse por qué, más allá de los esfuerzos de cada medio, parte de la audiencia de *Clarín* y *La Nación* o al menos algunos de los “tipos de lectores” que hemos podido identificar en las *gramáticas de reconocimiento* no se sienten comprendidos – y así lo manifiestan en su discurso – por el colectivo de la *comunidad*” (Alselmino, 2012, p.307).

Focando a mudança no próprio leitor, a autora reafirma que as possibilidades de participação estão distantes desse processo orgânico apesar dos esforços que identifica no estudo:

“Enquanto o *La Nación* tenta reter a sua audiência através do planeamento de ações cross-media, o *Clarín* tenta acompanhar os movimentos de seu público oferecendo a diversos nichos uma longa linha de serviços” (Alselmino, 2012, p.26).

2.9.12 Conservadorismo e rejuvenescimento

O estudo desenvolvido por Anders Olof Larsson assume como objectivo analisar recursos interactivos em sites de jornais suecos e os respectivos factores de influência da sua utilização pelos usuários, na medida em que, independentemente da interactividade ser susceptível de estudar na perspectiva funcional, de percepção ou de processo, o conceito surge sempre com a associação humano/*medium*:

“Human interactivity refers to diverse facilitations of user-to-user-interaction, such as chat rooms and message boards (...) *Medium* interactivity refers to the various ways that visitors to websites are allowed different choice options when browsing them. This type of interactivity regularly includes descriptions of such basic features of websites as different navigational possibilities for the site visitor or ways in which the users are allowed to interact with the content on the site. In the context of news websites, *medium* interactivity features might include video streams and interactive news graphics” (Larsson, 2012, p.199).

O recurso à tipologia previamente apresentada por Deborah S. Chung decorre do seu estudo sobre os padrões de utilização de recursos interativos ter demonstrado tanto a existência de características interactivas humano/*medium* como de combinações entre ambas. Nesse sentido, o volume de funcionalidades de interactividade disponíveis correspondem ao envolvimento dos usuários como co-produtores de conteúdos e justificam a escolha do investigador por três razões:

“First, it is empirically grounded; second, it was developed specifically with news- paper websites in mind; third, it goes beyond the distinction between human and *medium* interactivity and provides the research community with a more diverse way of looking at the concept at hand” (Larsson, 2012, p.199).

Larsson confirma que a maioria dos jornais utiliza as suas versões online como espelhos dos seus homólogos impressos e esta simples transferência de conteúdo da versão impressa para a versão digital é muitas vezes referida como jornalismo “shovel ware”, ou seja, coloca em evidência que pouca ou nenhuma adaptação ao novo meio foi realizada (Larsson, 2012, p.197).

Após analisar 106 sites, o investigador concluiu que, em termos de interactividade humano/*medium*, 25% dos jornais permitiam que os leitores contribuíssem com conteúdos, mas apenas 4% incentivavam a submissão das suas “próprias notícias em texto completo”. Embora quase 40% dos sites estudados permitissem a integração de blogues de não-jornalistas, apenas 8% integravam essa oportunidade para os leitores escreverem seus próprios blogues no site do jornal:

“Taken together, these results imply that while newspapers are eager to obtain news stories and ideas from their readers, they seem hesitant when it comes to letting the readers write those stories themselves. This apparently conservative attitude towards allowing reader contributions might not be a solid strategy in the long run” (Larsson, 2012, p.207).

O que leva o autor a partilhar uma profissão de fé nas futuras gerações de jornalistas, alegadamente mais qualificadas e com maior propensão para a mudança.

2.9.13 Má fé e ignorância

João Canavilhas e Catarina Rodrigues procederam à análise dos conteúdos publicados por não-jornalistas em secções específicas das edições digitais de jornais portugueses, tendo como objectivo identificar os temas predominantes e avaliar se esses textos podem ser considerados jornalismo, na medida em que as secções surgem frequentemente associadas à profissão, e.g., “Cidadão Repórter” (*Jornal de Notícias*) e “Jornalismo de Cidadão” (*Diário de Notícias*). Apesar de o estudo omitir referências à interactividade e da abordagem superficial aos mecanismos de participação dos cidadãos, apresenta resultados com algum interesse quanto ao papel reconhecido aos leitores no processo noticioso:

João Canavilhas e Catarina Rodrigues (2012)

Estudos de caso *Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã e I*

Envio de textos
Envio de fotografias
Envio de vídeos

Fonte: Elaboração própria a partir de Canavilhas & Rodrigues (2012)

Os autores constataram uma reduzida participação dos cidadãos nos espaços criados pelos jornais em análise e depararam-se com dificuldades em identificar tanto a autoria dos conteúdos como as respectivas fontes de informação. O facto de se tratarem de espaços compartimentados reforça esta ideia geral de desligamento e confirma a impossibilidade do chamado *jornalismo cidadão*:

“Chamar ‘jornalismo’ ao que os leitores fazem nos espaços disponibilizados pelos jornais online portugueses só pode ser má-fé ou ignorância em relação aos procedimentos e regras básicas da atividade jornalística” (Canavilhas & Rodrigues, 2012, p.281).

2.9.14 Desmobilização dos cidadãos

Michael Karlsson, Annika Bergström, Christer Clerwall e Karin Fast desenvolveram uma investigação para avaliar até que ponto os jornalistas estão a

“transferir poder” para os cidadãos no quadro do jornalismo participativo e colocam a questão não em termos de relutância dos jornalistas, mas do eventual desinteresse dos cidadãos. É nesse sentido que orientam a sua investigação através da análise evolutiva de duas formas de participação (comentários e blogues):

“There are several factors that condition the development of deliberation and participation, here in the form of participatory journalism. It is also evident that while much research has been performed in this area, few studies have employed a systematic and longitudinal approach. Against this background, the purpose of this study is to assess the long-term viability of participatory journalism using content and audience data” (Karlsson et al., 2015, p.299).

Os autores reconhecem a centralidade da deliberação com base na concepção da esfera pública no sentido conferido por Habermas, ou seja, uma arena que permite a troca de argumentos entre cidadãos informados sobre questões de interesse comum, mas questionam o optimismo exagerado decorrente do aumento das condições proporcionadas pelo avanço da digitalização:

“As both the internet and the discourse about its potential to breed deliberation have matured, the most optimistic claims have been met with counter-arguments, rooted, for example, in early empirical studies on online discussion forums suggesting that these are arenas where outlooks are reinforced rather than traded and where the level of participation is generally fairly low” (Karlsson et al., 2015, p.295).

Os autores advertem que existem outros factores que influenciam o jornalismo e as suas práticas além da tecnologia, desde logo, por ocorrer em território regulado que implica a existência de condições de acesso, justificando assim tanto o arrefecimento do entusiasmo como o questionamento dessa participação controlada pela “rigidez” de regras e protocolos:

“Most news organizations are characterized by a slow adaption to consumer participation and are reluctant to let the audience into the field of production. This reluctance is not at all new; there has been a rather a well-documented resistance to audience participation and orientation for decades. The arguments against letting people into journalistic platforms can be widely found within journalism: from legal and ethical issues via economic and other resource related concerns, to questions related to the role of the professional journalist” (Karlsson et al., 2015, p.297).

Além de reafirmarem a “relutância” dos jornalistas para abdicarem do seu controlo, acrescentam que as participações exteriores não são por eles entendidos como contributos adequados, e explicam assim a “desaceleração” nos processos de introdução de novos mecanismos de interactividade:

Karlsson et al. (2015)

Estudos de caso *Aftonbladet, Svenska Dagbladet, Expressen, Dagens Nyheter*

Blogues
Comentários

Fonte: Elaboração própria a partir de Karlsson et al. (2015)

A adopção do ângulo da “ilusão interactiva” conduz ao questionamento sobre aquilo que os cidadãos realmente desejam, ou seja, a vontade de expressar opiniões e menos de debater ou produzir conteúdo informativo levam os investigadores a colocar em causa se existe, de facto, um público “ansioso e disposto a intervir” (Karlsson et al., 2015, p.299). Uma coisa é permitir que os leitores se envolvam na discussão, outra coisa bem diferente, é saber se os leitores optam por se envolver. Recorrendo somente a duas formas de participação, procederam ao estudo da sua evolução entre 2007 e 2013 através da análise de conteúdos e de inquéritos, tendo detectado um “declínio rápido” dos comentários como forma de discurso público e o mesmo padrão de “declínio drástico” para criação de hiperlinks das notícias para os blogues (Karlsson et al., 2015, p.301).

Na perspectiva da produção, os investigadores avançam como potenciais explicações a percepção por parte das empresas jornalísticas do débil valor comercial da participação e, conseqüentemente, a desvalorização do valor deliberativo; na perspectiva dos leitores, a natureza universal das notícias, que se dirigem a todos e a ninguém ao mesmo tempo, e a ausência de “formas abertas e significativas” de participação. Em síntese, inclinam-se “menos” para o potencial e as oportunidades participativas e “mais” para a motivação e capacidade dos usuários. O facto de o estudo considerar um número muito limitado de variáveis recomenda prudência para afirmações taxativas, na medida em que se pode ter verificado um deslocamento da participação, por exemplo, para as redes sociais (que o estudo não avalia):

“It seems reasonable to suggest that SNS [Social Network Sites] is an increasingly important gateway to discover online news, especially for younger people, but that interactivity in terms of discussing or commenting news stories is less common. This is especially evident in Northern European countries (Reuters Institute Digital News Report 2014), which also highlights the need for more in-depth comparative studies” (Karlsson et al., 2015, p.305).

2.9.15 Círculos fechados

Tendo como objectivo avaliar a participação em Espanha e no Brasil, Jhonatan Mata e Pere Masip optaram por analisar como é que quatro sites de canais televisivos integram conteúdos produzidos por não-profissionais e permitem a sua interacção com os conteúdos televisivos partindo da sua “centralidade na paisagem mediática”:

“(…) os usos das tecnologias digitais, especialmente, do telefone celular e do computador pessoal (e das ‘redes sociais’) para a geração de conteúdos por não jornalistas tendem a permitir ao usuário assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações” (Mata & Masip, 2018, p.139).

O quadro teórico começa por assumir o jornalismo de carácter colaborativo como o reconhecimento da capacidade do público para “seleccionar, captar e difundir informações” como uma “relação de coautoria” que deve considerar a necessidade ou não de intervenção editorial jornalística. As autoras optam pelo reconhecimento do “jornalista colaborativo” como “curador” dos espaços identificados de participação onde o cidadão se desloca da posição de “nativo” para a posição de “forasteiro” num cenário “controlado pelo especialista” (Mata & Masip, 2018, p.140-141). Quando introduzem no debate o *jornalismo cidadão* para estabelecer diferenças, referem questões territoriais, ou seja, centram a sua acção nos “blogues com produções originais” enquanto o “jornalismo participativo engloba “todas as interações que um membro do público pode ter nos ambientes online fornecidos pelos meios de comunicação” (Mata & Masip, 2018, p.142). Jonathan Mata e Pere Masip organizaram os recursos interactivos recorrendo à sua organização entre participação selectiva, participativa e produtiva:

Mata & Masip (2018)

Estudos de caso *Rede Globo, Telecinco, TV Brasil, RTVE*

Interactividade selectiva	Personalização para adaptar o conteúdo disponibilizado	Registo, alertas de email e <i>feed</i> RSS
Interactividade participativa	Interacção possibilitada por parâmetros previamente estabelecidos pelo site e resulta em contribuições na forma de um comentário ou qualquer outra entrada que não envolve a atividade criativa genuinamente concebida pelo usuário.	Ferramentas de avaliação e partilha, comentários de notícias
Interactividade produtiva	Produção de conteúdo original pelo usuário.	Fotografias, imagens em movimento, áudio, perguntas para entrevistas e blogues

Fonte: Elaboração própria a partir de Mata & Masip (2018)

As conclusões revelam uma predominância de mecanismos de interactividade selectiva, “a forma menos potente de participação”, confirmando assim que os jornalistas continuam a exercer “forte controlo” sobre as formas de interacção:

“(…) a interatividade participativa pauta-se prioritariamente no objetivo de divulgar, compartilhar, nas mais diversas plataformas, o material produzido pelas emissoras, ou buscar por termos de interesse, deixando em último plano qualquer possibilidade de julgamento, por parte do usuário, daquilo que é disponibilizado” (Mata & Masip, 2018, p.147).

Metade dos sites considerados no *corpus* de análise não permite comentários e, nos casos em que se permite, a opção limita-se a avaliar a qualidade dos comentários feitos à notícia e não a notícia por si própria. Os cidadãos são assim colocados num círculo vicioso de avaliação mútua, aliás, confirmado pela inexistência de fóruns de debate. A interactividade produtiva centrou-se na possibilidade de envio de material audiovisual, tendo um dos sites televisivos disponibilizados tutoriais para melhoria da qualidade das fotografias e das imagens em movimento, mas sem que as investigadoras tenham identificado os espaços onde essa colaboração se expressa publicamente. A excepção acaba por corresponder ao padrão, na medida em que os contributos encontram-se vinculados fora dos espaços noticiosos.

“O reinado da interatividade seletiva, que pouco permite em termos de inventividade por parte do público, a ausência de possibilidades de contato com os autores das matérias, a convocação para que a audiência compartilhe material da empresa, mas a impossibilidade de interferir na produção do mesmo são fatores fundamentais que alicerçam este panorama” (Mata & Masip, 2018, p.150).

2.9.16 Amplos recursos interactivos

O estudo desenvolvido por Anoop Kumar e M. Shuaib Mohamed Haneef incidiu sobre os mecanismos de interactividade disponibilizados pelas edições digitais de seis jornais indianos para definir os seus ambientes noticiosos no quadro das “tecnologias da liberdade”. A capacidade de os usuários personalizarem os conteúdos que desejam, proceder à sua partilha, fornecer *feedback* aos produtores e criar e difundir o seu próprio conteúdo, abriram portas para uma maior flexibilidade da comunicação:

“The materiality of the technology, the combination of in-built features and the neo-liberal disposition of the audience to use technology in ways that are charted by them, have come to redefine interactivity vastly different from what it meant in the context of traditional media” (Kumar & Haneef, 2019, p.36).

Os autores colocam em perspectiva o carácter multidimensional de interatividade citando i) interatividade tecnológica determinista e social construtivista; ii) interatividade tecnológica e interatividade social iii); interatividade usuário-meio e interatividade usuário-usuário; iv) recursos incluídos versus interatividade percebida; v) interação versus participação; vi) interatividade “generativa” e “registral”. Fazem-no para demonstrar a plasticidade conceptual: “Interactivity can be understood both as an enabling feature as well as how users bring their agentive potential to bear upon the text and their reading practices in online space. It is about interacting and determining how to interact and engage with text” (Kumar & Haneef, 2019, p.37).

O estudo considera a interatividade extrativa, a interatividade imersiva e interactividade de registo. A primeira, permite navegar na arquitetura de informação dos sites; a segunda, representa a navegação nos espaços três dimensionais; a terceira, refere-se às oportunidades de participação:

Kumar & Haneef (2019)

Estudos de caso *The Times of Índia, Hindustan Times, The Hindu, Dainik Jagran, Dainik Bhaskar, Hindustan*

Sites com acesso exclusivo por telemóvel e aplicações para diferentes plataformas
Newsletters electrónicas enviadas por email com hiperlinks para notícias
Alertas em tempo real
Feeds RSS (Rich Site Summary) com resumos personalizados
Recursos interactivos para construir narrativas de tendências (Notícias principais; Mais lidas; Mais partilhadas; Mais apreciadas; Mais comentadas; Mais populares;...)
Ligações de partilha para as redes sociais
Recursos interactivos para comentar, partilhar, avaliar, denunciar, ...
Inquéritos interactivos sobre questões pertinentes
Blogs/comunidades/fóruns como locais de discussão
Submissão de conteúdos (texto, fotos, vídeo) por mensagem, formulário ou redes sociais

Fonte: Elaboração própria a partir de Kumar & Haneef (2019)

Quanto à tipologia de análise, os investigadores recorreram ao modelo de David Domingo para identificar as suas quatro dimensões:

“Domingo’s typology of interactivity (2008) describes four dimensions of interactivity, namely content customization, audience feedback, citizen’s debate and citizen journalism. Content customization refers to the personalization of media environment according to the needs of users. It gives users a greater authority in terms of the choice on the subject produced by news organizations and determining time and place for consumption. Content customization is based on “digital management of news” and the “preference of users”. The second level of interactivity is audience feedback. At this level, readers talk back to journalists, give suggestions to producers, express their views and many more. At this stage, readers work as “eyes of the journalists” discovering new dimensions to the story or suggesting a new topic. The third level is of citizen debate which has got more to do with communitarian view of communication. Community formation, participation in online discussions, chat rooms, blogs and forums are the main characteristics of this kind of interactivity. By analyzing the discussion forums, journalists can determine the priorities to be allocated to different issues. Citizen journalism, the fourth level of interactivity, is characterized as proactive role played by users. Readers become journalists and report on the issues in their locality. These “neighborhood reporters” keep a vigilant eye on the happenings taking place around them” (Kumar & Haneef, 2019, p.39).

Nas suas conclusões, revelam que os sites, sites móveis/sites responsivos, aplicativos móveis e ferramentas de redes sociais disponibilizaram um “amplo espectro de recursos interativos” para facilitar a interação:

“All the six newspaper websites gave their users the choice to customize content and to digitally manage their reading/viewing preferences. Newspapers also offered a wide spectrum of interactive features for audience to write back into the media text (...). This vindicates the presence of a greater chance for end-use manipulation of content” (Kumar & Haneef, 2019, pp.49-50).

2.9.17 A novidade da hibridização

Juliana Colussi e Paula Melani Rocha tentaram proceder a uma consolidação conceptual e apresentaram uma proposta contemporânea inserida no contexto da hibridização dos géneros jornalísticos como “característica inerente à evolução” do jornalismo. A problematização assume as consequências da digitalização e procede ao seu enquadramento no aumento do “ritmo” e da “velocidade” imposto no processo de produção e de difusão das notícias com consequências na classificação dos géneros:

“Journalistic genres have evolved as a result of several characteristics inherent to digital journalism: interactivity, multi- media, customization, immediateness and constant updates (...) journalists as well as the audience have altered their respective routines related to information production and consumption” (Colussi & Rocha, 2020, p.13).

As autoras adoptam como ponto de partida a definição de Martínez Albertos dos géneros como “diferentes métodos estilísticos” da linguagem jornalística para informar, interpretar ou opinar (2004) e adicionam a perspectiva de Yane Mesa no sentido em que os géneros se alteram ao longo do tempo (2004) e de Lia Seixas quando se refere à mudança como resultado de um compromisso de adaptação à realidade (2009). É nesse sentido que se encaminham para um campo conceptual orientado pela flexibilidade classificativa e pela consideração do envolvimento do jornalista introduzido no debate por Sonia Fernández Parratt (2008):

“In this context, the news reported, articles, and reports can provide different levels of information and interpretation according to the text’s journalistic involvement. The corresponding purpose of explicit opinion covers all types of opinion genres” (Colussi & Rocha, 2020, p.24).

Os mecanismos de interactividade e as possibilidades de combinação dos textos jornalísticos, decorrentes da sua permeabilidade quando publicados online, esticam as fronteiras dos géneros neste processo de hibridização e produzem novos tipos de enunciados potencialmente estáveis. Aliás, a própria interacção com as audiências produz novos significados através das narrativas que resultam da avaliação (hierarquização) das notícias, da sua partilha e do diálogo estabelecido nos comentários, ou seja, o carácter camaleónico do contexto digital altera as características. Juliana Colussi e Paula Melani Rocha adoptam a definição de Alcalá-Santaella (2004) dos géneros jornalísticos nos meios digitais e acrescentam as anteriores sugestões apresentadas por Armentia Vizqueta (2000) como características do jornalismo digital:

Géneros jornalísticos nos meios digitais

Juliana Colussi e Paula Melani Rocha (2020)

Notícias	Notícias de actualidade formuladas em diferentes formatos	Tópicos especiais	Arquivo de documentos
Multimédia	Foto-galerias	Vídeos	Gráficos explicativos animados e/ou interactivos
Reportagens especiais	Adaptação das reportagens impressas para a secção da “última hora”/”flash” em ambiente digital (Twitter, Facebook e Instagram). Esta narração das primeiras impressões sobre acontecimentos relevantes caracteriza-se pelo imediatismo e brevidade.		
Reportagens simultâneas	Decorre da experiência da rádio: actualização permanente de informações.		
Fóruns de discussão	Incentivo à participação das audiências através de espaços de debates abertos e sem moderação.		
Debates	Modelo similar aos fóruns de discussão		
Entrevistas online	Permite que o público entreviste pessoas. As perguntas são enviadas para um jornalista que procede à sua selecção para questionar ou colocadas directamente remetendo o jornalista para a moderação.		
Inquéritos	Explora as capacidades interactivas da digitalização permitindo a participação activa das audiências e em número elevado (comparando com limitações da impressão:		

Fonte: Elaboração própria a partir Colussi & Rocha (2020)

As autoras testaram este quadro teórico na análise de *streaming* Live do Facebook para avaliar uma eventual hibridização. As variáveis misturam quantificação

de frequências, análise de conteúdos, géneros e interactividade, mas depois as autoras separam os géneros jornalísticos através da sua identificação e categorização:

Hibridização	
Género	Subgénero
Informativo	Notícia
	Reportagem
Interpretativo	Entrevista
Opinião	Comentários
	Debate
Relacionado	Musical/Tutorial/YouTube challenge
Híbrido	Informativo: Reportagem + Entrevista
	Informativo: Reportagem + Comentário
	Informativo: Entrevista + Debate

Fonte: Elaboração própria a partir Colussi & Rocha (2020)

As autoras concluem que a hibridização é comum nos casos estudados e apresentam como exemplos vídeos que misturam entrevistas (género interpretativo) com debates (género opinião) e vídeos com informação apresentada por jornalistas (género informativo) com entrevistas (género interpretativo). Em relação à interactividade, destacam que os géneros híbridos se encontram entre os mais comentados, ou seja, o carácter dialógico inerente à plataforma Facebook Live influencia a participação do público e leva à transformação de um produto inicialmente informativo em comentário ou debate:

“Both the prior observation and data analysis confirm the initial hypothesis considered, stating that Estadão’s and El Tiempo’s use of streaming videos on Facebook Live favor journalistic genre hybridization. Among the live audiovisual productions by both newspapers, the use of hybrid genres in much of the content stands out (...) in this case, the prevalence of hybrid genres among journalistic products such as streaming videos on Facebook Live may be part of a media strategy to encourage user participation through comments” (Colussi & Rocha, 2020, p.32).

2.10 Caminho para fazer

A generalidade dos autores considerados nesta revisão da literatura localizou o debate sobre a interactividade no contexto de mudança dos modelos de comunicação “de um para muitos” (fluxo unilateral) para os modelos de comunicação “de muitos

para muitos” (sistemas colaborativos de carácter conversacional). Uma alteração dos centros gravitacionais da comunicação marcada pelo aumento das possibilidades dos mecanismos de interactividade e consequentes reconfigurações no processo interpretação da realidade social:

“Interactivity refers to the ways that new technologies have been designed to be more responsive to consumer feedback (...) Participation, on the other hand, is shaped by the cultural and social protocols” (Jenkins, 2006, p.133).

Dentro deste quadro teórico, os estudos convergem no reconhecimento qualitativo das ferramentas de interactividade na reaproximação dos jornalistas aos cidadãos através da atribuição de maior poder na construção da actualidade e na constatação de resistências jornalísticas à implementação destas ferramentas por representarem uma partilha simultânea de território e de poder nos processos da interpretação da realidade. Os cidadãos beneficiam de alguma liberdade para classificar e comentar (influenciar através da avaliação e da distribuição), mas apenas podem partilhar o seu próprio conteúdo dentro de fortes restrições editoriais (papel de contribuintes), na medida em que as permissões se encontram centradas no envio de materiais audiovisuais e sugestões delimitadas em espaços editoriais autónomos.

A amostra dos estudos de caso (Quadro 3) revela uma concentração de significância de recursos participativos que permitem ao cidadão comentar as notícias produzidas pelos jornalistas (0.58), submeter conteúdo audiovisual (0.58) e conteúdo escrito (0,52) e estabelecer ligações entre os sites dos jornais e os seus blogues pessoais (0.52). Todos estes valores têm essencialmente um valor ilustrativo (Fig. 7), na medida em que cada estudo procedeu às suas próprias revisões de literatura e consequentes definições de variáveis, isto é, não se aplicou um modelo de carácter universal que permitisse obter resultados comparativos decorrente de marcadores idênticos.

Quadro 3 Formas de participação identificadas nos estudos de caso: frequências

(n=17)

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO	FREQUÊNCIA RELATIVA
Arquivo	0,11
Avaliação/classificação de notícias	0,41
Blogues	0,52
Chats	0,23
Comentários	0,58
Conteúdo colaborativo escrito	0,52
Conteúdo colaborativo multimédia	0,58
Correio electrónico	0,29
Entrevistas assíncronas	0,35
Fóruns	0,41
Inquéritos/sondagens	0,47
Partilha de notícias	0,29
Sugestão de hiperlinks relacionados	0,05
<i>Wiki</i>	0,05

Fonte: Elaboração própria

No primeiro caso, as sugestões apontam para a necessidade de os jornalistas exercerem algum tipo de edição para garantir a qualidade da participação através da valorização dos melhores comentários, evitando que se percam no volume participativo. As dinâmicas destes contributos podem gerar novas narrativas de interpretação da realidade para lá da própria notícia. Os comentários podem transformar os membros da audiência em colaboradores e contribuir para a criação de comunidades virtuais por via do debate que geram através da manifestação das suas opiniões, dúvidas, críticas, sugestões de ligações a outros conteúdos, correcção de erros. Esta conversação pode configurar-se como micro-fóruns ligados a cada notícia e promover debate qualitativo entre os cidadãos e com os próprios jornalistas.

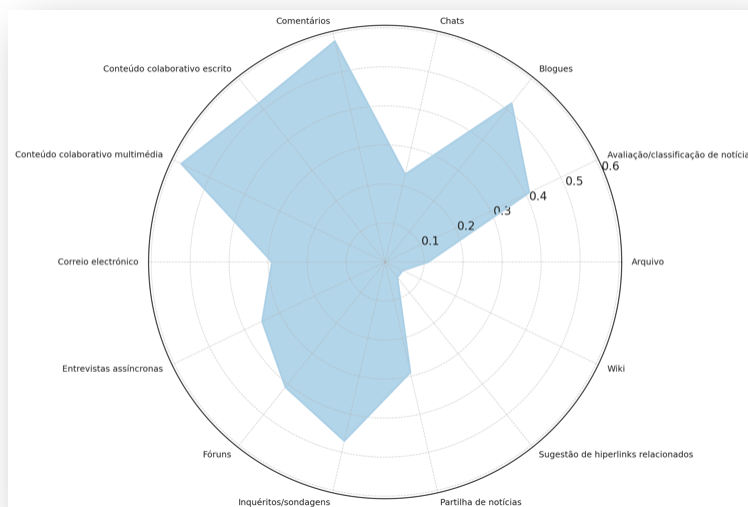
No segundo e terceiro casos, importa considerar que o conteúdo multimédia se trata essencialmente da submissão de relatos audiovisuais dos leitores com temáticas de carácter experiencial, cuja disponibilização ocorre em espaços editoriais separados

dos conteúdos jornalísticos. Trata-se de um evidente aproveitamento da massificação dos dispositivos individuais de recolha e edição de conteúdos, mas cuja potencial noticioso exige uma diferente abordagem jornalística. Também os blogues tendem a focar-se em temas de entretenimento e são igualmente remetidos para espaços periféricos, ou seja, apesar de se constituírem como mecanismos especialmente abertos à participação por dispensarem moderação prévia, podendo até constituir-se como colunas de opinião, os estudos apontam para um aproveitamento limitado à permissão condicionada de alojamento nos sites jornalísticos.

Importa ainda considerar outra dinâmica que decorre do valor que os cidadãos atribuem às notícias. Não estando envolvidos nos respectivos processos de produção, as possibilidades de avaliação/classificação (0.41) e os mecanismos de partilha para sites externos (0.29) resultam em escolhas que representam também uma construção da actualidade mesmo que a partir das interpretações jornalísticas, na medida em que, ao procederem à hierarquização do conteúdo jornalístico, constituem-se como uma agenda alternativa (mais lida, mais comentada, mais partilhada).

Por fim, formas de participação específicas como a generalização dos fóruns (0.41) e dos mecanismos de inquéritos/sondagens (0.47) parecem desencontrar-se tanto da crítica ao excesso de entusiasmo com a interactividade (Chung, 2008) como do questionamento da vontade participativa dos cidadãos (Karlsson et al., 2015). Os espaços de discussão e de debate permitem desenvolver contextos de formação de cibercomunidades (Hermida, 2011) e acentuar o tom de conversação do jornalismo (Marchionni, 2013; Min, 2015), na medida em que a existência de moderação jornalística pode potenciar estas características através da orientação do debate (Fig. 7).

Figura 7 Formas de participação identificadas nos estudos de caso: radial



Fonte: Elaboração própria

A generalidade das conclusões aponta para resultados desanimadores em grande medida devido à “relutância” dos jornalistas e à sua “cultura inalterada”, mas importa ter em consideração que jornalismo participativo não pode ser reduzido a um processo impulsionado pela tecnologia, na medida em que decorre das interações entre cidadãos amadores e jornalistas profissionais dentro do seu quadro regulatório. Neste sentido, a aplicação dos recursos de interactividade depende substancialmente da compreensão da sua importância pelos jornalistas e do próprio reconhecimento da sua utilidade pelos cidadãos (que continuam a deslocar-se para as redes sociais),

As propostas devem por isso ser consideradas numa perspectiva de compromisso para que o jornalismo possa se assumir cada vez mais como uma conversa e menos como uma palestra. Um território que importa ir construindo, na medida em que os jornalistas continuam a ver os cidadãos *apenas* como destinatários activos das notícias, membros das comunidades online, eventuais fontes de informação e produtores ocasionais de conteúdo hiperlocal. Trata-se de reconhecer a necessidade de desenvolver um esforço criativo para re-imaginar formas como os jornalistas podem implementar e administrar as opções de participação para que os cidadãos possam ser considerados participantes activos no processo de produção de notícias sem que os jornalistas prescindam das suas obrigações éticas e deontológicas.

3. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO E METODOLOGIA

3.1 Objectivos da investigação

A revisão da literatura para construir o quadro teórico centrou-se na procura dos instrumentos que melhor respondessem aos objectivos específicos e ao objectivo geral:

A presente proposta de investigação pretende identificar e descrever práticas jornalísticas em media digitais que incluam a participação dos cidadãos, analisar como é que os jornalistas se posicionam perante esses contributos e o respectivo impacto nas linhas editoriais desses órgãos de informação.

Quanto aos objectivos específicos, importa considerar as duas grandes dinâmicas onde ocorre o debate:

na perspectiva da produção:

1. Identificar, descrever e classificar os mecanismos da intervenção dos cidadãos nas edições digitais dos jornais *The Washington Post* (Estados Unidos), *National Post* (Canadá) e *The Guardian* (Reino Unido);
2. Analisar a relevância da intervenção dos cidadãos nas edições digitais desses jornais em função dos momentos e locais de inserção das notícias;
3. Analisar a intervenção em função dos géneros e formatos jornalísticos;
4. Analisar o impacto da participação dos cidadãos nas respectivas linhas editoriais.

na perspectiva dos jornalistas:

1. Descrever as percepções dos jornalistas sobre as vantagens e as desvantagens da participação dos cidadãos no processo jornalístico;
2. Analisar essas percepções em função do seu conhecimento sobre um conceito de jornalismo participativo;
3. Identificar, descrever, classificar e analisar as formas, os momentos e os locais de inserção em que admitem que os cidadãos podem intervir na dinâmica jornalística;

4. Identificar, descrever, classificar e analisar os géneros e os formatos jornalísticos onde os jornalistas reconhecem valor a esses mecanismos de participação.

Tendo em consideração a problematização do objecto de estudo, os dois conjuntos de objectivos levaram à definição das seguintes perguntas de investigação:

1. Quais são as práticas jornalísticas que incluem a participação dos cidadãos no processo editorial?
2. Em que papel editorial o cidadão intervém?
3. Quais as características editoriais das peças jornalísticas onde esses contributos são incluídos (momentos, locais, etc)?
4. Quais os géneros e os formatos jornalísticos onde se encontra essa inclusão?
5. Quais são as percepções dos jornalistas sobre a participação dos cidadãos?
6. Qual o impacto da participação dos cidadãos na linha editorial nos órgãos de comunicação social?

3.2 Estratégias de investigação

3.2.1 Modelo de processo de produção noticiosa

Tendo em consideração a necessidade de analisar as características editoriais das peças jornalísticas que incluem contributos dos cidadãos e os respectivos papéis editoriais em que intervêm, para assim tornar possível a avaliação do impacto da participação no processo de produção de notícias, a investigação adoptou o modelo que tem sido utilizado pelos investigadores em dezenas de estudos de caso (Quadro 2). David Domingo, Thorsten Quandt, Ari Heinonen, Steve Paulussen, Jane B. Singer e Marina Vujnovic investigaram 16 sites na Bélgica, Croácia, Finlândia, França, Alemanha, Espanha, Eslovénia, Reino Unido e Estados Unidos, tendo como referência os jornais *De Standaard*, *Gazet van Antwerpen*, *Jutarnji List*, *Dnevnik*, *Iltalehti*, *Helsingin Sanomat*, *Le Monde*, *Le Figaro*, *Spiegel (weekly in print)*, *Frankfurter Allgemeine*, *El Mundo*, *El Pais*, *Guardian*, *The Times*, *The New York Times* e *USA Today*; Alfred Hermida, Ane B. Singer, Alfred Hermida, Ari Heinonen, Steve

Paulussen, Thorsten Quandt, Zvi Reich e Marina Vujnovic analisaram sites noticiosos na Bélgica, Canadá, Croácia, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos, e realizaram entrevistas com os jornalistas responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção de comunidades online, tendo trabalhado um *corpus* de análise constituído pelos jornais *De Standaard*, *Het Nieuwsblad*, *Gazet van Antwerpen*, *The Globe and Mail*, *The National Post*, *Vecernji List*, *24 Sata*, *Helsingin Sanomat*, *Kaleva*, *Le Figaro*, *Le Monde*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Focus*, *Der Spiegel*, *Süddeutsche Zeitung*, *Yedioth Aharonoth*, *Maariv*, *Haaretz*, *El País*, *20 Minutos*, *Guardian*, *Daily Telegraph*, *USA Today* e *Washington Post*.

Este modelo encontra-se estruturado através da identificação dos componentes comuns dos processos de comunicação, desde o acesso e observação de algo que pode ser comunicado, à selecção e filtragem de informações, passando pelo processamento e edição dessas informações, a sua distribuição e interpretação:

“This process is certainly more complicated than just ‘transporting’ information from point A to point B, as is sometimes still implicitly assumed in communication models and public discussion alike, and it depends on mutually accepted rules and roles for all the individuals involved in the process. Furthermore, such processes do not necessarily or directly lead to a final element of the chain in each case. Communication processes can stop, for example, if the selection does not lead to a positive result. There are ‘loop points’, where the process might go into a repetition circle; for example, edited information can be further selected and filtered by individuals. And each chain might lead into another chain; for instance, the last steps of the original observation chain could be the first steps of a second-order chain that relies on already-communicated information” (Domingo et al., 2008, pp.328-329).

O processo de comunicação caracteriza-se pela “não linearidade” e o funcionamento depende das regras e dos papeis reconhecidos entre si por todos os intervenientes (Quadro 4). Importa advertir que os processos de comunicação não são progressivos, na medida em que se podem concentrar numa determinada fase onde depois entram em ciclos de repetição. Trata-se de um modelo adequado para a análise dos contributos dos cidadãos através da incorporação das “tecnologias de distribuição”:

“Journalism studies scholars currently discuss some of these possible modifications, which are triggered partly by technological advances but also by societal challenges and deficits in the current state of institutionalized journalism. These modifications might lead to a new model of journalism, labelled ‘participatory journalism’” (Domingo et al., 2008, pp.330-331).

Este modelo implica que algumas funções de comunicação podem ser desempenhadas por indivíduos ou organizações por via das “novas tecnologias” que reconfiguram a comunicação como “uma rede social em constante expansão”.

Quadro 4 Processo de produção de notícias

Etapa	Descrição
Acesso/Observação	Fase inicial do processo de recolha de informações para produzir notícias através de relatos de testemunhas e contribuições audiovisuais.
Seleção/Filtragem	Quando são tomadas as decisões sobre o que deve ser publicado.
Processamento/Edição	A história é criada através da redacção e edição do conteúdo noticioso.
Distribuição	A história é disseminada para leitura e, potencialmente, discussão.
Interpretação	Momento em que a história é publicada e aberta para comentários e discussão.

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo et al. (2008)

Os investigadores procedem depois à classificação e descrição dos mecanismos e adicionam três camadas de contexto susceptíveis de influenciar este modelo (social, comercial e profissional) (Quadro 5):

Quadro 5 Abertura do processo de produção de notícias

Muito aberto à participação	Os cidadãos podem participar como colaboradores e gestores nessa fase
Moderadamente aberto à participação	Os cidadãos só podem participar como contribuintes ou gestores da etapa mediante critérios vagos
Ligeiramente aberto à participação	Os cidadãos só podem participar como contribuintes mediante regras e filtros muito rigorosos
Fechado à participação	Os cidadãos não podem contribuir nessa fase do processo produtivo

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo et al. (2008)

Consideramos que este modelo de produção de notícias viabiliza uma análise estrutural da participação porque permite alcançar os seguintes objectivos:

- Estabelecer o ciclo de vida do processo noticioso através da definição e descrição das suas diferentes etapas;
- Identificar separadamente a presença dos diferentes mecanismos participativos em cada fase desse processo;
- Analisar a sua relevância através da avaliação das respectivas regras e incentivos;
- Proceder à avaliação panorâmica de todos os mecanismos presentes em determinado processo;
- Analisar qualitativamente a abertura jornalística à participação através da análise dos diferentes produtores de conteúdos e os gestores do processo nas diferentes fases do ciclo de vida das notícias.

3.2.2 Modelo de interactividade

A análise dos mecanismos de interactividade não deve ser entendida apenas como uma evolução semântica da participação para a interacção, na medida em que as suas características e amplitude de implementação traduzem um quadro multidimensional concreto que se define através das práticas jornalísticas que incluem a participação dos cidadãos no processo editorial. Trata-se da construção de uma parceria baseada no reconhecimento da importância desses contributos e na sua valorização, ou seja, encontramos-nos num território em permanente (e infinita) reconfiguração em virtude das dinâmicas digitais de hibridização.

A interactividade tanto pode ser entendida como o conjunto das ferramentas tecnológicas, como as possibilidades de interacção disponíveis em determinado momento ou como a capacidade de participação proporcionada pelos jornalistas para a entrada dos cidadãos no processo de construção noticiosa. Foi nestes termos que Mark Deuze (2003) começou por introduzir o tema no debate jornalístico através da distinção que estabeleceu entre a interactividade navegacional (navegar no site), a interactividade funcional (possibilidade de interacção) e interactividade adaptativa (as consequências de cada acção). Joyce Y.M. Nip (2006) situou depois a interactividade como a possibilidade concreta de intervenção no processo de construção da própria notícia e

Deborah S. Chung (2008) projectou as fronteiras para a relação multidimensional que se estabelece com o *medium*. Assim, a questão deve ser colocada na necessidade de a interactividade ter consequências tanto na selecção das notícias como no respectivo processo produtivo para integrar as características do jornalismo participativo.

A investigação de Alejandro Rost (2014-2016) reforça essa necessidade da interactividade conferir visibilidade à participação e foca-se nas possibilidades da interactividade selectiva e da interactividade comunicativa, ou seja, controlo sobre os conteúdos recebidos e possibilidades de expressão no processo noticioso. Esse novo território teórico permitiu que Jaime Suau e Pere Masip (2011) apresentassem uma proposta entre interactividade selectiva, interactividade participativa e interactividade produtiva, isto é, possibilidades de interacção com os conteúdos, permissão de contribuições e capacidade de publicação de conteúdo original.

Mais recentemente, Chris Peters e Tamara Witschge (2014) problematizaram a interactividade segundo o nível de participação aceite. É na sequência da revisão sistemática da literatura que se chega ao seguinte modelo de análise (Quadro 6), tendo como base uma tentativa de articulação que considere tanto a evolução conceptual como os seus significados aplicados à presente investigação:

Quadro 6 Interactividade selectiva e comunicativa

Interactividade	Selectiva	Comunicativa			
	Receptor interactivo de conteúdos	Receptor e produtor interactivo de conteúdos			
Visibilidade e presença da audiência	Como resposta apenas a alguns itens	Como autores de textos em áreas designadas	Como contribuintes estruturados na plataforma		
Nível hierárquico da participação	Respostas baseadas em questões prévias sem interacção jornalística	Interacção com outros membros da audiência e/ou jornalistas, mas com impacto limitado	Diálogo e conversa baseada em contributos com impacto na produção noticiosa		
	Mínima	Moderada	Máxima		
Etapas de produção	Acesso	Seleccção	Edição	Distribuição	Interpretação

Fonte: Elaboração própria a partir de Domingo et al. (2008), Rost (2014), Peters & Witschge (2014)

A delimitação dos territórios através da visibilidade dos contributos e da qualidade da participação permite identificar o impacto dos mecanismos de interacção no processo de produção das notícias e assim classificar os diferentes níveis participativos. A sistematização de variáveis já testadas e a identificação de outras no *corpus* de análise permitiu o seu desenvolvimento evolutivo para um modelo original de avaliação do jornalismo participativo, que se apresenta no capítulo 6.

3.2.3 Modelos de géneros e formatos jornalísticos

A identificação dos géneros e os formatos onde se concretiza a participação encontra-se necessariamente marcada pela fluidez decorrente das dinâmicas de hipermudança que caracterizam os territórios digitais. Trata-se de um longo e instável processo de identificação e classificação que começou por se centrar no estudo da sua origem epistemológica e depois da análise da sua função enquanto quadro normativo de regras estilísticas para cumprir diferentes exigências informativas, e.g., a notícia *serve* para informar e a crónica *serve* para opinar (Luiz Beltrão, 1980; José Marques de Melo, 1985, 2003a, 2003b; Lorenzo Gomis, 1991; Martínez Albertos, 1992). A estruturação dos conteúdos segundo determinadas normas jornalísticas visa organizar a forma e o conteúdo para potenciar o texto jornalístico (Chiang, 2012) e constituem-se como um “sistema de normas e regras” (González Reyna, 1999) que facilitam a comunicação através de modelos apreendidos pelos leitores (Lorenzo Gomis, 1991).

O debate desenvolveu-se em torno da necessidade editorial, as formas de produção noticiosa e as normas de construção (Santarmaría Suárez, 1994), ou seja, a compreensão pelo jornalista da adequação da função do texto ao respectivo *medium* como “pedra de toque” do seu trabalho (Martínez Albertos, 2004). Mesmo essas fronteiras acabaram por se diluir porque o debate superou o perímetro da adequação discursiva às necessidades de informar, descrever, relatar e comentar. Num certo sentido, esta ideia da estabilidade do enunciado enquanto unidade de comunicação discursiva sofreu um abalo com impacto da inovação tecnológica e da hibridização, na medida em que o *medium* deixa de ser um sistema de difusão de mensagens para se constituir também como um sistema de organização de mensagens.

A intencionalidade do discurso posiciona a problematização na finalidade do acto como comunicação relativamente estável, se quisermos, na rotina da produção, na

medida em que se tratam de actos socialmente relevantes nos respectivos contextos que estabelecem vínculos e favorecem perspectivas comuns, isto é, o vínculo do discurso à sociedade garante a eficácia da interação comunicativa através da uniformização do propósito (van Dijk, 2000). Os estudos evoluíram naturalmente das definições relativas à necessidade dos jornalistas compreenderem a realidade para serem depois explicados em função da finalidade discursiva (Chaparro, 2008; Parratt, 2008; Seixas, 2009; Agnès, 2022), tendo chegado à intencionalidade do género (Vizue & Marcet, 2000) e até ao propósito do jornalista (Parratt, 2008).

É desta realidade que emerge uma “*mélange de genres*” (Jean-Michel Utard) decorrente do carácter orgânico das formas discursivas adoptadas por força da repetição, no sentido que vão cumprindo melhor ou pior as funções sociais que orientam o trabalho jornalístico (finalidade do discurso) e se estabelecem através do diálogo entre género e *medium* como actos de comunicação relativamente estáveis que depois se misturam e dão origem a novos géneros e formatos. A abordagem da investigação aos géneros e formatos jornalísticos assume genericamente as linhas orientadoras da “interactivity, multimedia, customisation, immediateness and constant updates” como características das dinâmicas da digitalização (Colussi & Rocha, 2020) e a necessidade de proceder à sua operacionalização através da identificação da necessidade/oportunidade de comunicação, ou seja, a sua finalidade (Seixas, 2009).

Por muito que queiramos colocar sobre os ombros da mutabilidade as características da mudança, o estudo não pode prescindir da identificação das *fronteiras naturais* do jornalismo, no sentido em que, sendo um método de interpretação sucessiva da realidade social que se configura no acto da troca comunicativa e se constitui pelo acto da linguagem, o jornalista necessita de dispor de formas distintas de comunicação para descrever e interpretar a realidade através de um sistema de normas e de regras.

“Género jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da actualidade, por meio de suportes mecânicos ou electrónicos (...)” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.49) (...) “Formato jornalístico (...) é o feitiço de construção da informação transmitida pela mídia, por meio do qual a mensagem da actualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional” (Marques de Melo & Assis, 2016, p.50).

É nesse sentido que a discussão se projecta depois para os formatos jornalísticos, na medida em que decorrem da sua relação do género com o *medium*. Um eventual fechamento dos géneros em alguma espécie de imutabilidade remeteria necessariamente os formatos para a simples lógica do dispositivo, mas nem os géneros podem ser confinados à permanência, nem os formatos à ausência de discurso. Na realidade, a digitalização apenas acentuou o carácter da permanente mudança na comunicação através da demonstração da instabilidade conceptual, justificando-se (também por isso) a perspectiva assumida nesta revisão da literatura em sintonia com a formulação proposta pelos estudos da semiótica:

“Os géneros digitais estão prontos para lançar um golpe mortal contra a hierarquia, fixidez, classificações, para liberar as formas culturais e colocá-las em interação” (Machado, 2001, p.13).

A perspectiva dos géneros jornalísticos como classes de unidades da comunicação massiva periódica, agrupando diferentes formas e respectivas espécies de transmissão, e dos formatos jornalísticos como o feitiço da construção da informação transmitida, perdeu eficácia analítica em contexto de hibridização. Tornaram-se demasiado fluídas as fronteiras dos géneros como composições discursivas que distinguem diferentes práticas jornalísticas e dos formatos como estratégias de comunicabilidade associados ao dispositivo.

É neste universo multifacetado e hiperdinâmico que devemos considerar a integração dos contributos dos cidadãos no processo noticioso através da interactividade, na medida em que as práticas jornalísticas criam circunstâncias concretas que lhes permitem desempenhar diferentes papéis editoriais e envolverem-se nas composições discursivas em virtude dessas formas de participação (Quadro 7).

Quadro 7 Formas de participação

- . Quando são citados como **fontes** de notícias
- . Quando relatam as suas opiniões ou histórias nas suas próprias palavras (**autor/co-autor**)
- . Quando definem narrativas através dos **comentários** e/ou da sua avaliação
- . Quando definem narrativas através de **partilhas** de notícias
- . Quando definem narrativas através da **classificação**/avaliação de notícias
- . Quando definem narrativas através da **agregação** directa de hiperlinks
- . Quando **acrescentam** informações sobre assuntos de última hora
- . Quando **submetem** conteúdo audiovisual
- . Quando **respondem** a inquéritos/sondagens
- . Quando **participam** em fóruns/chats de debate
- . Quando **participam** em painéis consultivos
- . Quando **participam** na preparação de entrevistas
- . Quando **guardam** conteúdos
- . Quando podem **associar** os seus blogues e podcasts nos sites dos meios de comunicação social

Fonte: Elaboração própria

3.3 Análise de conteúdos

A opção pelas técnicas de análise comparativa de conteúdos decorreu da adequação das suas características metodológicas ao objecto de estudo, na medida em que permitem, de forma sistemática e replicável, inferir significados e padrões baseados em contextos, ou seja, permitem fazer inferências tanto contextuais como além do próprio texto. O que permitiu identificar, seleccionar e extrair dados que viabilizaram a construção de significados para as perguntas da pesquisa em confrontação com o quadro teórico resultante da revisão da literatura (Krippendorff, 2004; Mayring, 2021).

A aplicação confirmou a viabilidade das descrições objectivas, sistemáticas e quantitativas da realidade (Berelson, 1952; Daymon & Holloway, 2002), na medida em que permitiu “reduzir a distância entre indicador e indicado, entre a teoria e os dados, entre contexto e acção” (Maanen, 1979). Por um lado, porque a descrição analítica viabiliza a exploração do texto através da codificação de categorias e de unidades de registo aplicáveis aos conteúdos (através da enumeração das características em função da pertinência), tendo em vista identificar núcleos de sentido que permitam inferências

válidas e replicáveis (Henry & Moscovici, 1968); por outro, porque a inferência viabiliza a atribuição de significados para submeter à interpretação do quadro teórico.

A flexibilidade metodológica permitiu realizar a análise de conteúdos nos estudos de casos a partir de uma codificação manual apesar do volume de trabalho ter-se revelado especialmente significativo (Krippendorff, 2004). Em primeiro lugar, esta opção decorreu da impossibilidade de utilizar ferramentas de software compreensivas que cumprissem todas as etapas do processo de recolha de dados, e.g., contagem do número de hiperlinks introduzidos em diferentes variáveis, identificação de múltiplas tipologias de mecanismos de interacção e respectivo mapeamento no processo de produção da notícia. Depois, porque tornou possível reconstituir o ciclo de vida da participação e proceder à hierarquização, ou seja, valorizar a sua relevância através da exploração temática na flexibilidade do contexto. O que também permitiu ir incorporando a mudança, e.g. novas variáveis de análise que emergiram do texto.

Para garantir o rigor e consistência do processo e a fiabilidade dos dados e a sua replicabilidade, procedeu-se à construção de um conjunto inicial de variáveis de análise claras e objectivas e recorreu-se a software de registo e contabilização das frequências (Excell e Google Sheets). Por se tratar de um procedimento inerentemente interpretativo pela imediata compreensão dos significados contextuais no quadro da revisão da literatura, esta opção permitiu interpretações mais profundas e estruturadas no território da investigação (Krippendorff, 2004, p.284).

As dimensões aritméticas e geográficas das unidades de numeração permitiram medir a frequência dos conteúdos introduzidos no processo editorial, bem como descrever e quantificar as funções jornalísticas exclusivas das edições online; enquanto as unidades de contexto serviram para analisar como, onde e quando foram considerados os contributos em função das frases e dos parágrafos aceites.

Nas entrevistas com os jornalistas, procedeu-se à automatização de todo o processo de codificação através do software especializado²⁹, tendo em vista a necessidade de, desde logo, descrever as suas percepções sobre as vantagens e as desvantagens da participação dos cidadãos no processo jornalístico, analisar essas

²⁹ Utilizou-se o *software* MAXQDA para operacionalizar esta análise: Rädiker, S., & Kuckartz, U. (2020). *Análisis de Datos Cualitativos con MAXQDA – Texto, Audio, Video*. Berlin: MAXQDA Press; Brites, R. Tutorial. *Análise de conteúdo com MAXQDA*.

percepções em função do seu conhecimento sobre um conceito de jornalismo participativo. Importava também identificar, descrever, classificar e analisar as formas, os momentos e os locais de inserção em que admitem que os cidadãos podem intervir na dinâmica jornalística e, por último, identificar, descrever, classificar e analisar os géneros e os formatos jornalísticos onde os jornalistas reconhecem valor a esses mecanismos de participação. Não se trata de encontrar homogeneidade semântica nas sequências (uma aproximação à linguística), mas a diversidade decorrente do jornalismo participativo (Maingueneau, 2014).

Esta complementaridade entre uma abordagem dedutiva (análise ancorada no quadro teórico para testar hipóteses) e indutiva (análise orientada pelos dados emergentes) (Glaser & Strauss, 2006 [1967]; Strauss & Corbin, 1990; Charmaz, K. (2014 [2006]) permitiu a problematização do objecto de estudo através da obtenção de dados que viabilizaram a inferência de conhecimentos (Bardin, 2000, p.42) através de uma descrição sistemática do conteúdo de comunicação (Berelson, 1952). Em poucas palavras, a análise de conteúdos permitiu capturar o *espírito do tempo* (Lasswell, 1948).

3.3.1 Estudos de caso

Tendo em vista a obtenção dos resultados que permitissem responder às perguntas da investigação através de análise dinâmica e sistemática de material parcial susceptível de caracterizar o todo (Mayring, 2021), procedeu-se à estruturação de um *corpus* de análise constituído pelos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian* dentro do Modelo Atlântico-Norte ou Liberal (Hallin & Mancini, 2010).

Para acautelar a necessidade de melhorias e/ou correcções, recorreu-se a um processo cíclico, mas admitiu-se proceder à inclusão de novos meios de comunicação social se os conteúdos tivessem sido considerados insuficientes para responder às perguntas da investigação (Biber, 1993), e.g., *USAToday.com* (Estados Unidos) e *TheGlobeandMail.com* (Canadá). O que se revelou desnecessário em função da qualidade e da quantidade dos dados obtidos com a selecção inicial.

O processo de definição da amostra teve por base os objectivos da investigação e orientou-se pelos critérios de relevância e representatividade (Creswell & Cheryl, 2017) bem como de homogeneidade e sincronicidade (Barthes, 1967), no sentido de assegurar a sua pertinência:

- Relevância: devem ter impacto nos respectivos sistemas mediáticos para que os resultados recolhidos sejam pertinentes para a investigação;
- Representatividade: devem espelhar o universo de todo o sistema mediático adoptado como modelo;
- Diversidade: devem reflectir diferentes contextos sociais, políticos e económicos;
- Homogeneidade: devem incluir-se na mesma taxinomia jornalística (generalistas);
- Sincronicidade: o estudo deve ser realizado dentro do mesmo recorte cronológico.

Considerados estes critérios, procedeu-se depois à estruturação da amostra:

- *The Guardian.co.uk*. A edição em papel surgiu pela primeira vez em 1821 e a edição online começou em 1999. Lidera a tráfego digital no Reino Unido, tendo recebido inúmeras distinções pela qualidade do seu site. Trata-se de um jornal líder na adopção das práticas do jornalismo participativo, contando com uma considerável experiência editorial;
- *WashingtonPost.com*. Fundado em 1877, apresenta-se como o jornal com a maior circulação em papel nos Estados Unidos. A edição online iniciou-se em 1996 e atingiu níveis de audiência a rondar os 9 milhões. Até 1999, a redacção online encontrava-se separada física e culturalmente da redacção da edição impressa, mas acabaram por ser integradas na mesma estratégia editorial. As práticas de participação dos cidadãos datam dos anos 90;
- *NationalPost.com*. Trata-se de um jornal canadiano recentemente fundado (1998) e com dimensão nacional (lugar que disputa com o *The Globe and Mail*). Importa avaliar qual a importância atribuída tanto à edição online como (acima de tudo) à participação dos cidadãos.

Considera-se que esta amostra de conveniência permitiu generalizar os resultados baseados na aplicação das variáveis através da comparação (Berelson, 1952):

- i. das tendências;
- ii. dos conteúdos;

- iii. entre meios de informação;
- iv. com os conceitos de jornalismo participativo.

A construção do modelo de análise resultou da revisão sistemática da literatura e dos estudos de caso desenvolvidos ao longo das últimas duas décadas. As variáveis representam as diferentes formas de participação qualitativa e quantitativa dos cidadãos e foram organizadas nas diferentes fases do processo de produção de notícias (Domingo et al., 2008) e em função do respectivo impacto decorrente das suas características de interactividade (Rost, 2014; Peters & Witschge, 2014):

- consideram as diferentes etapas do processo de produção noticiosa para colocar em perspectiva os momentos de participação dos cidadãos;
- consideram a interactividade como o conjunto das ferramentas de interacção disponíveis e, simultaneamente, como a capacidade de participação proporcionada aos cidadãos;
- consideram os géneros e os formatos jornalísticos como actos comunicativos estáveis e ao mesmo tempo mutantes porque tanto podem agrupar diferentes formatos como os próprios formatos se podem autonomizar como géneros através da sua capacidade de se constituírem como unidade discursiva.

A investigação para a análise da fase Acesso/Observação mobilizou 3 variáveis (Conteúdo Escrito para Acesso; Conteúdo Multimédia para Acesso; Entrevistas Assíncronas para Sugerir), mas o levantamento dos dados empíricos relevou 5 variáveis novas: Conteúdo Sonoro para Acesso; Conteúdo Visual para Acesso; Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso; Conteúdo Traduzido para Acesso; Podcast para Acesso. O que corrobora a escolha pela codificação manual anteriormente explicada. Na fase Selecção/Filtragem, constituíram-se 6 variáveis de análise: Hiperlinks Relacionados dos Autores; Conteúdos para Avaliar/Classificar; Conteúdo para Arquivar; Conteúdo com Acesso Directo ao Autor; Conteúdo com Acesso Directo ao Jornal; Conteúdo com Acesso Directo ao Leitor. No momento do Processamento/Edição, foram configuradas previamente as variáveis Conteúdo *Wiki* Criado e Blogues Vinculados, tendo resultado da própria investigação uma terceira: Podcasts Vinculados. A variável Conteúdo para Partilhar manteve-se na Distribuição, mas na Interpretação às variáveis iniciais Fóruns Participados; Chats Participados; Inquérito/Sondagem Participados; Comentários

Introduzidos nos Conteúdos; Hiperlinks Introduzidos nos Comentários, foi possível adicionar duas novas: Quizz Participados; Hiperlinks Introduzidos nos Chats.

Além de se proceder à organização de todas as variáveis nas diferenças fases do processo noticioso e em consideração pelo respectivo impacto da interactividade, optou-se por consolidar este modelo através da descrição das características e das vantagens identificadas para cada uma delas na sequência da uma síntese da revisão da literatura (Quadro 8).

Quadro 8 Variáveis de análise

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROCESSO JORNALÍSTICO		INTERACTIVIDADE PRODUTIVA
ACESSO OBSERVAÇÃO	RECOLHA DE INFORMAÇÃO PARA PRODUZIR NOTÍCIAS	
CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO	<ul style="list-style-type: none"> . Solicitação de sugestão de temas como contributos para a construção da agenda noticiosa; . Solicitação de relatos de experiências; . Inclusão de citações dos cidadãos nas notícias; . Os contributos podem ser geridos através de um perfil de leitor. . Permite adoptar diferentes ângulos para as notícias; . Criação de um perfil de usuário; . Os contributos podem ser associados ao cidadão através de hiperlinks para as respectivas redes sociais. 	
CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO	<ul style="list-style-type: none"> . Aproveitamento da massificação dos dispositivos individuais de recolha, edição e difusão de conteúdos; . Permissão de submissão de fotografias, vídeos e áudios; . Solicitação de submissão deste material com enquadramento jornalístico; . Podem ter potencial noticioso. 	
ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR	<ul style="list-style-type: none"> . Permitem recolher sugestões de perguntas; . Podem ser organizadas como fóruns de debate. 	
CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO	<ul style="list-style-type: none"> . Novas variáveis identificadas no decurso da investigação. 	
CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO		
CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO		
CONTEÚDO COLABORATIVO TRADUZIDO PARA ACESSO		
PODCASTS PARA ACESSO		

Fonte: Elaboração própria

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROCESSO JORNALÍSTICO		INTERACTIVIDADE PARTICIPATIVA
SELECÇÃO FILTRAGEM	QUANDO SÃO TOMADAS AS DECISÕES SOBRE O QUE DEVE SER PUBLICADO	
HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES	<ul style="list-style-type: none"> . Adicionam informação complementar e/ou contexto; . Pressupõe a existência de mecanismos jornalísticos de verificação de veracidade e de actualidade; . Podem gerar um novo ciclo narrativo através de fontes complementares. 	
CONTEÚDOS PARA AVALIAR/-CLASSIFICAR	<ul style="list-style-type: none"> . Hierarquia de conteúdo jornalístico orientada pelo público; . Permite identificar uma agenda noticiosa alternativa através da valorização; . As notícias “mais lidas” podem produzir uma página com as escolhas dos leitores; . As dinâmicas podem gerar novas narrativas de interpretação da realidade que vão para lá da própria notícia. 	
CONTEÚDO PARA ARQUIVAR	<ul style="list-style-type: none"> . Permite registar a memória participativa do leitor através daquilo que guarda. 	
CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR	<ul style="list-style-type: none"> . Permite o contacto directo dos cidadãos; . Permite fornecer informação, sugerir correcções, propor novos ângulos noticiosos, adicionar contexto, etc. 	
CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL	<ul style="list-style-type: none"> . Permite fornecer informação, sugerir correcções, propor novos ângulos noticiosos, adicionar contexto, etc. 	
CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	<ul style="list-style-type: none"> . Permite valorizar o contributo através da disponibilização do contacto do leitor e/ou da ligação às suas redes sociais e/ou blogues e/ou perfil de utilizador. 	

Fonte: Elaboração própria

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROCESSO JORNALÍSTICO		INTERACTIVIDADE PRODUTIVA
PROCESSAMENTO EDIÇÃO	CRIAÇÃO DE CONTEÚDO NOTICIOSOS	
CONTEÚDO WIKI CRIADO	<ul style="list-style-type: none"> . Permissão de criação de conteúdo numa secção do site do jornal; . Solicitação de criação de conteúdo numa secção do site do jornal; . Permite criar artigos de domínio público através do seu reconhecimento por jornalistas; . Dimensão colaborativa expressa tanto através da publicação em sites noticiosos como em associação a conteúdos jornalísticos; . Preservando as fronteiras do jornalismo, o processo de co-autoria pode passar pela definição de um corpo redatorial de cidadãos para produzir conteúdos wiki ou de conteúdos de contexto devidamente identificados, mas longe de soluções radicais de auto-gestão, isto é, sem dispensar a vigilância jornalística. 	
BLOGUES VINCULADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Permissão os cidadãos alojarem os seus blogues nos sites dos jornais; . Permissão para os cidadãos vincularem os seus blogues a notícias seleccionadas, sendo então gerado um hiperlink; . Podem substituir as tradicionais colunas de opinião dos jornais impressos. 	
PODCASTS VINCULADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Nova variável identificada no decurso da investigação. 	

Fonte: Elaboração própria

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROCESSO JORNALÍSTICO	INTERACTIVIDADE PARTICIPATIVA
DISTRIBUIÇÃO	DISSEMINAÇÃO DO CONTEÚDO NOTICIOSO PARA LEITURA E DISCUSSÃO
CONTEÚDO PARA PARTILHAR	<ul style="list-style-type: none"> . Seleção de conteúdo jornalístico orientada pelo público através da partilha por email e/ou hiperlink; . Permite identificar uma agenda noticiosa alternativa através das partilhas; . As notícias “mais partilhadas” podem produzir uma página com as escolhas dos leitores; . As dinâmicas podem gerar novas narrativas de interpretação da realidade que vão para lá da própria notícia.
INTERPRETAÇÃO	PUBLICAÇÃO DO CONTEÚDO NOTICIOSO E ABERTURA DA DISCUSSÃO
FÓRUNS PARTICIPADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Discussão assíncrona favorece a ponderação dos comentários; . Orientada ou não por moderadores; . Com ou sem perguntas de partida para mobilizar o envolvimento; . Dinamizada com tópicos previamente definidos de discussão; . Contextualizada ou não pela disponibilização de hiperlinks . Centrada em temas de carácter comunitário (formação de cibercomunidades); . Tendência para foco temático (envolvimento de especialistas); . Ocorre fora do perímetro delimitado das notícias; . Podem ter potencial noticioso.
CHATS PARTICIPADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Debate síncrono favorece a interação através do fluxo imediatista; . Orientado ou não por moderadores; . Com ou sem perguntas de partida para mobilizar o envolvimento; . Dinamizado ou não com tópicos previamente definidos de discussão; . Contextualizado ou não pela disponibilização de hiperlinks; . Ocorre dentro do perímetro delimitado das notícias; . Podem ter potencial noticioso.

Fonte: Elaboração própria

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS CIDADÃOS NO PROCESSO JORNALÍSTICO	INTERACTIVIDADE PARTICIPATIVA
INQUÉRITO/SONDAGEM PARTICIPADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Permitem fomentar interacções sobre questões pertinentes; . Podem ter potencial noticioso, mas sem extrapolação representativa por falta de validade científica.
COMENTÁRIOS INTRODUIDOS NOS CONTEÚDOS	<ul style="list-style-type: none"> . Permite submeter através do botão directo abaixo da notícia ou através de formulário; . A moderação permite garantir a qualidade da leitura e valorizar os melhores comentários “perdidos” na multidão, . A ausência de moderação gere volume e ruído; . Permitem intervir imediatamente em cada notícia para evitar o endosso da sua participação para secções separadas da actualidade; . Podem autonomizar-se como blogue específico e gerar uma rede de blogues de construção colectiva de cidadãos com uma primeira página comum; . Podem ser integrados em blogues de jornalistas; . As dinâmicas podem gerar novas narrativas de interpretação da realidade que vão para lá da própria notícia.
HIPERLINKS INTRODUIDOS NOS COMENTÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> . Permite identificar uma agenda noticiosa alternativa através das sugestões; . Podem ser consideradas como contexto, correcção ou informação adicional; . A sua agregação pode gerar novas narrativas de interpretação da realidade que vão para lá da própria notícia; . Pressupõe a existência de mecanismos jornalísticos de verificação de veracidade e de actualidade; . As sugestões podem ter potencial noticioso.
QUIZZ PARTICIPADOS	<ul style="list-style-type: none"> . Novas variáveis identificadas no decurso da investigação.
HIPERLINKS INTRODUIDOS NOS CHATS	

Fonte: Elaboração própria

3.3.2 Entrevistas

Tendo em vista analisar as percepções dos jornalistas sobre a participação dos cidadãos no processo noticioso, procedeu-se à realização de entrevistas com profissionais representativos dos 3 jornais que compõem o *corpus* de análise. Esta opção metodológica resulta das vantagens do acesso a diferentes construções da realidade inerentes às perspectivas individuais e à diversidade de experiências configuradas nos respectivos contextos culturais (King & Horrocks, 2010, p.19).

Neste caso, a recolha de dados qualitativos para análise resulta dos pontos de vista de jornalistas (motivações, atitudes, comportamentos) integrados em distintas realidades do Modelo Atlântico-Norte ou Liberal e que viabilizam a construção de distintos significados sociais através de interpretações de carácter subjectivo por via da intervenção do investigador (Quadro 9).

Quadro 9 Summary of epistemological positions

Epistemological positions	Realist	Contextual	Constructionist
Assumptions about the world	There exists unmediated access to a “real” world where processes and relationships can be revealed	Context is integral to understanding how people experience their lives	Social reality is constructed through language which produces particular versions of events
Knowledge produced	Seeks to produce objective data which is reliable and representative of the wider population from which the interview sample is drawn	Data is inclusive of context aiming to add to the “completeness” of analysis by making visible cultural and historical meaning systems	Does not adhere to traditional conventions. Knowledge brought into being through verbal exchange
Role of the researcher	The researcher aims to avoid bias, remaining objective and detached	The subjectivity of the researcher is an integral part of the process. The researcher is active in data generation and analysis	The researcher is “co-producer” of knowledge and therefore required to be reflexive and critically aware of language

Fonte: King & Horrocks (2010)

Apesar das diferenças horárias, a opção inicial da investigação passava pela realização por vídeo-chamada de entrevistas semiestruturadas por permitirem explorar os temas a partir da própria conversa e adicionar novas camadas narrativas. O que se relevou inexequível. No dia 3 de Setembro de 2024, começaram por ser efectuados pedidos de entrevistas a 10 jornalistas de cada um dos jornais, considerando as funções que exercem, e.g., Opinion Editor e Letters and Community Editor (*The Washington Post*); Managing Editor – Comment e Associate Editor – Digital (*National Post*); Guardian’s readers’ editor e Editor for Community and UGC (*The Guardian*). A generalidade dos pedidos foi ignorado, tendo sido repetidos por mais duas vezes; ao mesmo tempo, iniciou-se um processo de alargamento da amostra com novas solicitações em Outubro, Novembro e Dezembro desse mesmo ano e ainda em Janeiro de 2025. Acrescentou-se a possibilidade de as entrevistas serem feitas por escrito ou noutros formatos que permitissem uma melhor gestão do tempo por parte dos entrevistados, e.g., gravações em áudio.

Os motivos de indisponibilidade foram diversos: David Shipley, Opinion Editor: “Thank you but I’m afraid I’m not going to be able to take part”; Michael Larabee Managing Editor, Opinion: “I appreciate the invitation but I have to decline to participate” (*The Washington Post*); Carson Jerema, Managing Editor – Comment (*National Post*): “It would depend on what the questions are and how identifiable I would be”; Elisabeth Ribbans, Guardian’s readers’ editor: “I’m not sure I am an appropriate person to participate in your survey but I will forward this to editorial management to see if they can suggest someone”.

Entre as manifestações de disponibilidade que depois não se concretizaram, o reforço dos pedidos e a integração de novos, e as recusas iniciais, admite-se que por cansaço perante os estudos sistemáticos e/ou a necessidade de uma boa gestão de tempo, resultou um total de 25 pedidos de entrevista para cada jornal, sendo que dessas 75 solicitações de entrevistas foi possível realizar 6 (Quadro 10). Tendo em conta que o critério de saturação (Glaser & Strauss, 1967) não permite antecipar o número de entrevistas necessárias para cumprir os objectivos de uma investigação qualitativa, os dados recolhidos nas entrevistas encontram-se articulados com os restantes, ou seja, longe das limitações dos processos lineares, mas sem deixar de se reconhecer a distância até um esgotamento dos temas tratados (Saunders et al., 2018, p. 1895).

As entrevistas encontram-se ancoradas nos objectivos da investigação e fundamentadas na revisão da literatura e são consideradas um universo representativo do Modelo Atlântico-Norte ou Liberal em função da amostra incluir dois jornalistas de cada jornal analisado:

Quadro 10 Entrevistados

Federica Cocco	Data Reporter	<i>The Washington Post</i>
Steve Hendrix	Digital editor	<i>The Washington Post</i>
Deborah Stokes	Longreads/features editor	<i>National Post</i>
John Ivision	Managing editor	<i>National Post</i>
Caroline Bannok	Editor for community and UGC	<i>The Guardian</i>
Peter Walker	Political journalist digital edition	<i>The Guardian</i>

Fonte: Elaboração própria

A construção do guião decorreu da necessidade de responder à pergunta específica da investigação sobre as suas percepções quanto à participação dos cidadãos no processo de produção de notícias e a orientação por palavras-chave permitiu focar em objectivos específicos e com flexibilidade operativa para serem transformados em marcadores no processo de análise de conteúdos (Quadro 11).

Quadro 11 Guião das entrevistas

PALAVRA CHAVE	PERGUNTA	OBJECTIVO	MARCADORES
Citizen participation	What potential do you identify in the process of citizen participation in the journalistic process?	Descrever o posicionamento perante o conceito base.	<ul style="list-style-type: none"> • Participatory journalism
Stages	At what stages of the journalistic production process do you consider this involvement advantageous?	Analisar em que momentos do processo de produção noticiosa admitem a participação.	<ul style="list-style-type: none"> • Ethics and deontology • News production • Innovation
Limits	What limits do you consider to exist in this participation	Avaliar a relevância das questões éticas e deontológicas da integração dos contributos dos cidadãos num quadro de mudança.	
Interactivity mechanisms	What are the current interactivity mechanisms that you consider most relevant in your newspaper?	Nomear os mecanismos de interactividade reconhecidos.	<ul style="list-style-type: none"> • Comments • Tips • Pools • Ask • Chats • Journalist email • Journalist social media • Newsletters • Blogs • Forums
Interactivity mechanisms	There are other mechanisms that may be considered stimulating for readers? (examples)	Identificar a potencialidade de mecanismos de interactividade.	
Contributions	Citizen contributions are eventually used as sources of information by professional journalists?	Analisar o papel editorial concreto que pode ser atribuído à participação qualitativa.	<ul style="list-style-type: none"> • To Talk • To Engage • To Reach • To Ear • To Give/To Get feedback • Sources • Factchecking • Readers

Fonte: Elaboração própria

Estas características poderiam ter sido melhor potenciadas com entrevistas semiestruturadas síncronas, mas as circunstâncias anteriormente descritas levaram à sua realização por escrito e à consequente limitação da interacção, na medida em que

se perdeu algum valor na intermediação na construção do discurso. A foco na pergunta da investigação e nas suas variantes permitiu uma dinâmica que deve ser relevada:

“One research question can be investigated through several interview questions, thus obtaining rich and varied information by approaching a topic from several angles. And one interview question might provide answers to several research questions” (Kvale & Brinkmann, 2009, p.133).

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

4. ESTUDOS DE CASO

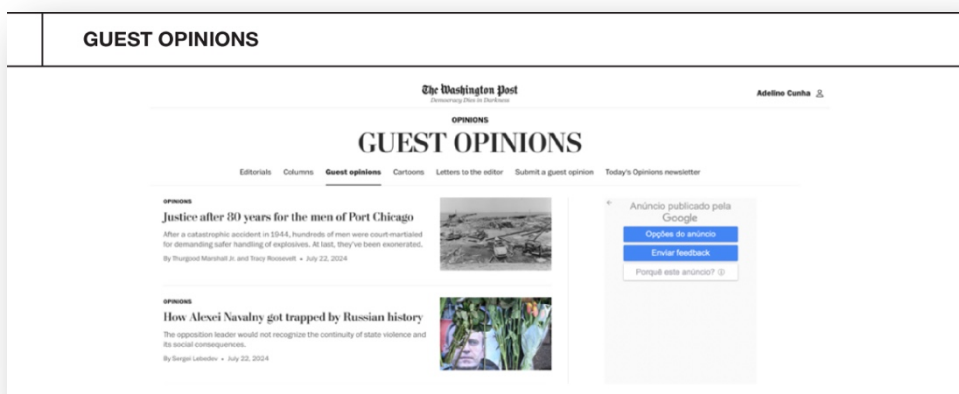
4.1 *The Washington Post*: portas de entrada dos cidadãos

As edições digitais dos jornais analisados constituem-se globalmente como territórios que permitem a participação, incluindo nas respectivas aplicações para telemóveis, mas existem secções concretas de acesso aos interfaces colaborativos, figurativamente identificadas como portas de entradas preferenciais para a participação e aqui designadas como comunidades imaginadas de usuários (Anderson, 2013, p.36).

Na secção Opinion do jornal *The Washington Post* (<https://www.washingtonpost.com>), as Guest Opinions e as Letters to the Editor constituem-se como espaços regulados de participação interactiva dos cidadãos e com editores próprios (Letters and Community Editor). A investigação considerou também os Podcasts, que têm produtores específicos; os Live Chats, que se encontram organizados de forma autónoma no *hub* Community; e os cartoons, que se apresentam como um território criativo de opinião partilhada. Existem ainda outras possibilidades de participação pontual para comentar e/ou receber newsletters e/ou notificações para conteúdos e autores previamente definidos.

As Guest Opinions encontram-se classificadas como Op-Ed (Fig.8) e vinculadas através de hiperlinks aos conteúdos produzidos pelo próprio jornal (notícias, editoriais, reportagens, artigos de opinião, etc). Os textos são assinados por diferentes especialistas com “algo interessante a dizer”, tendo em vista proporcionar “diversidade de vozes” e de “perspectivas”. O que se demonstra através do pluralismo de autores, temas e áreas de actividade regularmente publicados.

Figura 8 Guest Opinions



Fonte: Elaboração própria

A submissão é realizada através do preenchimento de um formulário focado na recolha de textos originais e breves (750 a 800 palavras), baseados em argumentos claros e objectivos³⁰. O jornal procura ângulos de abordagem originais que contribuam para que os leitores possam ter uma compreensão mais profunda da realidade e apreendam os significados dos temas em debate, no sentido de construírem a sua própria interpretação e pensamento³¹. Apesar de os Op-Ed serem publicados mensalmente, o jornal disponibiliza e distribui diariamente uma newsletter com uma selecção de artigos de opinião e comentários.

Quanto às Letters to the Editor, o acesso ocorre igualmente através da navegação pela barra principal (Fig.9). O formulário de submissão permite efectuar *uploads* de conteúdos até 10MB³² e disponibiliza de imediato o nome da jornalista responsável (Letters & Community Editor). O jornal aceita textos com um limite de 400 palavras e solicita que estejam ancorados a outros conteúdos, tendo em vista abrir debates sobre as ideias apresentadas ou acrescentar perguntas pertinentes sobre as práticas e as escolhas do próprio jornal.

³⁰ https://thewashingtonpost.formstack.com/forms/submit_a_guest_opinion

³¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/op-ed-writing-guide-washington-post-examples/>

³²

https://thewashingtonpost.formstack.com/forms/submit_a_letter_to_the_editor?itid=sf_opinions_letters-to-the-editor_subnav

Figura 9 Letters do the Editor



Fonte: Elaboração própria

No âmbito desta relação de proximidade, existe uma rubrica regular que procede a uma recolha semanal de críticas e inconsistências centradas em comentários e questões editoriais relativas à qualidade do jornalismo praticado. Trata-se de um canal directo e transparente de *feedback* regularmente aproveitado tanto por leitores como por especialistas, e.g., os lamentos do presidente e fundador da rede Special Needs Network³³ relativamente a um artigo sobre autismo que “omitiu notavelmente” um aspecto crítico da discussão³⁴; os reparos de um investigador e coordenador do projecto Citizens’s Climate Education³⁵ contra as “narrativas enganosas” sobre o impacto da queima de combustíveis fósseis nas alterações climáticas³⁶; as críticas de um historiador por um artigo sobre o seu avô³⁷ ter “trocado factos”³⁸.

As críticas passam por cidadãos que manifestam o seu desapontamento com cartoons “factualmente incorrectos”³⁹ sobre o preço de bens alimentares e/ou que elogiam o significado das suas histórias⁴⁰; os que elogiam reportagens de carácter

³³ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/01/autism-minorities-rosalynn-carter-ufos/>

³⁴ https://www.washingtonpost.com/health/2023/11/18/profound-autism-labels-neurodiversity/?itid=lk_inline_manual_2.

³⁵ https://www.washingtonpost.com/climate-environment/2023/11/16/john-clauser-nobel-climate-denial/?itid=lk_inline_manual_16.

³⁶ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/01/autism-minorities-rosalynn-carter-ufos/>

³⁷ https://www.washingtonpost.com/history/2023/12/02/pumpkin-papers-richard-nixon/?itid=lk_inline_manual_2.

³⁸ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/22/whittaker-chambers-james-biden-oprah-cheney/>.

³⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/old-testament-insensitive-bobby-ussery/>.

⁴⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/15/readers-hamas-prisoners-tokitae-eagles/>;

comunitário⁴¹ e /ou manifestam a sua “surpresa e satisfação”⁴² com reportagens sobre eventos onde estiverem presentes por estas terem transmitido eficazmente a paixão sentida no local⁴³. Depois de reconhecer que se trata de um recurso muito popular para os jornais, um outro leitor desafia *The Washington Post* a acabar com os comentários ou, pelo menos, a limitar este mecanismo a pessoas devidamente identificadas com os seus nomes verdadeiros, justificando a sua utilização para evitar que “pessoas civilizadas se ataquem umas às outras anonimamente com hipérbolos bizarras, distorções descaradas, vitupérios gratuitos e ofensas directas”.⁴⁴

Dentro das Opinions, o jornal disponibiliza conversas interactivas regulares (Live Chats) com os seus repórteres, editores e colunistas para “responder” às perguntas dos leitores, “discutir” as notícias já publicadas pelo jornal e também para “providenciar” contexto: “Please join our reporters, editors and columnists in the chats and in our comments because we learn from your curiosity”.⁴⁵

O jornal anuncia previamente o tema dos Live Chats, a hora da realização e os protagonistas, solicitando aos leitores que submetam as suas próprias questões com um apelo directo: “Join the conversation”. O painel *featured hosts* (Fig.10) permite acesso a todos os conteúdos escritos produzidos pelos autores, receber por correio electrónico as respectivas participações em chats e conhecer os respectivos perfis, aceder às suas redes sociais, Feed RSS (Really Simple Syndication) e o contactá-los directamente através de correio electrónico. A cada *featured hosts* corresponde uma área preferencial de interesse: “Get advice: Carolyn Hax takes your questions about the strange train we call life.; Find a dining suggestion: Chat with restaurant critic Tom Sietsema.; Ask for cooking help: Aaron Hutcherson and Becky Krystal are your guides to the kitchen.; Get wellness answers: Tara Parker-Pope helps you live well with science-based advice.;

⁴¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/old-testament-insensitive-bobby-ussery/>;
https://www.washingtonpost.com/business/2023/11/15/where-we-live-twinbrook-rockville-maryland/?itid=lk_inline_manual_1.

⁴² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/buffalo-bills-mafia-slur-woodrow-wilson-racist/>.

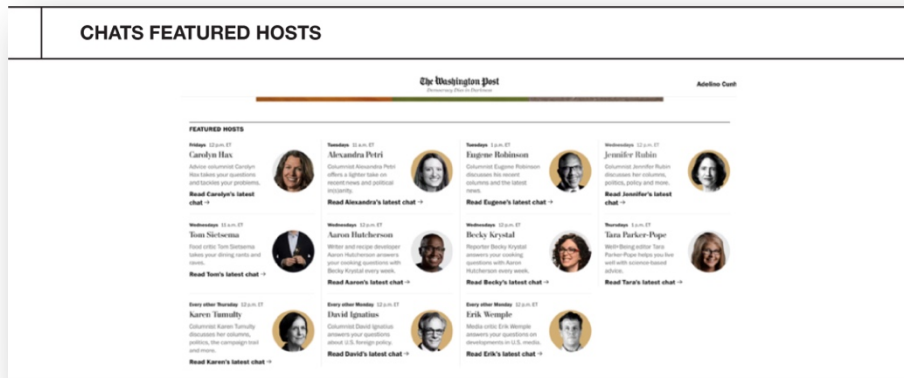
⁴³ https://www.washingtonpost.com/sports/2024/01/16/cyclocross-belgium/?itid=lk_inline_manual_2.

⁴⁴ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/26/redheads-indian-cupboard-racism-forgiving-oj/>

⁴⁵ <https://www.washingtonpost.com/community/>

Chat with a satire columnist: Alexandra Petri offers a lighter take on news and political in(s)anity.; Debate a columnist: Jennifer Rubin discusses politics, policy and more.”.

Figura 10 Chats featured hosts



Fonte: Elaboração própria

O incentivo à participação projecta-se para o carácter conversacional que se procura com esta participação, na medida em que alguns autores têm um *chat glossary*: “The Carolyn Hax chat can include inside jokes, abbreviations and references to years-old stories, but don’t feel left out! Here are some of the terms you may come across. This list will be updated (suggestions welcome)”⁴⁶. As temáticas são bastante diversificadas e tendem a acompanhar a agenda noticiosa mais relevante: “Did Trump get booed in South Carolina? Erik Wemple answered your questions”⁴⁷; “Who’s your favorite obscure president? I answered your questions”⁴⁸; “What now for Trump’s immunity appeal? I answered your questions”⁴⁹; “Dining chat: Is it appropriate to use a gift certificate bought before Covid?”⁵⁰; Carolyn Hax chat: Shellfish could kill me. My dad’s family doesn’t care”⁵¹; “Why are the Republicans against funding Ukraine? David Ignatius answered your questions”⁵²; “Why is George W. Bush silent? Jennifer

⁴⁶ <https://www.washingtonpost.com/lifestyle/2021/07/30/carolyn-hax-chat-glossary-terms-abbreviations/>

⁴⁷ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/11/27/erik-wemple-media-live-chat/>

⁴⁸ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/20/alexandra-petri-live-chat/>

⁴⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/eugene-robinson-live-chat/>

⁵⁰ <https://www.washingtonpost.com/food/2023/11/30/tom-sietsema-live-chat/>

⁵¹ <https://www.washingtonpost.com/advice/2024/04/12/live-chat-carolyn-hax/>

⁵² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/18/david-ignatius-ukraine-live-chat/>

Rubin answered your questions”⁵³. O que traduz a relevância atribuída à interactividade com os leitores.

A secção Community também inclui conversas permanentes sobre temas considerados de interesse social, “Your cooking questions, answered”⁵⁴ com interactividade para receitas de culinária⁵⁵; temas de actualidade política, “Election 2024: Your questions, answered”⁵⁶; temas de significativa especialização (“spotlight”), “climate coach”⁵⁷ e “tax expert”⁵⁸. A conversação reflecte um ciclo participativo completo, na medida em que, além do cidadão estar envolvido nos diferentes momentos, os conteúdos gerados pelos autores consideram essa mesma dinâmica, e.g., a pergunta “Can an independent candidate like RFK Jr. win the presidency?”⁵⁹ teve depois a resposta “You asked: Does a vote for RFK Jr. hurt Trump”.⁶⁰

Os podcasts também se encontram ancorados na opinião e são coordenados por vários *hosts* (Fig.11). Trata-se de “visão especializada” e “análise clara” promovida por jornalistas e colunistas sem a participação dos cidadãos: “For your ears”, e.g., o *podcast* “*Impromptu* invites listeners to eavesdrop on our columnists as they have frank, thoughtful conversations on the news and cultural debates they can’t stop thinking about”⁶¹.

⁵³ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/28/jennifer-rubin-live-chat/>

⁵⁴ <https://www.washingtonpost.com/food/2024/04/17/questions-recipe-cooking-advice/>

⁵⁵ <https://www.washingtonpost.com/recipes/>

⁵⁶ <https://www.washingtonpost.com/politics/2024/04/19/rfk-trump-biden-election-votes/>

⁵⁷ <https://www.washingtonpost.com/climate-environment/2024/02/22/climate-solutions-questions-answers/>

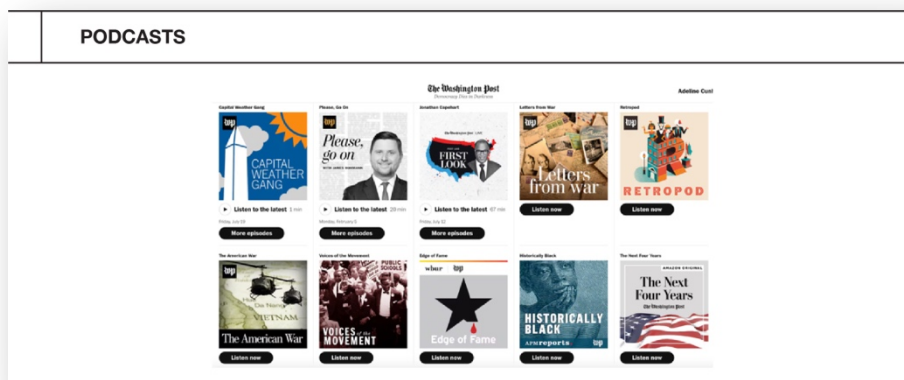
⁵⁸ <https://www.washingtonpost.com/business/2024/03/11/tax-questions-answers-singletary/>

⁵⁹ <https://www.washingtonpost.com/politics/2024/04/24/independent-candidates-president-chances/>

⁶⁰ <https://www.washingtonpost.com/recipes/>

⁶¹ <https://www.washingtonpost.com/podcasts/>

Figura 11 Podcasts



Fonte: Elaboração própria

A pluralidade de podcasts e de temas (análise política, *Impromptu*; desporto, *The Sports Moment*; soluções para problemas quotidianos, *Try This*; jornalismo de investigação, *Broken Doors*; temas do momento, *The Campaign Moment*; julgamentos judiciais de Donald Trump, *The Trump Trial: Sidebar*) permitem ao jornal produzir uma considerável quantidade informação. Aliás, os conteúdos encontram-se agregados como plataforma autónoma e cada podcast possui uma equipa de produção própria.

Os cartoons são publicados regularmente por autores residentes e complementados com as colaborações de convidados, criando dessa forma um território de opinião que flui entre o jornalismo e a arte (Fig. 12). A sua dimensão incisiva reflecte o elevado número de comentários gerados entre os leitores, tendo por base uma narrativa visual que mistura caricaturas com representações de carácter mais realista. A sátira, a ironia e o sarcasmo constituem-se como fronteiras sensíveis de algumas temáticas, mas sem nunca perder de vista a assertividade e acutilância da necessária crítica social e política. O reconhecimento do trabalho de autor e o desenvolvimento de contextos narrativos e de personagens regulares contribuem para a construção deste universo simbólico, cujas dinâmicas ajudam a construir percepções através de uma comunicação directa que estimula o debate.

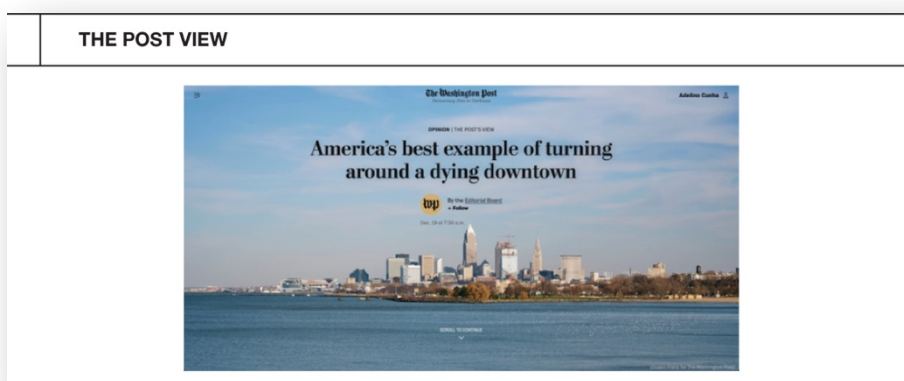
Figura 12 Cartoons



Fonte: Elaboração própria

Os editoriais designados The Post View traduzem as opiniões do jornal sobre os principais temas e resultam da discussão produzida entre os membros do Conselho Editorial, que inclui editores de opinião e autores de referência com diferentes especializações. A agenda encontra-se ancorada nos princípios assumidos em anteriores editoriais sobre o mesmo assunto, tendo como geradores notícias produzidas pelo próprio jornal ou reportagens originais. É neste aspecto concreto que importa considerar os editoriais no âmbito do objecto de estudo da investigação, na medida em que apresentam mecanismos de interactividade que potenciam a participação (Fig.13).

Figura 13 The Post View



Fonte: Elaboração própria

4.1.1 Guest Opinions: interactividade e participação

As Guest Opinions disponibilizam um conjunto de mecanismos de interactividade distribuídos nos diferentes momentos do processo de produção noticiosa, mas com uma excepção para o momento de Processamento/Edição, que também se irá verificar nas Letters to the Editor. Em todas as portas de entradas da participação optou-se por medir a interactividade através do número de vezes que cada mecanismo foi identificado no conjunto dos dados recolhidos (f = Frequência Absoluta) e a sua proporção relativamente ao total das observações (fr = Frequência Relativa).⁶²

Na fase do Acesso/Observação (Quadro 12), correspondente ao processo inicial de recolha de informações, os resultados recolhidos nos meses de Dezembro de 2023, Fevereiro de 2024 e Abril de 2024 revelam a submissão de conteúdos escritos por cidadãos (fr 1), conteúdos multimédia (fr 0,0336)⁶³ e conteúdos sonoros (fr 0,9748), tendo ainda como possibilidades ouvir a sua transcrição oral gerada por inteligência artificial e em diferentes velocidades de audição. A pesquisa também detectou mecanismos de interactividade assentes na leitura pelo próprio autor (fr 0,0585)⁶⁴, sendo que o seu carácter radiofónico tanto aproxima o leitor do autor como lhe reconhece poder decisão sobre o acesso ao conteúdo (audioplay); bem como mecanismos para aceder à tradução directa do conteúdo (fr 0,0084).⁶⁵

⁶² A não utilização frequência normalizada resulta do facto do seu valor poder ser superior ao valor da frequência total devido à acumulação de eventos observados, conforme consta dos respectivos quadros de contagem das variáveis.

⁶³ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2024/live-music-high-decibel-ear-hearing-damage/?itid=sf_opinions_opinions%20-%20guest-opinions_article_list;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/22/doctor-fall-lesson-feelings/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/25/us-resist-china-manufacturing-brian-deese/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/29/china-us-computer-chip-strategy-breakout-free-taiwan/>

⁶⁴ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/28/lyz-lenz-this-american-ex-wife-divorce/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/14/death-day-anniversary-holiday-mother-daughter-grief/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/10/navalny-books-prison-reading-freedom/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/end-useless-math-requirements/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/13/marie-arana-latinoland-latino-vote/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/15/kara-swisher-burn-book-silicon-valley/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/21/baseball-immigrants-diversity/>;
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/28/lyz-lenz-this-american-ex-wife-divorce/>

⁶⁵ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/13/trump-televisa-univision-interview/>

A audição dos textos pelos autores⁶⁶, os vídeos⁶⁷, as infografias e os gráficos interactivos⁶⁸ acrescentam manifestamente diferentes perspectivas e contribuem para tornar a informação mais acessível e compreensível e permitem aos leitores explorar o conteúdo por sua iniciativa. A experiência torna-se, assim, mais envolvente e dinâmica, e.g., a visualização de dados gerada para ir avaliando de forma comparativa volume de ruído provocados nos espaços públicos com o número de instrumentos necessários para produzir idênticos níveis.⁶⁹

Quanto aos mecanismos de interactividade, no momento da Selecção/Filtragem, os conteúdos escritos disponibilizam hiperlinks para diferentes pontos de vista, permitem arquivar (*fr* 1) e incluem acessos diretos para as redes sociais dos autores (*fr* 0,042). Os autores podem sugerir a inserção de hiperlinks para ancorarem os seus argumentos através de fontes complementares que diversificam o interesse informativo e promovem a interacção com os leitores, e.g, ensaio “The trouble with schools is too much math”⁷⁰ inclui ligações para outras notícias⁷¹ e para organizações que disponibilizam estudos académicos⁷² e para informações de contexto complementares⁷³. A sua disponibilização ocorre após verificação da pertinência, sendo que o jornal reserva para si próprio a inclusão de outros hiperlinks ou a actualização/remoção em função de comentários considerados pertinentes. Identifica-se um cuidado acrescido com a qualidade da informação, na medida em que, além das citações muito frequentes de outros órgãos de comunicação social, existem ensaios⁷⁴ com hiperlinks que remetem para estudos⁷⁵ e ensaios⁷⁶ com remissão para dados estatísticos complementares⁷⁷. O que leva depois os leitores a introduzirem diferentes hiperlinks promovendo assim mais conversação e diversidade de pontos de vista.

⁶⁶ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/10/navalny-books-prison-reading-freedom/>

⁶⁷ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/22/doctor-fall-lesson-feelings/>

⁶⁸ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/25/us-resist-china-manufacturing-brian-deese/>

⁶⁹ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2024/live-music-high-decibel-ear-hearing-damage/?itid=sf_opinions_opinions%20-%20guest-opinions_article_list

⁷⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/end-useless-math-requirements/>

⁷¹ <https://www.theatlantic.com/business/archive/2013/04/heres-how-little-math-americans-actually-use-at-work/275260/>

⁷² <https://www.mathunion.org/icmi/role-mathematics-overall-curriculum>

⁷³ <https://www.monticello.org/the-art-of-citizenship/>

⁷⁴ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/28/emergency-wait-days-hospital-bed/>

⁷⁵ <https://catalyst.nejm.org/doi/full/10.1056/CAT.21.0217>

⁷⁶ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/08/homelessness-mental-health-addiction-struggle/>

⁷⁷ <https://www.lahsa.org>

A disponibilização dos perfis dos autores e o acesso às suas redes sociais representa um mecanismo de relevância. A Guest Opinion “The lesson from Turkey’s elections: Charisma is key to defeating a strongman” permite apenas partilhar e arquivar, mas disponibiliza um perfil da autora com ligação directa para o seu correio electrónico, redes sociais (Twitter⁷⁸) e Feed RSS⁷⁹. O texto “How Gen Z took over incel slang” disponibiliza mecanismos para ouvir, partilhar, arquivar e comentar e adiciona o *user name* com que o autor publica nas redes sociais.⁸⁰

No caso do ensaio “The trouble with schools is too much math”, encontram-se disponíveis ferramentas interactivas para ouvir o texto, ouvir o texto gravado pelo autor, partilhar, arquivar, comentar e também uma ligação para o perfil do autor com a sua fotografia (editor da secção Post Opinions), que remete para o seu LinkedIn e para seguimento através de Feed RSS⁸¹. Também o texto “It’s the world’s leading killer. Make it the focus of the next” disponibiliza audição, partilha, arquivo e comentário e também ligação directa a um perfil externo do autor e a um artigo académico da sua autoria para consolidar as bases de um debate sólido⁸². Por último, também na Guest Opinion “Goodbye to my fearless friend, Alexei Navalny”, encontram-se disponíveis mecanismos para audição do texto, partilha, arquivo e comentário, ligação directa para um perfil do columnista e hiperlinks para as suas redes sociais (Facebook e Twitter) e seguimento através de Feed RSS⁸³. O mesmo conteúdo disponibiliza ligação para um livro do autor, aliás, uma situação muito frequente⁸⁴ que, não se incluindo como um mecanismo de interactividade da variável Conteúdos com Acesso Direto ao Autor (como o endereço electrónico e as redes sociais), confirma a credibilidade e o grau de especialização do autor e, ao mesmo tempo, constitui-se como um reconhecimento. O facto de todas as Guest Opinions serem acompanhadas por um breve perfil do autor antes do texto reforça esta dinâmica.

A utilização de RSS permite que os leitores recebam notificações instantâneas dos autores seleccionados e/ou temas desenvolvidos, podendo ainda fazer uma gestão

⁷⁸ Apesar da rede social se designar agora X, optou-se por manter o nome que nos parece continuar a ser mais identificativo.

⁷⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/01/erdogan-imamoglu-elections-turkey/>

⁸⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/11/gen-z-slang-terms-incels/>

⁸¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/end-useless-math-requirements/>

⁸² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/07/hypertension-leading-killer-funding/>

⁸³ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/17/navalny-friendship-activism-heroism-mcfaul/>

⁸⁴ f 24, fr 0,201.

dinâmica dos conteúdos que pretendem agregar e ver permanentemente actualizados numa única plataforma. As vantagens são reconhecidas tanto para os jornalistas e produtores de conteúdos, pela eficiência e facilidade de difusão e proximidade; como para os leitores, pela celeridade e pela agregação temática. Apesar de disponibilizar pontualmente este mecanismo de interactividade, o jornal produz e difunde diariamente uma newsletter onde o leitor pode personalizar os temas e autores da sua preferência.

Quanto ao terceiro momento da produção noticiosa, no Processamento/Edição, o jornal disponibiliza blogues produzidos internamente para desenvolver temas de especialização⁸⁵ ou de dinamização do conhecimento histórico⁸⁶, mas não se identificaram blogues externos vinculados por cidadãos. Relativamente à Distribuição, a variável Conteúdos para Partilhar (*fr* 1) foi identificada em todos os conteúdos analisados. Na fase da Interpretação, identificaram-se Comentários Introduzidos nos Conteúdos e Hiperlinks Introduzidos nos Comentários, que apontam para uma utilização generalizada por parte dos leitores.

⁸⁵ <https://www.washingtonpost.com/pr/>

⁸⁶ <https://www.washingtonpost.com/news/retropolis/>

Quadro 12 Guest Opinions - Mecanismos de interactividade

GUEST OPINIONS - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n=119</i>
ACESSO / OBSERVAÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Conteúdo Escrito para Acesso	119	1
Conteúdo Multimédia para Acesso	4	0,0336
Conteúdo Sonoro para Acesso	116	0,9748
Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso	7	0,0585
Conteúdo Traduzido para Acesso	1	0,0084
SELECÇÃO/FILTRAGEM		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Hiperlinks Relacionados dos Autores	1.279	-
Conteúdos para Arquivar	119	1
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	5	0,042
DISTRIBUIÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Conteúdos para Partilhar	119	1
INTERPRETAÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Fóruns Participados	1	0,0084
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	33.770	-
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	2.604	-

Fonte: Elaboração própria

Os hiperlinks introduzidos pelos leitores nas Guest Opinion confirmam o enorme potencial de conversação e de pluralismo de pontos de vista gerados por este mecanismo de interactividade, tendo em consideração a quantidade e a diversidade de ligações para outros sites⁸⁷ (Quadro 13). Através desta participação, os cidadãos induzem diferentes dinâmicas de conversação e novas perspectivas da realidade socialmente construída, na medida em que os hiperlinks podem gerar mais temas e mais diversidade. O jornal permite desde logo verificar o histórico participativo do autor dos comentários, que também pode solicitar o download regular dos seus próprios comentários, e depois disponibiliza formas de interactividade com outros leitores através do botão de like, reply e copy; optar por ignorar essa pessoa (ignored commenters); ou avançar para uma denúncia com o botão flag caso os comentários sejam ofensivos, abusivos ou promotores de negócios. A mesma funcionalidade permite manifestar o desagrado pelo comentário, mas talvez a adição de um botão de dislike pudesse ser ponderada: o leitor poderia manifestar facilmente a sua posição sobre o tema sem necessidade de se explicar através da redacção de um comentário, mas, importa reconhecer, não estaria a contribuir para a desejável conversação.

Esta participação abre novos ângulos e gera dinâmicas de conversação entre os leitores promovida pelo jornal com as opções *read more of this conversation* e *view full discussion*. A conversação poderia ser substancialmente enriquecida com a presença visível de jornalistas que procedessem à mediação da conversa, sugerindo novos ângulos e valorizando a qualidade informativa da participação. Nos termos actuais, o jornal reserva-se o direito de apagar e editar comentários e complementa essa dinâmica com a vigilância exercida por outros leitores e por algoritmos de vigilância.

⁸⁷ Os exemplos referem-se a diferentes momentos cronológicos da amostra para demonstrar a sua frequência e variabilidade temática.

Quadro 13 Ligações geradas pelos leitores

a) NOTÍCIAS DE DIFERENTES MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

Opinion | Transcripts could shed a much-needed light on Trump's trials



JackFalstaff 5 months ago
There might be sound reasons for federal courts to prohibit cameras, although they don't seem to be a problem in state courts and the federal rule hasn't been reconsidered since the 1940s. But I can't imagine why they couldn't produce live audio of proceedings as they are happening. It works for the Supreme Court. Transcripts and recordings would augment and document the live webcasts.
<https://www.reuters.com/world/us/supreme-court-online-audio-live-stream-arguments-2022-09-28/>

Reuters
U.S. Supreme Court to continue audio live stream of arguments

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/13/trump-trial-transcripts-release/>



LockeLamora 8 months ago
Nonsense. Bush won every vote Gore asked to be recounted.
<https://www.cnn.com/2015/10/31/politics/bush-gore-2000-election-results-studies/index.html#:~:text=After%20the%20rueiling%2036%2Dday,afterm,ath%20did%20not%20end%20there.>



Opinion | For democracy to return to Belarus, it will need U.S. help



Why are younger voters flocking to the far right in parts of Europe? | The far right | The Guardian
<https://www.theguardian.com/world/2023/dec/01/younger-voters-far-right-europe>
<https://www.theguardian.com/world/2023/dec/01/younger-voters-far-right-europe>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/04/belarus-exile-dialogue-ukraine/>

b) ENCICLOPÉDIAS DIGITAIS:

Opinion | Retired military officials: Protecting abortion care keeps America safe



Isaacville 8 months ago
"According to legal analyst Jeffrey Toobin, "Bush v. Gore broke David Souter's heart. The day the music died, he called it. It was so political, so transparently political, that it scarred Souter's belief in the Supreme Court as an institution" (italics in original)."
https://en.wikipedia.org/wiki/Bush_v._Gore



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/01/supreme-court-abortion-pill-mifepristone/>



YoungKRC 7 months ago (static)
Info on the 63rd from the Holocaust Museum:
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-63rd-infantry-division>
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/kaufinger>

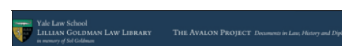


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/11/sally-quinn-mezuzah-doorpost/>

Opinion | I'm Jewish, and I've covered wars. I know war crimes when I see them.



Subram 3 months ago
The author turns a blind eye to the vile extremist racism that Hamas and the mindset of Palestinians in the Hamas covenant.
<https://opinion.law.yale.edu/2023/century/hamas.asp>. There is no parallel in Bosnia. Hamas states that the only place for Jews are dead, converted to Islam or in their 'home countries' where we were expelled and genocided. The author is obviously low on ketamine and hasn't worked for a while since his book is 30 years old. He is parroting the language of vile religious extremism just as the left claims trumpers do with no regard for the facts. Read the Hamas covenant, see who these people are.



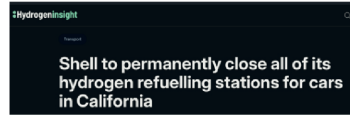
c) **ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (THINK TANKS):**



Jimmy Jet 5 months ago

In the coming years, Japan's success in civilian space exploration and renewable energy development, including investments in hydrogen energy and solid-state battery storage, will position it to lead the next wave of technological innovation.

Hydrogen? Hydrogen has been the mirage on the horizon for quite awhile. Just recently Shell backed away from its hydrogen project:
<https://www.hydrogeninsight.com/transport/shell-permanently-closes-all-of-its-hydrogen-refuelling-stations-for-cars-in-california/21-1596104>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/13/trump-trial-transcripts-release/>



antwingout 5 months ago

James, here is a good read for you!
<https://www.americanoversight.org/investigation/vankatrumpso-role-in-the-administration>

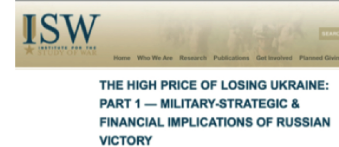


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/14/nsa-director-paul-nakasone-section-702-fisa/>



Partial Observer 5 months ago

This war started in Russia and will end in Russia. Russian history indicates the unpopular wars lead to regime change (1905 Russo-japanese war lead to the introduction of the Duma (constituent assembly), 1917-World War One-Bolshe revolution, 1980's Afghanistan-fall of the Soviet Union). All the US has to do is fund Ukraine. If we don't, it will take an extra \$300 billion/year and 300,000 troops in Eastern Europe (Cold War levels) to protect NATO's eastern flank. For detailed analysis of exactly what is required militarily see
<https://www.understandingwar.org/backgrounder/high-price-losing-ukraine>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/russia-antiwar-candidate-putin-ukraine-election/>

d) **ORGANISMOS GOVERNAMENTAIS:**



dacklips1 7 months ago

Give the Lois Lerner bashing a rest...The IRS was pressed relentlessly by Trump's DOJ (Jeff Sessions) and Trump's uber-conservative personal attorney (Jay Sekulow), until the Trump appointed IRS Commissioner (Charles Rettig), and the Trump appointed Secretary of the Treasury (Steve Mnuchin) apologized. Read the internal audit report:
<https://www.irs.gov/irs/records/audit/review-selected-criteria-used-identify-tax-exempt-organizations-mv/mv>. They found that conservative tax exempt applications were not singled out.

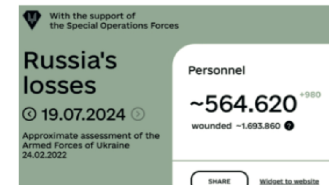


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/19/irs-defunding-not-conservative/>



Update: NAZI Ruzzla's Combat Losses 20.XII.2023
<https://www.minsuqna.com/en>

Update: Identified Ruzzlan WaPo Traffic: wfmccarthy; A lot of good thought: Triffids AI; Basil jide fadipe; dennisterms; thegoldenewok; ChChia; John Corr; On the CC but not the clearance line; Smith_Winston_84 - **feel free to add to this list.**

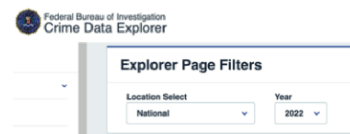


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/20/godwins-law-trump-hitler-comparisons/>



manewskie 5 months ago

You can go here to very quickly determine that this is false
<https://code.usccrills.gov/LATCSST/webshop/#/pages/explorer/crime/crime-trend>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/09/mayor-bowser-washington-sports-teams-arena-ted-leonsis/>

e) ARQUIVOS E BIBLIOTECAS:

Opinion | Let us praise Al Gore for saving the country



S3r1ster 7 months ago
Al Gore is one of my heroes. (I shook his hand at a campaign rally in Indiana in the '90s.) Many commenters mention the work he did to make us aware of global warming. He was also a leading figure in making sure the Internet would be available to everyone.

As this site (<https://circulatingsnow.nlm.nih.gov/2020/07/09/al-gore-the-internet-and-the-national-library-of-medicine/>) says:



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/12/al-gore-election-democracy-speech/>

Opinion | American progressives should advocate for Palestine. Why aren't they?



Arab Israelis, Gaza, the West Bank and the Golan Heights are all part of Israel. Various parts of Israel have had different governing authorities over the years but it is all the nation of Israel. That's why the "two-state solution" is an option. It is not all one state, Israel. If parts of it were dedicated to form a second state, Palestine at that time Palestine would come to exist.

<https://www.jewishvirtuallibrary.org/map-of-israel-after-the-1949-armistice-agreement>



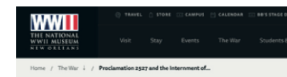
<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/13/american-progressives-two-state-solution/>

Opinion | Biden should honor the woman who stood up to Japanese American incarceration



Veteran Patriot Love US 7 months ago
See <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/proclamation-2527-internment-italian-americans>

On December 8, 1941, "FDR issued Proclamations 2526 and 2527, placing foreign-born Germans and Italians (respectively) within the same enemy alien category as foreign-born Japanese. Essentially, any individual from any enemy nation who had not initiated paperwork for naturalization was considered an enemy alien."



Proclamation 2527 and the Internment of Italian Americans

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/18/mitsuyo-endo-japanese-american-incarceration-honor/>

f) BASES DE DADOS COM VÍDEOS:

Opinion | What kind of boss gets the FBI to tap your home phone? Henry Kissinger.



m3mm3rta 7 months ago
https://youtu.be/EyN1H1sm7si-wj_o6FYRiBdCCT
hysterical bit on daily show about who is the GOAT of war criminals, Kissinger is in the running
starts at mark 3:18

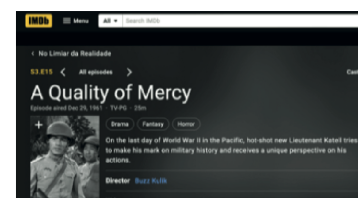


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/06/henry-kissinger-fbi-tapped-phone-halperin/>

Opinion | My Gaza house felt like a castle. Now it is rubble.



DarNorCa 7 months ago
Who among you are without the sin of ethical-survival conflicts?
The writer is very good at exposing one real family. Like in Ukraine, Bosnia and elsewhere, many share our priorities for life, liberty and the pursuit of happiness. Different, most affording a WaPo subscription have not had to navigate existential political threats. Except a few in congress 6 Jan.
For fun, see if this resonates:
<https://m.imdb.com/title/tt0734548/>

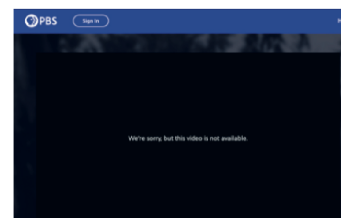


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/11/gaza-house-israeli-missile-memories/>

Opinion | Remembering the man made of words



62Downs 5 months ago (8546)
Thank you for this tribute to a great, great American writer. N. Scott Momaday had a voice that rumbled like a gentle storm over the high desert country of New Mexico. His eloquence and his sly humor were marvelous.
For those able to access it, there is a 2019 PBS special on American Masters about him. I watched it over the weekend, after learning that Momaday had died. Watching it again left me feeling better about our species, and about the possibilities for our future together on this little world we live on:
<https://www.pbs.org/video/n-scott-momaday-words-from-a-bear-oddy7/>



g) ESTUDOS E ARTIGOS ACADÉMICOS:



"[To attract] workers, the employer may have to increase his wage offer. ... So when you hear an employer saying he needs immigrants to fill a "labor shortage", remember what you are hearing: a cry for a labor subsidy to allow the employer to avoid the normal functioning of the labor market."
-1990 Congressional Testimony of Dr. Michael S. Tettelbaum
<https://users.nber.org/~sew/reference/archives/weinstein/howandwhygovernment.pdf>

How and Why Government, Universities, and Industry Create Domestic Labor Shortages of Scientists and High-Tech Workers

By Eric Weinstein
(Working Draft)

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/14/labor-shortages-immigration-schedule-a/>



Pagal_Daniya 6 months ago
National Institutes of Health has indicated there are some scientifically validated non-pharmaceutical approaches which can be as effective as drugs for managing blood pressure issues
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28917372/>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/07/hypertension-leading-killer-funding/>



In addition, about 27.6 million Hispanics identified as more than one race in 2021, up from just 3 million in 2010. The sharp increase in multiracial Hispanics could be due to several factors, including changes to the census form that added space for written responses to the race question and growing racial diversity among Hispanics. The former explanation is supported by the fact that more than 25 million of the Hispanics who identified as two or more races in 2021 were coded as "some other race" (and wrote in a response) and one of the specific races (such as Black or White). (ta)
<https://www.pewresearch.org/short-reads/2023/09/05/who-is-hispanic/>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/13/marie-arana-latinoland-latino-vote/>

h) ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS:



Just one example. Note as well, that implausibly none of the reported deceased were male combatants.
<https://www.ochaonline.org/content/hostilities-gaza-strip-and-israel-reported-impact-day-58>
<https://www.ochaonline.org/content/hostilities-gaza-strip-and-israel-reported-impact-day-50>
Links are to U.N. reported statistics. Credit to sharp eyed observers on X for surfacing these discrepancies.



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/13/marie-arana-latinoland-latino-vote/>



What Would Eagly Do 4 months ago
This article is much too mild. The UN should declare all nations that criminalize the thought-crimes of apostasy and blasphemy to be terrorist states. The article also ignores the abysmal treatment of gays in most Middle Eastern countries. Afghanistan is merely the tip of the iceberg here.
Article 18 of the UN's Universal Declaration of Human Rights
Everyone has the right to freedom of thought, conscience and religion; this right includes freedom to change his religion or belief, and freedom, either alone or in community with others and in public or private, to manifest his religion or belief in teaching, practice, worship and observance.



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/01/taliban-women-gender-apartheid/>

presença de observadores internacionais nas suas eleições parlamentares, optando por não utilizar Svetlana Tikhanovskaya como potencial fonte:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/04/belarus-exile-dialogue-ukraine/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/world/2024/01/08/belarus-parliamentary-election-</p>
	<p>https://apnews.com/article/belarus-parliamentary-election-lukashenko-osce-</p>

No dia 11 de Dezembro, Atef Abu Saif, escritor e ministro da Cultura da Autoridade Palestiniana na Cisjordânia, publicou um ensaio de carácter testemunhal sobre as consequências dos ataques israelitas e no dia 4 de Janeiro três repórteres publicaram uma reportagem em Gaza onde poderia, eventualmente, fazer sentido considerar o seu testemunho:

	<p>https://apnews.com/article/belarus-parliamentary-election-lukashenko-osce-</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/world/2024/01/04/gaza-displaced-civilians-resettlement-</p>

O ex-assistente especial do secretário de Estado Antony Blinken publicou no dia 13 de Dezembro de 2023 o ensaio “Sacrificing migrant rights for Ukraine aid would be terrible policy” e nesse mesmo dia o artigo “Border deal shows signs of life after Biden offer” poderia ter, porventura, incluído o contributo expresso por Antonio De Leora-Brust:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/13/ukraine-aid-migrant-rights-</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/politics/2023/12/13/border-deal-biden-congress-ukraine/</p>

Um quarto exemplo remete para a Guest Opinion publicada por um antigo dirigente da empresa petrolífera russa Yukos, no dia 21 de Dezembro de 2023. Michail Khodorkosky cumpriu 10 anos de prisão por se opor ao regime, exilou-se e escreveu o livro *How to Slay a Dragon: Building a New Russia After Putin*. O jornal reproduziu no dia 9 de Janeiro do ano seguinte uma notícia da Associated Press dando conta de uma acção do governo russo precisamente contra Khodorkosky dispensado o seu eventual aproveitamento como fonte:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/21/warning-west-putin-appeasement-russia/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/national/2024/01/09/mikhail-khodorkovsky-russia-</p>

Importaria verificar para cada um destes casos se, de facto, o jornal avaliou um potencial aproveitamento dos contributos dos leitores para a produção de notícias próprias, tendo em consideração a sua representatividade enquanto fontes jornalísticas, ou se as Guest Opinion constituem por si próprias ferramentas de carácter jornalístico que se desenvolvem em dinâmicas autónomas por via da sua interactividade intrínseca.

As Guest Opinion tendem a focar-se nas perspectivas de especialistas convidados para aprofundar determinado tema num carácter analítico quase de ensaio. É o próprio jornal que identifica e reconhece essa autoridade para promover debates que vão além da espuma do quotidiano. As Letters to the Editor sugerem um território mais democratizado para o acesso dos cidadãos através de cartas dirigidas aos editor do jornal sobre questões generalistas e em formatos curtos e directos. Enquanto as primeiras têm um carácter de divulgação mensal; as segundas, obedecem a ciclos diários de publicação.

O jornal classifica as Guest Opinion como artigos escritos por convidados que apresentam “argumentos sólidos” sobre temas e a sua designação como Op-Ed “is derived from the traditional placement of these pieces opposite the editorial page of the printed newspaper”. O jornal explica que se trata de “ensaios pessoais” que devem apresentar uma argumentação sólida e tendo como fundamento a especialização do

autor. A natureza argumentativa decorre das posições dos autores estarem sustentadas em evidências que visam a persuasão. O facto de se pretender incentivar reflexões a partir desse ponto de vista particular, remete as Guest Opinion para os ensaios dentro do género argumentativo devido ao seu propósito para influenciar atitudes e pensamentos (González Reyna, 1999):

“(..). Se entiende por ensayo una prosa literaria de análisis o interpretación, basada en la observación y en el punto de vista personal sobre un tema cualquiera (...) Más que una investigación severa y rigurosa, el ensayista hace una disertación amena, un tratado breve con digresiones e interrupciones constantes, en el cual puede abordar todo tipo de temas” (González Reyna, 1999, p.107).

Martínez Albertos define os ensaios como géneros reconhecíveis pelo estilo literário, tendo uma função de divulgação/criação literária baseada na exposição e argumentação de ideias (Martínez Albertos, 2004). Na sua classificação dentro dos géneros interpretativos afirma que são “una pura lucubración subjetiva sin ninguna proyección exterior, por lo menos hasta el momento de publicar-lo” e asienta no trábalo individual do autor: ideias, descoberta, hipótesis” (Martínez Albertos, 1974, p.152).

Cesar Mejía Chiang começa por identificar um carácter ideológico/doutrinal nos ensaios e cita outros autores que os situam nos géneros de opinião, juntamente com editoriais, críticas e tribunas livres. O que decorre do seu carácter exterior, por exemplo, Yves Agnès situa-as no território opinativo exterior ao jornal por valorizar a opinião do actor social (Agnès, 2002), e Lia Seixas sugere a sua classificação como um “género discurso jornalístico” porque “a competência de procedimento empregada não é de nenhum sujeito comunicante da organização jornalística, portanto é de outra formação discursiva” (Seixas, 2009 p.332). O facto de o autor exterior usufruir de poucas restrições para expor o seu ponto de vista leva à classificação dos ensaios como géneros de opinião separados de géneros informativos, géneros interpretativos e elementos complementares:

“El primer grupo contiene cinco piezas indiscutiblemente opinantes: el editorial, el artículo, la columna, la crítica y el ensayo, conformando un arco que mide el grado de implicación subjetiva del autor: mientras que el editorial representa la posición institucional del medio, el ensayo se configura como un texto (extenso y académico, propio de los suplementos o publicaciones especializadas) donde el redactor goza de pocas restricciones para exponer su autorizado punto de vista” (Chiang, 2012, p.215).

Tendo esse objectivo de carácter de discussão para promover o debate entre cidadãos depois da verificação editorial, as formas de participação adquirem uma importância reforçada enquanto vozes activas que estimulam o debate através da qualidade dos conteúdos e do reconhecimento dos autores.

Preservando os géneros jornalísticos como uma necessidade de orientação prática para os leitores, para os jornalistas e para os investigadores, Concha Edo Bolós reconhece que, ao contrário do que sucede no jornalismo anglo-saxónico, na Europa continental as diferenças entre *story* (os factos não se discutem, os factos comprovam-se) e *comment* não são tão claras. Ultrapassando essa classificação binária, o autor divide os géneros em informação, reportagem, entrevista, crónica e artigo/comentário e concretiza que os géneros são modelos concretos de criação linguística que permitem apresentar de forma adequada e compreensível a informação a interpretação e a opinião”. Assim, classifica as tribunas livres como um modo de escrita editorializante que assenta na argumentação (razões e ideias) (Bolós, 2003, p.47).

Tendo em consideração estas características, ao publicarem conteúdos por si produzidos e assinados, em termos editoriais, o jornalismo participativo permite que os cidadãos intervenham como autores de conteúdo informativo sob vigilância jornalística.

Quadro 14 Guest Opinions - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALÍSTICO		ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ¹	INTERPRETAÇÃO			
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR? QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDAJEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS	TOTAL 119 4 116 0 7 1 0 0 1279 0 119 5 0 0 0 0 0 0 0 0 0 119 0 0 0 0 0 33770 2604	DEZ 31 29 1 1 0 0 342 31 5 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 31 0 0 0 0 6229 696	FEV 41 41 5 0 0 537 41 3 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 41 0 0 0 0 14770 735	ABR 47 4 46 1 0 0 400 47 2 0 0 0 0 0 0 0 0 0 0 47 0 0 0 0 12771 1173

¹Distribuição

²O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.1.2 Letters to the Editor: interactividade e participação

Na secção Opinion, entre as Letters to the Editor, o jornal publica semanalmente um conjunto de cartas dos leitores com críticas ao trabalho desenvolvido pelos jornalistas (Readers Critique). Podem variar desde a enumeração de erros de construção ortográfica até às inconsistências e erros noticiosos, passando por sugestões para outras abordagens temáticas. A relevância destas cartas reflecte-se tanto no número elevado de autores (Dez=69; Fev=46; Abr=58) como no número de hiperlinks inseridos (Dez=125; Fev=99; Abr=83) dentro do universo das Letters to the Editor. Em termos de preponderância total, as Readers Critiques, representando apenas 3,47% das cartas publicadas e os seus autores 18,2% das participações, viabilizaram a inserção de 24% do total de hiperlinks do período da amostra (Quadro 15).

Quadro 15 Letters to the Editor: Readers Critique

	AMOSTRA			READERS CRITIQUE			OUTRAS CARTAS		
	CARTA	LINK	AUTOR	CARTA	LINK	AUTOR	CARTA	LINK	AUTOR
DEZ	150	192	649	4	69	125	146	125	524
FEV	131	249	633	3	46	99	128	203	534
ABR	36	282	401	4	58	83	32	224	318

Fonte: Elaboração própria

No processo inicial de recolha de informações (Acesso/Observação), os resultados recolhidos para as Letters to the Editor concentram-se no Conteúdo Escrito para Acesso submetido pelos cidadãos (*fr* 1) e no Conteúdo Multimédia para Acesso (*fr* 0,0092), ou seja, a inserção de um podcast do próprio *The Washington Post*⁸⁸ e um vídeo originalmente disponibilizado no Instagram do jornal⁸⁹. Comparando com a interactividade identificada nas Guest Opinions, a investigação não detectou Conteúdo Sonoro para Acesso, Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso ou Conteúdos Traduzido para Acesso (Quadro 16).

⁸⁸ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/16/tradwives-nick-adams-dc-taxes-budget/>

⁸⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/19/election-2024-advice-sanity/>

Quanto ao momento da Selecção/Filtragem, foram identificadas as variáveis Hiperlinks Relacionados dos Autores, Conteúdos para Arquivar (*fr* 1) e Conteúdos com Acesso Directo ao Autor (*fr* 0,0138). A carta “One way to make living easier in Virginia” publicada por um escritor e fundador do Center on Capital & Social Equity justificou a inserção de um hiperlink para o site dessa organização⁹⁰ e para um relatório de trabalho assinado por si; tal como o texto “Students are listening on climate concerns”, escrito por um especialista em comunicação, remeteu para o site da sua organização⁹¹; e a carta “Sheltered students are negatively affect” conduz directamente para um livro publicado pelo autor.⁹²

Relativamente à Distribuição, a variável Conteúdos para Partilhar (*fr* 1) foi identificada em todos os conteúdos analisados.

Novamente em linha com os dados anteriores, relativamente à fase da Interpretação do processo, nas Letters to the Editor registou-se uma concentração de relevância nos Comentários Introduzidos nos Conteúdos e Hiperlinks Introduzidos nos Comentários, apontando para uma utilização generalizada por parte dos leitores.

⁹⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/03/minimum-wage-increase-virginia-bipartisan/>

⁹¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/25/students-are-listening-climate-concerns/>

⁹² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/27/sheltered-students-racism-injustice/>



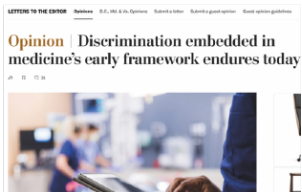
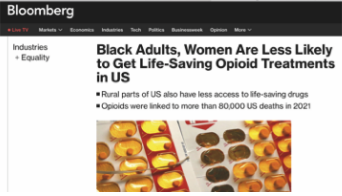

Quadro 16 Letters do the Editor - Mecanismos de interactividade

LETTERS TO THE EDITOR - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n= 217</i>	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	217	1	
Conteúdo Multimédia para Acesso	2	0,0092	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Hiperlinks Relacionados dos Autores	1,683	-	
Conteúdos para Arquivar	217	1	
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	3	0,0138	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	217	1	
INTERPRETAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	2,1374	-	
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	669	-	

Fonte: Elaboração própria

Os Comentários Introduzidos nos Conteúdos e os Hiperlinks Introduzidos nos Comentários confirmam o carácter participativo e de conversação das duas portas de entradas do jornal relativamente aos conteúdos escritos. A variabilidade de perspectivas no momento da Interpretação resulta dos diferentes temas e abordagens proporcionadas pelas ligações introduzida nas Letters to the Editor para outros sites⁹³ (Quadro 17).

Quadro 17 Letter to the Editor - Ligações geradas pelos leitores

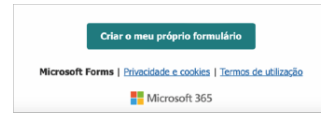
a)	NOTÍCIAS DE DIFERENTES MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:		
	<p>ghostofelectricity 8 months ago</p> <p>Best letter to the WP I've read in a long time. Absolutely true. And we have a mega-rich elite beholden only to themselves, marinated in a culture of utter selfishness, greed, and disgust/contempt for anyone besides themselves. Fascism and destruction of democracy? Destruction of basic human rights and human decency? In their minds, small price to pay to maintain their sybaritic lifestyles, power, and privilege.</p> <p>https://www.wjvmas.com/2023/11/19/opinion/rich-billionaires-philanthropy-covid.html</p>		
<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/donald-trump-threat-democracy-wealthy/</p>			
	<p>Here are only a few recent examples:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Lung disease tests are failing Black patients, studies show. Experts are calling for change https://bit.ly/42n9y5U ■ Are White Doctors Killing Black Babies? – Lawsuit Possible in DC https://bit.ly/3e7VW6l ■ Black Adults, Women Are Less Likely to Get Life-Saving Opioid Treatments in US https://bit.ly/482p7Zl ■ NY TIMES - Faulty Oxygen Readings Delayed Care to Black and Hispanic Patients https://bit.ly/482p7Zl 		
<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/06/medical-school-discrimination-black-doctors/</p>			
	<p>Madmedic 6 months ago</p> <p>Moscow, Russia is increasing its submarine force in the Black Sea: https://kyivindependent.com/military-intelligence-russian-missile-ship-sunk-off-occupied-crimea/</p>		
<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/united-states-must-help-ukraine-with-aid-weapons/</p>			

⁹³ Os exemplos referem-se a diferentes momentos cronológicos da amostra para demonstrar a sua frequência e variabilidade temática.

b) BASES DE DADOS PARTILHADAS:



Grateful for DC Public School Education 8 months ago
 Why does your LTE link go to a 404 page?
https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?it=5mm7NwZr6k002454P6t598L8EYCu0m0r5jau0L0RNM3uCVWYVWmNwZ5U00YVPR0z150Xs476t8m_letters%2f%2f02m%2f02m_3/

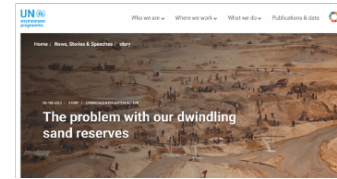


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/09/discouraging-tradition-service/>

c) ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS:



uncarved block 7 months ago
 Meanwhile my building's trash and recycling company has stopped taking glass, citing the unprofitability of glass recycling. This, even as we are running out of sand (<https://www.umpo.org/news-and-stories/story/problem-our-china-lays-sand-reserves>).
 Recycling is truly broken, as is the case with everything ruled by capitalism.



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/11/plastic-recycling-danger-byproduct/>

d) ESTUDOS E ARTIGOS ACADÉMICOS:



SojournerRevisited 7 months ago
 "A question that arises in the course of transgender care is whether GnRH therapy has long-term adverse medical consequences, including effects on bone health. Over half of an individual's bone density is acquired during adolescence, and transgender youth assigned male at birth are known to be at higher risk for low bone density even before GnRH therapy."
 they admit they don't know what the long-term consequences are.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9793415/>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/15/transgender-people-truth/>



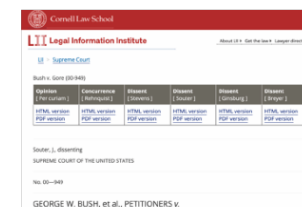
Siva Ray 8 months ago (edited)
 If it seems too good to be true then it probably is. Smaller factory built nuclear reactors have a serious technological problem-these each produce more nuclear waste, at a time when the U.S. still has not found any way to safely and economically dispose of nuclear waste for eons-which makes it incredibly more costly and why it wasn't being used more than it is, it wasnt cost-competitive nor too cheap to make, unless it is heavily subsidized by the U.S. government. If we had put the public \$5 into developing renewable energy sources, then we'd already have been well along the path to weaning the U.S. off its carbon fuels addiction and actually doing something real about climate change-but we're too stupid and corrupt to do that, no matter how much sense it makes-its about power, not safe and clean energy. <https://imes.stanford.edu/2022/05/20/small-modular-reactors-should-use-high-level-nuclear-waste/>.



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/04/understanding-liquefied-natural-gas-exports/>



"The Court should not have reviewed either *Bush v. Palm Beach County Canvassing Bd.*, ante, p. ____ (per curiam), or this case, and should not have stopped Florida's attempt to recount all underscore ballots, see ante at ____ by issuing a stay of the Florida Supreme Court's orders during the period of this review, see *Bush v. Gore*, post at ____ (slip op., at 1). If this Court had allowed the State to follow the course indicated by the opinions of its own Supreme Court, it is entirely possible that there would ultimately have been no issue requiring our review, and political tension could have worked itself out in the Congress following the procedure provided in 3 U.S.C. § 15." <https://www.law.cornell.edu/supct/html/00-949.Z01.html>
 Let's hope we don't see a re-run of that play.

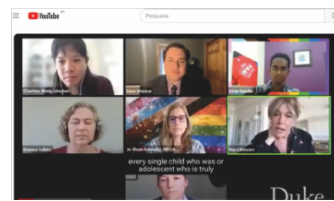


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/09/trump-immunity-claim-supreme-court-credibility/>

e) BASES DE DADOS COM VÍDEOS:



SojournerRevisited 7 months ago
President of WPATH US warns that puberty blockers administered before Tanner stage 2 will result in sterility and inability to orgasm.
<https://www.youtube.com/watch?v=kueOxPjHhKY>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/15/transgender-people-truth/>

f) ARQUIVOS E BIBLIOTECAS:



Sapozhnik 8 months ago
Secretary Kissinger may have supported the changes in policy that helped women in the State Department, but the major decisions were made before his time as Secretary of State. See pp. 139-152 and p. 234 of the linked document
<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED179481.pdf>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/henry-kissinger-impact-foreign-service-spouses/>



Then this means the analogy isn't so much minstrel shows, but the Mountain Meadows Massacre in which White Mormon militiamen dressed up as Paiute Indians (so as to avoid capture and to place blame on the Natives) when they slaughtered members of a "Gentile" wagon train passing through on its way to California.
That seems to be even more disturbing.
<https://mmtmf.org/history-of-the-massacre/>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/19/boston-tea-party-american-mythology/>



a. The right of the Jewish people to the land of Israel is eternal and indisputable and is linked with the right to security and peace; therefore, Judea and Samaria will not be handed to any foreign administration: between the Sea and the Jordan there will only be Israeli sovereignty.
<https://www.jewishvirtuallibrary.org/original-party-platform-of-the-likud-party>



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/israel-genocide-unrwa/>

g) ARQUIVOS E BIBLIOTECAS:



San Diego BLH · 6 months ago · 10 likes

I would just note that https://www.bls.gov/data/inflation_calculator.htm says that the inflation from 2021 to 2023 is 17.5% cumulative. And yeah people may have more money but then they have to spend more money, but I doubt they have 17.5% more money.

1 · Reply



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/us-economy-mortgage-rates-fannie-freddie/>



Jan 26, 2019 — About a dozen employees (illegal), some of whom had worked at a Trump golf course in New York for years, were let go Jan. 18.

- <https://www.washingtonpost.com/news/2019/08/trump-organization-impoundment-workers>
- <https://www.nytimes.com/2023/02/27/us/immigration-criticism.html>
- <https://www.fox.com/news/releases/fox-companies-pay-3-million-after-investigator-reveals-hiring-illegal-alien>

The Immigration Reform and Control Act altered U.S. immigration law by making it illegal to hire illegal immigrants knowingly and establishing financial and other penalties for companies that employed illegal immigrants.



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/08/fixing-border-issue-republicans-trump-maga/>



Condit For Sale · 6 months ago

Lowest unemployment rate in 54 years.

<https://www.commerce.gov/news/blog/2023/02/news-unemployment-at-lowest-level-54-years>

1 · Reply



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/11/14th-amendment-no-turning-back-donald-trump-succeeds/>

h) ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (THINK TANKS):

LETTERS TO THE EDITOR | Opinions | D.C., NE & VA Opinions | Submit a letter | Submit a guest opinion | Guest opinion guide

Opinion | Gavin Newsom is saying what needs to be said



rickpres 6 months ago

<https://www.taxpolicycenter.org/briefing-book/what-are-state-balanced-budget-requirements-and-how-do-they-work>

1 Reply

TPC TAX POLICY CENTER

Home | Topics Blog | Research & Commentary | Laws & Proposals | Model Estimates | Bulletin

THE TAX POLICY CENTER'S

Briefing Book


A citizen's guide to the budgeting process, what's changed, and how the US tax system works.

THE POLICY CENTER INTERNAL BOOK

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/05/gavin-newsom-sensible-policies/>

LETTERS TO THE EDITOR | Opinions | D.C., NE & VA Opinions | Submit a letter | Submit a guest opinion | Guest opinion guide

Opinion | Americans want the truth on clean energy



Consumers are known to be cost-conscious and with solar energy costs already lower than fossil fuels the price advantages will ensure a transition to solar.

“...Electricity from fossil fuels costs between 5 and 17 cents per kilowatt-hour. Solar energy costs average between 3 cents and 6 cents per kilowatt-hour and are trending down...”

<https://www.consumeraffairs.com/solar-energy/solar-vs-fossil-fuels.htm>

We are not a government agency and may be paid by companies displayed. How it works.

News

ConsumerAffairs

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/11/americans-truth-clean-energy/>

LETTERS TO THE EDITOR | Opinions | D.C., NE & VA Opinions | Submit a letter | Submit a guest opinion | Guest opinion guide

Opinion | Donald Trump is not the only threat to democracy



So true—the ENTIRE REPUBLICAN PARTY is as much of a threat as is Trump himself. Just look at 2 issues alone: their anti-abortion stance and their unwillingness to fight human-caused climate change are the opposite of what the majority of Americans want (<https://www Axios.com/2023/07/12/most-americans-support-abortion-rolls>) <https://www ScienceResearch.org/science/2020/05/23/two-thirds-of-americans-think-government-should-do-more-on-climate/>.)

13 Reply

APUS

Sections | Areas Local | Areas Pro | Events | About Areas | Newsletters

APUS NEWS

Most Americans support abortion access one year after Roe v. Wade: poll

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/donald-trump-threat-democracy-wealthy/>

i) ENCICLOPÉDIAS DIGITAIS:

Opinion | Readers critique The Post: Why are the Buffalo Bills allowed to use a slur?



- the Mafia, a hierarchically structured secret organization allegedly engaged in smuggling, racketeering, trafficking in narcotics, and other criminal activities in the United States, Italy, and elsewhere.
- Usually mafia, any criminal organization viewed as similar to the Mafia: The movie concerns a lowly gambler who borrows money from the French mafia for a seat at a high-stakes poker game.
- Often mafia, any small but powerful or influential group in an organization or field; an inordinately prominent and controlling clique: It was difficult to be the only woman involved in this macho, musical mafia.

<https://www.dictionary.com/browse/mafia>

Dictionary.com

Word History and Origins

Example Sentences

Word of the Day

Mafia

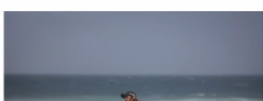
[mah-fee-uh, especially British, mah-fee-uh]

Properly Classified: n

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/buffalo-bills-mafia-slur-woodrow-wilson-racist/>

LETTERS TO THE EDITOR | Opinions | D.C., NE & VA Opinions | Submit a letter | Submit a guest opinion | Guest opinion guide

Opinion | Israel, 'genocide' and the UNRWA



arjay 6 months ago

https://en.wikipedia.org/wiki/Propaganda_techniques

Whataboutism

Whataboutism is a variant of the tu quoque logical fallacy that attempts to discredit an opponent's position by charging them with hypocrisy without directly refuting or disproving their argument, which is particularly associated with Soviet and Russian propaganda. When criticisms were leveled at the Soviet Union, the Soviet response would be "What about..." followed by an event in the Western world.

2 Reply

WIKIPEDIA

Propaganda techniques

Contents

From Wikipedia, the free encyclopedia

Propaganda techniques are methods used in propaganda to convince an audience before what the propagandist wants them to believe. Many propaganda techniques are based on socio-psychological research. Many of these same techniques can be classified as logical fallacies or abusive power and control tactics.

General character: [edit]

<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/israel-genocide-unrwa/>

Apesar de não possuírem o valor noticioso facial das Guest Opinion, as Letters to the Editor proporcionam potenciais fontes de notícias ou de ângulos noticiosos na produção pelo jornal. No dia 4 de Dezembro de 2024, no âmbito da discussão pública sobre o apoio militar directo dos Estados Unidos à Ucrânia, os senadores J.D. Vance⁹⁴ e Tommy Tuberville escreveram que a segurança nacional dos Estados Unidos estava “minada” pelo “esgotamento” dos seus recursos críticos, naquilo que classificaram como um “atoleiro estratégico” onde não existe “um caminho claro para a vitória”. Acrescentam ainda que o apoio à Ucrânia deixou os Estados Unidos “perigosamente despreparados para qualquer contingência adicional”, e citam em concreto falta de armas “que seriam necessárias em Taiwan”. No dia 27 desse mês, uma notícia assinada pela repórter especializada em assuntos de segurança e defesa volta ao tema, mas, entre as diversas fontes citadas não incluiu a opinião dos dois senadores:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/04/ukraine-aid-investment/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/national-security/2023/12/27/biden-ukraine-aid/</p>

A intensa discussão pública sobre a interrupção voluntária da gravidez no Estado do Texas levou a governadora da Nova Iorque, a primeira mulher a exercer o cargo, a anunciar um acto eleitoral para 2005 sobre os “direitos reprodutivos” das mulheres. Kathy Hochul explica que se trata de uma decisão para consagrar o acesso ao aborto na Constituição do Estado e garantir que “os futuros governadores e legisladores não possam espezinhar os direitos que tanto prezamos”. Essas declarações poderiam ser, eventualmente, integradas e valorizadas nos conteúdos jornalísticos sobre o aborto que o jornal destaca numa secção autónoma:

⁹⁴ Entretanto eleito vice-presidente dos Estados Unidos da América.

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/18/state-abortion-laws-terrorize-women-doctors/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/abortion/</p>

No dia 19 de Dezembro, o advogado do filho do ex-presidente Joe Biden juntou-se ao debate sobre as acusações contra Hunter Biden por porte de arma para denunciar “pressões políticas” e tratamento diferenciado decorrente da sua filiação, criticando em concreto um editorial do *The Washington Post*. Nas notícias seguintes sobre o assunto, não se detectaram referências às suas anteriores declarações como potencial fonte ou uma resposta nos editoriais:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/19/hunter-biden-treated-differently/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/06/11/hunter-biden-conviction-gun-drugs/</p>

No dia 21 de Dezembro, Alex Hershaft juntou-se ao debate sobre a comparação dos ataques de Israel na Palestina aos processos de eliminação dos judeus nos territórios ocupados pela Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Como sobrevivente do gueto de Varsóvia, o autor da carta descreve a sua experiência e dos seus familiares: “A dolorosa semelhança entre as tragédias de Gaza e do Gueto de Varsóvia e o total desrespeito pelas vidas humanas num ambiente de guerra por parte dos cidadãos, mesmo dos países mais esclarecidos”. Um testemunho que poderia ser considerado nas diversas notícias sobre o tema que o jornal apresenta numa secção autónoma:

	<p>https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/21/israel-west-bank-gaza-grim/</p>
	<p>https://www.washingtonpost.com/israel-amas-war/</p>

A proximidade e as virtudes do debate nos espaços públicos do jornal ficam bastante evidentes em algumas participações. No dia 5 de Fevereiro de 2024, um colunista pronunciou-se criticamente sobre um site que permite que os cidadãos possam gerar conteúdo sobre tudo o que se passa na sua zona de residência (Nextdoor.com). Os promotores da iniciativa explicam que se trata de uma forma de as comunidades locais criarem laços em si “para cumprimentar os recém-chegados, trocar recomendações e ler as últimas notícias locais (...). É como tirar o máximo proveito de tudo que está por perto. Bem-vindo, vizinho”⁹⁵; mas o autor da opinião considera que se trata de uma ferramenta que cria um clima de delação e denúncia entre os residentes como se as pessoas vivessem num regime ditatorial. O que mereceu a resposta de um leitor, afirmando que o site “pode acolher debates eficazes e razoavelmente educados sobre questões locais”, e.g., “estamos prestes a votar uma ‘taxa’ um tanto controversa, ajustando os impostos locais sobre a propriedade para aumentar o financiamento escolar. Já tivemos duas semanas de debate”⁹⁶:

	
---	--

⁹⁵ <https://nextdoor.com>, consultado em 29-07-2022.

⁹⁶ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/12/nextdoor-benefits-good-side/>

Quadro 18 Letters to the Editor - Resultados da participação

**PARTICIPAÇÃO
NO PROCESSO
JORNALISTICO**

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ¹	INTERPRETAÇÃO		
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES	CONTEÚDO WIKI CRIADO		QUIZZ PARTICIPADOS		
	CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO	CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR	BLOGUES VINCULADOS		FÓRUMS PARTICIPADOS		
	CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO	CONTEÚDO PARA ARQUIVAR	PODCASTS VINCULADOS		CHATS PARTICIPADOS		
	CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO	CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR			HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS		
	CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO	CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL			INQUÉRITO / SONDAGEM PARTICIPADOS		
	CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO	CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR			COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS		
	ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR				HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS		
	PODCAST PARA ACESSO						
	TOTAL	217	1683		0	217	21374
	DEZ	50	649		0	50	6669
	FEV	131	633		0	131	7943
ABR	36	401	0	36	6762		
	2	36	0	2	190		
	0	131	0	131	256		
	0	2	0	2	223		
	0	50	0	50	669		
	0	1	0	1	223		
	0	3	0	3	223		
	0	0	0	0	223		
	0	0	0	0	223		

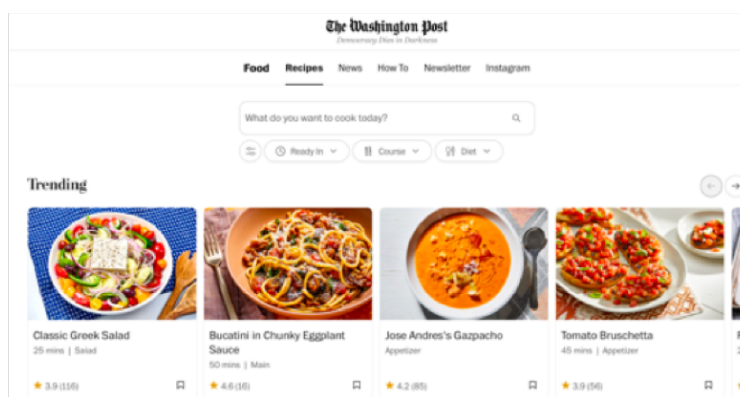
¹Distribuição

²O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

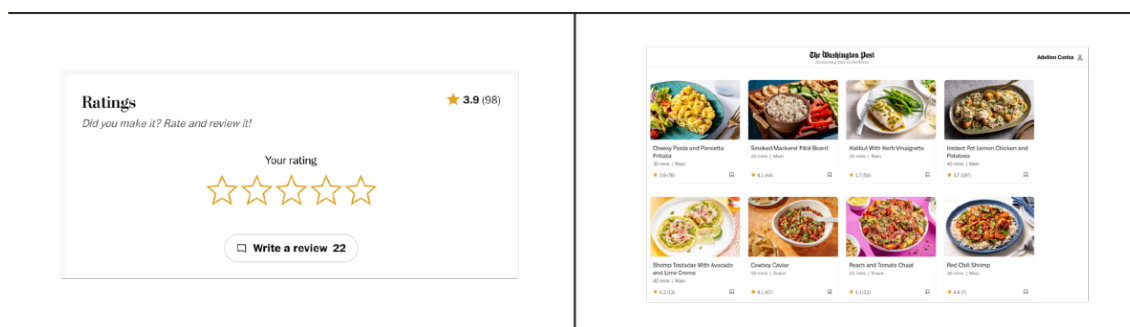
Fonte: Elaboração própria

4.1.3 Live Chats: interactividade e participação

A participação dos cidadãos nos Live Chats permite a interacção na fase do Acesso/Observação (Quadro 19) através dos Conteúdos Escritos (*fr* 1) e dos Conteúdos de Multimédia (*fr* 0,327), que contextualizam o tema do debate e geram dinâmica, e.g., através de ícones que representam alimentos para a elaboração de diferentes receitas de culinária, sendo possível definir escolhas que variam desde o tempo de confecção até ao tipo de pratos e de regime alimentar:



Em linha com as Guest Opinion e as Letters to the Editor, na fase da Selecção/Filtragem, os conteúdos disponibilizados na fase anterior permitem a inserção de Hiperlinks Relacionados dos Autores, Conteúdos para Arquivar (*fr* 1), Conteúdos com Acesso Directo ao Jornal (*fr* 1) e Conteúdos com Acesso Directo ao Autor (*fr* 1). Trata-se de um mecanismo relevante para a investigação. Os cidadãos podem aceder a um perfil do jornalista, seguir todas as suas participações no jornal, acompanhar as respectivas redes sociais e proceder a contactos directos através da ligação imediata por correio electrónico. É também nesta fase que o leitor pode Avaliar/Classificar conteúdos através de ligações estabelecidas de Live Chat temáticos para outras secções. Não se trata de avaliar notícias ou de conteúdos produzidos por cidadãos, mas da realização de receitas, cujos conteúdos escritos omitem a data de inserção ou autoria. Porém, a interactividade gerada permite aferir a opinião directa dos leitores e hierarquizar conteúdos pelas suas preferências:



Relativamente à Distribuição, a variável Conteúdos para Partilhar (*fr* 1) preenche o momento da Distribuição do processo jornalístico.

Na fase da Interpretação do processo jornalístico, os Chats Participados (*fr* 1) reflectem necessariamente a concentração participativa, aliás, consolidada com os Hiperlinks Introduzidos nos Chats (*fr* 0,96), os Comentários Introduzidos nos Conteúdos e os Hiperlinks Introduzidos nos Comentários. O que representa uma dinâmica fortemente participativa e de incentivo à conversação.

Quadro 19 Live Chats - Mecanismos de interactividade

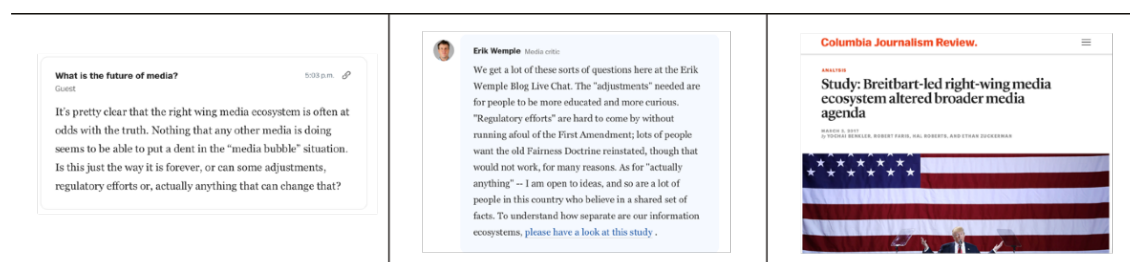
LIVE CHATS - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n</i> = 55	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	55	1	
Conteúdo Multimédia para Acesso	18	0,327	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Hiperlinks Relacionados dos Autores	493	-	
Conteúdos para Arquivar	55	1	
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	55	1	
Conteúdos com Acesso Directo ao Jornal	55	1	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	55	1	
INTERPRETAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Chats Participados	55	1	
Hiperlinks Introduzidos nos Chats	54	0,98	
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	10,719	-	
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	65	-	

Fonte: Elaboração própria

Os Live Chats começam por ser anunciados através da divulgação do tema (actualidade ou sugestão dos leitores), do *host* especialista e o dia e horário do início da conversa. Os cidadãos são envolvidos na preparação dos conteúdos através da submissão de perguntas ou de pontos de discussão através de texto que apelam directamente à sua participação, e.g., “Do you still need to isolate after getting covid? Your questions, answered”⁹⁷; “How can reporters cover Trump effectively? I answered your questions”⁹⁸; “Cooking chat: Why are my chocolate chip cookies flat?”⁹⁹.

Durante o decurso da conversa, os leitores colocam as suas perguntas e comentários, podem utilizar os mecanismos de guardar, partilhar e/ou gostar. O *host* modera a discussão e incentiva outros pontos de vista adicionando notícias de outros meios de informação e/ou introduzindo nova informação para a dinâmica de discussão e perspectiva de análise.

No Live Chat “Did Trump get booed in South Carolina?”, um leitor escreve que o “ecossistema mediático de direita está muitas vezes em desacordo com a verdade” e lamenta a falta de regulação nos conteúdos produzidos pelas “bolhas mediáticas”. O *host* adverte para a dificuldade em articular “esforços regulatórios” com a filosofia da Primeira Emenda e insere um hiperlink para um estudo que adiciona uma nova camada à discussão¹⁰⁰. Aliás, dentro do seu quadro de especialização, o mesmo autor dinamiza as conversas sobre os media com hiperlinks para diferentes estudos:¹⁰¹



No mesmo sentido, no chat “What’s ahead for the Colorado ruling?”, confrontada com uma pergunta, a *host* partilhou o hiperlink para um livro sobre o

⁹⁷ <https://www.washingtonpost.com/wellness/2024/07/25/tara-parker-pope-advice-covid/>




⁹⁸ How can reporters cover Trump effectively? I answered your questions.

⁹⁹ <https://www.washingtonpost.com/food/2024/07/24/questions-recipe-cooking-advice/>

¹⁰⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/11/27/erik-wemple-media-live-chat/>

¹⁰¹ https://www.medill.northwestern.edu/news/2023/more-than-half-of-us-counties-have-no-access-or-very-limited-access-to-local-news.html?itid=lk_inline_manual_pubble


tema¹⁰²; questionado directamente no chat “Does Nikki Haley have a shot?” sobre o acesso a documentos classificados, o *host* conduziu a discussão para o território institucional e legal¹⁰³; e para responder a uma pergunta no chat “Why is George W. Bush silent?” sobre a inflação, a *host* introduziu um hiperlink para um organismo oficial¹⁰⁴:

<p>If we had a true democracy, the Supreme Court wouldn't have a far-right majority and would likely find in this situation that the 14th Amendment would disqualify a candidate who fomented insurrection against the government.</p> <p>But we have to accept the possibility of having a fascist president because we of the members of the Supreme Court named by the fascist-wannabe who's running for president.</p> <p>Doesn't this seem wrong?</p>	<p>Jennifer Rubin Opinion Columnist</p> <p>We have a democracy that has become increasingly distorted by rules that allow for minority control. Whether it is the electoral college, the filibuster, lifetime tenure for the Supreme Court or gerrymandering, we now face the tyranny of the minority. The first step is defeating a fascist candidate and other Republicans up and down the ballot. If that is accomplished, then we need to go about making serious reforms to revitalize democracy (e.g., term limits for the Supreme Court, paring back on the filibuster, robust voting reform).</p>	
<p>The only analogy I can think of is if a felon was caught with firearms and the defense wants to examine the weapons. The nature of the weapons, the manufacturers, the calibers, etc., appear to be irrelevant to the issue that the felon possessed them.</p> <p>Other than a delaying tactic, is there any valid need for the defense to review these documents?</p>	<p>Jennifer Rubin Opinion Columnist</p> <p>This is called “graymail,” a typical tactic for criminal defendants in this case. The prosecutors does need to prove release of the material would have damaged national security. If Judge Aileen Cannon properly applies the relevant statute (abbreviated CIPA) that has specific rules for handling these matters, Trump should not get away with it. The special counsel should appeal if necessary and move to recuse her if she allows this stunt.</p>	
<p>Why do economists consider a 2 percent inflation rate to be ideal?</p> <p>Guest</p> <p>It seems that rising wages, especially for low-end jobs, is a way to address the toxic income inequality that has plagued our economy for decades but could also lead to a slightly higher inflation rate, at least temporarily, and that might be a good thing. But all I hear are comparisons of our current inflation rate to this “ideal” 2 percent rate. Is there a calculation of what percentage decline in income inequality could justify an extra percentage point of inflation or something similar?</p>	<p>Jennifer Rubin Opinion Columnist</p> <p>That is a great question. It's a somewhat arbitrary figure the Federal Reserve set to lamp down on inflation over the long-run. It is no more “correct” than 2.5 percent or even 3 percent. We should have a benchmark, but it need not be 2 percent. A number of economists have recommended the Fed revisit this benchmark once we are through the current period and inflation is around 2 percent.</p>	

Os Live Chats também permitem uma certa proximidade com os participantes através da partilha de apontamentos de carácter mais pessoal, desde fotografias de animais domésticos¹⁰⁵ e utilização de emojis¹⁰⁶ passando pela valorização das participações para artigos de opinião¹⁰⁷. A dinâmica de conversação envolve apelos ao

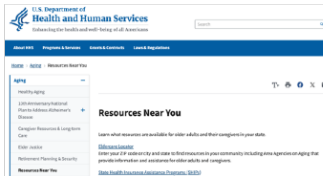
¹⁰² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/20/jennifer-rubin-live-chat/>
¹⁰³ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/13/jennifer-rubin-live-chat/>
¹⁰⁴ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/28/jennifer-rubin-live-chat/>
¹⁰⁵ <https://www.washingtonpost.com/advice/2023/12/15/live-chat-carolyn-hax/>
¹⁰⁶ <https://www.washingtonpost.com/advice/2024/04/05/live-chat-carolyn-hax/>
¹⁰⁷ <https://www.washingtonpost.com/advice/2024/04/01/carolyn-hax-dad-runs-too-much/>

contacto directo¹⁰⁸, chats com títulos de perguntas dos leitores¹⁰⁹ e compromissos de diálogo para o futuro¹¹⁰:

 <p>Carolyn Hax asks: I ask you - could his motivation be any more perfect for the occasion?</p>	<p>Carolyn Hax Advice Columnist</p>	<p>Admitted from an online discussion</p> <p>Dear Carolyn: My husband got really into running last year as part of a treatment plan for his depression. I fully supported this. But now he spends 15 hours a week running or working out, and I am stuck solo parenting our kids, both under 5, for that time. I do the morning get-kids-ready-and-to-day-care rush by myself every day, and I watch the kids two to three hours a day on weekends while he runs. All this is on top of my full-time job.</p> <p>We used to have a fair parenting split. Now all that time goes to his training. It's not for a specific race; he just seems to see "how good I can be" and plans to keep increasing his mileage. I am exhausted and increasingly resentful.</p>
---	--	---

<p>Tom Sietsema Food Critic</p> <p>Email me at tom.sietsema@washpost.com for an epic list compiled by a local there.</p>	<p>Dining chat: A reader asks, 'Why do I need a food critic?'</p>	<p>What do you think about the campus protests? 5:58 p.m.</p> <p>I'd like your commentary relating coverage of campus protests and the barriers for both student and professional journalists in covering them.</p> <p>Erik Wemple Media critic</p> <p>Working on it.</p>
--	---	--

No Chat Live 'I refuse to take care of my aging parents', um leitor partilhou um hiperlink como contributo para uma discussão sobre cuidados para idosos¹¹¹; na conversa "Who will RFK Jr. hurt the most, Trump or Biden?", um leitor sustentou a utilização de um determinado conceito num dicionário online¹¹². Todas estas participações acrescentam perspectiva ao debate nos espaços jornalísticos:

<p>Carolyn Hax chat: 'I refuse to take care of my aging parents'</p>	<p>For long-distance elder care 6:27 p.m.</p> <p>Start at HHS, drill down to state and county where mom lives. Contact that local office of aging to find local resources available to help mom live comfortably and safely in her home. https://www.hhs.gov/aging/state-resources/index.html</p>	
--	--	---



¹⁰⁸ <https://www.washingtonpost.com/food/2023/11/30/tom-sietsema-live-chat/>

¹⁰⁹ <https://www.washingtonpost.com/food/2023/12/21/tom-sietsema-live-chat/>



¹¹⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/29/erik-wemple-media-live-chat/>

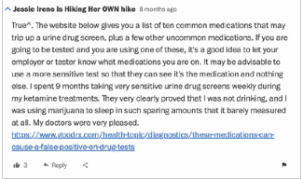

¹¹¹ <https://www.washingtonpost.com/advice/2024/02/16/live-chat-carolyn-hax/>

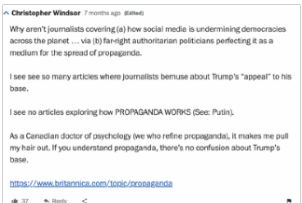
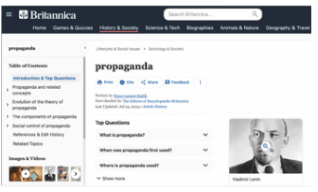
¹¹² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/10/jennifer-rubin-live-chat/>

<p>Opinion Who will RFK Jr. hurt the most, Trump or Biden? I answered your questions.</p>		
--	---	---

É também frequente os comentários dos leitores projectarem as discussões para além do tempo de duração dos chats e até prolongar a conversa para outras redes após o encerramento formal da conversa¹¹³:

<p>Carolyn Hax chat: Shellfish could kill me. My dad's family doesn't care.</p>		
--	---	---

<p>Carolyn Hax chat: My friend is talking me out of a divorce, says to be 'realistic'</p>		
--	---	---

<p>Opinion What's ahead for the Colorado ruling? Jennifer Rubin answered your questions.</p>		
---	---	---

A dinâmica criada pelos Live Chats coloca o cidadão em diferentes fases do processo jornalístico e, tendo capacidade participativa no início (Acesso/Observação) e no fim (Interpretação), acaba por estar presente em todo o ciclo da vida deste diálogo “one-to-one” (Boczkowski, 2004) definidor dos espaços de comunicação com uma visão comunitária: “Community formation, participation in online discussions, chat

¹¹³ <https://www.washingtonpost.com/advice/2023/12/01/live-chat-carolyn-hax/>

rooms, blogs and forums are the main characteristics of this kind of interactivity” (Kumar & Haneef, 2019, p.39).

A presença dos jornalistas nos chats deve corresponder a uma intervenção concreta para que os cidadãos saibam que estão realmente presentes para os ouvir (Lawrence et al., 2017) e Alejandro Rost insiste que os jornais que ambicionam a formação de cibercomunidades devem incluir fóruns e chats que promovam “a conectividade antes do desenvolvimento do conteúdo” e definir competências jornalísticas específicas:

“Hay personajes y colectivos que adquieren notoriedad o recobran actualidad por acontecimientos que se están desarrollando en un particular momento. Su presencia y exposición pública se vuelve necesaria en esas circunstancias. El medio debe cederle un espacio específico (si es que ya no cuenta con uno propio) con un repertorio de opciones interactivas para la expresión y, sobre todo, la comunicación y el contacto sincrónico y asincrónico con otras personas. Funcionaría como una sección administrada por los propios hacedores de las noticias que podrían contar, según las necesidades, con un *weblog*, una *wiki- sección*, foros, encuestas, *chats* y entrevistas en línea. Por ejemplo, tras una catástrofe con efectos prolongados (huracanes, terremotos, inundaciones” (Rost, 2007, p.381).

Quadro 20 Live Chats - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ²	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR ¹ CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ³	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUIZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDA GEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUIZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUIZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	55	493	0	55	10719
ABR	22	142	0	22	4820
FEV	19	163	0	19	3739
DEZ	14	188	0	14	2160

¹Não se trata de avaliar notícias, mas receitas. Porém, a interactividade gerada pelo mecanismo permite aferir a opinião directa dos leitores e hierarquizar conteúdos pelas suas preferências.

²Distribuição

³O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.1.4 Podcasts: interactividade e participação

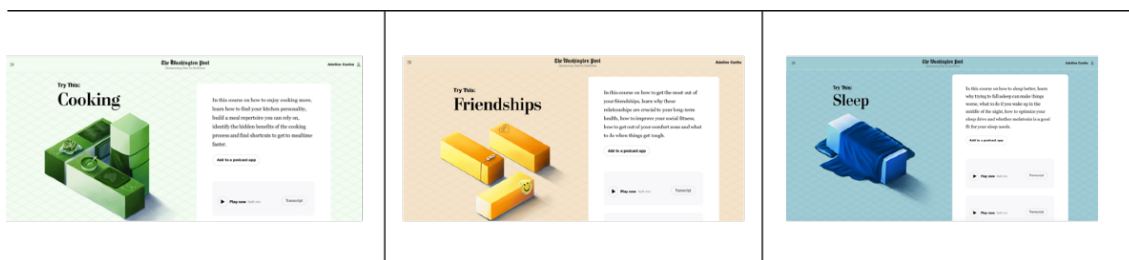
No primeiro momento do processo jornalístico, os podcasts permitem o acesso ao conteúdo sonoro, sendo que os mecanismos de interactividade se referem às possibilidades consagradas pelas diferentes plataformas de acolhimento, ou seja, o arquivo de cada episódio e a possibilidade de partilha (Quadro 21). A considerável diversidade temática dos conteúdos projecta o potencial dos podcasts como mecanismos de promoção indirecta do jornalismo participativo através da recolha de opiniões nas plataformas onde estão concentrados, eventuais sugestões de temas futuros e aproveitamento das redes sociais para alargar possibilitar feedback através da utilização de hastags. Dentro do período da amostra identificou-se uma considerável variabilidade de podcasts e a sua consequente capacidade de alcance temático (Fig.14).

Figura 14 Podcasts



Fonte: Elaboração própria

Além dos debates sobre questões de actualidade, encontram-se disponíveis curso de áudio (Try This) sobre questões do quotidiano com conselhos e sugestões práticas, e.g., culinária, amizade e sono:



Os Post Reports permitem alargar as perspetivas do debate e diversificar os temas, mas poderiam ter um alcance ainda mais significativo se integrassem a participação dos cidadãos, na medida em que a interactividade se limita às possibilidades de contactar, receber o episódio, subscrever, partilhar, seguir, ouvir e ler transcrições¹¹⁴. Não se considera a sua inclusão como porta de entrada do jornalismo participativo, mas sugere-se uma reflexão sobre o potencial da participação activa dos cidadãos, tanto nos conteúdos dos podcasts como eventualmente através dos seus próprios podcasts.

¹¹⁴ <https://www.washingtonpost.com/podcasts/>

Quadro 21 Podcasts - Mecanismos de interactividade

PODCASTS - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n= 222</i>	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	222	1	
Podcast para Acesso	222	1	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Arquivar	222	1	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	222	1	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 22 Podcasts - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ²	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR ¹ CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ³	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDAÇÃO PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	0 0 222 0 0 0 0 222	0 0 222 55 0 0	0 0 0	222	0 0 0 0 0 0 0
DEZ	94	94	0	94	0
FEV	67	67	0	67	0
ABR	61	61	0	61	0

¹Não se trata de avaliar notícias, mas receitas. Porém, a interactividade gerada pelo mecanismo permite aferir a opinião directa dos leitores e hierarquizar conteúdos pelas suas preferências.

²Distribuição

³O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.1.5 Cartoons: interactividade e participação

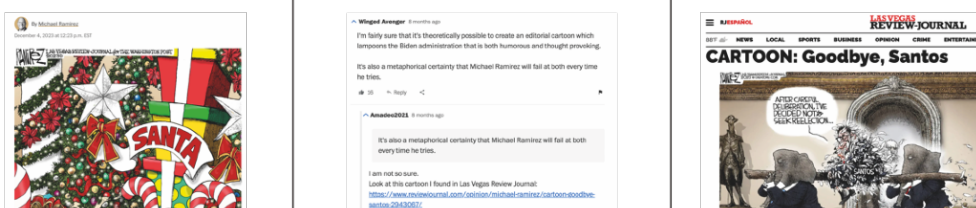
Os cartoons começam por ser encontrar disponíveis no momento do Acesso/Observação na secção que reúne os conteúdos participativos, mas com uma relativa atractividade que convida o leitor à interacção pela sua própria natureza visual e conteúdo que articula assertividade com o fundamental sentido de humor. O que se concretiza no momento seguinte, quando a Selecção/Filtragem começa por permitir o arquivamento dos conteúdos para acrescentar acesso directo através do correio electrónico. O jornal também disponibiliza o acesso ao perfil do autor e aos livros publicados, bem como as suas redes sociais, possibilitando ainda o seguimento e o recebimento de alertas. A proximidade que resulta destes diversos mecanismos de interactividade continua no momento da Distribuição com a possibilidade de partilha dos cartoons (Quadro 23).

Quadro 23 Cartoons - Mecanismos de interactividade

CARTOONS - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n= 75</i>	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	75	1	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Arquivar	75	1	
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	25	0,333	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	75	1	
INTERPRETAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	27,120	-	
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	510	-	

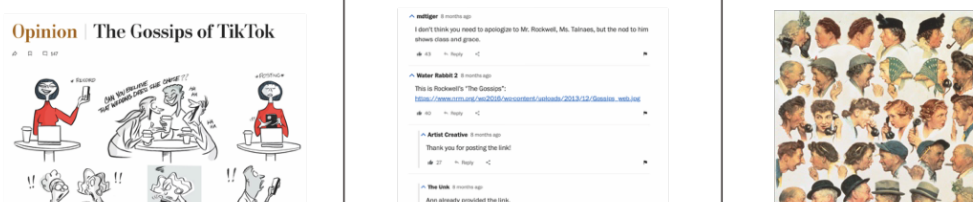
Fonte: Elaboração própria

Por último, na fase da Interpretação mantém-se a dinâmica dos Comentários Introduzidos nos Conteúdos e dos Hiperlinks Introduzidos nos Comentários, mas a conversação entre leitores regista-se num tom diferente dos comentários de outros géneros, e.g., o cartoon “Bad Santa” de Michael Ramirez compara o Pai Natal à administração norte-americana através das prendas que as crianças pedem e aquilo que receberam, levando alguns leitores a duvidar do humor e das “certezas metafóricas” do autor, e outro a acrescentar exemplos de cartoons com objectivos editoriais idênticos publicados noutros jornais:



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/04/michael-ramirez-cartoon-biden-misgifting-christmas/>

Apesar do tom, por vezes ríspido, em temas mais polémicos, regista-se um ambiente de civilidade proporcionado pelos próprios temas, e.g., o cartoon “The Gossips of TikTok” levou alguns leitores a sugerir a existência de demasiadas proximidades criativas com o cartoon de outro autor, levando a própria Ann Telnaes¹¹⁵ a envolver-se na questão para clarificar a sua posição:

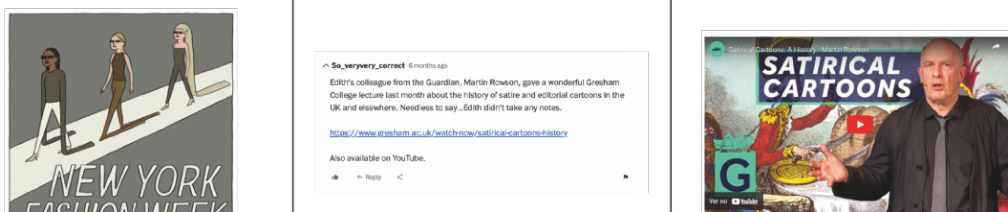


<https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/06/ann-telnaes-cartoon-toxic-tiktok-gossip/>

Esta arte de opinião é valorizada enquanto tal pelos leitores, na medida em que muitos dos seus comentários se encontram dentro do perímetro do humor, da ironia e do sarcasmo, tendo em vista fomentar esse território, e.g., o cartoon “The conveyor belt

¹¹⁵ A cartoonista cessou as suas funções no jornal *The Washington Post* em Janeiro de 2025 devido à recusa de publicação de um cartoon que ilustrava diversos milionários das empresas tecnológicas a prestarem adoração a Donald Trump, cfr. <https://anntelnaes.substack.com/p/why-im-quitting-the-washington-post>

of style, and more highlights from NYFW” levou um leitor a envolver um cartoonista do jornal *The Guardian* para justificar o seu ponto de vista sobre a história da sátira e dos cartoons editoriais no Reino Unido para ironizar com o facto de Edith Pritchett não ter “tomado notas” dessa palestra:



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/15/edith-pritchett-cartoon-new-york-fashion-week/>

Estes conteúdos podem acrescentar novas perspectivas com sugestões de leituras¹¹⁶, outros ângulos expressos em vídeos¹¹⁷, sites associativos¹¹⁸ e institucionais¹¹⁹, projectos de *fact checking*¹²⁰ e artigos académicos¹²¹, organizações internacionais¹²² e organizações com dados estatísticos¹²³, sendo muito frequente partilharem cartoons de outros autores para diversificar pontos de vista sobre o mesmo assunto.

¹¹⁶ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/08/michael-ramirez-cartoon-qanon-ukraine-aid/>

¹¹⁷ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/11/michael-ramirez-cartoon-gop-refusing-further-aid-ukraine/>

¹¹⁸ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/11/michael-ramirez-cartoon-gop-refusing-further-aid-ukraine/>

¹¹⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/15/michael-ramirez-cartoon-biden-administration-open-borders/>

¹²⁰ <https://www.factcheck.org/2019/01/trump-wrong-about-wall-effect-in-el-paso/>

¹²¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/22/cartoon-michael-ramirez-border-president-biden/>

¹²² <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/12/29/cartoons-gaza-war-israel-hamas-kichka-sabaaneh/>

¹²³ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/21/ann-telnaes-cartoon-alabama-embryo-people/>

Quadro 24 Cartoons - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ²	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR ¹ CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ³	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDAAGEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	0 0 0 75 0 0 0 0	0 0 75 55 0 0	0 0 0	75	0 0 0 0 27120 510
DEZ	25	25 19		25	10596 203
FEV	25	25 18		25	4485 122
ABR	25	25 18		25	12039 185

¹Não se trata de avaliar notícias, mas receitas. Porém, a interactividade gerada pelo mecanismo permite aferir a opinião directa dos leitores e hierarquizar conteúdos pelas suas preferências.

²Distribuição

³O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.1.6 Editoriais: interactividade e participação

Os editoriais *The Washington Post* articulam os Conteúdos Escritos para Acesso com os Conteúdos Multimédia e conseguem criar uma dinâmica de leitura e de participação que os aproxima das reportagens (Quadro 25).

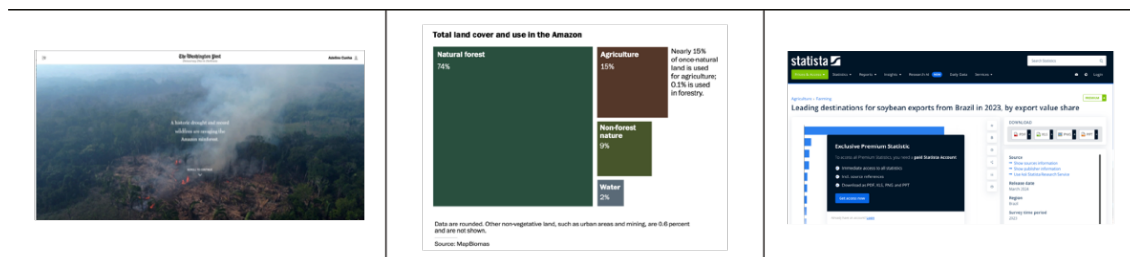
Quadro 25 Editoriais – Mecanismos de interactividade

THE POST'S VIEW - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n</i> = 96
ACESSO / OBSERVAÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Conteúdo Escrito para Acesso	96	1
Conteúdos Multimédia para Acesso	96	1
Conteúdos Sonoro para Acesso	96	1
SELECÇÃO/FILTRAGEM		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Hiperlinks Relacionados dos Autores	1,059	-
Conteúdos para Arquivar	96	1
DISTRIBUIÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Conteúdos para Partilhar	96	1
INTERPRETAÇÃO		
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>
Quiz Participados	20	0,2083
Inquérito/Sondagens Participados	1	0,0104
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	73.408	-
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	1.647	-

Fonte: Elaboração própria

Tendo como ângulo de abordagem os incêndios nas florestas da Amazónias, o editorial do dia 6 de Dezembro de 2023 começa por disponibilizar três imagens que vão passando na tela através do *scroll* até captar a atenção do leitor no título “Here’s a

realistic path to protecting the Amazon rainforest”¹²⁴. As imagens e as infografias acompanham o texto e os hiperlinks abrem novas perspectivas sobre o tema, na medida em que tanto os autores do texto como os leitores adicionam novas camadas narrativas, e.g., remetendo para sites com informações de carácter estatístico:



O editorial “America’s best example of turning around a dying downtown”, publicado no dia 19 de Dezembro do mesmo ano¹²⁵, adopta as técnicas de storytelling para envolver o leitor no tempo e no espaço concreto da acção (“Welcome to Cleveland, the city that leads the nation – by far – in finding new uses for empty office buildings”) e apresenta depois um conjunto de infografias dinâmicas que continuam a “contar a história” à medida que a narrativa se desenvolve. Além das imagens estáticas e dos mapas interactivos, o editorial beneficia também de vídeos curtos que, uma vez mais, ajudam a colocar o leitor dentro da acção, e termina com uma sondagem para apelar ao envolvimento do leitor através da interactividade:

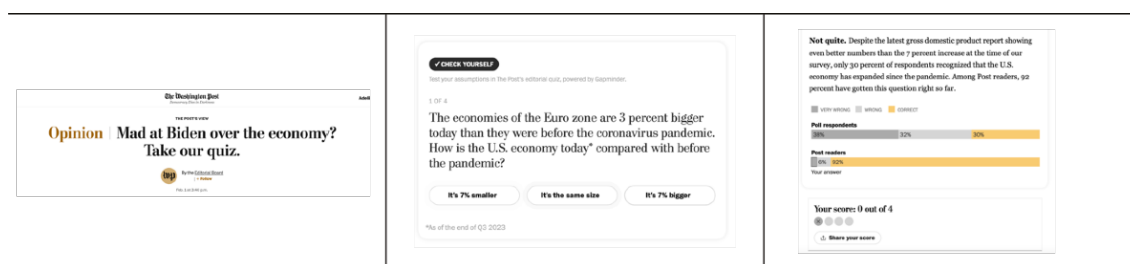


Esta ambição pela aproximação aos leitores por via da interactividade expressa-se também por via da gamificação (e.g., quiz). O editorial “Mad at Biden over the economy? Take our quiz”, publicado no dia 1 de Fevereiro de 2024, parte do “tumulto”

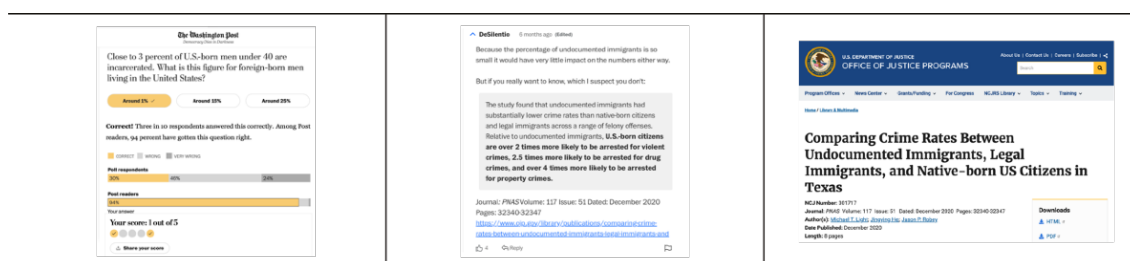
¹²⁴ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2023/amazon-rainforest-how-to-protect/?itid=sf_article_list

¹²⁵ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2023/cleveland-downtown-empty-offices-transform/?itid=sf_article_list

provocado pela pandemia, pela recessão e pelas guerras no exterior para “calibrar o nível de preocupação” dos leitores sobre a política económica da administração através de demonstração do seu conhecimento sobre a realidade económica¹²⁶. Os leitores escolhem as respostas que consideram certas e o jogo procede à respectiva validação ou correcção, bem como à sua localização dentro da amostra de uma sondagem previamente realizada para definir o universo imaginado. O que depois permite aferir o grau relativo do conhecimento do leitor e a posterior partilha dos respectivos resultados:



Este recurso à gamificação para gerar interactividade permite ao *The Washington Post* abordar temas de maior complexidade centrados no conhecimento dos cidadãos e na sua auto-reflexão. O editorial “Worried about immigrants overwhelming the U.S.? Take our quiz”¹²⁷, de 19 de Fevereiro de 2024, define como ponto de partida declarações de Donald Trump referindo-se a uma “invasão de imigrantes” e de dirigentes democratas assumindo as fragilidades da fronteira dos Estados Unidos, para interpelar os leitores a aferirem se os imigrantes “levam consigo” o crime, se “roubam” através dos impostos ou se estão a “mudar a cultura americana: “Fazer este teste pode ajudá-lo a avaliar o quão preocupado você deveria estar”. O debate projecta-se depois para os comentários com os leitores a acrescentarem hiperlinks que colocam em discussão a base estatística dos resultados por via do número de imigrantes ilegais:

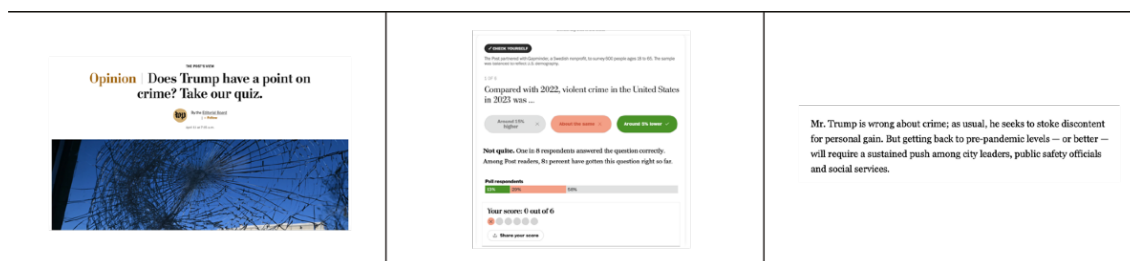


¹²⁶ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2024/us-economy-quiz/?itid=sf_article_list

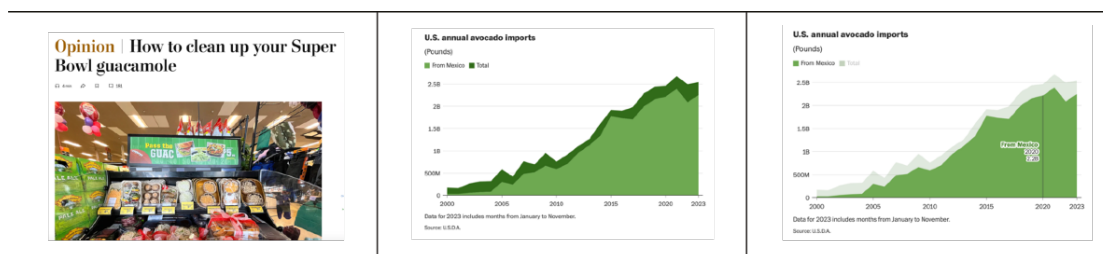
¹²⁷ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2024/gapminder-quiz-immigration-america/?itid=sf_article_list

A mesma estratégia narrativa utilizada no dia 11 de Abril de 2024 com o editorial “Does Trump have a point on crime? Take our quiz”. Tendo por base declarações de Donald Trump sobre o “descontrolo” do crime nos Estados Unidos, o jornal reconhece que a afirmação pode ser “plausível” considerando várias sondagens que mostram uma crescente preocupação da população com a segurança pública. O quiz permite comparar resultados com outros leitores e “descobrir” que medidas políticas deviam ser implementadas¹²⁸. As respostas vão sendo enquadradas e, no final do questionário, o jornal apresenta uma conclusão:

“Mr. Trump is wrong about crime; as usual, he seeks to stoke discontent for personal gain. But getting back to pre-pandemic levels — or better — will require a sustained push among city leaders, public safety officials and social services”.



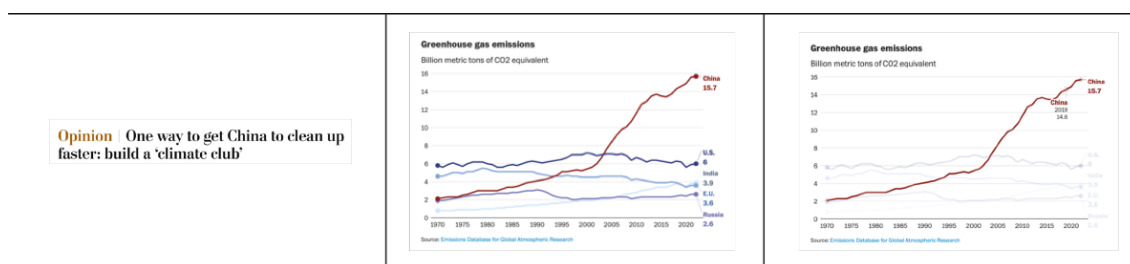
O sentido de oportunidade do tema fica igualmente claro no editorial de 10 de Fevereiro de 2024, intitulado “How to clean up your Super Bows guacamole”¹²⁹. Considerando a aproximação de um jogo de futebol americano com milhões de espectadores espalhados pelo mundo inteiro, o jornal afirma que esta experiência não estaria completa sem os tradicionais snacks de tortilhas mergulhados em guacamole, por isso, o editorial explica o ciclo de vida deste ingrediente através de uma infografia:



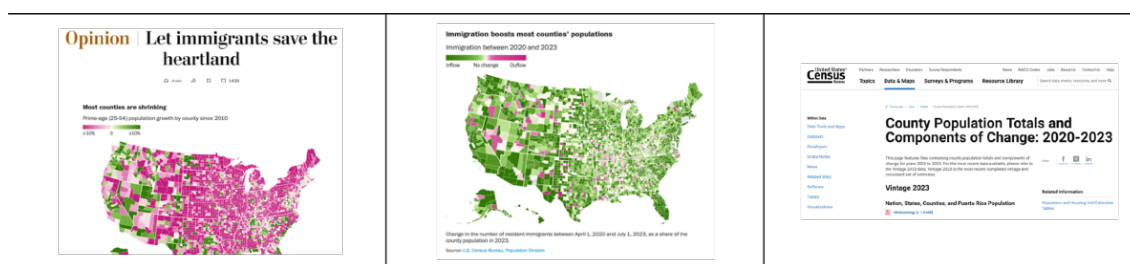
¹²⁸ https://www.washingtonpost.com/opinions/interactive/2024/crime-united-states-factcheck-quiz/?itid=sf_article_list

¹²⁹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/10/guacamole-avocado-deforestation-mexico-super-bowl/>

A utilização de infografias dinâmicas repete-se no editorial do dia 13 de Abril de 2024 sobre “One way to get China to clean up faster: build a ‘climate club’”¹³⁰. O editorial começa com a afirmação “o mundo precisa de um clube climático”, enquadrada na primeira década passada sobre o acordo de Paris para a redução das emissões de gases com efeito de estufa. Considerando a continuidade desse aumento, o jornal foca-se na responsabilização da China e da Índia por esse “salto” e utiliza visualização de dados para proceder a essa demonstração:



Esta capacidade para fazer notícias de natureza visual com dados quantitativos constitui uma ferramenta de interactividade frequente e de considerável utilidade na compreensão da notícia, e.g., o editorial “Let immigrants save the heartland”, publicado no dia 20 de Abril de 2024¹³¹, apresenta uma infografia dinâmica que mostra as alterações detalhadas no crescimento populacional dos Estados Unidos e adiciona hiperlinks com fontes complementares de informação:



A dinâmica da narrativa jornalística reflecte-se também através dos Hiperlinks Relacionados dos Autores, na medida em que tanto remetem para as fontes estatísticas e dados científicos, como procedem ao devido enquadramento noticioso com remissão para outros órgãos de informação. No momento da Distribuição, todos os editoriais do jornal são susceptíveis de partilha pelos leitores directamente para diferentes redes sociais, reenvio por correio electrónico ou através da cópia do link. O recurso ao quiz

¹³⁰ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/13/carbon-tariff-climate-change-china/>

¹³¹ <https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/04/20/migrants-asylum-heartland-development/>

como ferramenta de interactividade permite o envolvimento directo do leitor no conteúdo noticioso e essa dinâmica da narrativa jornalística reflecte-se na quantidade e na qualidade de hiperlinks introduzidos pelos leitores nos comentários, na medida em que se registam inúmeros casos de remissão para fontes alternativas de informação ou para outras tipologias de dados. O que contribui significativamente para o pluralismo do debate (Quadro 26).

Quadro 26 Editoriais - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ²	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR ¹ CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ³	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDAJEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	96	1059	0	96	73408
ABR	33	336	0	33	21959
FEV	30	311	0	30	27868
DEZ	33	412	0	33	23581
MAR	0	0	0	0	561
JAN	0	0	0	0	1647

¹Não se trata de avaliar notícias, mas receitas. Porém, a interactividade gerada pelo mecanismo permite aferir a opinião directa dos leitores e hierarquizar conteúdos pelas suas preferências.

²Distribuição

³O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.2 National Post: portas de entrada dos cidadãos

O jornal *National Post* (<https://nationalpost.com>) disponibiliza diferentes tipos de conteúdos para comentar, mas a participação dos cidadãos é valorizada através de uma secção específica de carácter colaborativo acessível através da barra lateral de navegação: NP Comment. É onde se encontra o território preferencial da opinião entre colunistas e colaboradores regulares. Os conteúdos com mais interações (acessos, partilhas, comentários e tempo de leitura) são visivelmente identificados com um ícone de chamadas e classificados como *trending*.

O envolvimento do leitor começa desde logo com a apresentação de um título chamativo (por vezes acompanhado de um breve *lead*), número de comentários e nome do autor. Após a abertura do texto, ficam visivelmente disponíveis os diferentes mecanismos de interactividade: partilhar por correio electrónico, agregar os conteúdos através do Reddit, partilhar no Twitter, partilhar no Linked-In e comentar. O nome do autor remete para o seu historial e permite fazer uma assinatura de alertas para receber notificações sempre que existe uma resposta ou uma actualização do conteúdo, ao mesmo tempo que se apresenta o tempo calculado de leitura e o número de comentários.

As plataformas que integram a rede Postmedia, que concentram todos os comentários das diferentes publicações, não permitem o uso de pseudónimos, exigem um registo prévio com nome e apelido para vincular a autoria da participação e reservam o direito de desactivar perfis que sejam considerados incertos sobre a identidade. Os próprios leitores são convidados a sinalizar comentários que considerem desrespeitar as directivas. O jornal cita em concreto informações ou materiais que sejam “ilegais, ameaçadores, abusivos, caluniosos, difamatórios, obscenos, vulgares, pornográficos, profanos, indecentes ou de outra forma censuráveis”.¹³²

As regras são particularmente extensas, detalhadas e organizadas por tópicos de comportamento, e.g., “seja civilizado”, “seja transparente” e “não *trolle*”, na medida que as publicações “perturbadoras ou repetitivas” que “interfiram” ou “inviabilizem” a

¹³² “Personal attacks, whether on other participants or our authors, are not permitted. We reserve the right to remove comments for misinformation. Critical comments that do not contribute to the discussion will be removed. We reserve the right to permanently ban any user who violates these terms and conditions. Comments that are long, have multiple paragraph breaks, include code, or include hyperlinks may not be posted”.

conversa na comunidade serão removidas e os seus autores perderão os direitos de participação. As penalizações podem corresponder a uma suspensão que varia entre 1 hora, 1 dia ou 3 dias ou a remoção definitiva. O jornal procede à revisão prévia do comentário antes da sua publicação através de uma “equipa” de moderadores e do recurso a um algoritmo que procura linguagem e frases consideradas antecipadamente ofensivas. O foco na qualidade da participação resulta neste ambiente fortemente moderado (controlado) que inclui a vigilância activa (delação) entre os participantes.

O que ajuda a explicar a fortíssima instabilidade do número de comentários e de hiperlinks que continuam a ser removidos mesmo passados alguns meses após a publicação original¹³³. A própria contagem pode apresentar diferentes valores entre a contabilização apresentada no topo do texto e no seu final. Na investigação, optou-se pelo valor mais elevado por conter *replies* que configuram mais conversação. De qualquer forma, estas oscilações quantitativas não comprometem uma interpretação qualitativa da relevância dos comentários e da sua vinculação a cada um dos textos.

¹³³ Os dados recolhidos em Dezembro de 2023 foram revistos em Agosto de 2024: manteve-se o número de conteúdos escritos colaborativos (197) e o mesmo número de comentários em 16, tendo todos os outros sofrido alterações, por regra, uma redução; provavelmente resultante da acção de diferentes mecanismos de vigilância.

4.2.1 NP Comment: interactividade e participação

O processo participativo coincide com a fase de Acesso/Observação do processo jornalístico e concretiza-se através de Conteúdo Escrito, Conteúdo Multimédia e Podcasts a partir da submissão de textos escritos por diferentes autores: columnistas identificados com um breve perfil¹³⁴; especialistas convidados organizados na categoria Special to National Post¹³⁵; colaboradores regulares com o seu historial de participação agregado¹³⁶; participações diárias temáticas com curadoria individual classificadas como First Reading¹³⁷; colaborações com outros jornais do mesmo grupo empresarial¹³⁸; colaboração temáticas com autores de publicações digitais como Spiked¹³⁹ e Quilette¹⁴⁰; colaborações de autores da rede editorial Post Media News¹⁴¹; os editoriais NP View¹⁴²; e as Letters.¹⁴³

A rúbrica First Reading procede à análise dos principais temas políticos da actualidade e fundamenta a sua publicação regular através do mesmo autor, que começa por definir aquilo que considera uma *top story* como ponto de partida para depois abordar os restantes temas. Todos os conteúdos disponibilizam o seu contacto directo de correio electrónico e os leitores podem entrar na discussão através dos comentários:

¹³⁴ <https://nationalpost.com/author/jamie-sarkonak/>; <https://nationalpost.com/author/adam-zivo/>;
<https://nationalpost.com/author/j-d-tuccille/>, <https://nationalpost.com/author/bkaynp/>;
<https://nationalpost.com/author/rahim-mohamed/>; ...

¹³⁵ <https://nationalpost.com/opinion/a-negotiated-end-to-the-ukraine-war-would-be-a-victory-for-putin>

¹³⁶ <https://nationalpost.com/opinion/tasha-kheiriddin-first-nations-sue-over-discriminatory-carbon-tax-will-guilbeault-resign>

¹³⁷ <https://nationalpost.com/opinion/pro-terror-hate-groups-organizing-almost-all-of-canadas-ceasefire-now-rallies>

¹³⁸ <https://nationalpost.com/news/braid-refusal-to-grant-carbon-tax-relief-leaves-trudeau-isolated-and-vulnerable/wcm/dcd2a746-347c-4af6-8215-ce49a38a4d65>

¹³⁹ <https://nationalpost.com/opinion/brendan-oneill-the-truth-about-vladimir-putin-hes-boring>

¹⁴⁰ <https://nationalpost.com/opinion/lawrence-krauss-concordia-university-decolonizes-engineering>

¹⁴¹ <https://nationalpost.com/opinion/tasha-kheiriddin-liberals-denigrate-canada-no-wonder-the-military-cant-recruit>

¹⁴² <https://nationalpost.com/opinion/np-view-deal-with-google-a-big-step-forward-for-the-news-industry>

¹⁴³ <https://nationalpost.com/opinion/letters-identity-politics-and-the-canadian-armed-forces-has-canada-gone-mad>

<p>NP Comment</p> <p>David Oliver: A negotiated end to the Ukraine war would be a victory for Putin</p> <p><i>The Russian president will take the territorial gains he's achieved, rebuild his strategic reserves and continue destabilizing the West</i></p> <p>David Oliver, Special to National Post <small>Published Dec 01, 2023 • Last updated Dec 01, 2023 • 4 minute read</small></p>	<p>NATIONAL POST</p> <p>Kelly McParland</p> <p>LATEST STORIES BY KELLY MCPARLAND</p> <p>Kelly McParland: Voters should pay far more attention to the quality of U.S. running mates <small>Not everyone agrees that Biden's going to happen down the road, and it's really not what we expect</small> <small>August 2024 • NP COMMENT</small></p> <p>Kelly McParland: Cat ladies, Jesus and Hulk Hogan take over the Republican campaign <small>Political pundit Kelly McParland's latest column takes a look at 'some old chestnuts'</small> <small>August 2024 • NP COMMENT</small></p>	<p>NP Comment</p> <p>FIRST READING: As anti-Israeli blockaders get more radical, authorities begin to push back</p> <p><i>Toronto Police have started applying crowd control tactics against demonstrations, instead of waiting for them to end</i></p> <p>Get the latest from Tristin Hopper straight to your inbox Sign Up ></p> <p>Tristin Hopper <small>Published Apr 02, 2024 • Last updated Apr 02, 2024 • 4 minute read</small></p>
<p>NP Comment</p> <p>Opinion: High death toll does not mean Israel's violating international law</p> <p><i>Hamas should be held accountable for its ongoing crimes</i></p> <p>Sarah Teich and Brian L. Cox, Special to National Post <small>Published Dec 11, 2023 • Last updated Dec 15, 2023 • 4 minute read</small></p>	<p>NP Comment</p> <p>Brendan O'Neill: The truth about Vladimir Putin? He's boring</p> <p><i>The Tucker-Putin snoozefest confirmed that both the old right and the new right are wrong about Putin.</i></p> <p>Brendan O'Neill, Spiked <small>Published Oct 09, 2024 • Last updated Feb 05, 2024 • 5 minute read</small></p> <p>Join the conversation</p>	<p>NP Comment</p> <p>Lawrence Krauss: Concordia University 'decolonizes' engineering</p> <p><i>This will mark out the university as a place to avoid if you're hoping for a serious education</i></p> <p>Lawrence M. Krauss, Quillette <small>Published Feb 12, 2024 • Last updated Feb 16, 2024 • 5 minute read</small></p> <p>Join the conversation</p>
<p>Our enemies know that if a country constantly denigrates its history, its citizens won't be proud of it. And if its people aren't proud, they won't sign up to fight for it. It's a lesson Canada needs to learn, and teach, if we are to rebuild the forces we need to defend our nation.</p> <p><i>Postmedia News</i></p> <p><i>Tashe Rheiridin is Postmedia's national politics columnist.</i></p>	<p>NP Comment</p> <p>NP View: No truth behind claim that Israel is committing genocide</p> <p><i>The false accusation against Jews is meant to wound them and create their history</i></p> <p>National Post View <small>Published Dec 08, 2023 • Last updated Dec 08, 2023 • 3 minute read</small></p>	<p>NP Comment / Letters</p> <p>Letters: Identity politics and the Canadian Armed Forces — has Canada gone mad?</p> <p><i>Readers discuss the military's recruitment woes, the housing and auto theft crises, university finances and more</i></p>

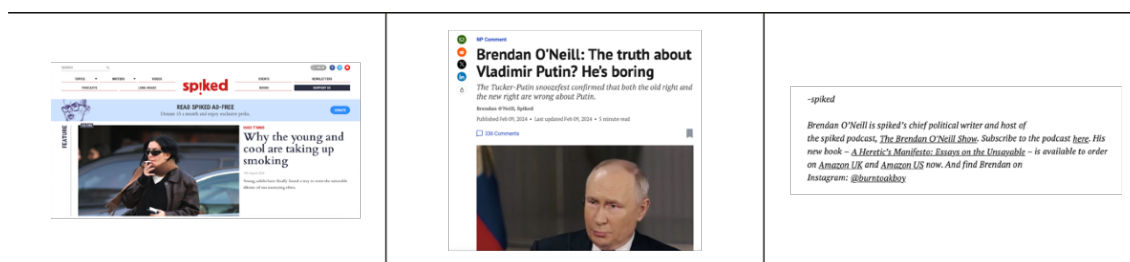
A inclusão sistemática de hiperlinks e de vídeos contribui para uma dinâmica que se intensifica com ligações para as redes sociais através da inclusão de posts do Twitter e/ou publicações do Instagram e documentos completos que permitem o acesso direto a fontes de informação. Os vídeos variavam entre partilhas de conteúdos produzidos por terceiros para efeitos de ilustração dos comentários escritos, análises narradas feitas pela produção do jornal como suporte visual e as análises do próprio autor, tendo em vista favorecer uma personalização aproximação aos leitores através de vídeos com duração limite de 1 minuto:

<p>NATIONAL POST</p> <p>PALESTINE THE RESISTANCE RISES</p> <p>samidoun</p>	<p>TOP STORY</p> <p><i>This week, Ottawa was witness to something that's never really happened before: A blood-fueled rally by Israel's public statements offering praise for a policy decision of the Government of Canada. Hamas issued a video statement publicly thanking Canada for holding a restrictive resolution at the United Nations that would have the effect of leaving Hamas in control of Gaza.</i></p>	<p>Facilitating Critical Conversations</p> <p>A Teaching Resource for Challenging Oppression in Toronto's Online-Supported Classrooms</p> <p>PART 1 - FRAMEWORKS</p> <p>Faculty, Staff, Business & Anti-Oppression tdsb</p>
--	--	---

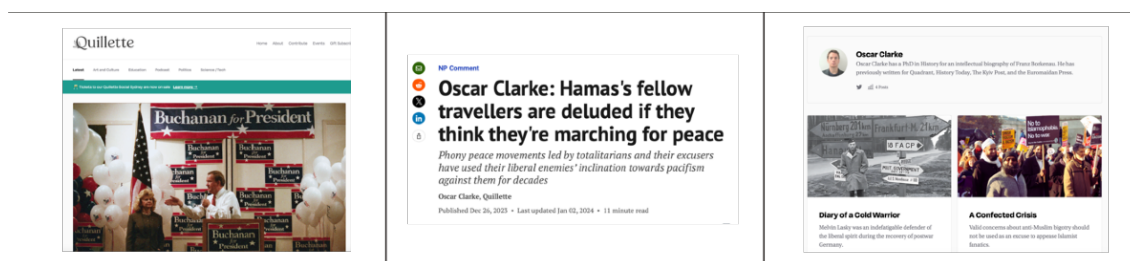
As colaborações com a revista digital britânica *Spiked* focam-se nos temas relacionados com a defesa da liberdade de expressão e do livre pensamento e favorecem debates estimulantes, desde logo, através da captação da atenção com títulos como “The truth about Vladimir Putin? He’s boring”¹⁴⁴. Acompanhado de uma breve nota

¹⁴⁴ <https://nationalpost.com/opinion/brendan-oneill-the-truth-about-vladimir-putin-hes-boring>

biográfica, o jornal disponibiliza ligações para o podcast do autor, os seus livros e as suas contas nas redes sociais:



No mesmo sentido, e tendo por base valores editoriais baseados “na razão, na ciência e no humanismo”¹⁴⁵, as colaborações com a revista *Quillette* abrem perspectivas para debates mais profundos e temas que justificam análises com uma vertente de especialização, e.g., abordagens a temas de actualidade na perspectiva de historiadores¹⁴⁶, cujos contactos de encontram igualmente disponíveis:



No âmbito das narrativas sonoras, o jornal disponibiliza uma rubrica centrada num debate entre colunistas e disponibilizado em vídeo sobre temas de potencial controvérsia, e.g., “Gender identity policies good for children?”; “Most Canadians oppose woke norms — why haven't politicians caught on?”; “‘A new form of conversion therapy’ — Danielle Smith on the issues with trans youth care”:

¹⁴⁵ <https://quillette.com/about/>

¹⁴⁶ <https://nationalpost.com/opinion/hamass-fellow-travellers-are-deluded-if-they-think-theyre-marching-for-peace>

<p>https://nationalpost.com/opinion/a-re-danielle-smiths-gender-identity-policies-good-for-children</p>	<p>https://nationalpost.com/opinion/most-canadians-oppose-woke-norms-why-havent-politicians-caught-on</p>	<p>https://nationalpost.com/video/27eb7a8a-03f8-11ef-b21f-2a5aae8dff22/a-new-form-of-conversation-therapy-danielle-smith-on-the-issues-with-trans-youth-care</p>

Os cidadãos podem participar na conversa através dos comentários e conteúdos que adicionam novos ângulos de interpretação, mas sem que sejam directamente integrados na conversa síncrona. O debate “Gender identity policies good for children?” levou um leitor a adicionar o hiperlink “Pediatricians Release Position Statement Reviewing Over 60 Studies on Mental Health in Adolescents with Gender Dysphoria”¹⁴⁷; e no debate “Most Canadians oppose woke norms — why haven't politicians caught on?”, foram os autores que disponibilizaram um estudo de enquadramento do debate.¹⁴⁸

No mesmo sentido, a rede colaborativa do *National Post* envolve diferentes meios de comunicação social agregados na plataforma Post Media News e procede à sua projecção através textos breves e narrativas sonoras agregadas no podcast *Full Comment* “for compelling interviews, controversial opinions and fascinating discussions”¹⁴⁹:

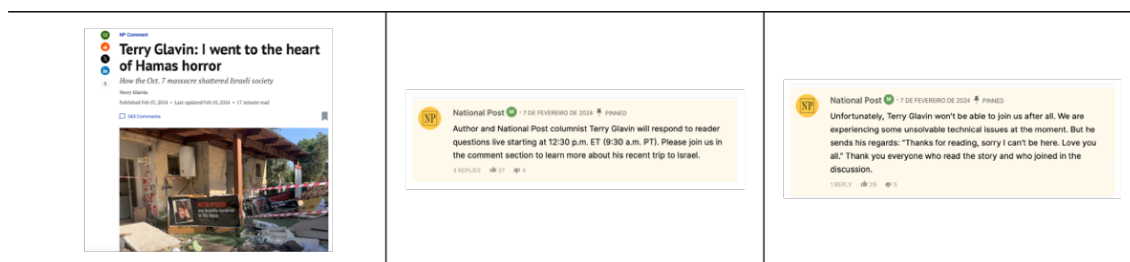
<p>PODCAST FULL COMMENT</p>	

¹⁴⁷ <https://acpeds.org/press/pediatricians-release-position-statement-reviewing-over-60-studies-on-mental-health-in-adolescents-with-gender-dysphoria>

¹⁴⁸ https://macdonaldlaurier.ca/wp-content/uploads/2024/02/20240129_Culture-wars-Kaufmann_PAPER-B-v2-FINAL.pdf

¹⁴⁹ <https://nationalpost.com/opinion/canada-is-a-criminal-hotbed-and-the-mounties-cant-handle-it>.

Vários dos episódios encontram-se regularmente ancorados na secção NP Comment e, tal como descrito no *The Wasghinton Post*, contribuem para diversificar pontos de vista do debate e conferem um potencial relevante de interactividade. Apesar de permitirem diferentes mecanismos de interactividade, e.g, ouvir, partilhar e subscrever, é reconhecida a sua importância tanto nos termos actuais como numa perspectiva de envolvimento dos cidadãos nos conteúdos dos podcasts ou no vinculamento dos seus próprios conteúdos próprios. Verifica-se também um esforço para envolver os leitores através da sua mobilização para o contacto directo com os autores de reportagens baseadas em temas da actualidade, e.g., tendo por base o trabalho “I went to the heart of Hamas horror”¹⁵⁰, o *National Post* anunciou que o colunista estaria disponível para responder às perguntas dos leitores em directo, mas “problemas técnicos” acabaram por inviabilizar a iniciativa:



¹⁵⁰ <https://nationalpost.com/opinion/four-months-ago-hamass-bloody-pogrom-shattered-israeli-society>

4.2.2 Letters: interactividade e participação

A submissão de conteúdo escrito por cidadãos encontra-se confinada às Letters¹⁵¹, concentrando-se a dinâmica participativa, dessa forma, no território dos comentários, onde estas se situam (NP Comment). As cartas comentam notícias e crónicas do próprio jornal e os cidadãos encontram-se genericamente identificados com o seu nome e localidade. Em Dezembro de 2023, no total de 197 Conteúdos Escritos foram publicados 6 conjuntos de cartas correspondentes a 54 autores; em Fevereiro de 2024, no total de 217 conteúdos identificaram-se 8 conjuntos de cartas que incluíam 74 autores: em Abril, 34 autores foram integrados em 3 conjuntos de cartas.

Através de uma carta publicada no dia 14 de Abril de 2024, uma dirigente do *Canadian Institute for Jewish Research*, um *think tank* que reúne académicos dedicados ao estudo das questões de Israel e do Médio Oriente, insurgiu-se contra o discurso de ódio contra os judeus no âmbito da invasão da faixa de Gaza e acusou a polícia canadiana de inação:

“Hate speech, incitement for the annihilation of Israel and Jews is illegal. Blocking highways and streets without permits is illegal. Threatening, harassing and intimidating Jews is illegal. Actual violence is illegal. So where are the arrests? Police inaction has emboldened protesters to escalate their actions because there have been little or no consequences. This must change. Our entire way of life is threatened”.¹⁵²

No dia 27 de Junho de 2024, o jornal publicou uma notícia com o título “Why some Jews are giving up on Canada” dando conta de um aumento do número de judeus que regressava a Israel devido ao crescimento do anti-semitismo, tendo mobilizado como fontes judeus canadianos em circunstâncias idênticas e o próprio responsável pelo Centre for Israel and Jewish Affairs. O que talvez justificasse a inclusão da autora da carta com o referido apelo à acção das autoridades canadianas:

¹⁵¹ <https://nationalpost.com/opinion/letters-hands-off-christmas-canadian-government-grinches>;
<https://nationalpost.com/opinion/letters-fight-back-against-radical-progressives-canadian-coup>;
<https://nationalpost.com/opinion/letters-as-a-jew-in-canada-today-what-i-see-is-terrifying>;
<https://nationalpost.com/opinion/letters-the-cbc-national-broadcaster-or-liberal-party-mouthpiece>;
<https://nationalpost.com/opinion/letters-who-are-we-to-tell-israel-what-to-do>;
<https://nationalpost.com/opinion/trudeaus-unprincipled-and-immoral-stand-on-gaza>

¹⁵² <https://nationalpost.com/opinion/letters-the-meaningless-political-posturing-of-justin-trudeau>

<p>Hate speech, incitement for the annihilation of Israel and Jews is illegal. Blocking highways and streets without permits is illegal. Threatening, harassing and intimidating Jews is illegal. Actual violence is illegal. So where are the arrests?</p> <p>Police inaction has emboldened protesters to escalate their actions because there have been little or no consequences. This must change. Our entire way of life is threatened.</p> <p><i>Doris Epstein, Co-Chair, Canadian Institute for Jewish Research</i></p>	 <p>Canadian Institute for Jewish Research L'Institut Canadien de Recherches sur le Judaïsme</p> <p><small>© 2004-2024 CIJR/ICRJ</small></p>	<p>NP Comment</p> <p>Danielle Kubes: Why some Jews are giving up on Canada</p> <p><i>An increasing number of Jews are making the decision to emigrate to Israel, due to rising acts of antisemitism</i></p> <p>Danielle Kubes Published Jan 27, 2024 • Last updated Jan 27, 2024 • 4 minute read</p>
<p>https://nationalpost.com/opinion/letters-the-meaningless-political-posturing-of-justin-trudeau</p>	<p>https://isranet.org/about-us/</p>	<p>https://nationalpost.com/opinion/why-some-jews-are-giving-up-on-canada</p>

No dia 13 de Dezembro de 2023, o director executivo do Royal College of Physicians and Surgeons of Canada escreveu a carta “Consultations continue on revisions to physician training framework” e, assim, envolveu-se numa polémica para ir anteriores notícias¹⁵³ sobre se a formação dos futuros médicos deve centrar-se mais em questões de justiça social e anti-racismo e menos em “especialidades médicas”:

“Both Mr. Higgins and Conrad Black’s pieces also reference this work as a proposed addition to CanMEDS. This is incorrect. The CanMEDS Framework is revised regularly, and the partner organizations have embarked on a multi-year endeavour to evolve the framework. The reference documents that have been shared do not represent the policy positions of the partner organizations, but rather summaries of opinions gathered to date as discussion papers shared to solicit input”.¹⁵⁴

O jornal voltou ao assunto no dia 11 de Abril de 2024 com notícia “Zealous DEI commissars threaten integrity of Canada's medical profession”¹⁵⁵ para dar conta de que alguns hospitais na Nova Zelândia dão prioridade a pacientes indígenas, regressa ao debate entre os médicos do Canadá citando diferentes estudos académicos, mas desconsiderando as anteriores declarações constantes da carta publicada:

¹⁵³ <https://nationalpost.com/opinion/conrad-black-physicians-college-embraces-social-justice-lunacy>; <https://nationalpost.com/opinion/michael-higgins-anti-racist-doctors-would-put-social-justice-above-medical-expertise>

¹⁵⁴ <https://nationalpost.com/opinion/letters-the-cbc-national-broadcaster-or-liberal-party-mouthpiece>

¹⁵⁵ <https://nationalpost.com/opinion/jamie-sarkonak-zealous-dei-commissars-threaten-integrity-of-canadas-medical-profession>

<p>Consultations continue on revisions to physician training framework</p> <p>Re: Physicians college embraces social justice lunacy – Conrad Black, Dec. 2; and 'Anti-racist' doctors would put social justice above medical expertise – Michael Higgins, Nov. 27</p>	<p>Both Mr. Higgins and Conrad Black's pieces also reference this work as a proposed addition to CanMEDS. This is incorrect. The CanMEDS Framework is revised regularly, and the partner organizations have embarked on a multi-year endeavour to evolve the framework. The reference documents that have been shared do not represent the policy positions of the partner organizations, but rather summaries of opinions gathered to date as discussion papers shared to solicit input.</p>	<p>NP Comment</p> <p>Jamie Sarkonak: Zealous DEI commissars threaten integrity of Canada's medical profession</p> <p><i>Wondering where all this goes? Look to New Zealand, where some hospitals have prioritized elective surgeries of Indigenous patients</i></p>
--	---	--

Dentro do mesmo território do NP Comment, encontram-se frequentemente textos de opinião assinados por especialistas cujos contributos poderiam ter sido considerados como potenciais fontes de informação em notícias posteriormente publicadas sobre o mesmo tema. No dia 6 de Fevereiro de 2024, o jornal publicou uma opinião com o título “There is no medical consensus on child gender transition”, cujos autores colocavam em discussão medidas anunciadas pelo governo de Alberta sobre a aplicação de restrições às intervenções médicas aos menores de idade identificados como transgénero. Os dois médicos chamavam a atenção para a falta de unanimismo entre os médicos neste assunto e demarcavam dos protagonistas que assumiam a existência de posições colectivas consensuais sobre um assunto socialmente delicado, mas que exige fundamentação científica:

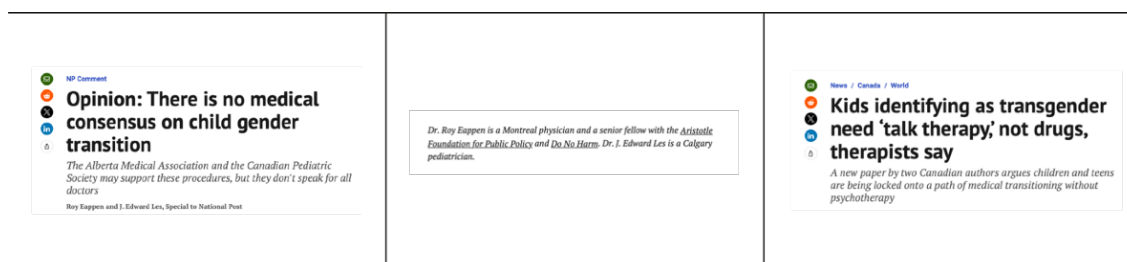
“Fact: There is no evidence for increased suicidality in kids with gender dysphoria once one corrects for psychiatric co-morbidities. A just-published Finnish study in BMJ Mental Health, for instance, which studied more than 2,000 gender-dysphoric youth and compared them to 16,000 matched controls, concluded that clinical gender dysphoria is not predictive of suicide”.¹⁵⁶

No dia 17 de Julho, a notícia “Kids identifying as transgender need ‘talk therapy,’ not drugs, therapists say”¹⁵⁷ cita um artigo académico argumentando que crianças e adolescentes “estão presos a um caminho de transição médica sem psicoterapia”¹⁵⁸ para desenvolver uma notícia que mobiliza diferentes pontos de vistas, mas sem considerar as afirmações dos referidos médicos sobre o mesmo assunto:

¹⁵⁶ <https://nationalpost.com/opinion/opinion-there-is-no-medical-consensus-on-child-gender-transition>

¹⁵⁷ <https://nationalpost.com/news/canada/transgender-gender-dysphoria-treatment>

¹⁵⁸ <https://nationalpost.com/news/canada/transgender-gender-dysphoria-treatment>



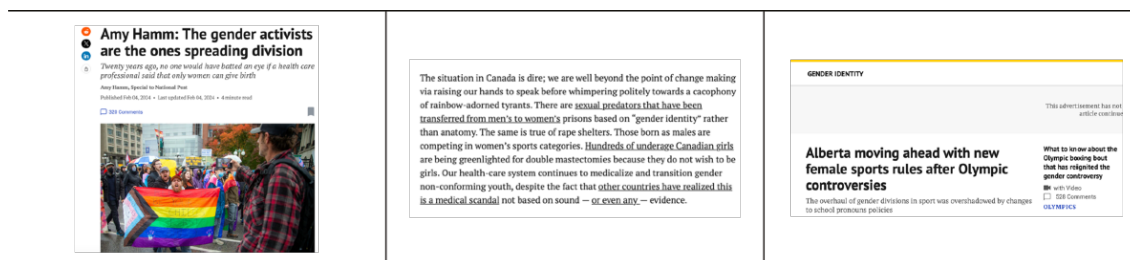
No dia 4 de Fevereiro de 2024, o texto de opinião intitulado “The gender activists are the ones spreading division”¹⁵⁹ afirma que o sistema de saúde canadiano “continua a medicalizar e a fazer a transição de jovens que não se conformam com o género, apesar de outros países terem percebido que se trata de um escândalo médico não baseado em provas sólidas — ou mesmo em nenhuma”, e depois insurge-se contra a intolerância que marca os debates (ou a sua ausência) nos espaços públicos:

“The situation in Canada is dire; we are well beyond the point of change making via raising our hands to speak before whimpering politely towards a cacophony of rainbow-adorned tyrants. There are sexual predators that have been transferred from men’s to women’s prisons based on “gender identity” rather than anatomy. The same is true of rape shelters. Those born as males are competing in women’s sports categories. Hundreds of underage Canadian girls are being greenlighted for double mastectomies because they do not wish to be girls”.¹⁶⁰

A autora, enfermeira e fundadora de uma organização feminista que defende os direitos das mulheres com base na ciência médica, fala ainda sobre as alterações decorrentes do quadro legislativo da identidade de género para citar exemplos concretos que visam ilustrar os seus argumentos e as suas críticas. Esta visão crítica das políticas que permitem a autodeterminação de género com impacto directo nos espaços destinados a mulheres poderia ser incluída nas diversas notícias sobre o tema que o *National Post* publica regularmente num espaço editorial especializado, tendo em vista dinamizar o debate sobre uma questão manifestamente polémica:

¹⁵⁹ <https://nationalpost.com/opinion/amy-hamm-the-gender-ideologues-are-the-ones-spreading-division>

¹⁶⁰ <https://nationalpost.com/opinion/amy-hamm-the-gender-ideologues-are-the-ones-spreading-division>



Quanto aos mecanismos de interactividade, na fase da Distribuição (Quadro 27), o jornal permite que todos os conteúdos sejam partilhados pelos leitores (*fr* 1), sendo que as dinâmicas mais fortes de participação ocorrem nas fases de Selecção/Filtragem e Intrepretação, na medida em que o *National Post* concentra a participação dos leitores nos Hiperlinks Relacionados dos Autores, nos Comentários Introduzidos nos Conteúdos e nos Hiperlinks Introduzidos nos Comentários, ao que acrescem Inquéritos/Sondagens Participados, e favorece a proximidade com os autores através da disponibilização de Conteúdos com Acesso Directo ao Autor (*fr* 0,1268) e Conteúdos com Acesso Directo ao Jornal (*fr* 0,2500).

Quadro 27 NP Comment - Mecanismos de interactividade

NP COMMENT - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n</i> = 634	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	634	1	
Conteúdos Multimédia para Acesso	120	0,1893	
Podcasts para Acesso	11	0,0173	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Hiperlinks Relacionados dos Autores	3.543	-	
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	80	0,1268	
Conteúdos com Acesso Directo ao Jornal	159	0,2500	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	634	1	
INTERPRETAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Inquéritos/Sondagens Participados	1	-	
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	153.452	-	
Hiperlinks introduzidos nos Comentários	1.950	-	

Fonte: Elaboração própria

Tal como o jornal *The Washington Post* partilha o acesso para os livros de alguns autores, e.g., a cartoonista Ann Telnaes¹⁶¹, também o *National Post* disponibiliza ligações para os livros publicados por alguns dos autores:

Einat Wilf is a former member of Knesset and coauthor, with Adi Schwartz, of The War of Return: How Western Indulgence of the Palestinian Dream Has Obstructed the Path to Peace, published in 2020 by All Points Books.



https://www.amazon.ca/War-Return-Indulgence-Palestinian-Obstructed-ebook/dp/B07S7L6533/ref=sr_1_1?crid=294D3X3UZSAW&keywords=the+war+of+return+einat+wilf&qid=1706628069&s=books&sprefix=The+War+of+RE%2Cstripbooks-intl-ship%2C237&sr=1-1

Dr. Gad Saad is a professor at Concordia University (Montreal, Canada), evolutionary behavioral scientist, and author. His latest book The Saad Truth about Happiness: 8 Secrets for Leading the Good Life was released this past July.



<https://nationalpost.com/opinion/gad-saad-the-ethical-debasement-of-the-west-puts-us-at-risk-of-mayhem-misery>

Adapted from, "The Harris Legacy: Reflections on a Transformational Premier" (Sutherland House, 2023), which contains a series of essays by leading policy experts in a range of fields central to the Harris government's agenda. It is a must read for scholars and policy wonks alike, and is available for \$36.99 at theharrislegacy.ca. David Frum is a staff writer for the Atlantic and a former speechwriter and special assistant to U.S. President George W. Bush.



<https://www.amazon.com/Saad-Truth-about-Happiness-Secrets/dp/1684512603>

No mesmo sentido valorativo, o jornal disponibiliza ligações para conteúdos pessoais adicionais, e.g., blogue, podcast e envolvimento social:

161

https://www.amazon.com/gp/product/0764928686/ref=as_li_qf_asin_il_tl?ie=UTF8&tag=washpost-20&creative=9325&linkCode=as2&creativeASIN=0764928686&linkId=54db12e75b9cdb87e0835d41b593ab4b

Katherine Brodsky is the author of *No Apologies: How to Find and Free Your Voice in the Age of Outrage – Lessons for the Silenced Majority*, now available on Amazon, Indigo and at other book retailers. She tweets on X @mysteriouskat and writes random essays on Substack: katherinebrodsky.substack.com.




Katherine Brodsky

Random Minds by Katherine Brodsky

From one curious mind to another: Random musings from a writer w/ glossy bylines about the world and our role in it. An outsider, looking in. Covering culture, social politics, critical thinking, media, freedom of speech & diverse thought + technology.

By Katherine Brodsky's Random Minds

<https://nationalpost.com/opinion/katherine-brodsky-its-our-job-to-push-back-when-small-aggressive-voices-dominate-the-discourse>

THE BRENDAN O'NEILL SHOW

spiked's chief political writer discusses the big ideas and the bad ideas with an esteemed guest.

- The heloborness of Kamala Harris
- Why Ireland is ready to explode

<https://nationalpost.com/opinion/brendan-oneill-the-truth-about-vladimir-putin-hes-boring>

National Post

Frank Stronach is the founder of Magna International Inc., one of Canada's largest global companies, and the *Stronach Foundation for Economic Rights*.



ECONOMIC CHARTER OF RIGHTS & RESPONSIBILITIES

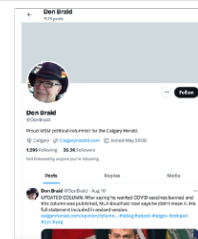
A BIG WIN FOR CANADIAN WORKERS, SMALL BUSINESSES, FAMILY FARMERS AND THE CANADIAN ECONOMY

economiccharter.ca

<https://nationalpost.com/opinion/a-national-school-food-program-is-a-must-but-it-needs-to-be-done-right>

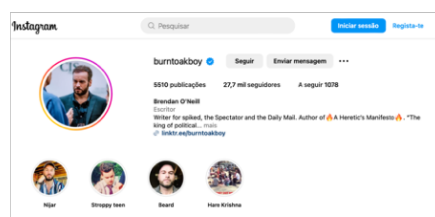
O acesso directo às respectivas redes sociais permite projectar a conversação para lá do território do próprio jornal e a disponibilização do contacto directo do autor reforça essa abertura para uma proximidade não-mediada, incluindo o contacto pessoal:

X: @DonBraid



<https://nationalpost.com/news/braid-refusal-to-grant-carbon-tax-relief-leaves-trudeau-isolated-and>

Brendan O'Neill is spiked's chief political writer and host of the spiked podcast, *The Brendan O'Neill Show*. Subscribe to the podcast [here](#). His new book – *A Heretic's Manifesto: Essays on the Unsayable* – is available to order on [Amazon UK](#) and [Amazon US](#) now. And find Brendan on Instagram: @burmtoakboy



<https://nationalpost.com/opinion/brendan-oneill-the-truth-about-vladimir-putin-hes-boring>

National Post
 kaybarb@gmail.com
[Twitter.com/BarbaraRKay](https://twitter.com/BarbaraRKay)

<https://nationalpost.com/opinion/silenced-teacher-becomes-a-hero-of-the-anti-woke-resistance>

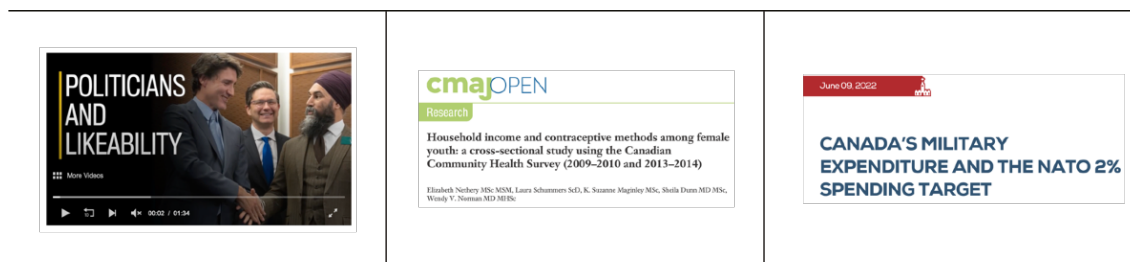
A inserção de hiperlinks pelos autores e pelos leitores gera uma dinâmica conversacional que leva a discussão para lá do texto inicial, ou seja, a interactividade permite não apenas expandir os limites da participação como fazê-lo implodir (por vezes, caoticamente) em inúmeros ângulos. O que (também por isso) apela à mediação jornalística, na medida em que a interactividade tanto viabiliza o processo de comunicação como contribui para as percepções de construção da realidade.

Num artigo sobre o conflito entre judeus e palestinianos pelo direito ancestral à terra, a autora começa por estabelecer comparações entre os judeus e os maoris da Nova Zelândia pela “recuperação da terra natal” baseada num vídeo partilhado nas redes sociais e cita um artigo reforçando “o apego dos judeus a Jerusalém e às montanhas circundantes como análogo aos laços profundos dos Maori com as suas próprias montanhas sagradas”. Os comentários geraram um debate entre a história de Israel e da Palestina focado no direito de ambos os povos à terra e depois desenvolvido em bolhas de conversação entre leitores, envolvendo ensaios e estudos sobre genética:



<https://nationalpost.com/opinion/barbara-kay-israel-a-true-indigenous-success-story>

O artigo “Trudeau's soon-to-be free birth control scheme is unnecessary and ideological” explora medidas políticas sobre a contracepção feminina introduzindo um vídeo explicativo e hiperlinks para estudos, gerando um debate entre os leitores que permitiu desenvolver diferentes perspectivas sobre o tema, incluindo as decisões orçamentais sobre diferentes prioridades:

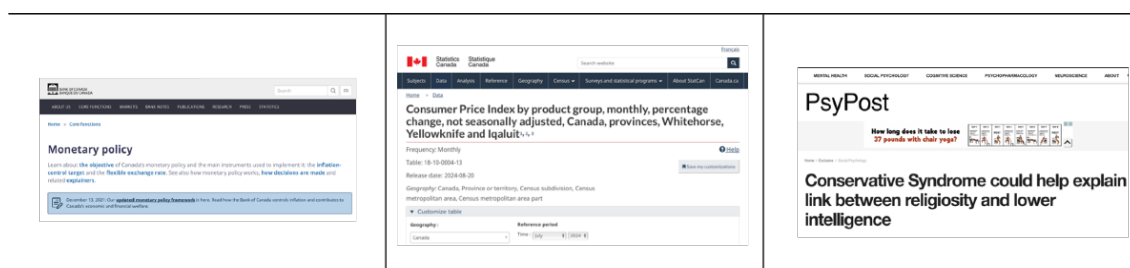


<https://nationalpost.com/opinion/jamie-sarkonak-trudeaus-soon-to-be-free-birth-control-scheme-is-unnecessary-and-ideological>

No artigo “Trudeau isn't the solution, he's the problem”, o primeiro-ministro canadiano é citado afirmando que a imigração no Canadá aproxima-se do descontrolo e exemplifica com o aumento de 2% da população do país em consequência dos imigrantes temporários: “That’s something we need to get back under control”. O texto inclui hiperlinks para fontes oficiais do governo e para o instituto de estatística e acrescenta relatórios sobre o aumento do preço das casas para consolidar a argumentação sobre uma situação financeira considerada preocupante:

“Immigration is soaring, but the country has a housing crisis. We commit publicly and frequently to NATO’s two per cent defense spending target, but in practice we appear to have no intention of meeting it. Ambitious climate change goals are proclaimed, but climate change policy itself is unclear to Canadians”.

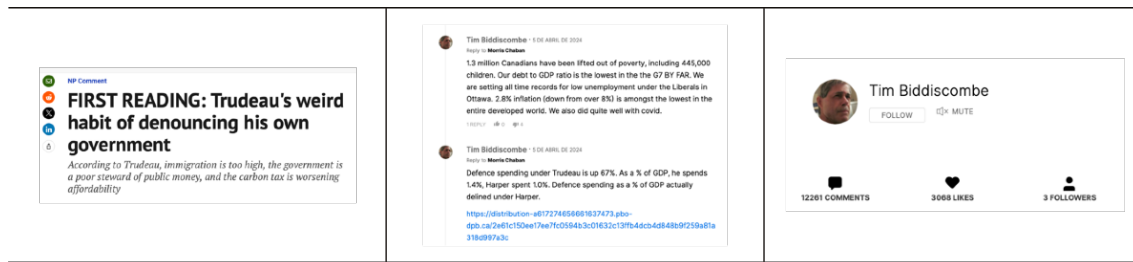
O debate entre os leitores gerou uma intensa conversação com a inclusão de hiperlinks para sustentar diferentes pontos de vista à medida que a discussão evoluiu para vários sentidos:



<https://nationalpost.com/opinion/michael-higgins-trudeau-isnt-the-solution-hes-the-problem>

A valorização dos hiperlinks introduzidos pelos leitores deverá acautelar tanto as repetições do mesmo autor como dos respectivos hiperlinks, na medida em que o seu número absoluto nem sempre corresponde à qualidade de debate e diversidade de pontos de vista que se pretende, e.g., o artigo “Trudeau’s weird habit of denouncing his

own government” contabiliza um total de 1154 comentários e 67 hiperlinks, mas apenas o leitor Tim Biddiscombe introduziu 190 comentários e 47 hiperlinks:



<https://nationalpost.com/opinion/trudeau-weird-habit-of-denouncing-his-own-government>

O jornal procede frequentemente à integração de conteúdos com diferentes dinâmicas interactivas, e.g, a rubrica “Firstreading” inclui por regra um vídeo breve que procede à síntese da “top story”; fontes adicionais em documentos para download e/ou consulta directa:



<https://nationalpost.com/opinion/education-is-white-supremacy-toronto-teachers-told-in-official-guidebook>

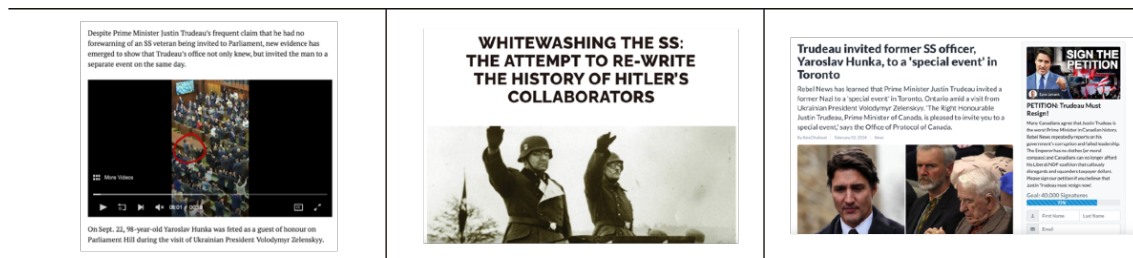
Também os tweets com vídeos e com informações complementares e vídeos partilhados no youtube aumentam esse território:



<https://nationalpost.com/opinion/it-turns-out-canadian-police-can-actually-stop-a-protest-blockade-if-they-feel-like-it>

Por fim, importa considerar as análises de fact checking, que mobilizam fontes adicionais para debates com forte carga polémica, e.g., as consequências da recepção de um veterano das Waffen-SS como convidado de honra no Parlamento canadiano durante a visita do presidente da Ucrânia. Inicialmente apresentado como um defensor

da Ucrânia contra os soviéticos e aplaudido pelo próprio chefe do Estado ucraniano, acabou por ser revelado que o homenageado havia integrado uma unidade de voluntários da Waffen-SS que participara na tentativa de conquista da União Soviética na Segunda Guerra Mundial, tendo os seus membros perpetrado crimes de guerra em grande escala. O primeiro-ministro canadiano tentou desresponsabilizar-se, mas as informações adicionais acabaram por colocar a sua posição em debate desde logo pelo registo em vídeo dos seus aplausos e de um convite adicional para o veterano das SS. As dinâmicas desta rúbrica através da mobilização de diferentes fontes e mecanismos de interactividade reflectem-se no elevado número de comentários e nos debates gerados entre os leitores:



<https://nationalpost.com/news/canada/yaroslav-hunka-justin-trudeau-volodymyr-zelenskyy-parliament>

4.3 *The Guardian*: portas de entrada dos cidadãos

O processo participativo na edição digital do jornal *The Guardian* (<https://www.theguardian.com>) encontra-se definido num ponto principal de acesso designado Take part. Apesar desta secção obrigar o leitor a fazer *scroll* até quase ao final do site, a designação é manifestamente clara, sendo frequentemente ilustrada com etiquetas apelativas, e.g., “Tell us” ou “Get in touch”, acompanhada por frases envolventes e verbos de acção, e.g., “Do you know(...)”, “What the mood is like in your country”, “Tell us your experiences/thoughts”; “Share with us your experiences/thoughts”; “Share your view”; “We would like to hear”; “We want to hear”. Todos os conteúdos solicitados nestas condições encontram-se agregados como Guardian community team (“Callouts from the Guardian Community team asking people to share their stories, views and experiences”), reforçando-se assim o carácter distintivo que se sugere atribuir à participação e ao próprio sentimento de pertença a um determinado grupo de cidadãos envolvidos no processo jornalístico.

A metodologia activa decorre destes callouts, ou seja, apelos directos à participação através da partilha de “stories, views and experiences”, tendo diversos pontos de partida, e.g., notícias já publicadas, estudos de relevância social ou datas simbólicas. Os conteúdos gerados pelos callout no contexto Guardian community team são agrupados com a tag Guardian Readers e depois publicados em diferentes secções do jornal.

O segundo ponto de acesso encontra-se localizado na secção da opinião e permite enviar cartas (Letters) com informação e/ou comentar a actualidade através de um hiperlink facilitador que preenche automaticamente o endereço de envio. Trata-se de contributos de cidadãos identificados pelos seus nomes ou pelas suas profissões/actividades, sendo que se registam frequentes contributos de especialistas, isto é, cidadãos com conhecimento específico nas áreas em debate, e.g., historiadores, médicos, professores, profissões técnicas, ex-titulares de cargos públicos, dirigentes associativos, etc. O jornal promove algum tipo de interactividade ao agregar tematicamente as cartas e ligá-las entre si, e chega a potencializar informação para a produção de notícias próprias, o que representa uma característica que se considera de relevância no processo participativo.

É também através da secção da opinião que se pode aceder à terceira porta de entrada participativa através de comentários aos editoriais do jornal, colunistas e cartoons (Comments). Daqui resulta a possibilidade de construir um historial de participação através da agregação de todos comentários efectuados (comments), respostas a outros (replies) e comentários destacados (featured), ou seja, uma memória participativa do comentador. A possibilidade de comentar encontra-se temporalmente delimitada e o jornal utiliza um ícone para destacar determinado comentário, mas não existe intervenção jornalística para dinamizar uma desejável conversação.

4.3.1 Dados preliminares da investigação

Tendo em consideração a longa experiência de jornalismo participativo do jornal *The Guardian*, realizou-se uma recolha preliminar de dados para antecipar dificuldades e verificar a adequabilidade da metodologia ao objectivo geral da investigação, isto é: identificar e descrever práticas jornalísticas que incluam a participação dos cidadãos, analisar como é que os jornalistas se posicionam perante esses contributos e o respectivo impacto nas linhas editoriais.

A recolha de dados decorreu diariamente entre os dias 1 de Janeiro e 31 de Março de 2022 e teve por base i) a identificação das chamadas portas de entrada à participação dos cidadãos ii) o papel editorial em que podem intervir no processo noticioso iii) os mecanismos de interactividade de que dispõem (Quadro 29).

Quadro 29 Investigação preliminar

CALLOUT DE FORMULAÇÃO JORNALÍSTICA	Participação como fonte	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de textos - Partilha de fotografias - Partilha de vídeos
	Acesso	<ul style="list-style-type: none"> - WhatsApp - Telegram - Signal - Formulário para uploads
	Interactividade	<ul style="list-style-type: none"> - Tag Guardian Readers
LETTERS	Participação como fonte	<ul style="list-style-type: none"> - Fornecer informação relevante - Comentar actualidade
	Acesso	<ul style="list-style-type: none"> - Hiperlink directo
	Interactividade	<ul style="list-style-type: none"> - Agregação temática dos contributos - Hiperlinks de ligação entre contributos
COMMENTS	Participação como fonte	<ul style="list-style-type: none"> - Comentar artigos de opinião - Comentar actualidade
	Acesso	<ul style="list-style-type: none"> - Inscrição prévia para atribuição de um login
	Interactividade	<ul style="list-style-type: none"> - Discussão através da possibilidade de comentar outros comentários - Possibilidade de “silenciar” (mute) determinado comentador - Possibilidade de denunciar determinado comentário - Memória participativa do comentador

Fonte: Elaboração própria

4.3.2 Participação nos Callout

A atenção dos cidadãos começa por ser captada através de apelos como “Tell us your experiences/thoughts”; “Share with us your experiences/thoughts”; “Share your view”; “We would like to hear” e “We want to hear”, formulados através da secção Guardian community team e posteriormente publicados como Guardian Readers.

No mês de Janeiro de 2022, foram publicados 8 conteúdos resultantes dos 43 callouts efectuados nesse mês (e 3 decorrentes de iniciativas idênticas promovidas em Dezembro anterior); em Fevereiro, foram publicados 7 conteúdos resultantes de 37 pedidos realizados nesse mês; e por último, em Março, foram publicados 6 conteúdos resultantes de 24 pedidos processados nesse mês (e 2 do mês anterior). Apesar da transformação das informações em notícia ter ocorrido através de um procedimento com carácter de compromisso, na medida em que resulta de um pedido activo à participação, a intervenção jornalística acabou por se limitar à produção final.

Os callouts, cujas fontes variaram entre notícias próprias, estudos académicos, concursos de entidades externas e declarações de terceiros, centram-se em temas de *life style*, viagens, paisagens naturais, relações familiares e laborais, qualidade de vida e factos do quotidiano, sendo que a inclusão dos temas mais fortes decorreu directamente do sobreaquecimento da agenda jornalística, e.g., o início da guerra na Ucrânia no dia 24 de Fevereiro de 2022 e as questões relativas ao Covid.

Os jornalistas envolvidos no processo de integração estão identificados e as notícias-participativas oriundas da dinâmica “Take Part” foram depois publicadas em diferentes secções. Os quatro conteúdos que envolveram a participação directa de jornalistas reduzem-se aos temas de vida selvagem, *life style*, receitas de doçaria e as expectativas decorrentes de uma variante Covid. No callout lançado no dia 31 Dezembro de 2021¹⁶², o jornal apelava à partilha de fotografias e histórias dos leitores sobre os “primeiros sinais da Primavera”, tendo como base uma notícia assinada pela jornalista Helena Horton dando conta do aumento da temperatura no planeta devido às alterações climáticas¹⁶³. Considerando esse impacto na antecipação da hibernização de alguns animais, o jornal solicitava aos leitores o envio de histórias e de fotografias

¹⁶² <https://www.theguardian.com/environment/2021/dec/31/share-your-photos-and-stories-of-early-signs-of-spring-in-2022>

¹⁶³ <https://www.theguardian.com/environment/2021/dec/31/warm-winter-fatal-for-uk-endangered-species-bats-butterflies-hedgehogs>

actuais e antigas com as respectivas datas para obter dados comparativos. O resultado foi publicado na secção Guardian readers e assinado pelo jornalista Alfie Packman ¹⁶⁴ com o título *‘The ducklings might not survive’: readers concerns over earlys Spring* e levou o jornal a organizar uma galeria com fotografias e depoimentos dos leitores.

O título do callout publicado no dia 5 de Janeiro de 2022 estava formulado como “Tell us: share your photos and experiences of skateboarding in middle age”¹⁶⁵ e encontrava-se devidamente contextualizado com a informação referente a um estudo publicado pela Universidade de Exeter, aliás, anteriormente noticiado por um outro jornal com o título “Skateboarding in middle age helps people navigate depression, bond with their children and gain ‘spiritual meaning’, study finds”¹⁶⁶. A chamada à participação encontra-se formulada no título “Tell us: share your photos and experiences of skateboarding in middle age” e no apelo “we would like to hear from middle-aged skateboarders about their experiences and its benefits”. O resultado do pedido de participação foi publicado dois dias após o callout ¹⁶⁷ na secção “Health&wellbeing” com o título “Skateboarding in middle age: ‘It helps me switch off’”. Trata-se de uma notícia assinada pelas jornalistas Rachel Obordo (Community journalist) e Alfie Packam (Guardian journalist).

No dia 10 de Janeiro de 2022, o jornal publicou um terceiro callout designado “Tell us. What should the Queen’s platinum pudding be?”¹⁶⁸ enquadrado nas celebrações dos 70 anos de reinado de Isabel II e tendo como desafio a participação dos cidadãos numa “competição de receitas” noticiada pela jornalista Nadia Khomani (Arts and culture correspondent): “Much like Poulet Reine Elizabeth, more commonly known as coronation chicken, invented by Le Cordon Bleu London for the Queen’s coronation banquet in 1953, it is hoped the Platinum Pudding competition will serve as a long-lasting reminder of the 95 year-old monarch’s reign”.¹⁶⁹

¹⁶⁴ <https://www.theguardian.com/environment/2022/jan/06/early-signs-of-spring-readers-photos>

¹⁶⁵ <https://www.theguardian.com/sport/2022/jan/05/tell-us-share-your-photos-and-experiences-of-skateboarding-in-middle-age>

¹⁶⁶ <https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-10367979/Skateboarding-middle-age-helps-navigate-depression-study-finds.html>

¹⁶⁷ <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2022/jan/07/skateboarding-in-middle-age-it-helps-me-switch-off>

¹⁶⁸ <https://www.theguardian.com/uk-news/2022/jan/10/tell-us-what-should-the-queens-platinum-pudding-be>

¹⁶⁹ <https://www.theguardian.com/uk-news/2022/jan/10/platinum-pudding-for-queens-jubilee-to-follow-1953s-coronation-chicken>

A participação dos cidadãos foi publicada no próprio dia com o título “Reader’s ideas for the Queen’s jubilee Platinum Pudding”¹⁷⁰. Assinada pelas jornalistas Clea Skopeliti (Community journalist) e Rachel Obordo (Community journalist) na secção temática dedicada à monarca, a notícia relata a sugestão de um neurologista (“drop scones”), uma pasteleira amadora (“a traditional trifle”), um cidadão reformado (“a mess of things”), e uma enfermeira, que sugeriu a inclusão de tofu e acabou por ter a sua participação revista: “This article was amended on 11 January 2022 to remove a reference to a tofu dish as being ‘allergen-free’”.

No dia 11 de Janeiro, o callout solicitava “Share your favourite running route in the UK and Europe” e prometia um voucher de férias ao vencedor: “Tell us about a running route you enjoy, whether it’s in a city park, along a river, on a coastal path or over hills – the winning tipster will receive a Sawday’s voucher worth £200”¹⁷¹. O pedido teve como pretexto a realização de uma maratona em Londres para angariar fundos na luta contra o cancro¹⁷². No dia 20 de Janeiro, na secção “Readers travel tips”, o jornal publicou a notícia “Exquisite views and total exhilaration: readers’ favourite running routes”¹⁷³, mas sem qualquer intermediação jornalística visível, ou seja, trata-se de uma simples compilação de testemunhos.

Em alguns casos verifica-se um relativo desaproveitamento, e.g., no dia 21 de Janeiro de 2020, na secção “Guardian community” team, o jornal publicou um callout dedicado à morte do cantor Meat Loaf intitulado “Share your tributes and memories”¹⁷⁴ e no dia 25 a secção “Guardian readers” publicou esses contributos dos eleitores através de uma agregação de comentários “From London to North Carolina”¹⁷⁵. Alguns dos participantes viram também as suas fotografias publicadas, e.g., ao lado do artista ou bilhetes de concertos antigos. Essa mesma página disponibilizava acesso para o artigo assinado por David Batty (news editor and writer) “Warm, loving, generous – but he

¹⁷⁰ <https://www.theguardian.com/uk-news/2022/jan/10/readers-ideas-for-the-queens-jubilee-platinum-pudding>

¹⁷¹ <https://www.theguardian.com/travel/2022/jan/11/share-your-favourite-running-route-in-the-uk-and-europe-you-could-win-a-holiday-voucher>

¹⁷² <https://www.macmillan.org.uk/fundraise/charity-runs/london-marathon#:~:text=Our%20research,during%20the%20Covid%2D19%20crisis.&text=Funds%20raised%20through%20Macmillan%20places%20will%20help%20the%20charity%20provide%20vital%20support.>

¹⁷³ <https://www.theguardian.com/travel/2022/jan/20/readers-favourite-running-routes-in-uk-and-europe-tips-jogging>

¹⁷⁴ <https://www.theguardian.com/music/2022/jan/21/share-your-tributes-and-memories-of-meat-loaf>

¹⁷⁵ <https://www.theguardian.com/music/2022/jan/25/his-passing-has-left-a-huge-hole-in-my-life-readers-remember-meat-loaf>

had demons’: inside the life of Meat Loaf¹⁷⁶, tendo como fonte um músico que havia tocado com Meat Loaf.

4.3.3 Participação nas Letters

No dia 3 de Dezembro de 2021, o jornal começou por publicar um editorial com o título “The Guardian view on Barbado and the Queen: it has moved on. Can Britain?”¹⁷⁷, tendo por base a remoção da estátua de um comerciante de escravos, e a consequente polémica pública em torno da memória histórica. O editorial justificou uma primeira carta de um cidadão no dia 6 desse mês com o título “Why Britain needs a slavery memorial”¹⁷⁸, seguido de uma outra no dia 12 com o título “Liverpool is the best place for a national slavery memorial”¹⁷⁹. No dia seguinte, o jornal interligou mais uma terceira carta intitulada “Remembering Liverpool’s role in slavery”¹⁸⁰ e no dia 2 de Janeiro de 2022 surgiu outra missiva assinada pelo historiador Laurence Westgaph com o título: “A note on Liverpool’s slave trade history”¹⁸¹. O jornal enquadrou a carta afirmando tratar-se de uma resposta, mas dispensou-se de estabelecer uma dinâmica de conversação, cuja potencial transparece nas várias missivas e/ou explorar os diferentes ângulos da participação como eventual material noticioso.

Na qualidade de fonte única, a pesquisa identificou três notícias produzidas a partir de cartas de leitores. No dia 23 de Janeiro, o jornal publicou uma carta colectiva assinada por sete especialistas em segurança e política externa, apresentando um conjunto concreto de medidas para dinamizar um programa de ajuda humanitária ao Afeganistão¹⁸². Duas horas mais tarde, o jornalista Patrick Wintour (Diplomatic editor) publicou uma notícia intitulado “Change to aid rules needed to prevent famine in Afghanistan, say UK experts”¹⁸³ recuperando as linhas de força de carta e adicionando

¹⁷⁶ <https://www.theguardian.com/music/2022/jan/24/warm-loving-generous-but-he-had-demons-inside-the-life-of-meat-loaf>

¹⁷⁷ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2021/dec/03/the-guardian-view-on-barbados-and-the-queen-it-has-moved-on-can-britain>

¹⁷⁸ <https://www.theguardian.com/world/2021/dec/06/why-britain-needs-a-slavery-memorial>

¹⁷⁹ <https://www.theguardian.com/world/2021/dec/12/liverpool-is-the-best-place-for-a-national-slavery-memorial>

¹⁸⁰ <https://www.theguardian.com/world/2021/dec/13/remembering-liverpools-role-in-slavery>

¹⁸¹ <https://www.theguardian.com/uk-news/2022/jan/02/a-note-on-liverpools-slave-trade-history>

¹⁸² <https://www.theguardian.com/world/2022/jan/23/uk-government-must-act-now-to-save-millions-of-lives-in-afghanistan>

¹⁸³ <https://www.theguardian.com/world/2022/jan/23/change-to-aid-rules-needed-to-prevent-famine-in-afghanistan-say-uk-experts>

algum contexto político e declarações de uma ex-ministra afegã prestadas à Agence France-Presse no dia anterior.

No dia 5 de Fevereiro, o jornal começou por publicar um artigo de opinião da sua editora de cultura defendendo a devolução ao Estado grego de mármore do Parthenon que se encontram no British Museum há 200 anos, em resposta ao apelo do primeiro-ministro grego durante uma visita a Londres. O artigo de Charlotte Higgins mereceu 629 comentários¹⁸⁴ e três dias depois surgiu a carta do responsável do Institute for Digital Archaeology, na qual Roger Michel se disponibiliza para efectuar cópias em três dimensões dos mármore para que os originais pudessem ser devolvidos à Grécia¹⁸⁵, tendo o jornal optado por não permitir comentários. No dia 16, uma carta do director da ArtWatch corrobora a defesa da devolução dos mármore ao Museu da Acrópole citando os dois textos anteriores¹⁸⁶. No dia 29 desse mês, a jornalista Helena Smith noticiou que o Institute for Digital Archaeology interpôs uma acção judicial contra o British Museum e utilizou Roger Michel como fonte dessa notícia: “We will be filing a complaint by the end of the week requesting the court to order the British Museum to grant our request,” Roger Michel, the IDA’s executive director, told the Guardian¹⁸⁷.

No dia 9 de Março, o colunista George Monbiot escreveu sobre a dependência europeia do gás russo para defender um regresso à energia nuclear, tendo gerado 1.380 comentários de cidadãos¹⁸⁸. No dia seguinte, um investigador da Universidade de Sussex e ex-membro do governo, escreveu uma carta sobre o mesmo assunto adicionando novos factos ao debate¹⁸⁹. No dia 26 de Maio, o jornalista Will Crisp publicou uma notícia sobre a segurança na produção da energia nuclear e mobilizou Paul Dorfman como fonte.¹⁹⁰

¹⁸⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/05/parthenon-marbles-greece-restitution>

¹⁸⁵ <https://www.theguardian.com/artanddesign/2022/feb/08/parthenon-marbles-return-would-be-a-lovely-jubilee-gesture>

¹⁸⁶ <https://www.theguardian.com/artanddesign/2022/feb/16/why-parthenon-replicas-should-go-to-greece>

¹⁸⁷ <https://www.theguardian.com/artanddesign/2022/mar/29/british-museum-facing-legal-action-parthenon-marbles-3d-scan-refusal>

¹⁸⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/09/addiction-russian-gas-putin-military>

¹⁸⁹ <https://www.theguardian.com/environment/2022/mar/10/nuclear-option-is-not-the-best-for-energy-transition-away-from-russian-fuels>

¹⁹⁰ <https://www.theguardian.com/environment/2022/may/26/security-warnings-at-uk-nuclear-energy-facilities-hit-12-year-high>

Nesta investigação preliminar, em termos de interactividade, verificou-se que o jornal potencia algumas das colaborações, e.g., uma carta do diretor executivo de uma empresa desportiva sobre a neutralidade desportiva no âmbito da invasão da Ucrânia¹⁹¹ teve projecção nas redes sociais, tal como a carta de um psicólogo sobre a homossexualidade na igreja católica¹⁹² surgiu igualmente na conta do jornal, mas sem buscar interligações com as redes dos cidadãos, aliás, são os próprios participantes que tomam essa iniciativa, e.g., uma carta sobre refugiados¹⁹³ e outra sobre a parentalidade.¹⁹⁴

O potencial desperdício participativo verificou-se também no dia 20 de Fevereiro, quando a colunista Sonia Sodha escreveu sobre uma intensa e antiga polémica em torno de um inexistente plano de inspiração muçulmana para infiltrar as escolas numa cidade inglesa e o papel desempenhado por um podcast enquanto modelo de jornalismo narrativo de investigação¹⁹⁵. O debate resvalou para denúncias de islamofobia e no dia 27 desse mês o jornal publicou um conjunto de cartas nesse sentido, e.g., da secretária-geral do Conselho Muçulmano do Reino Unido e da directora executiva da organização Muslim Women's UK¹⁹⁶. No dia 2 de Março, a editora Coco Kahn voltou a tema utilizando declarações dos autores do podcast, um comunicado da organização Humanists UK, e desaproveitando o potencial participativo existente¹⁹⁷.

Tal como no dia 21 de Março, quando o responsável de uma organização humanitária escreveu uma carta sobre o aumento do número de refugiados provocado pelas chamadas guerras esquecidas, dando como exemplo o colapso do sistema social no Afeganistão e as guerras em vários países africanos, e.g., Etiópia, Quénia, Somália e Iémen, tendo em vista a defesa do aumento do financiamento do Reino Unido para

¹⁹¹ <https://www.theguardian.com/sport/2022/mar/09/war-in-ukraine-has-ended-sports-neutrality-myth>

¹⁹² <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/10/ban-on-gay-author-shows-that-catholic-church-is-still-failing-young-people>

¹⁹³ <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/08/there-is-no-excuse-for-woeful-uk-response-to-ukraines-refugee-crisis>

¹⁹⁴ <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/09/it-is-mothers-not-fathers-who-pay-the-price-of-parenthood>

¹⁹⁵ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/20/the-trojan-horse-affair-how-serial-podcast-got-it-so-wrong>

¹⁹⁶ <https://www.theguardian.com/theobserver/commentisfree/2022/feb/27/letters-catastrophic-effect-trojan-horse-affair>

¹⁹⁷ <https://www.theguardian.com/education/2022/mar/02/people-have-not-moved-on-far-from-it-the-controversial-podcast-unpicking-the-trojan-horse-affair>

ajuda internacional¹⁹⁸. No dia 23 desse mês, o jornal publicou uma reportagem da sua correspondente em Addis Abeba sobre a fome na Etiópia com declarações de responsáveis de várias organizações internacionais¹⁹⁹, tendo voltado ao assunto no dia seguinte²⁰⁰, mas ignorando uma vez mais o potencial participativo já produzido.

4.3.4 Participação nos Comments

Durante o mês de Janeiro de 2022, foram publicados 646 artigos de opinião, tendo sido temporariamente abertos para comentários cerca de metade, aliás, em linha com os três meses da pesquisa, mas sem que o jornal tenha justificado o seu critério (tanto para a abertura como para o encerramento). No mesmo sentido, *The Guardian* publicou 37 editoriais, mas abriu somente 23 deles à participação dos leitores, tendo obtido um número de comentários variável entre os 27²⁰¹ e os 901²⁰². Os 324 artigos abertos geraram mais de 170.000 comentários dos cidadãos, sendo que os três mais comentados geraram respectivamente 3.158 (“As the Conservatives implode, the red wall suddenly seems in Labour’s grasp”)²⁰³, 3501 participações dos leitores (“This is a Boris Johnson scandal that even the great trickster can’t blag his way out of”)²⁰⁴, e, por último, 4.171 (“‘Different from’ is correct and ‘iconic’ is meaningless: what I know after two decades as a subeditor”)²⁰⁵.

Os dados recolhidos em Fevereiro de 2022 encontram-se genericamente alinhados com o mês anterior, isto é, foram publicados 648 artigos de opinião e abertos 316 aos comentários e, à semelhança de Janeiro, representam cerca de metade. Quanto aos editoriais, o jornal publicou 41 e abriu somente 24 para a participação dos leitores,

¹⁹⁸ <https://www.theguardian.com/global-development/2022/mar/21/victims-of-other-humanitarian-crises-need-urgent-help-too>

¹⁹⁹ <https://www.theguardian.com/global-development/2022/mar/23/trying-to-survive-millions-in-tigray-face-hunger-as-they-wait-in-vain-for-aid>

²⁰⁰ <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/24/ethiopian-government-declares-tigray-truce-to-let-aid-in>

²⁰¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/18/the-guardian-view-on-water-pollution-come-clean-on-sewage>

²⁰² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/02/the-guardian-view-on-the-next-pandemic-can-we-learn-covids-lessons>

²⁰³ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/04/conservatives-implode-red-wall-labours-grasp>

²⁰⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/16/boris-johnson-scandal-that-even-great-trickster-cant-blag-his-way-out-of>

²⁰⁵ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/01/different-from-is-correct-and-iconic-is-meaningless-what-i-know-after-two-decades-as-a-subeditor>

sendo que o texto mais comentado obteve 1.173 participações²⁰⁶ e o menos ficou-se pelas 61²⁰⁷. Os 316 artigos abertos geraram quase 150.000 comentários, sendo que os três mais comentados tiveram respectivamente 2.191 (“Without state funding, Britain’s politics will always stink”²⁰⁸), 2.203 (“Who can prevail on Putin now war in Ukraine has started? Peace depends on it”²⁰⁹), e 2.242 participações dos leitores (“Why Vladimir Putin has already lost this war”²¹⁰).

Em Março, *The Guardian* publicou 687 artigos de opinião, tendo sido abertos para comentários 358, ou seja, pouco mais do que metade, tendo sido registados mais de 150 mil participações. No mesmo sentido, dos 44 editoriais publicados, 22 foram abertos, sendo que entre a metade de editoriais fechados se encontram 7 artigos sobre a invasão da Ucrânia, isto é, um terço dos artigos potencialmente indutores de participação. O editorial mais participado obteve 437²¹¹ comentários e o menos 45²¹². Os 358 artigos abertos justificaram mais de 150.000 comentários, tendo os três mais participados obtidos, 1.874 (“Does Labour need Tony Blair back on board? Thanks, Tony – but no thanks”²¹³), 1.960 (“If Keir Starmer doesn’t seize the moment now, then what is his party for?”²¹⁴), e 2.073 (“Rupture is not an option: after this war, the west must learn how to live with Russia”²¹⁵).

O número total de comentários rondou mensalmente as 150.000 participações, mas o seu aproveitamento limitou-se ao destaque, e.g., no editorial intitulado “The Guardian view on the next pandemic: can we learn Covid’s lessons?”²¹⁶, o jornal destacou um comentário de registo coloquial (“As has become clear in the UK recently, there will always be a battle between a vocal group of people who think exhaling their

²⁰⁶ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/11/the-guardian-view-on-the-welsh-language-the-unmaking-and-making-of-a-nation>

²⁰⁷ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/21/the-guardian-view-on-credit-suisse-in-search-of-a-moral-compass>

²⁰⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/15/state-funding-british-politics-donors-tory-funds>

²⁰⁹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/24/putin-war-russia-ukraine-china-xi-jinping>

²¹⁰ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/28/vladimir-putin-war-russia-ukraine>

²¹¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/14/the-guardian-view-on-rising-rates-of-covid-theres-no-plan-beyond-vaccines>

²¹² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/06/the-guardian-view-on-ghost-flights-a-symptom-not-the-disease>

²¹³ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/11/labour-tony-blair-adviser-government>

²¹⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/27/keir-starmer-party-opposition-election-labour>

²¹⁵ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/10/war-west-russia-ukraine-kremlin>

²¹⁶ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/02/the-guardian-view-on-the-next-pandemic-can-we-learn-covids-lessons>

beer breath into people's faces is a God. Given right and people who are prepared to sacrifice a degree of personal liberty for the greater good”), e manteve fechado um artigo de opinião assinado por especialistas da Universidade de Cambridge sobre o tratamento estatístico dos casos de Covid.²¹⁷

A invasão da Ucrânia justificou a publicação de 21 editoriais durante o período da pesquisa, tendo o jornal aceitado comentários para 11 deles e fechado o acesso aos outros 10, entre os quais um texto sobre as políticas de desinformação e de censura imputadas ao regime russo²¹⁸, aliás, um fechamento do debate repetido num editorial sobre a liberdade de imprensa²¹⁹. O volume de participação variou entre os 58 e os 387 comentários num período em que o artigo do escritor Vladimir Sorokin, igualmente sobre a invasão, gerou 2.033 comentários²²⁰, o colunista Simon Jenkins 2.203²²¹ e o texto do historiador Yuval Noah Harari disparou para os 2.243 comentários²²².

Esta investigação preliminar começou por confirmar adequação da metodologia, mas exigindo um acompanhamento permanente para recolher dados em considerável volume e com a necessária validação qualitativa quanto à sua relevância, ou seja, a necessidade de explorar os caminhos que a interactividade constrói no ciclo de vida de cada conteúdo. Por outro lado, detectou-se uma relativa instabilidade dos dados quantitativos, na medida em que o ambiente digital caracteriza-se pela possibilidade de alterar conteúdos, modificá-los ou até eliminá-los, o que reforçou a necessidade de recolher todos os links. Por último, estes três meses iniciais de trabalho contínuo permitiram antecipar a necessidade de introduzir novas variáveis de interactividade no *corpus* de análise e de ponderar novos temas para os questionários que se encontravam em desenvolvimento para as entrevistas. A adequação da metodologia e a confirmação da pertinência do objecto de estudo em função dos resultados expectáveis contribuíram para uma melhor preparação para as dificuldades da investigação final e, ao mesmo tempo, reforçaram a confiança no processo.

²¹⁷ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/jan/02/2021-year-when-interpreting-covid-statistics-crucial-to-reach-truth>

²¹⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/22/the-guardian-view-on-disinformation-truth-is-a-casualty-of-russias-war>

²¹⁹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/27/the-guardian-view-on-public-interest-democracy-rests-on-a-free-press>

²²⁰ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/27/vladimir-putin-russia-ukraine-power>

²²¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/24/putin-war-russia-ukraine-china-xi-jinping>

²²² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/feb/28/vladimir-putin-war-russia-ukraine>

4.3.5 Dados finais da investigação

4.3.6 Callout: interactividade e participação

As dinâmicas participativas do jornal *The Guardian* são substancialmente diferentes dos restantes jornais, na medida em que partem de uma abordagem directa aos cidadãos para que submetam os seus conteúdos num espaço comunitário especialmente direccionado para a participação. A aplicação das variáveis da interactividade podem perder alguma relevância comparativa, na medida em que os callout viabilizam a constituição dos cidadãos como fontes e fontes únicas de notícias e também como autores de conteúdos de carácter informativo (Quadro 31, Quadro 32 e Quadro 33). É nesse sentido que a investigação adopta uma narrativa compreensiva entre o papel editorial e a interactividade. Quanto à mecânica de funcionamento, os pedidos baseiam-se nos verbos To Tell (relatar/contar) e To Share (partilhar), e focam-se na partilha de experiências, pensamentos, fotografias e sugestões (Quadro 30).

Quadro 30 Formulação dos callout

DEZEMBRO		FEVEREIRO		MARÇO	
Tell us your favourite films of 2023	We want to hear about the best film you have seen this year. Share your thoughts now	Tell us about the strangest item you've bought via social media	We want to hear about the impromptu products you have purchased on TikTok or Instagram	Tell us about your favourite European journey – you could win a £200 holiday voucher	Have you made a memorable trip you've taken by road, rail or ferry? Send us a tip – the best one wins £200 towards a Coolstays break

Tell us your favourite music albums of 2023	We would like to hear about the best album you have heard this year and why	Tell us about a great city break in Europe – you could win a holiday voucher	Share details of your favourite discoveries during a city stay in Europe – the best tip wins £200 towards a Coolstays break	Send us a tip on a summer holiday in Scandinavia – and you could win a holiday voucher	Tell us about your favourite outdoorsy summer break in Scandinavia. The best tip wins £200 towards a Coolstays break
C'mon kids! Here's your chance to get published in the Guardian	Our nature series Young Country Diary is looking for pieces written by children about their winter wildlife adventures		Share details of a trip to a UK retreat – you could win a holiday voucher	Tell us about a trip to a national park in Europe – you could win a holiday voucher	Share details of a visit to a wild area that's great for wildlife and plants – the best tip wins £200 towards a Coolstays break
Share a tip on adventure travel – you could win a holiday voucher	Tell us about your favourite adventure travel break in Europe – the best tip wins £200 towards a Coolstays break	Share details of a slow travel break – you could win a holiday voucher	Tell us about your favourite slow travel trip – the best tip wins £200 towards a Coolstays break	Nominate your UK invertebrate species of the year	Our natural history writer Patrick Barkham will make the case for 10 of our island's best spineless wonders and we're asking readers to nominate theirs
Share your experience of taking your theory and practical driving tests	How many times did it take you to pass your theory and practical driving tests? We'd like to hear how you found taking your driving tests	Tell us: what do you think of boys' attitudes towards girls in the UK today?	We're interested to hear views from UK parents, teachers and community workers about boys' attitudes towards girls, and what they believe is shaping them	Tell us how the sound of nature is changing in your local area	We would like to hear about the natural sounds you've noticed disappearing from your local neighbourhood

<p>People in the Netherlands: we want to hear your views on divisive issues</p>	<p>We want to hear from people in the Netherlands who hold different views on some of the more divisive issues of our time for our Europe edition of Dining across the divide</p>	<p>Tell us: who was snubbed at the 2024 Grammys?</p>	<p>We would like to hear which musician you believe missed out on a gong that they truly deserved</p>	<p>Would you and your sexual partner like to share the story of what you get up to in the bedroom?</p>	<p>The Guardian's Saturday magazine is interested in hearing from couples, partners and former lovers to talk about their sex lives</p>
<p>Tell us: have you ever won a small victory?</p>	<p>We would like to hear about the time you successfully took a stand – even if it was a very minor one</p>	<p>How do you feel about emotional affairs? Tell us about your experiences</p>	<p>Things don't have to get physical for feelings to get hurt – though some couples thrive with a little outside intimacy. Negative, positive or somewhere in between, we want to know how you feel about emotional affairs</p>	<p>Tell us: did you feel the earthquake in New York City and along the east coast?</p>	<p>We want to hear from people affected by the 4.8 magnitude quake</p>
<p>Tell us about the moment you found out the truth about Santa</p>	<p>We would like to hear about when you or your children experienced scepticism about Santa</p>	<p>Tell us: have you been affected by the storm and flooding in California and Arizona this February?</p>	<p>We'd like to hear from California and Arizona residents and tourists how they have been affected by the storm and flooding this week</p>	<p>How do you feel about the costs of attending a wedding in the US?</p>	<p>We want to hear from guests worrying about being able to afford a friend's wedding. What is the most you have shelled out on another person's wedding?</p>
<p>Tell us about your favourite winter walk – you could win a holiday voucher</p>	<p>Share details of a winter walk in the UK – the best tip wins £200 towards a Coolstays break</p>	<p>UK homeowners: is there anything that is preventing you from downsizing?</p>	<p>We're interested to hear from UK homeowners who would like to downsize what may be preventing them from doing so</p>	<p>People in the US: share your 'modern wedding etiquette' suggestions</p>	<p>Have you asked for cash gifts from your guests, rather than a stainless steel dining set? We want to hear from you</p>

Share your tributes and memories of Benjamin Zephaniah	We would like to hear your memories of Benjamin Zephaniah – whether you met him, worked with him, or enjoyed his work	We want to speak to people in the UK diagnosed with cancer this week	Following the King's diagnosis announcement on Monday, we would like to learn more about cancer patients' journeys to treatment	Carers in the UK: have you been threatened with prosecution for benefit fraud?	We'd like to hear from carers in the UK who have been investigated for alleged benefit fraud by the DWP
Tell us: have you been stuck on a UK train recently?	We would like to hear your experience of what it was like being trapped on a train	Tell us your experiences of getting access to an NHS dentist	We would like to hear your experiences of NHS dentists and getting access to treatment in the area where you live	Tell us about a great road trip in Europe – you could win a holiday voucher	Tell us about your favourite trip – the best tip wins £200 towards a Coolstays break
Share your reaction to Timothée Chalamet on Hull's accent	We would like to hear your thoughts on the Wonka actor saying Hull's accent is 'sexy'	Tell us your experiences of hybrid working	We would like to hear about how your working patterns have changed since the pandemic, and how you've adapted	Tell us: how did Sure Start help you or your child?	We would like to hear from people who benefited from New Labour's early years programme
Tell us: have you installed a heat pump in an older UK home?	We are interested in hearing from people in the UK who have made the switch in older homes	Ask Ottolenghi: what's the trick to cooking rice?	In the first of a new weekly series, Yotam and his test kitchen team answer readers' most pressing culinary questions. Ask Ottolenghi: send in your kitchen questions	UK farmers: how has the weather affected food production?	We want to know how livestock and crops have been affected by the weather in recent months and the impact on your livelihood

<p>Tell us: how traditional will your Christmas dinner be this year?</p>	<p>We would like to hear about your Christmas dinner plans and if you're steering away from the sprouts and stuffing in favour of spaghetti bolognese</p>	<p>Post your questions for Neil Morrissey</p>	<p>He's acted with Anthony Hopkins and Laurence Oliver, had two No1 singles and fooled the nation in a spoof documentary. Ask him anything, but keep it respectful</p>	<p>Teachers: tell us about moving from abroad to a school in England</p>	<p>We want to speak with teachers from Jamaica and other countries that have seen a rise in those moving to a job in England</p>
<p>UK businesses: how will the visa rule changes affect you?</p>	<p>We'd like to hear from companies who rely on overseas workers and their reaction to the latest policy changes Will you be affected by the UK visa rule changes?</p>	<p>Young people in the UK: are you exposed to conspiracy theories?</p>	<p>We want to hear from young people and those who work with them about the misinformation and divisive narratives they are seeing</p>	<p>UK teachers: have you seen a rise in challenging behaviour from pupils?</p>	<p>As union surveys show an uptick in violence from pupils, we want to hear from teachers in the UK about the situation in their school</p>
<p>Tell us: will you be affected by the UK visa rule changes?</p>	<p>We'd like to hear from people who have family members in the UK on a family visa, or were hoping to come to Britain under the previous visa rules UK businesses: how will the changes affect you?</p>	<p>Reclaim your brain subscriber survey: tell us how it went!</p>	<p>If you've just completed our five-week coaching plan then we have some quick questions for you. Haven't signed up yet? Start the Reclaim your brain plan today to receive five weekly emails helping you reduce your screen time</p>	<p>Coronation Street viewers: how are you feeling about the soap in 2024?</p>	<p>We want to know; what is your relationship with the cobbles? Have you watched it your entire life? Maybe you have given up on Corrie and, if so, we want to know why.</p>
<p>Tell us: do you stockpile items to prepare yourself for certain scenarios?</p>	<p>We're keen to hear from people in the UK who have the habit of stocking up on items they think could come in handy in particular situations</p>	<p>Tell us about a trip to an ancient site in the UK – you could win a holiday voucher</p>	<p>Tell us about your favourite site from prehistory in the UK – the best tip wins £200 towards a Coolstays break</p>	<p>Parents in the US: are you happy with your child's school lunch?</p>	<p>We'd like to know how you feel about your child's school lunch – and how those lunches vary across the country</p>

Tell us your favourite podcast of 2023	We would like to hear about your favourite podcast you've been listening to this year and why	Tell us: what are your memories of The Body Shop?	We want to hear from people about their favourite things about the cosmetics store as it's set to appoint administrators	People in Ireland: what are your political hopes for new taoiseach Simon Harris?	We would like to hear your thoughts on the country's youngest taoiseach and what his election means to you
Tell us: what happened to your love life after you quit dating apps?	Have you given swiping the flick? We want to hear how that has affected your romantic landscape, for better or worse, and how you meet people now	Tell us: share your past Valentine's Day stories	We'd like to hear about your best – and worst – Valentine's Day memories	Tell us about a favourite beach in Europe – you could win a £200 holiday voucher	Share details of a trip to a great beach in Europe (not in the UK) – the best tip wins £200 towards a Coolstays break
Tell us: what is your experience with fertility treatment as a Black person in the US?		Share your tributes and memories of Steve Wright	We would like to hear your memories of BBC Radio presenter Steve Wright – whether you met him, worked with him, or enjoyed his programmes	Young people in the UK: how do you feel about voting?	We'd like to hear how people under 30 in Britain feel about voting in political elections, and whether they are planning to go to the polls this year
Tell us your experiences of the Royal Mail postal service	We would like to hear about your experiences of the postal service	Tell us: how do you handle an income gap in your relationship?	Do you and your partner have significantly different incomes? We want to hear how you keep things feeling balanced	Women in the UK: have you taken up smoking recently?	We would like to hear from women in the UK aged about their smoking habits

UK motorists: will you switch to a hybrid or electric vehicle in 2024?	We're interested to hear from UK drivers whether they will trade in their car for an electric or hybrid one next year, and if not, why not	Tell us: have you been affected by faulty egg and embryo freezing in the UK?	We would like to speak to women who have been contacted by Guy's hospital in London or the Jessop Fertility clinic in Sheffield	People in the UK: how do you feel about a ban on smoking?	We would like to know your thoughts on the anti-smoking bill and how it might affect you or your children
UK homeowners: if your mortgage costs will rise soon, how are you preparing?	We'd like to hear from people in the UK whose mortgage rates will rise next year, and what they are doing to be able to afford the extra costs	UK shop workers: have you noticed a rise in difficult customer behaviour?	We would like to hear from workers and managers about recent problems they have experienced with customers	Wedding photography: share your experiences	We would like to hear about the ambitious wedding photography you've been involved in
Tell us about your favourite cultural trip – you could win a holiday voucher	We want to hear about a trip where you've experienced a cultural highlight – the best tip wins £200 towards a Coolstays break	Farmers in Europe: are you taking part in the protests?	We would like to hear from agriculture workers in mainland Europe and the UK about their views on the protests	Tell us your experience of prayer at school	We would like to hear from Muslims in the UK about theirs or their children's experiences of prayer at school
Tell us your favourite games of 2023	We would like to hear about your favourite game of the year and why	Teachers in Indiana: share your views on the Eyes on Education site	We would like to speak to teachers as unions call for the site to be shut down	Tell us: have you been affected by drug shortages in the UK?	We would like to hear from people whose drugs have recently been unavailable
Share your favourite so-bad-it's-good Christmas films	We would like to hear about your guilty Christmas film pleasures	People in Russia: share your reaction to Navalny's death	We want to hear from people in Russia and Russians living abroad following the news that Alexei Navalny has died in prison	Tell us: have you experienced last-minute cancellations on Airbnb?	We'd like to hear from people who have made a booking for accommodation on an online travel platform, only for their host to cancel it at the last minute

<p>Tell us: has a pet ever affected your love life?</p>	<p>From feisty felines to pampered pooches, we want to hear stories of how pets have wrought havoc on – or enriched – your romantic relationships</p>	<p>Post your questions for Ian McShane</p>	<p>A man of many parts, from starring in Deadwood and Sexy Beast to MCing for Grace Jones, the artist also still known as Lovejoy is here to tell all</p>	<p>Share your thoughts on Taylor Swift's new album The Tortured Poets Department</p>	<p>We would like to hear your views on Taylor Swift's surprise double album</p>
<p>Tell us: what are your views on UK assisted dying laws?</p>	<p>We want to hear people's experiences and thoughts about legislation on assisted dying</p>	<p>Tell us: why did you get married again after a divorce?</p>	<p>Have you been through a big break-up and then remarried? We want to hear from people in Australia who made the decision to formalise their feelings again</p>	<p>Tell us your experience of being signed off work with a mental health condition</p>	<p>We would like to hear about your experiences of being signed off work due to a mental health condition and how you found the process</p>
<p>Tell us: have your Christmas plans been affected by travel disruption in the UK?</p>	<p>We want to speak to people in the UK who have had to cancel or change their festive plans due to travel chaos</p>	<p>Tell us: how has Taylor Swift changed your relationship with your kids – or your parents?</p>	<p>Did your children make you a Swiftie, or was it the other way around? We want to hear how the pop star and her Australian tour has bonded your family – or torn you apart</p>	<p>EU and UK citizens: share your views on a resumption of freedom of movement for the young</p>	<p>We're keen to hear what people make of the proposal to resume freedom of movement between the EU and UK for young people aged between 18 and 30</p>
<p>Tell us: will you be spending Christmas in homeless temporary accommodation?</p>	<p>We want to hear from people stuck in hotels or B&Bs over the holidays as 309,000 people in England face homelessness this Christmas</p>	<p>People in the UK: share your experience of vehicle theft</p>	<p>We would like to hear from car owners and local residents about the increase in car thefts</p>	<p>People in Portugal: share your memories of the Carnation Revolution</p>	<p>We would like to hear what you remember of the Carnation Revolution, and your experience of what Portugal is like today</p>

Tell us: who do you want new music from in 2024?	We would like to hear who you'd like new music from in 2024 and why from them specifically	US men and dating: share your experience	We would like to find out more about the experience of dating for men in the US	Share a tip on travel in Germany – you could win a holiday voucher	Tell us about your favourite places to visit in Germany – the best tip wins £200 towards a Coolstays break
Tell us: how has Storm Gerrit affected you?	We want to hear from people in the UK about the impact of the storm on their holidays	Share your memories of the BT Tower	We want to hear people's memories of the BT Tower following the news that it will be converted into a hotel. Did you visit or work there?	People in India: share your thoughts on the election	The Guardian would like to hear from people in India on their thoughts on the 2024 general election, in particular young people who are voting for the first time
Tell us: how did you get on with Dry January in the past?	We want to hear from people about their experiences with Dry January and whether they were successful	Tell us: share your experience of IVF in the US	Following the Alabama ruling, if you've gone through fertility treatment we'd like to hear from you	Share your experience of accessing private medical care in the UK	We would like to hear from those who have undergone an operation, or other medical treatment, privately in the UK
Tell us your favourite TV shows of 2023	We would like to hear about your television highlights of the year. Share your thoughts now	Tell us: share your experience of working out as a family	Whether you go to the gym with siblings or run with your parents, we would like to hear from you	Share your memories of former Labour minister Frank Field	We would like to hear from people on whose lives the welfare campaigner had an impact
Autumn colours: share your photos	Show us the vibrant hues of autumn – or fall – wherever you are in the northern hemisphere	Post your questions for Stephen Fry	He's the consummate actor, writer, renaissance man. What on earth wouldn't you like to learn Stephen Fry's take on?	Tell us: what's your favourite everyday gadget?	We would like to hear about your favourite, most useful everyday utensil

<p>Have your photos published in the Guardian's letters section</p>	<p>We're highlighting the best reader photography in the Guardian in print and online. Share your images with us below</p>	<p>Tell us: have you created a DIY climate solution in your US community?</p>	<p>If you have implemented a DIY project to tackle the climate crisis in your home or neighbourhood, we'd like to hear from you</p>	<p>Ukrainian men abroad: share your views on Poland and Lithuania's statements on conscription</p>	<p>After Poland and Lithuania said they are prepared to help Ukrainian authorities return men subject to military conscription, we want to hear how you feel about it</p>
		<p>Young Europeans: tell us about your housing situation</p>	<p>We want to hear from people aged 18 to 30 living in Europe. What is housing like in your city?</p>	<p>Young Europeans: do you live with your parents?</p>	<p>We want to hear from people aged 18 to 35 – what is housing like in your area and do you live in your parental home?</p>
		<p>Middle earners in the UK: how are you coping financially?</p>	<p>We'd like to hear from people in the UK with household incomes of £50,000 or higher how they are managing financially</p>	<p>Have your photos published in the Guardian's letters section</p>	<p>This article is more than 1 month old Have your photos published in the Guardian's letters section</p>
		<p>Tell us what it's like to live in a UK former mining town in 2024</p>	<p>We want to speak to people living in UK mining towns about the 1984-5 strike and the long-term impacts of colliery closures. How has the area changed?</p>	<p>Tell us: have you been affected by whooping cough?</p>	<p>We're interested to hear about people's experiences of whooping cough and how their doctor's surgery handled it</p>

		Tell us: what's your experience of dealing with perimenopause at work?	We're keen to hear from women in the UK about how they were supported during perimenopause by their employer and how they experienced their workplace	Tell us: how do you make your commute fun or productive?	Whether it's working out or being creative, we'd like to know how active you are with your commute
		Tell us about repair cafes in your part of the UK	We'd like to speak to people in the UK who have used a local repair cafe recently or who offer their services in one. Share your experience	Tell us: are you splurging on luxury goods you can ill afford?	We'd like to hear from people who have been purchasing luxury goods and experiences in recent years, and how they feel about their spending habits
		Tell us: what's your best trick for stopping a fight with your partner?	All couples fight sometimes but most would prefer to keep the strife to a minimum. We want to hear Australians' tricks and tips for keeping the peace at home	Tell us: what are your views on the current political situation in Scotland?	We're interested to hear how people feel about Humza Yousaf's resignation Scotland's political situation generally, and what they hope will happen next
		Tell us: have you ever been a music super fan?	We would like to hear from former music super fans about how their passion grew, and why it fizzled out	Tell us: how have you been affected by the incident in Hainault?	If you witnessed the incident in Hainault or want to share a news tip, we would like to hear from you

		Tell us: what has been the most important TV for LGBTQ+ representation?	We would like to hear your nominations for the most important LGBTQ+ television ever	Tell us your experiences of making a living from music	We would like to hear from professional musicians about how they make a living from their work and the obstacles they face
		People in the UK: if you want children, is there anything that is holding you back?	We'd like to hear from people living in the UK who would like to have children what may have been causing them to put it off	UK businesses: how will you be affected by the new Brexit food checks?	We would like to hear what impact – if any – the new changes will have on you importing specialist foods
		Tell us: have you become a father again in later life?	We would love to hear from those dads who are starting their parenting journey again in later life	Share a tip on a favourite campsite – you could win a holiday voucher	Tell us about your camping holidays in the UK – the best tip wins £200 towards a Coolstays break
		Parents in England: have you recently switched to home education?	We would like to hear from parents who began home schooling their child in the last year. What was the main reason for the change?	Tell us your memories of Reader's Digest	As Reader's Digest stops publishing in Britain, we would like to hear your memories of the magazine
				Share your experience of making your own way to NHS accident and emergency	We would like to hear from those who have travelled direct to A&E instead of waiting for an ambulance

				Tell us about your experience of living near a large independent school	Many independent schools open their facilities to local communities, allowing people to use their sports facilities and green space; has that been your experience?
--	--	--	--	---	---

Fonte: Elaboração própria





A importância atribuída pelo jornal a esta participação de baixa intensidade em termos temáticos pode ser confirmada pela atribuição de prémios em formato de vouchers e pela reduzida taxa de participação numa secção que, por natureza, acolhe e dinamiza a participação dos cidadãos no processo jornalístico. O jornal aceita os contributos através da rede WhatsApp, o que simplifica significativamente o processo, na medida em que um clique é suficiente para abrir a caixa de conversação numa rede de uso substancialmente universalizado. No mesmo sentido, são também utilizáveis as redes Telegram e Signal com idênticas vantagens.

Os pedidos de participação resultaram na publicação na secção Guardian Readers de 35 conteúdos onde 372 cidadãos assumem o papel editorial de autores de conteúdos de carácter informativo através de testemunhos sobre as suas preferências para filmes, livros, animais invertebrados, álbuns de música, viagens de aventuras em diferentes locais e diferentes épocas do ano, podcasts, passeios de inverno, videojogos, programas de televisão, peças de teatro, mini férias de Natal na Europa e no Reino Unido, viagens de comboio de Inverno, partilha de memórias sobre artistas e figuras públicas recentemente falecidas, experiências em celebrações de dia especiais, relacionamentos (início e fim de relações), compras online e um sobre a idade de Joe Biden dirigido exclusivamente aos assinantes do jornal (Quadro 31). O carácter

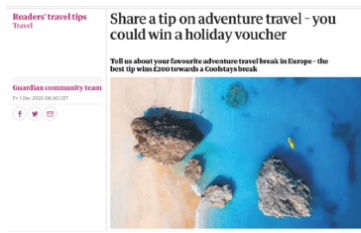
experiencial domina praticamente todas as temáticas participativas, tendo o próprio jornal assumido algum jargão decorrente dessa repetitividade, e.g., “tipsters”²²³.

A actividade participativa deriva dos 124 pedidos emitidos durante o período da amostra, mas é necessário ter em consideração que esses conteúdos podem resultar de callouts emitidos em meses anteriores, ou seja, 7 pedidos de Novembro de 2023 foram publicados em Dezembro; 3 pedidos de Janeiro de 2024 foram publicados em Fevereiro; 2 pedidos de Março foram concretizados em Abril; da mesma forma que alguns dos pedidos emitidos nos meses da pesquisa podem ter sido concretizados fora da amostra. A distribuição do total de pedidos entre o próprio mês e o mês seguinte constitui uma dinâmica natural que resulta da execução do processo solicitação/recolha/edição/difusão.

Quadro 31 Callout – Cidadãos autores na secção Guardian Readers

CALLOUT	PUBLICAÇÃO
 <p>Tell us your favourite films of 2023 We want to hear about the best film you have seen this year. Share your thoughts now</p> <p>Guardian community team Fri, 29 Dec 2023 17:02:01</p>	 <p>2023 in Culture Film</p> <p>'Finally, a film made for me!': readers' best films of 2023</p> <p>From a queer royal romcom to a druggy ursid, a protest against Putin as a droll love story and Greta Gerwig's feminist opus, there was joy in many genres this year</p> <p>Guardian readers Thu, 28 Dec 2023 14:00:01 GMT</p> <p>164</p> <p>https://www.theguardian.com/film/2023/dec/28/finally-a-film-made-for-me-</p>
 <p>Tell us your favourite music albums of 2023 We would like to hear about the best album you have heard this year and why</p> <p>Guardian community team Fri, 29 Dec 2023 17:04:01</p>	 <p>Best music of 2023 Pop and rock</p> <p>'A tonic that no medication can give': readers' favourite albums of 2023</p> <p>Guardian readers Fri, 29 Dec 2023 16:00:01 GMT</p> <p>70</p> <p>https://www.theguardian.com/music/2023/dec/29/readers-favourite-albums-2023</p>

²²³ <https://www.theguardian.com/travel/2024/apr/26/readers-favourite-road-trips-europe>



<https://www.theguardian.com/travel/2023/dec/29/top-10-readers-adventure-trips>



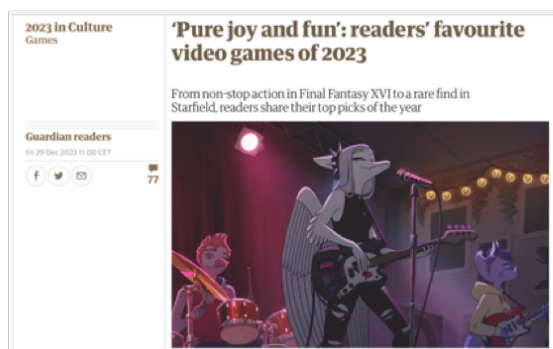
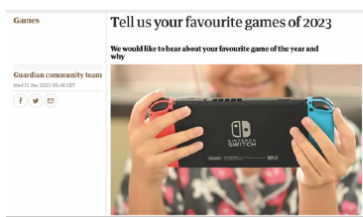
<https://www.theguardian.com/books/2023/dec/08/readers-pay-tribute-to-benjamin-zephaniah>



<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2023/dec/26/when-i-heard-the-first-episode-i-almost-fell-over-its-guardian-readers-best-podcasts-2023>



<https://www.theguardian.com/travel/2024/jan/05/10-uk-winter-walks-suggested-by-readers>



<https://www.theguardian.com/games/2023/dec/29/readers-best-games-2023>



<https://www.theguardian.com/film/2023/dec/21/readers-bad-brilliant-christmas-movies>



<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2023/dec/22/slow-horses-to-ghosts-its-guardian-readers-best-tv-of-2023>



<https://www.theguardian.com/stage/2023/dec/25/readers-favourite-stage-shows-of-2023>

Shane MacGowan

Share your tributes and memories of Shane MacGowan

We would like to hear your memories of Shane MacGowan - whether you met him, worked with him, or enjoyed his music

Guardian community team
 Thu 20 Dec 2023 14:20 CET



Shane MacGowan

'He kept me going through homesickness, loneliness and guilt': readers on Shane MacGowan

Guardian readers pay tribute to the late Pogues frontman, who soundtracked their childhood, inspired their art and PhDs, and performed some of the most raucous, beer-soaked gigs ever

Guardian readers
 Fri 1 Dec 2023 16:15 CET



<https://www.theguardian.com/music/2023/dec/01/readers-on-shane-macgowan-pogues>

Readers' travel tips
 Travel

Share a tip on a festive short break - you could win a holiday voucher

Tell us about your favourite towns in the UK and elsewhere in Europe for Christmas vibes - the best tip wins £200 towards a Goodays break

Guardian community team
 Fri 19 Dec 2023 12:25 CET



Readers' travel tips
 Europe holidays

The old town is adorned with twinkling lights: readers' favourite Christmas breaks in Europe

Guardian readers
 Fri 1 Dec 2023 16:15 CET




<https://www.theguardian.com/travel/2023/dec/01/readers-favourite-christmas-breaks-europe-uk>

Readers' travel tips
 Travel

Tell us about a great city break in Europe - you could win a holiday voucher

Share details of your favourite cities/venues during a city stay in Europe - the best tip wins £200 towards a Goodays break

Guardian community team
 Mon 11 Dec 2023 12:27 CET



Readers' travel tips
 Europe holidays

From surfing in Porto to Ljubljana's fairytale architecture: readers' favourite European city breaks

Guardian readers
 Sat 7 Dec 2023 16:30 CET



<https://www.theguardian.com/travel/2024/feb/02/readers-favourite-european-city-breaks>

Grammys

Tell us: who was snubbed at the 2024 Grammys?

We would like to hear which musician you believe missed out on a gong that they truly deserved

Guardian community team
 Mon 5 Feb 2024 14:24 CET



Music

'An audio ball-pit overflowing with ear candy': readers on this year's Grammy snubs

From metal band Spiritbox to young stars such as Olivia Rodrigo and Noah Kahan, Guardian readers champion the artists they think should have won at this year's awards

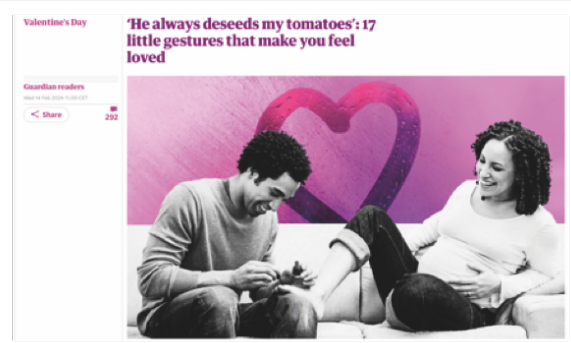
Guardian readers
 Wed 7 Feb 2024 16:54 CET



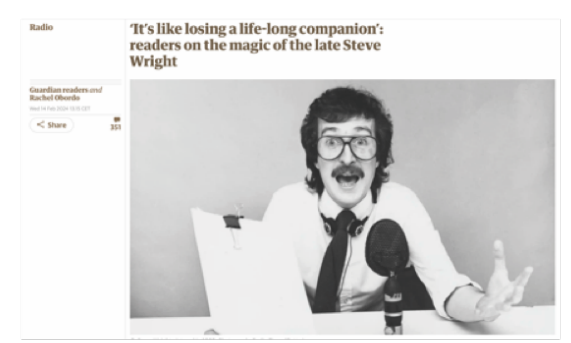
<https://www.theguardian.com/music/2024/feb/07/readers-on-this-years-grammy-snubs>



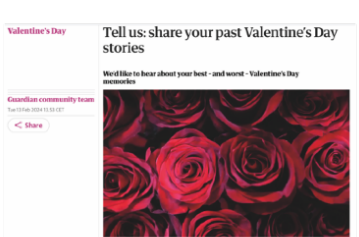
<https://www.theguardian.com/travel/2024/feb/09/readers-favourite-uk-retreats>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2024/feb/14/he-always-deseeds-my-tomatoes-17-little-gestures-that-make-you-feel-loved>



<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2024/feb/14/readers-on-steve-wright-dj>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2024/feb/14/flatmates-put-a-tenner-in-her-card-readers-on-their-most-memorable-valentines-days>

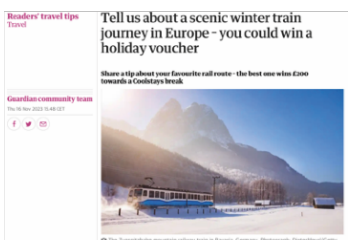
Authors, critics and Guardian readers discuss the titles they have read over the last month. Join the conversation in the comments



<https://www.theguardian.com/music/2024/feb/15/best-breakup-songs-valentines-day-sad>



<https://www.theguardian.com/travel/2023/dec/15/readers-favourite-travel-discoveries-of-2023>



<https://www.theguardian.com/travel/2023/dec/08/readers-favourite-winter-train-rail-rides>

Music

'Utterly devastating': Guardian writers on their favourite breakup songs

For Valentine's Day, Guardian writers have picked the song that best summarises the pained pleasure of finally saying goodbye to a lover

Alaina Demers-Graham, Bryan Appahyia, Jenna Meyers, Michael Ross, Ben Beaumont-Newhall, Adrian Horton, Shaaf El-Hinnawi and Benjamin Lee



Thu 14 Feb 2024 10:06 CET

Share 1,488

Music

'Kills me every single time': readers on their favourite breakup songs

For Valentine's Day, Guardian writers picked their favourite breakup songs, and here are some of your picks, all the way from sadness to fury

Guardian readers

Thu 15 Feb 2024 10:06 CET



Share 1,109

<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2024/feb/14/flatmates-put-a-tenner-in-her-card-readers-on-their-most-memorable-valentines-days>

Travel

Share details of a slow travel break - you could win a holiday voucher

Tell us about your favourite slow travel trip - the best tip wins £200 towards a Goibytays break

Guardian community tour

Thu 15 Feb 2024 09:07 CET



Share

Readers' travel tips
Green travel

Ditch the car and saddle up: readers' best slow travel breaks

Guardian readers

Fri 16 Feb 2024 08:00 CET



Share 109

<https://www.theguardian.com/travel/2024/feb/16/readers-best-slow-travel-holidays>

Tell us about the strangest item you've bought via social media

We want to hear about the impressive products you have purchased via TikTok or Instagram

Guardian community tour

Wed 14 Feb 2024 09:07 CET



Share

Social media

'My loo looked like a crime scene': eight readers on their strangest social media purchases

Guardian readers

Fri 16 Feb 2024 08:00 CET



Share

<https://www.theguardian.com/media/2024/feb/20/my-loo-looked-like-a-crime-scene-readers-strangest-social-media-purchases>

We asked our supporters to weigh in - and they didn't hold back



US news

'I wish the media would knock it off': Guardian readers on how to cover Biden's age

We asked our supporters to weigh in - and they didn't hold back

Guardian readers

Tue 20 Feb 2024 21:36 CET



Share

<https://www.theguardian.com/us-news/2024/feb/20/joe-bidens-age-opinions-media-strategy>



<https://www.theguardian.com/travel/2024/feb/23/readers-favourite-ancient-uk-sites-neolithic-stone-age>

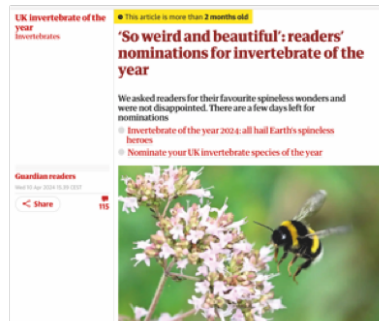
Authors, critics and Guardian readers discuss the titles they have read over the last month. Join the conversation in the comments



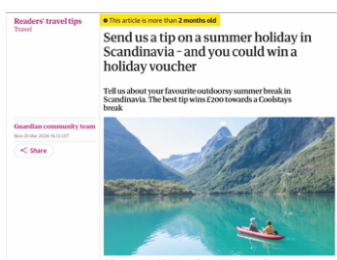
<https://www.theguardian.com/books/2024/feb/29/what-were-reading-writers-and-readers-on-the-books-they-enjoyed-in-february>



<https://www.theguardian.com/travel/2024/apr/05/i-wanted-the-17-hour-trip-to-go-slower-not-faster-readers-favourite-european-journeys>



<https://www.theguardian.com/environment/2024/apr/10/nominations-for-uk-invertebrate-species-of-the-year>



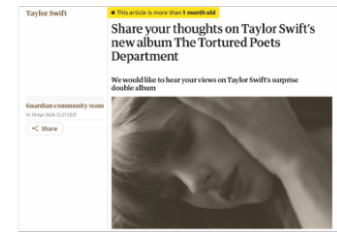
<https://www.theguardian.com/travel/2024/apr/12/readers-favourite-trips-to-scandinavia-sweden-norway-denmark>



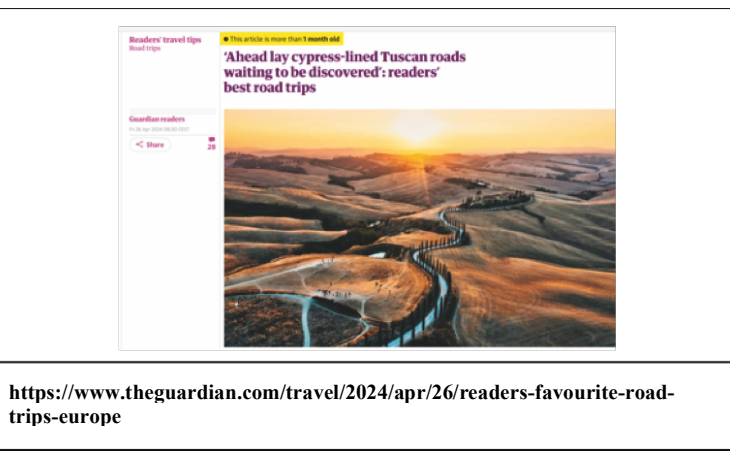
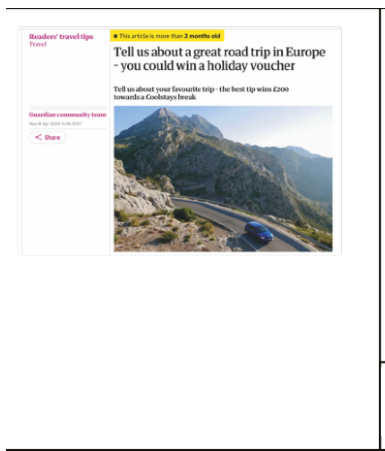
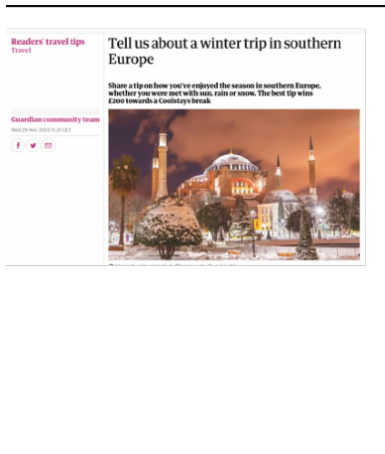
<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2024/apr/12/its-the-closest-thing-my-family-has-to-religion-guardian-readers-on-coronation-street>



<https://www.theguardian.com/travel/2024/apr/19/readers-favourite-national-parks-europe-wildlife-scenery-hiking>



<https://www.theguardian.com/music/2024/apr/23/readers-divided-taylor-swift-the-tortured-poets-department>



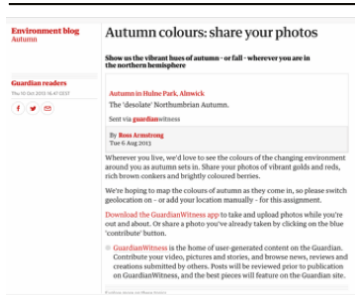
Fonte: Elaboração própria

Igualmente no papel editorial de autor, os cidadãos publicaram os seus conteúdos de carácter informativo disponibilizados pelo *The Guardian* em secções temáticas, e.g., Young country diary” e “Reader’s best photographs” (Quadro 32).

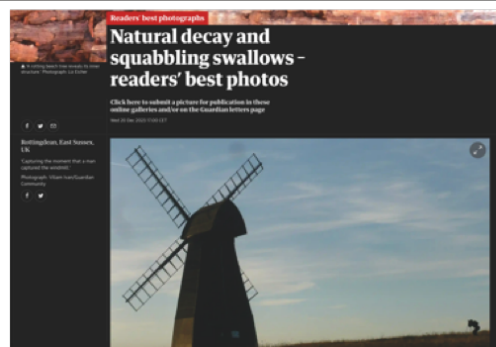
Quadro 32 Callout - Cidadãos autores noutras secções

CALLOUT	PUBLICAÇÃO
	 <p>https://www.theguardian.com/environment/2023/dec/23/young-country-diary-mini-crabs-and-rare-anemones</p>
	 <p>https://www.theguardian.com/environment/2023/dec/23/young-country-diary-always-follow-the-countryside-code</p>

Fonte: Elaboração própria



<https://www.theguardian.com/community/gallery/2023/dec/06/autumns-last-stand-and-an-inquisitive-owl-readers-best-photos>



<https://www.theguardian.com/community/gallery/2023/dec/20/natural-decay-and-squabbling-swallows-readers-best-photos>

Fonte: Elaboração própria

Importa ainda considerar que o jornal também utilizou os contributos de cidadãos para os transformar em fontes jornalísticas para notícias de actualidade e reportagens sobre estilos de vida (Quadro 33).

Quadro 33 Callout - Cidadãos fonte

CALLOUT	PUBLICAÇÃO
<p>Emergency planning</p> <p>Tell us: do you stockpile items to prepare yourself for certain scenarios?</p> <p>We're keen to hear from people in the UK who have the habit of stocking up on items they think could come in handy in particular situations</p> <p>Guardian community team</p> <p>Tue 5 Dec 2023 11:00 GMT</p>	<p>Emergency planning</p> <p>'We never drop below 30 toilet rolls': the Britons stockpiling for a crisis</p> <p>Oliver Dowden this week advised people to stock up on certain supplies - but some people have been doing it for years</p> <p>Amelia Hill</p> <p>@ameliashill</p> <p>Wed 6 Dec 2023 18:54 CET</p>

<https://www.theguardian.com/society/2023/dec/06/the-britons-stockpiling-for-a-crisis-food-toilet-rolls-supplies>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2023/dec/21/dining-across-the-divide-hugh-jonathan>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2023/dec/28/dining-across-the-divide-victoria-ranjit>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2024/jan/04/dining-across-the-divide-viral-paul>



<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2023/dec/22/moments-people-realised-truth-about-father-christmas-santa-claus>

 <p>Dating</p> <p>Tell us: what happened to your love life after you quit dating apps?</p> <p>Have you given swiping the flick? We want to hear how that has affected your romantic landscape, for better or worse, and how you meet people now</p> <p>Guardian community team Tue 12 Dec 2023 00:00 CET</p>	 <p>Dating</p> <p>Tell us: what happened to your love life after you quit dating apps?</p> <p>Have you given swiping the flick? We want to hear how that has affected your romantic landscape, for better or worse, and how you meet people now</p> <p>Guardian community team Tue 12 Dec 2023 00:00 CET</p>
<p>https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2023/dec/23/im-still-single-and-the-happiest-ive-ever-been-life-after-dating-apps</p>	
 <p>Electric, hybrid and low-emission cars</p> <p>UK motorists: will you switch to a hybrid or electric vehicle in 2024?</p> <p>We've interested to hear from UK drivers whether they will trade in their car for an electric or hybrid one next year, and if not, why not</p> <p>Guardian community team Tue 12 Dec 2023 00:00 CET</p>	 <p>EV mythbusters Electric, hybrid and low-emission cars</p> <p>Making the switch to electric vehicles: 'The biggest shock was the huge savings'</p> <p>UK motorists outline the pros and cons in making the move to an electric vehicle</p> <p>© The EV mythbusters series</p> <p>Ian Bartholomew Tue 12 Dec 2023 00:00 CET</p>
<p>https://www.theguardian.com/business/2023/dec/23/making-the-switch-to-electric-vehicles-the-biggest-shock-was-the-huge-savings</p>	

Fonte: Elaboração própria

Tal como os restantes jornais, *The Guardian* disponibiliza acesso a diferentes perspectivas do perfil do autor, e.g, remissão para livros da sua autoria²²⁴; apresenta alguma conversação entre os leitores através da mobilização dos seus gostos musicais²²⁵ e o território dos comentários²²⁶. O essencial da participação fundamenta-se no pedido de envio de textos próprios com carácter experiencial, sugestões, depoimentos e fotografias. A moderação revela-se pouco activa, na medida em que a solicitação se encontra delimitada na agenda dos callout e sem identificação de uma intervenção jornalística durante o processo – apesar da existência pontual de um *lead* agregador. O que tem como consequência uma igualmente reduzida conversação, isto é, um certo apagamento jornalístico antes, durante e depois da elaboração da notícia. A interactividade foca-se na agregação temática dentro da edição, ligação às redes sociais

²²⁴ <https://www.theguardian.com/books/2024/feb/29/what-were-reading-writers-and-readers-on-the-books-they-enjoyed-in-february>

²²⁵ <https://www.theguardian.com/music/2024/feb/15/best-breakup-songs-valentines-day-sad>

²²⁶ Também permite a reutilização dos conteúdos sob determinadas condições estabelecidas pela política de licenciamento da publicação (reuze).

do jornal através de *tags* e ligação entre secções, mas prescindindo das potencialidades da interligação de *logins*, ligação às redes sociais do jornal e/ou dos cidadãos e/ou permissão de partilha de comentários agregados aos temas (Quadro 34).

Quadro 34 Callout - Mecanismos de interactividade

CALLOUT - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n</i> = 45	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	45	1	
Conteúdos Visual para Acesso	2	0,0444	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Hiperlinks Relacionados dos Autores	279	-	
Conteúdos com Acesso Directo ao Autor	80	0,1556	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	45	1	
INTERPRETAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	5.448	-	
Hiperlinks introduzidos nos Comentários	172	-	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 35 Callout - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ¹	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ²	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDAAGEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	45	279	0	45	5448
DEZ	26	128	0	26	2051
FEV	12	92	0	12	2731
ABR	7	59	0	7	666
					172

¹Distribuição

²O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.3.7 Letters: interactividade e participação

Os cidadãos também podem participar através das Letters acessíveis por um link que preenche automaticamente o endereço de envio. O jornal promove algum tipo de interactividade ao ligar cartas entre si e permite a inserção de hiperlinks pelos leitores. O que valoriza os autores através de ligações para sites externos, e.g., no dia 27 de Dezembro de 2023, dois professores assinaram a carta com o título “Our savings could be key to ending austerity” e inseriram um hiperlink para um artigo publicado por um deles para consolidar os argumentos utilizados na missiva publicada:






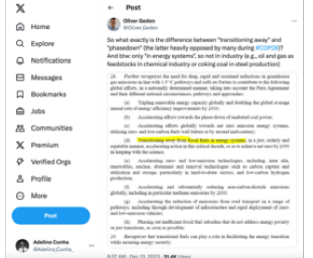

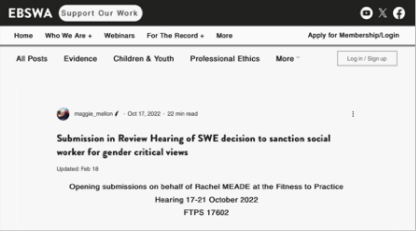
	
<p>https://www.theguardian.com/politics/2023/dec/27/our-savings-could-be-key-to-ending-austerity</p>	<p>https://www.taxresearch.org.uk/Blog/2023/11/20/the-reform-of-the-use-of-isa-funds-could-result-in-the-saving-of-at-least-3-7-billion-of-tax-subsidies-a-year/</p>

Os hiperlinks inseridos nas cartas para ancorar a sua publicação remetem para outras cartas, para notícias publicadas pelo jornal ou para artigos de secções específicas, e.g., obituários e “readers’ best photographs”, mas os leitores podem também inserir hiperlinks que adicionam novas fontes que consolidam argumentos ou amplificam as perspectivas do debate.

A investigação identificou a utilização de hiperlinks para fundamentar os argumentos de carácter científico (Covid) e corrigir dados factuais (admissões escolares); hiperlinks que projectam a conversação para as dinâmicas das redes sociais (alterações climáticas) e preservam a tensão do debate com fontes adicionais (transição de género); hiperlinks que permitem a dirigentes partidários reforçarem as suas posições políticas (promessas de investimentos) e que alargam o debate a questões ideológicas (social-democracia); hiperlinks que remetem para debates contemporâneos com fontes históricas (Falklands/Malvinas) e documentos com fontes originais (escravatura); hiperlinks para criar redes de apoio a refugiados em busca de santuário e refugiados que levam o debate para o território do direito internacional (refugiados); hiperlinks que consolidam o debate em documentos oficiais (privatizações dos correios) e adicionam perspectivas criativas a afirmações políticas polémicas

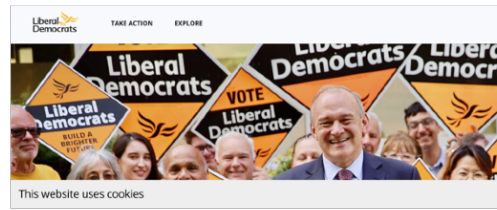
(segurança no Ruanda); hiperlinks que clarificam fronteiras do debate com informação complementar (saúde oral) e que apresentam dados adicionais sobre encerramento farmácias em zonas cujos residentes manifestam dificuldades financeiras (saúde); hiperlinks que contribuem para debates culturais sobre o património religioso (igrejas como instituições-âncora locais) e que apelam à poesia como inspiração política (pobreza infantil); e, por fim, hiperlinks que permitem recolher assinaturas para petições de apoio a artistas (contra a automatização) e petições para apoiar mulheres e crianças (saúde e violência).

Quadro 36 Letters – Ligações geradas pelos leitores

 <p>Letters Boris Johnson's negligence has been laid bare in Covid inquiry</p> <p>Failing to anticipate the potentially deadly consequences of the 'Eat out to help out' policy is inexcusable, says Prof Giampaolo Favara. His letters from Monica Collingham and Tony Jackson</p>	 <p>MDPI Journals Topics Information Author Services Initiatives About Sign In/Out</p> <p>Search for Articles: [Title/Keywords] [Author (Lastname) - Email] [International Journal ...] [All Article Types] [Search]</p> <p>Journals / IJERPH / Volume 18 / Issue 9 / 16660461-18/9/4632</p> <p>International Journal of Environmental Research and Public Health</p> <p>Risk of Exposure to COVID-19: Visit Duration Data Can Inform Our Daily Activities Choices: An Epidemiological Investigation Using Community Mobility Data from the Metropolitan Area of Genoa, Italy</p> <p>by Cristina Oliva and Giampaolo Favara</p>
<p>https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/11/boris-johnsons-negligence-has-been-laid-bare-in-covid-inquiry</p>	<p>https://www.mdpi.com/1660-4601/18/9/4632</p>
 <p>Letters Must faith schools just look after their own?</p> <p>Alan Parker, Damian Murray and Paul Whitty respond to other readers' views on faith colleges in schools</p> <p>Becky Lawrence writes, as Sarah recently says that faith schools must give higher priority for admission to all looked after and previously looked after children (LAC). Paragraph 3.2 of the school admissions code is clear that while they "may" do this (and I believe every choice to do the decent</p>	 <p>Department for Education</p> <h2>School Admissions Code</h2> <p>Mandatory requirements and statutory guidance for admission authorities, governing bodies, local authorities, schools adjudicators and admission appeals panels</p>
<p>https://www.theguardian.com/education/2024/feb/02/must-faith-schools-just-look-after-their-own</p>	<p>https://assets.publishing.service.gov.uk/media/60ebfeb08fa8f50c76838685/School_admissions_code_2021.pdf</p>
 <p>Letters Cop28 leaves the highway to climate hell wide open</p> <p>Readers reflect on the failures of the Dubai climate summit and suggest what needs to be done to avert a climate catastrophe</p>	 <p>Home Explore Notifications Messages Bookmarks Communities Premium Verified Orgs Profile More Post</p> <p>For what exactly is the difference between "transitioning away" and "transitioning" the latter heavily opposed by many during COP28. And that only "in energy systems", so not in industry (e.g., all steel gas as feedstocks in chemical industry or cooking coal in steel production)</p>
<p>https://www.theguardian.com/environment/2023/dec/15/cop28-leaves-the-highway-to-climate-hell-wide-open</p>	<p>https://x.com/oliver_geden/status/1734855103905959974?s=61&amp;%3Bt=zxOIBzpdhAPBoLy6sDir7Q</p>
 <p>Letters Gender-critical beliefs under the microscope</p> <p>Readers respond to a piece by Susanna Rustin to which she questions why women are being punished for having gender-critical views</p>	 <p>EBSWA Support Our Work Home Who We Are Webinars For The Record More Apply for Membership/Log In</p> <p>All Posts Evidence Children & Youth Professional Ethics More Log In/Sign Up</p> <p>magpie_mhlin · Oct 17, 2022 · 22 min read</p> <p>Submission in Review Hearing of SWE decision to sanction social worker for gender critical views</p> <p>Updated Feb 18</p> <p>Opening submissions on behalf of Rachel MEADE at the Fitness to Practice Hearing 17-21 October 2022</p> <p>FTPS 17602</p>
<p>https://www.theguardian.com/world/2024/feb/02/gender-critical-beliefs-under-the-microscope</p>	<p>https://www.ebswa.org/post/submission-in-review-hearing-of-swe-decision-to-sanction-social-worker-for-gender-critical-views</p>



<https://www.theguardian.com/politics/2023/dec/03/the-lib-dems-have-a-bold-plan-and-it-is-already-working>



<https://www.libdems.org.uk>



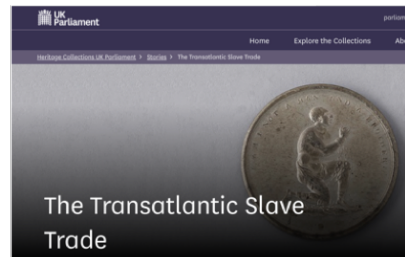
<https://www.theguardian.com/world/2024/feb/13/germany-dire-situation-requires-humour-and-humanity>



<https://www.jstor.org/stable/23740498>



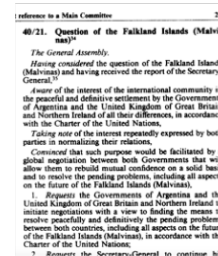
<https://www.theguardian.com/world/2024/apr/01/the-monumental-shame-of-britains-role-in-the-slave-trade-before-during-and-after-abolition>



<https://heritagecollections.parliament.uk/stories/the-transatlantic-slave-trade/>



<https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/11/britain-has-manipulated-the-principle-of-self-determination-in-the-falkland-islands>



https://treaties.un.org/doc/source/docs/A_RES_40_21-Eng.pdf



<https://www.theguardian.com/society/2023/dec/11/in-norwich-homeless-refugees-are-being-left-in-the-freezing-cold>



<https://cityofsanctuary.org>



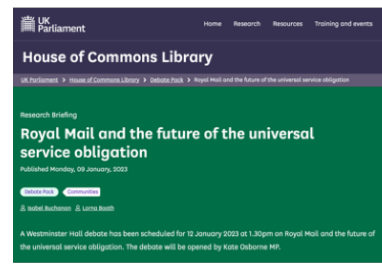
<https://www.theguardian.com/world/2023/dec/14/we-must-not-let-politics-trample-on-refugees-human-rights>



<https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/convention-against-torture-and-other-cruel-inhuman-or-degrading>



<https://www.theguardian.com/business/2023/dec/15/why-royal-mail-is-off-the-christmas-card-list>



<https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cdp-2022-0243/>



<https://www.theguardian.com/environment/2023/dec/1/sellafield-nuclear-site-exposés-are-long-overdue>



<https://www.youtube.com/watch?v=uXIDEWicubQ>

• The recent article on access to emergency dental care in Britain is manifestly not about Britain but about England. In Scotland, access to routine care is similarly constrained by the post-pandemic, post-Brexit shortage of dentists, but emergency and urgent NHS care is available to all, including at weekends.

School nurses and dentists in England may perceive an increased prevalence of dental decay in children, but the evidence in Scotland, from the annual national dental inspection programme, is that the anticipated increase in dental caries (tooth decay) did not materialise. However, the proportion of decay that had been treated has declined.

Dental extraction remains the single most common reason for small children to be admitted to hospital across the UK, but that is a significant improvement on the situation 30 years ago, when admission for paediatric dental extractions exceeded all other reasons combined.

Morag Curnow
Caputh, Perth and Kinross

<https://www.theguardian.com/society/2024/feb/04/how-best-to-brush-up-on-childrens-dental-health>




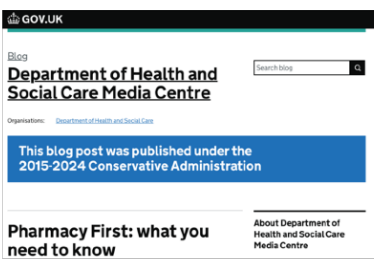
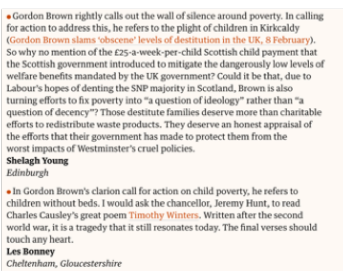


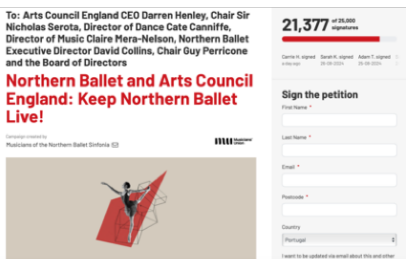

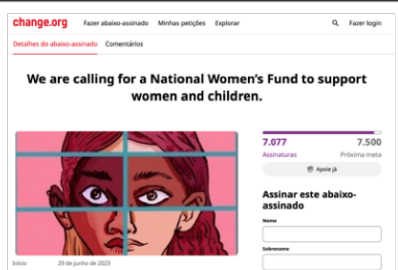
<https://publichealthscotland.scot/publications/national-dental-inspection-programme/national-dental-inspection-programme/>



<https://www.theguardian.com/world/2024/feb/09/churches-must-diversify-and-adapt-to-stop-the-rot>

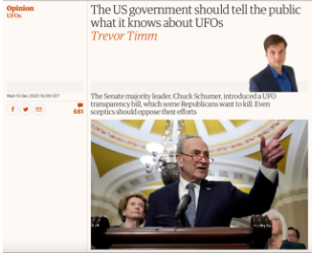



<https://www.nationalchurchestrust.org/everychurchcounts>

 <p>Letters Pharmacies are caught between a rock and a hard place</p> <p>Hasan Ahmed on financial pressures that have left businesses like his family's struggling to choose between either losing money or refusing to fulfil prescriptions</p>	 <p>GOV.UK Blog Department of Health and Social Care Media Centre</p> <p>This blog post was published under the 2015-2024 Conservative Administration</p> <p>Pharmacy First: what you need to know</p>
<p>https://www.theguardian.com/politics/2024/apr/01/pharmacies-are-caught-between-a-rock-and-a-hard-place</p>	<p>https://healthmedia.blog.gov.uk/2024/02/01/pharmacy-first-what-you-need-to-know/</p>
 <p>Gordon Brown rightly calls out the wall of silence around poverty. In calling for action to address this, he refers to the plight of children in Kirkcaldy (Gordon Brown slams 'obscene' levels of destitution in the UK, 8 February). So why no mention of the £25-a-week-per-child Scottish child payment that the Scottish government introduced to mitigate the dangerously low levels of welfare benefits mandated by the UK government? Could it be that, due to Labour's hopes of denting the SNP majority in Scotland, Brown is also turning efforts to fix poverty into "a question of ideology" rather than "a question of decency"? Those destitute families deserve more than charitable efforts to redistribute waste products. They deserve an honest appraisal of the efforts that their government has made to protect them from the worst impacts of Westminster's cruel policies.</p> <p>Shelagh Young Edinburgh</p> <p>In Gordon Brown's clarion call for action on child poverty, he refers to children without beds. I would ask the chancellor, Jeremy Hunt, to read Charles Causley's great poem <i>Timothy Winters</i>. Written after the second world war, it is a tragedy that it still resonates today. The final verses should touch any heart.</p> <p>Les Bonney Cheltenham, Gloucestershire</p>	 <p>The Poetry Archive Listen to the world's best poetry read out loud.</p> <p>Timothy Winters</p>
<p>https://www.theguardian.com/society/2024/feb/11/starmer-and-reeves-should-listen-to-browns-call-for-action-on-child-poverty</p>	<p>https://poetryarchive.org/poem/timothy-winters/</p>
 <p>Letters Northern Ballet plans to use recorded music. What next, robot dancers?</p> <p>Tim Atkinson on the threat to the livelihoods of the Northern Ballet Sinfonia's musicians</p>	 <p>To: Arts Council England CEO Darren Henley, Chair Sir Nicholas Serota, Director of Dance Cate Canniffe, Director of Music Claire Mera-Nelson, Northern Ballet Executive Director David Collins, Chair Guy Perricone and the Board of Directors</p> <p>Northern Ballet and Arts Council England: Keep Northern Ballet Live!</p> <p>21,377 of 25,000 signatures</p>
<p>https://www.theguardian.com/stage/2023/dec/04/northern-ballet-plans-to-use-recorded-music-what-next-robot-dancers</p>	<p>https://www.megaphone.org.uk/petitions/northern-ballet-and-arts-council-england-keep-northern-ballet-live</p>
 <p>Your article (UK charities warn of 'devastating' council cuts to women's services, 18 February) quotes the CEO of the Coventry Rape and Sexual Abuse Centre (Crasac) saying: "So we've just had to close the waiting list because of the knock-on effect of this [funding cut], as well as austerity. It's not safe for clients or our staff any more." It then goes on to report: "The council said in a statement that it was not cutting the service, but had decided not to renew its contract with Crasac because it was 'not addressing increasing waiting lists'."</p> <p>The absurdity of the situation is plain when councils cite a lack of capacity to deliver a service as the reason for cutting funding, when their funding cuts are the reason for the service cuts in the first place. Women's organisations were creaking under the pressure of increasing demand even before the pandemic, but it has got so much worse since. Refugees and rape crisis centres are lifesaving, not optional extras. We are calling for violence against women and girls to be seen as the public health emergency that it is in our <i>Speaking Up for Women</i> campaign. Maybe then, it will become the priority that it desperately needs to be, with the money to help tackle it, too.</p> <p>Kiran Dhami Head of policy, Women's Resource Centre</p>	 <p>change.org Fazer abaixo-assinado Membros perçiles Explorar</p> <p>We are calling for a National Women's Fund to support women and children.</p> <p>7,077 of 7,500 signatures</p> <p>Assinar este abaixo-assinado</p>
<p>https://www.theguardian.com/society/2024/feb/22/adequate-funding-for-womens-refuges-must-be-a-priority</p>	<p>https://www.change.org/p/we-are-calling-for-a-national-women-s-fund-to-support-the-women-and-children-most-affected-by-the-cost-of-living-crisis?redirect=false</p>


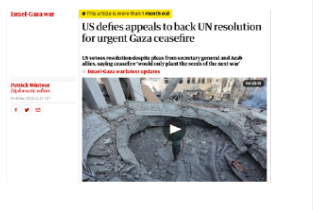
O jornal consegue aproveitar informações partilhadas nas cartas e proceder à sua transformação editorial em fontes jornalísticas, e.g., no dia 13 de Dezembro de 2023, o director da organização Freedom of the Press Foundation publicou a carta “The US government should tell the public what it knows about UFOs” apelando à adopção

de política de transparência pelos governos e citando em concreto a resistência de senadores conservadores à nova legislação para abrir os arquivos oficiais sobre UFO's: "The truth *may* be out there. But believers and skeptics alike should be able to unite on one thing: force the government to reveal what it knows *and* what it doesn't know. We will all be better off". No dia 15 desse mesmo mês, um jornalista do *The Guardian* publicou a notícia "US Congress passes stripped-down measure to release UFO records" e, entre as diversas fontes mobilizadas, cita a carta e insere um *hiperlink*: "The action stalls what had appeared to be a growing willingness by US officials to answer calls for greater transparency over UFOs":


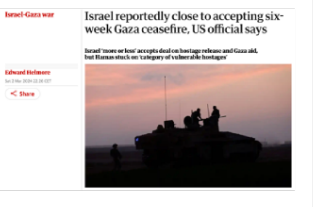
	
<p>https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/13/us-government-ufo-transparency-bill-uaps</p>	<p>https://www.theguardian.com/us-news/2023/dec/15/ufo-records-release-congress</p>

Entre as 137 cartas publicadas em Dezembro de 2023, mais as 135 cartas de Fevereiro e as 137 publicadas em Março, a investigação seleccionou as que contêm informações mais pertinentes que poderiam ter sido mobilizadas como potenciais fontes de notícias publicadas pouco tempo depois pelo *The Guardian*. Os autores podem ser considerados fontes atendendo à sua representatividade no tema (especialização), a qualidade da informação que partilham (interesse público) e a utilidade que podem ter no alargamento do campo do debate e das perspectivas (pluralismo e diversidade).

No dia 1 de Dezembro de 2023, um antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido apresentou uma proposta para a constituição de uma força de paz para intervir em Gaza e acrescentou ter enviado duas cartas ao secretário-geral da ONU nesse sentido. No dia 7 desse mês, o editor para os assuntos diplomáticos publicou uma notícia sobre a rejeição de uma resolução de cessar-fogo humanitário apresentada na ONU e citou diversas fontes sobre as consequências da escalada da violência militar:

CARTA	FONTE	
	https://www.theguardian.com/world/2023/dec/01/the-people-of-gaza-need-a-un-protection-force	David Owen Foreign secretary (1977-79)
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/world/2023/dec/08/us-to-oppose-arab-backed-resolution-calling-for-urgent-gaza-ceasefire	Patrick Wintour Diplomatic editor



Sobre o mesmo assunto, um conjunto de judeus membros da organização Liberal Jews for Justice in Israel/Palestine publicou uma carta no dia 27 de Fevereiro de 2024 exigindo um cessar-fogo imediato e, no dia 2 de Março, a notícia “Israel reportedly close to accepting six-week Gaza ceasefire, US official says” insistiu no tema citando diferentes fontes coincidindo no mesmo ponto de vista:

CARTA	FONTE	
	https://www.theguardian.com/world/2024/feb/27/as-british-jews-we-call-for-an-immediate-ceasefire-in-gaza	Grahame Gross, Claire Jackson, Susie Jacobs, David Keys, Barrie Levine, Maurice Naftalin and Caroline Salinger Liberal Jews for Justice in Israel/Palestine
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/world/2024/mar/02/israel-six-week-gaza-ceasefire-proposal	Edward Helmore has been a reporter with The Observer since 1996 and the Guardian since 2010

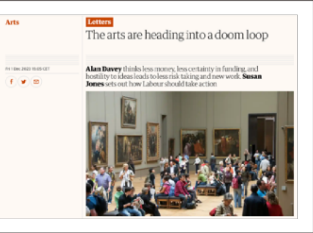
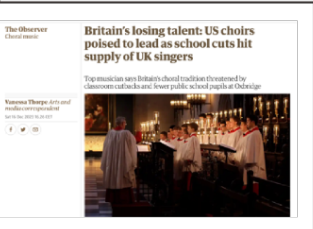
A perspectiva de o governo exercer pressão política sobre as autarquias (*local councils*) para venderem património, no sentido de se auto-financiarem, abriu um

debate sobre a asfixia dos poderes locais e um antigo membro do Parlamento de Leeds West, numa carta publicada no dia 5 de Fevereiro, insurgiu-se contra “o filistinismo e a obsessão” do governo pelo controlo e responsabilizou-o por estar a contribuir para a morte da democracia. No dia 10 desse mês, o jornal publicou uma notícia sobre as consequências “desastrosas” da medida, introduzindo relatórios com dados oficiais sobre o tema e declarações dos governantes e dos representantes das autarquias.

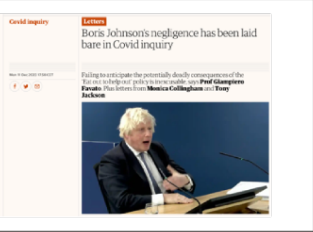
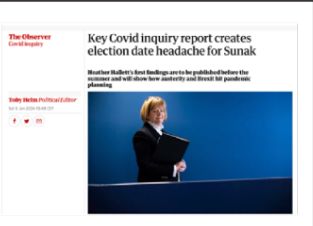
Um debate polémico sobre os votos dos residentes britânicos fora do território nacional levou, no dia 13 de Fevereiro de 2024, um professor com responsabilidade na área da UNESCO vocacionada para a educação, paz, justiça social e cidadania, a afirmar que os dois principais partidos estavam a “manipular o sistema eleitoral” através dos diferentes critérios adoptados. Uma notícia da correspondente em Bruxelas, publicada dia 16 desse mês, retomou o tema com nova informação e declarações de partes interessadas, incluindo testemunhos:

CARTA	FONTE	AUTOR
	https://www.theguardian.com/politics/2024/feb/13/britain-party-leaders-should-heed-overseas-voters-concerns	Prof Edward Vickers Unesco chair on education for peace, social justice and global citizenship, Kyushu University, Japan
	https://www.theguardian.com/politics/2024/jan/16/britons-living-abroad-regain-right-to-vote-in-uk-elections-as-15-year-rule-ends	Lisa O'Carroll is the Guardian's Brussels correspondent

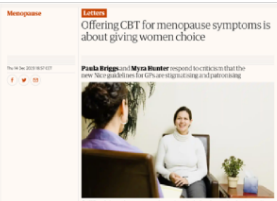

Também no dia 1 de Dezembro, o antigo dirigente do *Arts Council England* e da *BBC Radio 3*, alertou para as consequências da redução do investimento público na cultura e, no dia 16, a especialista em Media e Arte publicou uma notícia dando conta dessas consequências em concreto, onde poderiam ter sido integradas eventuais declarações existentes na carta:

CARTA	FONTE	FONTE
	https://www.theguardian.com/education/2023/dec/01/the-arts-are-heading-into-a-doom-loop	Alan Davey Former CEO, Arts Council England; former controller, BBC Radio 3
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/music/2023/dec/16/britain-talent-us-choirs-choral-arts-education-cuts-oxbridge	Vanessa Thorpe Arts and media correspondent

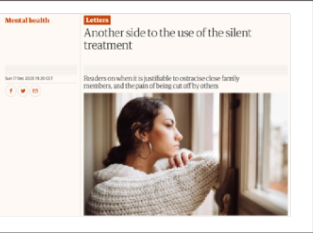
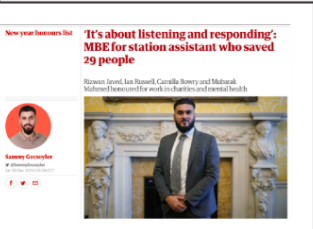
No dia 11 de Dezembro de 2023, o director do Institute for Leadership and Management in Health, Kingston University London, alertou para as consequências potencialmente mortais da política de “Comer fora para ajudar”, invocadas pelo antigo primeiro-ministro Boris Johnson para justificar o desrespeito pelas regras da quarentena durante a crise do Covid. O que considerou “indesculpável” e adicionou um estudo científico por si publicado sobre o assunto. No dia 6 de Janeiro, a jornalista editora de política voltou ao tema para abordar a impreparação do Reino Unido para enfrentar a pandemia, mas sem regressar às informações e declarações anteriormente divulgadas:

CARTA	FONTE	FONTE
	https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/11/boris-johnsons-negligence-has-been-laid-bare-in-covid-inquiry	Giampiero Favato Director, Institute for Leadership and Management in Health, Kingston University London
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/uk-news/2024/jan/06/key-covid-inquiry-report-creates-election-date-headache-for-pm	Toby Helm Political Editor

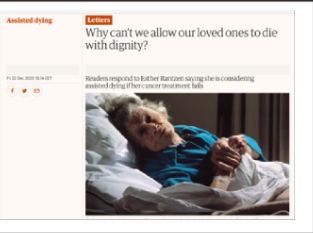
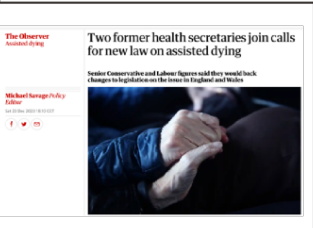
No âmbito das políticas de saúde para as mulheres em menopausa, uma consultora em saúde sexual e reprodução da Liverpool Women's NHS foundation trust, e uma professora emérita em saúde psicológica clínica do King's College London, responderam, no dia 14 de Dezembro de 2023, às críticas sobre um novo projecto com a oferta de terapia cognitivo-comportamental às mulheres com sintomas da menopausa. Quatro dias depois, a especialista em assuntos de saúde do jornal publicou os resultados de um inquérito sobre o mesmo tema e complementou com informação consolidada, tendo ficado em aberto a eventual utilização das declarações das especialistas:

CARTA		FONTE
	<p>https://www.theguardian.com/society/2023/dec/14/offering-cbt-for-menopause-symptoms-is-about-giving-women-choice</p>	<p>Paula Briggs Consultant in sexual and reproductive health, Liverpool Women's NHS foundation trust, Myra Hunter Emeritus professor of clinical health psychology, King's College London</p>
NOTÍCIA		AUTOR
	<p>https://www.theguardian.com/society/2023/dec/18/four-in-five-uk-women-say-workplace-support-for-menopause-lacking-survey</p>	<p>Anna Bawden is the Guardian's social affairs correspondent</p>

Também no âmbito da saúde, tendo como pano de fundo prejuízos para a saúde mental decorrentes do isolamento no âmbito da pandemia provocada pelo Covid, no dia 17 de Dezembro de 2023, o jornal publicou um conjunto de testemunhos de mulheres relatando as suas próprias experiências. No dia 30, um artigo sobre a intervenção de associações da sociedade civil na área da prevenção da saúde mental mobilizou precisamente testemunhos dos seus protagonistas:

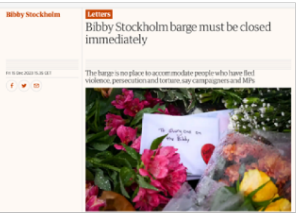
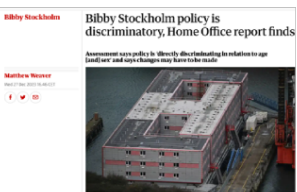

CARTA	FONTE	FONTE
	https://www.theguardian.com/society/2023/dec/17/another-side-to-the-use-of-the-silent-treatment	Testemunhos
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/29/its-about-listening-and-responding-mbe-for-station-assistant-who-saved-29-people	Sammy Gecsoyler is a news reporter for the Guardian

A morte medicamente assistida levou diversos cidadãos a testemunharem as suas experiências com familiares e técnicos de saúde em cartas publicadas no dia 22 de Dezembro, tendo o jornal regressado ao tema no dia seguinte para noticiar os apelos de dois ex-secretários de saúde para a aprovação de uma nova lei sobre morte assistida:



CARTA	FONTE	FONTE
	https://www.theguardian.com/society/2023/dec/22/why-cant-we-allow-our-loved-ones-to-die-with-dignity	Testemunhos
NOTÍCIA	AUTOR	
	https://www.theguardian.com/society/2023/dec/23/two-former-health-secretaries-join-calls-for-new-law-on-assisted-dying	Michael Savage Policy Editor

Na sequência do suicídio de um refugiado que aguardava a decisão sobre o seu pedido de exílio, no dia 15 de Dezembro de 2023, diversas personalidades com responsabilidades em várias funções e instituições ligadas aos refugiados, apelaram ao encerramento da instituição de acolhimento temporário. O tema voltou a ser noticiado

por duas vezes pelo *The Guardian*, incluindo por um especialista em direitos humanos, com relatos de várias fontes sobre o assunto e oferecendo diferentes perspectivas, incluindo o futuro das referidas instalações:

CARTA		FONTE
 <p>Bibby Stockholm LETTERS Bibby Stockholm barge must be closed immediately</p> <p>The barge is no place to accommodate people who have fled violence, persecution and torture, say campaigners and MPs</p>	<p>https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/15/bibby-stockholm-berge-must-be-closed-immediately</p>	<p>Nicola David One Life to Live, Enver Solomon Chief executive, Refugee Council, Tim Naor Hilton Refugee Action, Sabir Zazai CEO, Scottish Refugee Council, Bridget Young NACCOM – The No Accommodation Network, Aria Danaparamita Advocacy director, Joint Council for the Welfare of Immigrants, Nadia Whittome MP, Kim Johnson MP, Olivia Blake MP and 59 others</p>
NOTÍCIA		AUTOR
 <p>Bibby Stockholm NEWS Bibby Stockholm policy is discriminatory, Home Office report finds</p> <p>Assessment says policy is 'directly discriminatory by relation to age (and) sex' and says changes may have to be made</p> <p>Matthew Weaver Reporter</p>	<p>https://www.theguardian.com/uk-news/2023/dec/27/bibby-stockholm-policy-is-discriminatory-home-office-report-finds</p>	<p>Matthew Weaver is a Guardian reporter.</p>
 <p>Bibby Stockholm NEWS Man found dead on Bibby Stockholm lay undiscovered for 12 hours, roommate says</p> <p>Exclusive: Leonard Parvicio's former roommate was offered an apartment after being released from custody, roommates say</p> <p>Diane Taylor Reporter</p>	<p>https://www.theguardian.com/uk-news/2024/jan/10/man-found-dead-on-bibby-stockholm-lay-undiscovered-for-12-hours-roommate-says</p>	<p>Diane Taylor writes on human rights, racism and civil liberties</p>

Também uma carta publicada no dia 18 de Abril de 2024 por um responsável de uma organização de apoio aos migrantes alertou para as circunstâncias dos acampamentos temporários existentes numa cidade do norte do México para imigrantes provenientes das Honduras, do Equador, e do próprio México. Uma reportagem publicada no dia 5 de Junho por dois repórteres do jornal *The Guardian* teve como base relatos concretos de imigrantes em circunstâncias idênticas:

CARTA	FONTE	
	<p>https://www.theguardian.com/world/2024/apr/18/for-many-people-looking-for-a-place-of-refuge-mexico-is-not-a-safe-option</p>	<p>Rafael Velásquez Mexico country director, International Rescue Committee</p>
NOTÍCIA	AUTOR	
	<p>https://www.theguardian.com/us-news/article/2024/jun/05/asylum-seekers-us-mexico-border-biden-order</p>	<p>Lorena Figueroa in Ciudad Juárez, Mexico, and Amanda Ulrich in San Diego and Tijuana</p>

Admitindo que os jornalistas tenham avaliado a eventual constituição dos autores das cartas como potenciais fontes de informação e que a sua mobilização tenha sido desconsiderada por critérios editoriais, do ponto de vista da interactividade, parece existir potencial para estabelecer eventuais vínculos entre os diferentes conteúdos.

Em termos de interactividade (Quadro 37), as Letters geram dinâmicas tanto através da sua interligação como através da introdução de hiperlinks pelos leitores para sites externos. O que projecta a conversação para fora do território editorial do jornal e aumenta o seu alcance através de novas perspectivas e potenciais fontes de informação complementares.

Quadro 37 Letters - Mecanismos de interactividade

LETTERS - MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE		<i>n</i> = 409	
ACESSO / OBSERVAÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdo Escrito para Acesso	409	1	
SELECÇÃO/FILTRAGEM			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Hiperlinks Relacionados dos Autores	-	-	
DISTRIBUIÇÃO			
VARIÁVEL	<i>f</i>	<i>fr</i>	
Conteúdos para Partilhar	409	1	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 38 Letters - Resultados da participação

PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO JORNALISTICO

	ACESSO OBSERVAÇÃO	SELECÇÃO FILTRAGEM	PROC. EDIÇÃO	D. ¹	INTERPRETAÇÃO
MECANISMOS DE INTERACTIVIDADE	CONTEÚDO ESCRITO PARA ACESSO CONTEÚDO MULTIMÉDIA PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO PARA ACESSO CONTEÚDO VISUAL PARA ACESSO CONTEÚDO SONORO DO AUTOR PARA ACESSO CONTEÚDO TRADUZIDO PARA ACESSO ENTREVISTAS ASSÍNCRONAS PARA SUGERIR PODCAST PARA ACESSO	HIPERLINKS RELACIONADOS DOS AUTORES CONTEÚDOS PARA AVALIAR / CLASSIFICAR CONTEÚDO PARA ARQUIVAR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO AUTOR CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO JORNAL CONTEÚDO COM ACESSO DIRECTO AO LEITOR	CONTEÚDO WIKI CRIADO BLOGUES VINCULADOS PODCASTS VINCULADOS	CONTEÚDO PARA PARTILHAR ²	QUIZZ PARTICIPADOS FÓRUMS PARTICIPADOS CHATS PARTICIPADOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS CHATS INQUÉRITO / SONDA GEM PARTICIPADOS COMENTÁRIOS INTRODUZIDOS NOS CONTEÚDOS HIPERLINKS INTRODUZIDOS NOS COMENTÁRIOS
TOTAL	409	0	0	409	0
DEZ	137	0	0	137	0
FEV	135	0	0	135	0
ABR	15	0	0	137	0

¹Distribuição

²O número refere-se aos conteúdos disponíveis para partilhar e não aos números de partilhas porque esse valor não é disponibilizado

Fonte: Elaboração própria

4.3.8 Comments: interactividade e participação

A participação dos cidadãos como comentadores pode ser efectuada na secção Opinion, onde se encontram os artigos dos colunistas, os editoriais e os cartoons, mas apenas alguns estão disponíveis para serem comentados e somente durante uma determinada janela temporal. A participação através dos comentários aos artigos e das respostas a outros comentários encontra-se agregada através de um histórico, incluindo também os comentários que foram destacados pelo jornal através de um ícone, mas este Guardian Pick não contextualiza quem tomou a decisão ou porquê, não sendo dado qualquer seguimento à escolha. Trata-se de uma simples “recomendação”. O jornal atribui depois um destaque à própria notícia como “mais comentada”.

Os resultados para este jornal confirmaram a intensa dinâmica gerada pelos comentários e pela inserção de hiperlinks pelos autores e pelos leitores. As colunas de opinião geraram 221.576 comentários, os editoriais 13.854 e os cartoons 23.301, tendo os autores introduzido 9.281 hiperlinks nas colunas e 1.659 nos editoriais (os cartoons constituem-se por si próprios como peças autorais) e os leitores, respectivamente, 4.718 hiperlinks nas colunas, apenas 235 nos editoriais e 739 nos cartoons (Quadro 39).

Quadro 39 Opinião – Comentários

GÉNEROS E FORMATOS JORNALÍSTICO		COMENTÁRIOS	HIPERLINK DOS AUTORES	HIPERLINK DOS CIDADÃOS
DEZ.	COLUNAS	71.668	1.772	1.163
	EDITORIAIS	4.858	534	104
	CARTOONS	12.315	0	225
FEV.	COLUNAS	78.480	3.706	1.738
	EDITORIAIS	4.319	580	115
	CARTOONS	9.770	0	240
ABR.	COLUNAS	71.428	3.803	1.817
	EDITORIAIS	4.677	545	176
	CARTOONS	12.176	0	5.852
TOTAIS		269.691	10.940	5.852

Fonte: Elaboração própria

No início ou no final dos textos, o jornal associa, por vezes, o autor aos seus interesses, e.g, sites pessoais²²⁷, sites focados em política²²⁸, sites de desenvolvimento musical²²⁹, sites institucionais²³⁰; blogues de música de nicho²³¹, blogues de carácter cultural²³², blogues pessoais²³³; sugestões de leituras²³⁴; filiação em organizações²³⁵, filiação em fundações²³⁶; livros publicados²³⁷; participação em grupos de música com actividade política e cívica²³⁸; participação em organizações de apoio social²³⁹, organizações de apoio a veteranos de guerra²⁴⁰, organizações de acção social; inclusão de tweets²⁴¹, inclusão de ligações às redes sociais do autor²⁴², inclusão de podcast do autor²⁴³, inclusão de imagem ligadas a outras sem que estejam formuladas como ligações (apesar do próprio título assumir um convite nesse sentido)²⁴⁴. Nesta mesma perspectiva, a valorização dos dados quantitativos para formular conteúdos noticiosos indicia um certo confinamento nos infográficos estáticos²⁴⁵ ou ligeiras formas de interactividade decorrentes da utilização do cursor²⁴⁶ e/ou do aumento do volume de

²²⁷ <https://www.hamiltonnolan.com>

²²⁸ <https://political-lies.co.uk/>

²²⁹ <https://www.harpsabreeze.com.au>

²³⁰ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/05/labors-response-to-the-indefinite-detention-ruling-smacks-of-government-overreach>

²³¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/26/blogging-freedom-outdated-format>

²³² <https://richmix.org.uk/events/uppity-the-intellectual-playground/>

²³³ <https://www.theguardian.com/society/commentisfree/2023/dec/04/from-hormone-injections-at-a-k-pop-concert-to-a-spread-of-endo-freezing-my-eggs-has-been-a-journey>

²³⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/23/ai-chat-gpt-environmental-impact-energy-carbon-intensive-technology>

²³⁵ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/10/tea-drinking-good-for-body-and-soul>

²³⁶ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/feb/25/sorry-suella-braverman-the-bleak-picture-you-paint-of-a-ghettoised-britain-does-not-tack-up>

²³⁷ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/07/pandemic-boris-johnson-contempt-covid-families>

²³⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/feb/28/russia-alexei-navalny-putin-pussy-riot>

²³⁹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/08/tory-austerity-jeremy-hunt-cuts-public-services>

²⁴⁰ <https://www.publicinterestnews.org.uk>

²⁴¹ <https://www.theguardian.com/media/commentisfree/2023/dec/01/channel-sevens-bruce-lehrmann-scoop-gets-an-unwelcome-new-airing>

²⁴² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/04/diabetes-diet-solution>

²⁴³ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/22/posh-party-diwali-new-york-night-of-my-life>

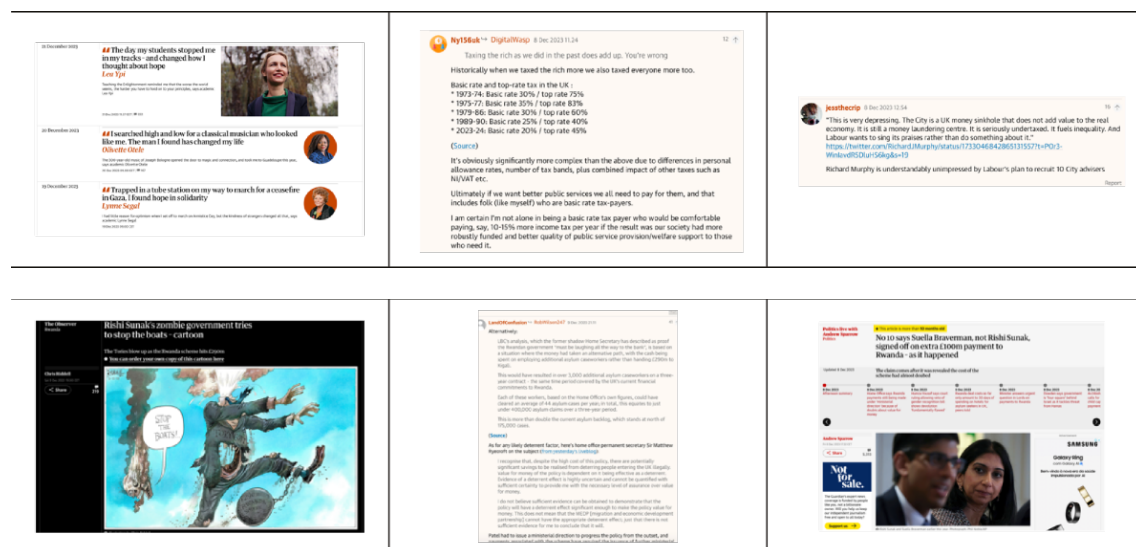
²⁴⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/11/tiktok-social-media-young-people-moral-panic>

²⁴⁵ <https://www.theguardian.com/australia-news/commentisfree/2023/dec/12/westconnex-issues-details-labor-rozelle-interchange-traffic>

²⁴⁶ <https://www.theguardian.com/business/grogonomics/2024/feb/01/inflation-australia-economy-households-shoppers>

dados²⁴⁷, apesar da sua valorização através de uma publicação regular com nome próprio (Grogonomics).

A dinâmica gerada pelas ligações entre temas permite interacções interessantes, e.g., o desafio sobre o significado da esperança e da alegria levou ao envolvimento de uma dinâmica própria através das diferentes perspectivas de diversos escritores sobre o tema²⁴⁸; a conversação gerada entre leitores que oferece novos ângulos de abordagem através da partilha directa de fontes de informação²⁴⁹; a inclusão de tweets que reconfiguram os termos do debate²⁵⁰; as ligações com os blogues do próprio jornal através dos comentários introduzidos nos cartoons²⁵¹. O potencial de conversação dos comentários reflecte não apenas no questionamento das opiniões vinculadas nos textos, mas também na inclusão de hiperlinks para fontes directas que convidam a eventuais realinhamentos argumentativos²⁵² e/u alargamento debate²⁵³:



²⁴⁷ <https://www.theguardian.com/business/grogonomics/2024/feb/08/rba-company-profits-inflation-interest-rates-rises-reserve-bank-australia>

²⁴⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/21/students-hope-change-enlightenment-world-worse>

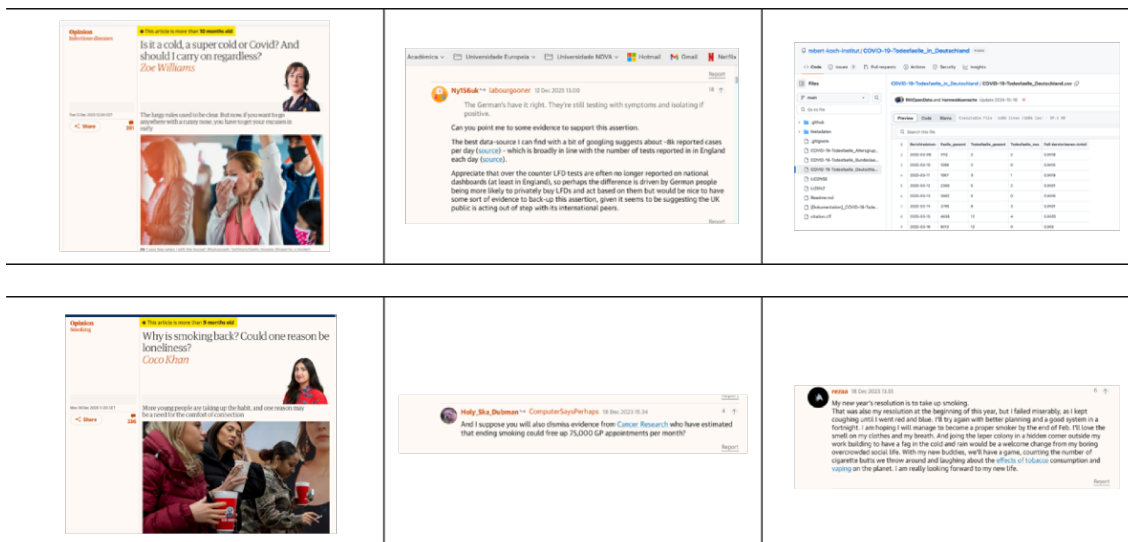
²⁴⁹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/08/britain-rich-living-golden-era-labour#comments>

²⁵⁰ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/08/britain-rich-living-golden-era-labour#comments>

²⁵¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/picture/2023/dec/09/rishi-sunaks-zombie-government-tries-to-stop-the-boats-cartoon#comments>

²⁵² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/12/a-cold-a-super-cold-or-covid-should-i-carry-on-regardless#comments>

²⁵³ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/18/smoking-vaping-loneliness-young-people-connection#comments>



O jornal integra também diferentes tipos de vídeos nos artigos publicados na secção dedicada à opinião, tendo sido publicados 12 vídeos em Dezembro 2023, nove em Fevereiro e 15 em Abril do ano seguinte. O espectro é consideravelmente variável. Por um lado, trata-se de vídeos com simples declarações integrados em artigos de colunistas do próprio jornal²⁵⁴ e/ou de autores com funções políticas²⁵⁵ e/ou culturais importantes²⁵⁶ e/ou com profissões de relevância social²⁵⁷; vídeos extraídos de outras redes sociais²⁵⁸ e/ou de outros órgãos de comunicação social²⁵⁹. Por outro lado, identificaram-se vídeos com intencionalidade noticiosa através de edição de

²⁵⁴ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/04/uk-immigration-policy-record-levels-net-migration>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/06/boris-johnson-covid-inquiry-britain-leader>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/01/conspiracy-monetisation-social-media-kate-middleton>

²⁵⁵ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/04/keir-starmer-margaret-thatcher-labour-tories>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/17/viktor-orban-hungary-eu-ukraine-vladimir-putin>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/14/rwanda-bill-peers-house-of-lords-amendments-commons-legislation>

²⁵⁶ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/11/uk-factories-weapons-idf-gaza-protest-movement>

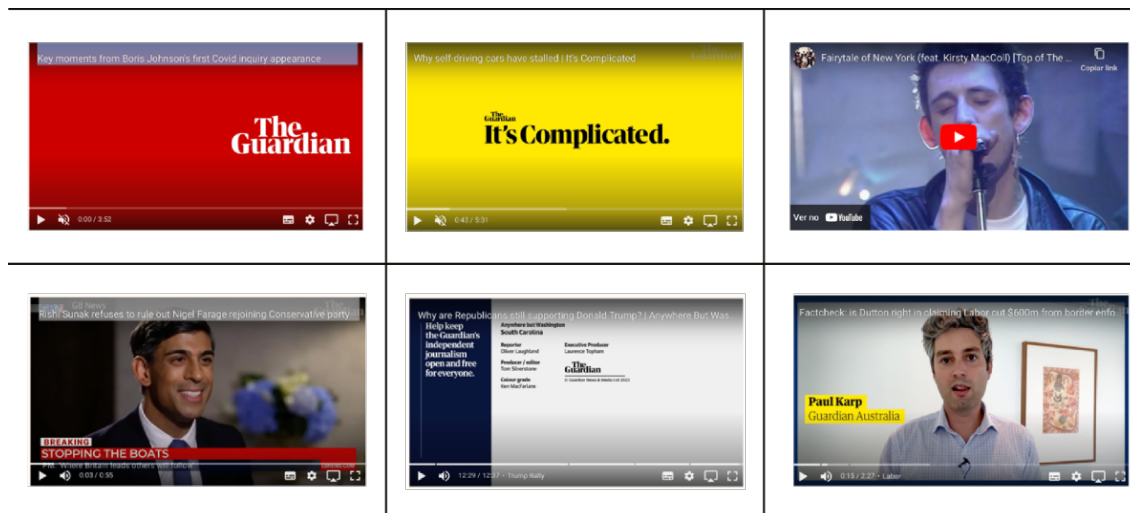
²⁵⁷ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/29/health-organisations-disease-gaza-population-outbreaks-conflict>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/15/sydney-westfield-bondi-junction-stabbing-trauma-advice>

²⁵⁸ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/08/shane-macgowan-bobby-gillespie-primal-scream-pogues>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/17/us-politics-attack-ads-uk-television-online>

²⁵⁹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/10/rishi-sunak-european-court-human-rights>

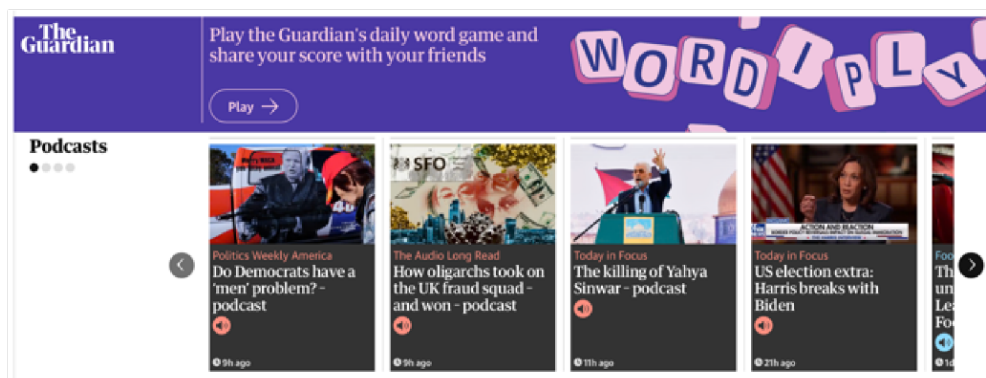
conteúdos²⁶⁰ e/ou produção própria focados na verificação dos factos como ponto de partida e/ou nos modelos das reportagens televisivas²⁶¹ (Quadro 40).

Quadro 40 Opinião - Vídeos



Fonte: Elaboração própria

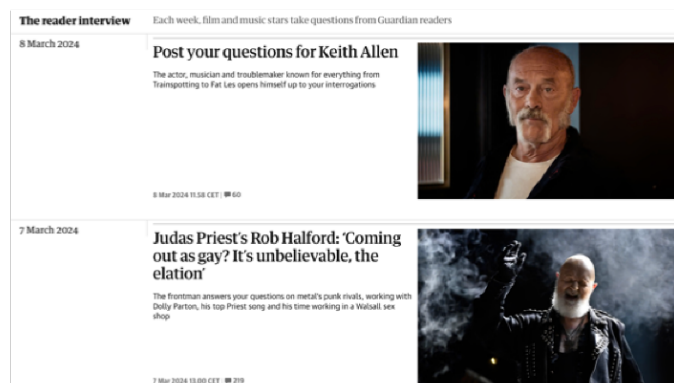
O jornal também produz e disponibiliza regularmente podcasts, mas estas narrativas sonoras encontram-se fora do território comunitário, ou seja, existe um acesso directo e autónomo a estes conteúdos, apesar de os links de acesso serem disponibilizados em alguns textos de opinião:



²⁶⁰ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/06/driverless-cars-future-vehicles-public-transport>

²⁶¹ <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/dec/20/banned-colorado-donald-trump-president-courts-voters>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/23/miss-ai-artificial-intelligence-models-gendered-beauty-norms>; <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/feb/22/queensland-renewable-energy-push-albanese-government-paris-agreement>

No mesmo sentido, também se verifica a possibilidade de os leitores participarem em entrevistas assíncronas, mas a secção The Reader Interview encontra-se ancorada na secção de Cultura. O que significa que a interactividade se encontra dispersa por todo o site do jornal e não apenas na porta de entrada pré-definida para a participação:



Em termos globais, o jornal poderia valorizar a moderação jornalística, tendo em conta a enorme potencialidade decorrente da variedade e do elevado número de participações, nomeadamente quando a participação beneficiaria da mediação jornalística para organizar o debate e gerar dinâmicas de conversação (Quadro 41).

4.4 Análise dos resultados

4.4.1 As cartas e os ensaios

Apesar de os resultados da investigação terem vindo a ser analisados ao longo da dissertação, considera-se pertinente fazer incidir um foco específico nas participações centradas em cartas, ensaios e comentários no quadro da problematização dos géneros e formatos jornalísticos. No *The Washington Post* e *The Guardian*, a designação das Letters to the Editor/Letters remete directamente para a sua natureza opinativa dispensando o quadro de fundamentação e de racionalização do pensamento inerente, por exemplo, aos Op-Ed do primeiro jornal, ou seja, são opiniões fundamentadas em perspectivas pessoais segundo a classificação de diversos autores, mas sem descurar as reservas que a sua constituição como género pode suscitar:

“(…) no son un género periodístico propiamente dicho (algunos las llaman textos no periodísticos de opinión) persu autoría externa a la propia publicación y por su carácter no remunerado, pero merecen la consideración de complementarios porque, como los géneros, son "textos publicados con el fin de transmitir algún tipo de información u opinión vinculados a hechos de actualidad y de interés público", palabras ya utilizadas en páginas anteriores” (Fernández Parratt, 2008).

Martínez Albertos (1992) associa tribuna livre e cartas como géneros jornalísticos, tendo como modos de escrita a argumentação (factos e ideias) para efeitos de persuasão num estilo classificado como editorializante. As cartas têm um carácter espontâneo, os temas são livremente escolhidos pelos autores e o seu tamanho reduzido remete para uma considerável variabilidade de temas e autores. Tal como os editoriais, as crónicas e as colunas, por exemplo, José Marques de Melo e Francisco Assis descrevem as cartas como “textos assinados nos quais são expostos pontos de vista acerca de algo” e integram-nas dentro género opinativo por se constituírem com um fórum de ideias (Marques de Melo e Assis, 2016, p.52).

Manuel Carlos Chaparro começa por explicar que a opinião remete para a atribuição de valor a alguma coisa (“ajuizamento”) para depois acrescentar que “já não é possível explicar e entender a acção discursiva do jornalismo pela dicotomia opinião/informação” (Chaparro, 2008, p.160) por diluição das fronteiras discursivas onde assentava o “velho paradigma”. Nos seus estudos efectuados em meios de

comunicação pré-digitais, Herbert J. Gans já destaca a sua relevância por serem susceptíveis de conter comentários construtivos sobre perspectivas omitidas nas notícias, potenciando assim novos ângulos noticiosos. Por seu lado, avaliando a participação nas edições digitais, Zvi Reich preserva o carácter simbólico das cartas como espaço participativo, mas dando conta de uma certa perda de relevância para as secções de comentários:

“User comments mark a new stage in the evolution of participatory spaces, representing a dramatic change from more tightly controlled antecedents such as letters to the editor and studio call-in shows. No other forum has been so open, offering such an immediate and unedited access to any citizen wishing to express a view about specific news as it unfolds. Comments have become nearly ubiquitous on major newspaper websites, with comment threads woven beneath a large majority of items” (Sinter et al, 2011, p.113).

A relevância das cartas nos espaços mediados reconfigurou-se como uma “voz do povo” preservando o seu potencial democrático (Hynds, 1992, p.124) através do seu carácter individual e emocional em detrimento das posições colectivas activistas:

“First, they privilege individual expression over the expression of activist groups. Second, they prefer the emotionally charged, personal stories of individuals, and search for an aesthetic authenticity that shows the writer’s words ‘come from the heart’ and invite the forging of emotional bonds between readers and writers” (Wahl-Jorgensen, 2001, p.304).

As cartas não se constituem como uma dinâmica de confronto entre versões concorrentes da realidade, mas como um “quadro de avisos” para a publicação de queixas ou histórias personalizadas centradas na expressão da individual de cada cidadão:

“Public participation, then, must be channeled into the stumbling, earnest language of personal experience to distinguish it from the calculated rhetoric of the activist group’s ‘hidden agenda’. At the reverse pole of the sympathy for individual expression, then, lies a distaste for a purely *political* discourse that makes claims about serving the shared interest or doing ‘good deeds.’ (Wahl-Jorgensen, 2001, p.313).

As cartas continuam a ser uma das formas mais populares de participação dos cidadãos nos processos noticiosos. Situam-se num território que fica aquém da relevância do argumento, dispensam justificações externas e assentam o seu valor participativo nas perspectivas marcadamente pessoais que projectam. Porém, essa

individualidade deve ser considerada como um “corpo” que reflecte uma “preocupação consistente” com o “rancor do quotidiano” (Cavanagh, 2019, p.99), sendo por isso enquadráveis no campo da “cidadania centrada no reconhecimento” (Cavanagh, 2019, p.96), ou seja, uma “ferramenta da cidadania”.

Marisa Torres da Silva consolida a perspectiva de que as cartas reforçam o “carácter dialógico da imprensa” porque viabilizam a interacção tanto com o meio de comunicação como com os outros leitores, ou seja, configuram-se como mecanismos de debate. As conclusões do seu estudo apontam para uma certa secundarização do seu valor por parte dos jornalistas, mas preservando o seu valor democratizador:

“Contudo, verificámos na nossa pesquisa que, apesar da presença de procedimentos limitadores do potencial pluralista e democrático de um espaço como as cartas dos leitores, existem alguns pontos de abertura que aproximam a concretização da secção de correspondência da perspectiva de Dewey, uma vez que, de certa forma, permitem o cumprimento de algumas das suas funções essenciais, no que diz respeito à diversidade do debate que aí se pode efectivar” (Torres da Silva, 2009, p.351).

Embora as cartas confiram aos cidadãos um papel editorial de autoria, este género jornalístico dispensa a vigilância jornalística de proximidade e o conhecimento especializado dos ensaios (Guest Opinions), ou seja, as Letters to the Editor remetem a participação dos cidadãos para um papel de potencial fonte informativa sujeita a activação jornalística (avisos do povo).

4.4.2 As dinâmicas dos comentários

Quanto aos dados obtidos nas dinâmicas dos comentários existentes nos três jornais, os resultados confirmam a necessidade de reavaliar sistematicamente o potencial contributo dos cidadãos para o processo de produção noticiosa como fontes jornalísticas e debater a sua eventual constituição como um potencial género, desde que acautele a impossibilidade de o jornalista não poder ser confinado num papel de simples verificador ou de mediador da interacção em virtude da sua relevância profissional, ética e deontologia serem absolutamente centrais. Uma proposta que poderá ser ancorada no reconhecimento dos géneros jornalísticos como “instituições vivas que evoluem para ajustar-se às funções próprias da actividade” através da sua estabilização como prática discursiva (Seixas, 2009) e conseqüente reconhecimento como portadores

de unidade textual e composicional (Chadwick, 2013). O reconhecimento da sua relevância social e a sua estabilização como unidade da comunicação discursiva poderá decorrer desta transição em que novos géneros e novos formatos resultarão desta “baralhação” (Chaparro, 2008).

Os comentários no jornal *The Washington Post* encontram-se regulados por políticas de moderação que visam a construção de uma “comunidade” orientada para discussões “civil, insightful, and inclusive” sobre notícias e sobre jornalismo. Esse espírito de “conversação” é considerado central no serviço público que o jornal se propõe cumprir, tendo em vista disponibilizar diferentes perspectivas da realidade através do “envolvimento” dos cidadãos numa “comunidade saudável de leitores”.

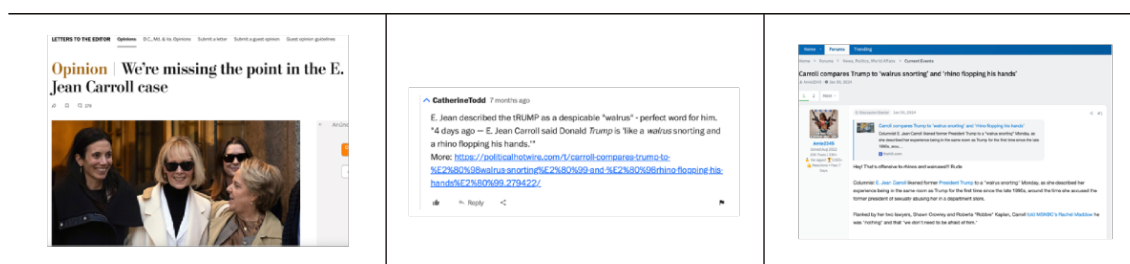
O jornal permite interpelar directamente os jornalistas através dos seus endereços electrónicos disponibilizados com as respectivas assinaturas dos artigos, ou intervindo nos comentários. Trata-se de um mecanismo de interactividade de enorme relevância participativa, mas que não se encontra disponível nas secções participativas (aquilo que o jornal designa como fóruns interactivos próprios, e.g., Guest Opinion e Letters). Porém, ao interpelar através dos comentários, os leitores estão a promover o debate entre si, deixando ao autor a decisão de se envolver na conversa. A passagem deste posicionamento em modo *stealth* para motorizar à distância pode ser superado com o assumir de uma intervenção clara e directa do jornalista como especialista em moderação, aliás, à semelhança do que se passa nos chats.

É uma dimensão participativa que importa valorizar através da superação desse furtividade e do reconhecimento da importância de passar das circunstâncias limitadas dos comentários que utilizam todas as funcionalidades da interacção (Karlsson, 2010). Os cidadãos começam por criar uma conta, dependente do pagamento da assinatura do jornal, proceder à sua validação e poderão envolver-se nas discussões e contactar directamente a equipa de moderação dos comentários. O jornal *The Washington Post* recomenda (sem exigir) a utilização dos nomes verdadeiros como factor de credibilidade e deixa claro que todos comentários se encontram sujeitos a revisão ou anulação por incumprimento das normas. Além do jornal preservar o direito de edição, sugere que a comunidade contribua para essa higienização através de um sistema de alertas (*flag button*) para os desvios às normas, tendo em vista valorizar os comentários “worth reading” através da selecção e hierarquização (“most replies” e “most liked”).

A impossibilidade de editar comentários, para evitar aquilo que o jornal classifica como “ring-and run”, contribui para um ambiente de responsabilidade na construção do espaço público juntamente os riscos de suspensão ou de banimento. Esta dinâmica permite valorizar a qualidade da participação, na medida em que o jornal coloca comentários em destaque em função do volume de likes de outros cidadãos, coerência com o histórico e comentários que adicionem “experiências pessoais” relacionadas com o conteúdo.

Cada comentário apresenta como interactividade própria os mecanismos de “like”, “reply”, “share”, “flag” e “ignore” e, tendo como objectivo promover uma conversa saudável entre os leitores, a dinâmica dos comentários beneficia da existência de um historial do cidadão apenas com a data de adesão, sendo que podia agregar de forma visível e sustentada toda a sua participação, e.g., *National Post*). O recurso dos hiperlinks permite que o leitor actue directamente sobre o conteúdo através da interacção e também que projecte a discussão para outros fóruns.

A carta “We’re missing the point in the E. Jean Carroll case”, publicada no dia 2 de Fevereiro de 2024 pelo *The Washington Post*, disponibilizou quatro hiperlinks da autora e três dos leitores entre os 279 comentários, tendo a discussão continuado na rede Political Hotwire devido à inserção desse hiperlink por um cidadão:



<https://www.washingtonpost.com/opinions/2024/02/02/carroll-case-trump-women-missing-point/>

<https://politicalhotwire.com/t/carroll-compares-trump-to-‘walrus-snorting’-and-‘rhino-flopping-his-hands’-279422/>

No *National Post*, o artigo publicado no dia 10 abril 2024 com o título “On Chinese interference, Trudeau sounds like someone with something to hide” tinha quatro hiperlinks introduzidos pelo autor e outros 11 partilhados pelos leitores ao longo de 1.298 comentários. A divulgação do registo da sua conta do Twitter e a partilha do texto deram uma nova dinâmica à conservação expressa através de 302 comentários,

568 retweets, 1.7 mil likes e 92.1 mil visualizações. O que gerou novas camadas de debate e a partilha de mais fontes de informação:



O *National Post* impõe regras participativas rígidas, mas que não se constituem como um factor de dissuasão, na medida em que a participação dos cidadãos é extremamente dinâmica e diversificada cumprindo o objectivo de preservar a conversa como “fórum de discussão animado, mas civilizado”. O conteúdo original disponibiliza hiperlinks que confirmam afirmações ou abrem novas perspectivas sobre o tema e o leitor é convidado a envolver-se na discussão (“join the conversation”) através dos comentários e da introdução moderada de outros hiperlinks.

O cidadão adquire um perfil que disponibiliza o conteúdo dos comentários, likes e número de seguidores. O jornal também permite seguir o autor dos comentários, fazer reply, intervir de forma rápida com os botões de like e dislike ou simplesmente silenciar. Neste sentido, o cidadão adquire um estatuto participativo que valoriza a participação e reconhece a qualidade das intervenções dentro da comunidade virtual.

O jornalismo participativo constitui-se manifestamente como um território de proximidade e de envolvimento entre o *National Post* e os cidadãos, na medida em que se encontram disponíveis diferentes mecanismos de interactividade ao longo do processo de produção jornalística. O que permite não apenas envolver os cidadãos e estabelecer vínculos como também melhorar consideravelmente a própria qualidade do jornalismo através da introdução de diferentes técnicas narrativas e das interpretações da realidade resultantes da interacção dos cidadãos com o jornalismo.

Os comentários representam a principal dinâmica por permitirem a intervenção directa e valorizada dos leitores através da sua correcta identificação e enquadramento

em contextos moderados. O que favorece não apenas discussões sobre o tema em causa de forma potencialmente construtiva, como a indução para diferentes perspectivas através dos ângulos proporcionados pela inserção dos hiperlinks.

Os dados empíricos revelam dinâmicas activas resultantes dos hiperlinks disponibilizados pelos jornais e os hiperlinks adicionados pelos cidadãos através dos mecanismos de interactividade. O acesso a fontes de informação complementares favorece a exploração do texto inicial em diferentes caminhos e de acordo com a decisão do leitor, do mesmo modo que os elementos de multimédia e as narrativas interactivas adicionam novas camadas narrativas que permitem aprofundar o conhecimento e proceder à difusão desses significados. Em termos simples, trata-se de um permanente processo de desconstrução e reconstrução de significados em ambientes puramente digitais multidireccionais centrados na interactividade, ou seja, o jornalismo em ambientes digitais é simultaneamente produtor da realidade e produto da realidade produzida em função do maior ou menor território de compromisso que se dispõe a partilhar com os cidadãos neste diálogo contínuo.

Thomas B. Ksiazek e Nina Springer começam por identificar os comentários como “um dos formatos mais proeminentes para a participação do público no processo de produção de notícias” para depois advertirem para os “conflitos internos significativos entre jornalistas e leitores” que ainda decorrem do processo de envolvimento do público através de funcionalidades de comentários (Ksiazek e Springer, 2020, p.15). Foi nesse sentido que Sue Robinson categorizou os jornalistas que preservam esta relação hierarquizada como “traditionalists” e os jornalistas que superam este conflito para abrir as portas da participação como “convergers” (Robinson, 2010, p. 125). Esta polarização decorre das expectativas dos jornalistas tradicionalistas quanto às contribuições que “idealizaram” como comentários válidos. Apesar de a influência directa dos comentários nos processos de produção jornalística seja consideravelmente limitada, a sua relevância mantém preservada:

“Commenting users can be perceived as “sensors” for audience interests and “audience pulse-takers” as well as “reflectors” of the news; thereby they “serve as an important complement to other monitoring mechanisms, such as readership surveys and market analyses” (Ksiazek e Springer, 2020, p.17).

As virtudes dos comentários residem nos argumentos usados pelos cidadãos como potenciadores de notícias e exigem uma exploração estratégica, mas a dificuldade decorrente do volume pode, eventualmente, ser colmatada com recurso à inteligência artificial (Diakopoulos, 2015 Park et al., 2016; Kolhatkar et al., 2017). O que leva aos autores a sugerirem o enquadramento dos comentários como uma estrutura de jornalismo recíproco:

(...) Commenting features as a tool to foster reciprocal engagement between professional journalists and citizen contributors in a co-creation mindset, resulting in community building between journalists and users through more equal and longer-lasting relations” (Ksiazek & Springer, 2020, p.18).

O jornal *The Guardian* revela uma particularidade relevante, na medida em que os callout permitem que os cidadãos sejam directamente autores de conteúdo publicado pelo jornal ou que se constituam como fontes de notícias. Nesse sentido, a dinâmica participativa aponta para um território de compromisso potencialmente relevante apesar de os temas serem, genericamente, de menor relevância noticiosa. O que não compromete uma atitude geral de abertura.

5. ENTREVISTAS

5.1 Abertura à participação

A participação dos cidadãos no processo jornalístico começa por ser bem recebida pelos profissionais do jornal *The Washington Post*, na medida em que Steve Hendrix manifesta uma considerável abertura à participação através da mobilização dos cidadãos como potenciais fontes de informação e de verificação dos factos e acrescenta as possibilidades adicionais para manifestação de opiniões e de críticas aos jornalistas. Uma opinião partilhada por Federica Cocco e consubstanciada em projectos concretos que desenvolveu no jornal onde trabalhou anteriormente (*Financial Times*), e.g., durante a pandemia provocada pelo Covid criou um canal directo de acesso dos cidadãos para relatarem as suas experiências e adicionarem expectativas em relação ao futuro, tendo recolhido mais de 800 contributos. O trabalho jornalístico utiliza os testemunhos dos cidadãos como fontes de uma reportagem que adicionam informação complementar²⁶²:

- “Reader participation offers new sources of information and fact checking. It also gives readers a chance to voice personal opinions and criticism of the coverage”, Steve Hendrix;
- “I have had good experiences finding sources for stories through reader callouts. I did one such project in my old job at the Financial Times when, during the pandemic, we asked readers aged 16 to 24 how the Covid-19 lockdowns had affected them and how they felt about the future. We received more than 800 responses from five different continents. This was the most productive experience of direct engagement with “citizens” for a journalistic purpose I’ve personally experienced”, Federica Cocco.

Este posicionamento de abertura é igualmente manifestado pelos profissionais do jornal *National Post*: por um lado, Deborah Stokes classifica a participação como essencial para os esforços dos jornalistas, mas territorializa esse compromisso nas métricas de envolvimento para calibrar os conteúdos produzidos pelos jornalistas ainda que ancorada na ideia “now, readers are telling us”. John Ivison começa por reconhecer a verticalização do processo baseado no monopólio dos jornalistas e a falta de oportunidades para participação e, reconhecendo a mudança decorrente dos mecanismos de interactividade, aponta para a relevância da conversação:

²⁶² <https://www.ft.com/content/0dec0291-2f72-4ce9-bd9f-ae2356bd869e>

- “Citizen participation is essential to our efforts. Our readers determine the stories we write. Through data-based evidence, we know what stories readers engage with digitally, how long they spend with a story, and these metrics help us deliver the stories we do. This has changed from the past, when editors determined the stories we thought people cared about. Now, readers are telling us”, Deborah Stokes;
- “Mainstream media remains very much top down - I get paid for my opinions, based on my experience and contacts. There is very little opportunity for citizen participation. That said, I think that social media, for better or worse, has democratized the journalistic process. There is more interaction with readers than previously, when the only avenue was a letter or email to the editor (or columnist). We have dabbled in readers’ forums and there is the capacity to comment at the end of every article. We do read those comments and take cognizance”, John Ivison.

Caroline Bannock admite que o potencial de envolvimento do jornalismo participativo continua por explorar e concretiza a experiência concreta do jornal *The Guardian* nos apelos à participação através da partilha de experiências que são posteriormente integradas no processo jornalístico. Também Peter Walker afirma tratar-se de uma ideia interessante dentro das notícias de carácter generalista, mas apesar de confinar as virtudes ao *feedback* para identificar novos temas, clarifica que nas notícias especializadas de política poderão ter especial valor pelo conhecimento das respectivas realidades locais:

- “I think we’re beyond potential and actively involve people in our journalism. We invite them to talk to us about issues or events - and then create journalism based on their experiences”, Caroline Bannock;
- Citizen participation is a really interesting idea, and to an extent it depends on what we mean by it. In terms of outsiders and readers having direct input into particular stories, while this can happen a lot in more general news coverage, it’s less the case for political news, because it’s more of a closed world – we’re mainly talking to people on the inside of politics about what is happening. But it can still be very useful both in terms of informing stories, for example speaking to people about how political decision affect them. More generally, feedback from readers can help us spot issues or stories we have missed – they often know details about particular MPs or other local representatives that we do not. It is also very useful to hear outsiders’ views about what should be written about”, Peter Walker.

A visualização dos dados analisados através do *software* especializado em análise de conteúdo coloca em perspectiva a relevância reconhecida pelos jornalistas ao jornalismo participativo. Por um lado, importa considerar a diversidade de verbos de

acção utilizados para ilustrar esse compromisso, principalmente a ideia de engajamento, por outro, o valor que a quase totalidade dos entrevistados atribui ao papel editorial que os cidadãos podem desempenhar como fontes de informação. Steve Hendrix utiliza os contributos como fontes “em diversas ocasiões” e Federica Cocco reforça “cada vez mais” e cita exemplos concretos²⁶³; Deborah Stokes diz receber “ocasionalmente” boas dicas, mas outras são “muitas mais más”, e John Ivision sugere que se trata de um recurso importante se for “informado”; Caroline Bannock manifesta-se favorável à participação dos cidadãos como fontes dentro da ética e deontologia do jornalismo e Peter Walker faz esse papel depender da qualidade do contributo (Fig.15).

Figura 15 Matriz de códigos: participatory journalism

Lista de Códigos	Caroli...	Debor...	Peter...	Steve...	Federi...	Johnl...
<input checked="" type="checkbox"/> Participatory journalism			■			■
<input checked="" type="checkbox"/> To Engage	■	■			■	
<input checked="" type="checkbox"/> To Talk	■					
<input checked="" type="checkbox"/> To Reach	■					
<input checked="" type="checkbox"/> To Hear	■		■	■		■
<input checked="" type="checkbox"/> To Give / To get feedback				■	■	
<input checked="" type="checkbox"/> Sources	■		■	■	■	■
<input checked="" type="checkbox"/> Factchecking				■		
<input checked="" type="checkbox"/> Experiences	■					
> <input checked="" type="checkbox"/> Readers		■				

Fonte: Produção própria a partir da análise de dados com o *software* MAXQDA

5.2 Processo de produção noticiosa

A integração da participação pode ser avaliada na perspectiva do momento em que se concretiza e devidamente enquadrada nos limites inerentes à ética e deontologia dos jornalistas. Steve Hendrix aceita a abertura em ciclos contínuos nos momentos de maior intensidade informativa, e.g., conflitos armados, e remete para a detecção de erros e disponibilização de novas informações nos ciclos de maior regularidade; enquanto Federica Cocco cita a relevância decorrente da limitação dos recursos que afectam a indústria do jornalismo para depois centralizar o desafio nas dimensões éticas e

²⁶³ <https://www.ft.com/content/1e8293f4-a1db-11e9-974c-ad1c6ab5efd1>

deontológicas da profissão, advertindo para a essência jornalística decorrente da preservação da verdade dos factos:

- “For ongoing streams of coverage, such as the Israel-Hamas war, the back and forth with readers is constant. For more isolated enterprise stories, I would say the input become valuable at publication (in terms of catching errors or proving new information). The volume of potential feedback can be more than can meaningful processed or digested, especially on fast moving breaking stories”, Steve Hendrix;
- “Audience involvement can be a great way to make up for the limited resources this industry has at a local level. It can be tricky to verify facts and keep a consistent relationship of trust and accountability with citizens, which I would classify as individuals who double up as both readers and sources. Because they are not professional journalists, they are not necessarily bound by a code of ethics (say for example, double-sourcing facts). It is still a new phenomenon in journalism - there are certainly limits but my experience with this type of engagement is limited”, Federica Cocco.

Deborah Stokes começa por admitir a participação em todos os momentos e com especial enfoque no seu início, tendo o cuidado de referir a proactividade do *National Post*, para logo advertir para a existência de limites éticos e legais que garantem a legitimidade da notícia. As circunstâncias concretas de John Ivision abrem uma outra perspectiva de discussão, na medida em que jornalista utiliza cidadãos como fontes de notícias de carácter especializado e/ou que exigem um ponto de vista de proximidade:

- “At the beginning of the process is essential, but we also get citizen participation throughout – via comments on articles, etc. We learn from that what worked and what didn’t. We also proactively engage readers with a story through polls, AMA (Ask me anything) initiatives with readers. As journalists, we have a legal and ethical responsibility for factual reporting. So, one of the limits would be ensuring that the information is legitimate. Commentary, of course, is different – those are personal opinions”, Deborah Stokes;
- “I have a regular correspondent who is a farmer in Alberta. He provides me with invaluable input into everything from the weather to the impact of geopolitics on the price of crops (eg, Canada put a 100 percent tariff on Chinese electric vehicles; China responded with threats to Canada’s canola exports. My contact tells me the impact on the ground when it comes to canola prices and farmers’ planting choices. Talking to as many people as possible is simply good journalism - particularly when you are writing from as far away as I am (...) The mob mentality on X (formerly Twitter) is not constructive input. It can be a toxic environment and there is very little respect shown. I do not engage with anonymous commentators on that platform”, John Ivision.

A qualidade dos contributos solicitados é particularmente generalizada por Caroline Bannock independentemente dos temas, mas sem perder de vista a cautela com as dimensões éticas e deontológicas que resultam da verificação (apesar da sua morosidade). Peter Walker chama a atenção para os conhecimentos dos cidadãos sobre a realidade e distingue participação para alertar para factos publicados da participação que passa por sugerir novos temas e que se configura no início do processo noticioso:

- “It’s nearly always advantageous - very rarely have we asked people to get in touch and then found that their responses are not useful. News stories and events of course often affect people - and we want to hear about the impact from those people. In terms of timing - it depends on the story but of course with news it’s best to reach out to people when the story is very active as that’s when there’ll be most interest and people will want to respond to us. Sometimes it’s difficult to reach people - there can be barriers in terms of geography or lack of digital access. Also, you have to be very careful with verification. It can be a very time-consuming process when you may have hundreds of responses”, Caroline Bannock;
- “Again, it depends. If this involvement is about tipping us off about facts or themes we did not know about, then it is more common at the start of a story, often sparking one off. But if we are talking about more general feedback about political coverage, then this can happen anytime. The limits are perhaps what I explained above – national politics can be quite a closed world. For example (as with most parliaments) you can only spend time at the Westminster parliament if you have a security pass, which makes access quite restricted. But I have learned that, in general, readers often know more than you might think”, Peter Walker.

As reservas reveladas ao aprofundamento da participação resultam dos limites éticos e deontológicos da profissão, mas duas jornalistas projectam a discussão para outras dimensões: Deborah Stokes utiliza a palavra “change” para ilustrar a passagem do tempo em que os editores determinavam notícias baseadas naquilo que *pensavam* saber sobre o que importava aos cidadãos para a utilização de métricas de avaliação desse interesse. John Ivison utiliza a mesma expressão para se referir à “democratização do processo jornalístico” por força da digitalização e das “novas oportunidades” e acrescenta a inovação como uma dinâmica de construção de novos relacionamentos entre jornalistas e cidadãos: “There is plenty of room for more engagement and relationship building between readers and journalists. There is no room for journalists to remain in bubbles of their own self-delusion. We need to build more trust and real relationships with the people who pay our way” (Fig.16).

Figura 16 Matriz de códigos: ethics, deontology and newsproduction

Lista de Códigos	Caroli...	Debor...	Peter...	Steve...	Federi...	Johnl...
<input type="checkbox"/> Responsibility		■				
<input type="checkbox"/> Change		■				■
<input type="checkbox"/> Innovation						■
<input type="checkbox"/> Caution		■				
<input type="checkbox"/> Ethics and deontology	■	■			■	
<input type="checkbox"/> News production	■	■	■	■		

Fonte: Produção própria a partir da análise de dados com o *software* MAXQDA

5.3 As potencialidades da interactividade

As possibilidades da participação por via dos mecanismos de interactividade encontram-se genericamente reconhecida por todos os jornalistas. Steve Hendrix cita desde logo os comentários e chama depois a atenção para a relevância dos chats pelo interesse que podem ter tanto para os cidadãos como para os próprios jornalistas. Por seu lado, Federica Cocco acrescenta a disponibilização do contacto directo dos jornalistas como uma ferramenta de proximidade a ter em conta e a própria presença da rede social X para obtenção de *feedback*. O que John Ivison desconsidera ao referir-se a uma “mob mentality” predominante nesta rede social e que se revela destrutiva e tóxica. Federica Cocco destaca ainda as discussões no Reddit por possibilitarem trocas úteis de pontos de vista. Os apelos dos jornais para que os jornalistas respondam aos comentários é reconhecido, mas o volume de trabalho e a qualidade obtida em processos simplificados acaba por se tornar dissuasor:

- “There many. Comments is the most obvious. Chats are popular and interesting to both reader and writer”, Steve Hendrix;
- Admittedly, as a data reporter, my involvement in projects that draw on citizen participation is limited. In the newspapers I have worked for, this tends to be the remit of the audience engagement team. In my current role at the Washington Post, I have not participated in these sorts of projects. My email is publicly available and in the last decade the increased presence of journalists in social networks like X has made engagement with journalists a lot easier than in the past. From our perspective it is incredibly useful to get feedback, though well-articulated notes from readers can be rare. I have personally not taken part in a Reddit Q&A, but I know readers find them useful and the exchanges can be thoughtful. Responding to readers’ comments

can be difficult and time-consuming because the Post get thousands of them. However in my previous role at the FT this was encouraged”, Federica Cocco.

Deborah Stokes corrobora a utilização dos mecanismos de interactividade neste contexto, mas sem deixar de advertir que a radicalização dos debates nos espaços públicos torna frequentemente os jornalistas alvos de ataques maliciosos. O que exige a adopção de uma política criteriosa de contacto. John Ivison concorda com a relevância dos comentários, mas também acrescenta que existe espaço para muito mais envolvimento. Referindo-se até à necessidade de os jornalistas construírem relacionamentos com cidadãos para que possam sair das bolhas onde se encontram, disponibiliza o seu endereço de correio electrónico e o identificador da sua conta na rede X em todos os seus artigos e garante que tenta responder ao maior número possível de solicitações. Aliás, importa realçar o seu apoio espontâneo à ideia de existir um jornalista-mediador nos comentários precisamente para estimular o debate.

- “We use all, with the caution that in today’s divisive society, our journalists are often the target of vicious email and online attacks by people. So, we are judicious in our use of access to journalists”, Deborah Stokes;
- “Probably the readers’ comments. But I think there is plenty of room for more engagement and relationship building between readers and journalists. There is no room for journalists to remain in bubbles of their own self-delusion. We need to build more trust and real relationships with the people who pay our way. I include my email address and X account handle at the end of every article. I try to reply to as many emails as possible. It is impossible to give fulsome replies to every email, but some response is warranted”, John Ivison.

Caroline Bannock destaca com naturalidade os callout do jornal *The Guardian* como motores de construção de relações de confiança e de transparência com os cidadãos e cita como factores de proximidade a disponibilização dos endereços de correio electrónico dos jornalistas, a identificação das suas redes sociais e os comentários, bem como as newsletters. Importa também considerar as referências à disponibilidade das equipas de jornalistas para responderem a perguntas sobre temas específicos em períodos de maior intensidade informativa, e.g., Covid e escrutínios eleitorais.

Também Peter Walker refere como exemplo os contactos que recebe através de correio electrónico ou das suas redes sociais e explica que os comentários nas notícias políticas encontram-se limitados devido ao volume e à impossibilidade de os

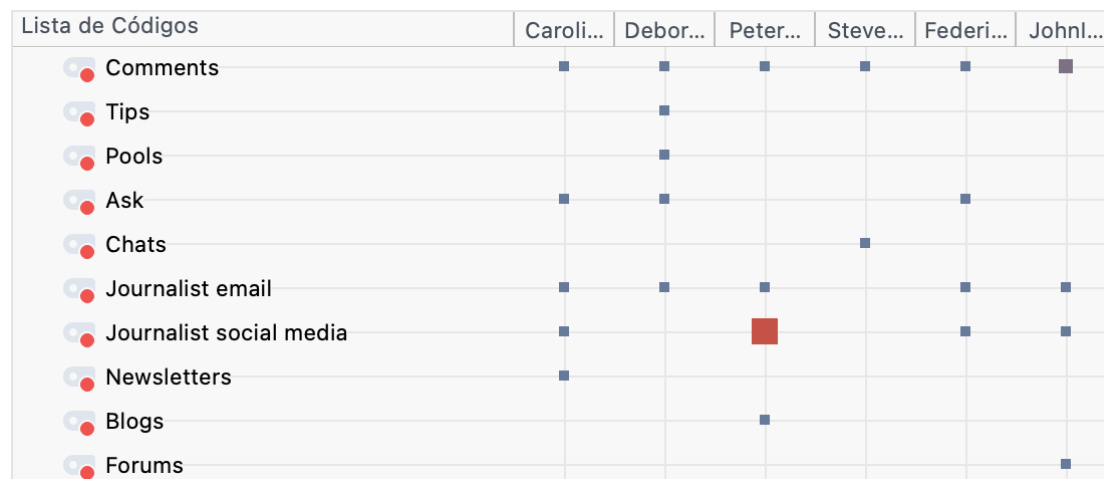
moderadores conseguirem garantir uma gestão eficaz. Contudo, aponta o exemplo concreto de um colega que criou um blogue e que mantém um canal de comunicação permanente com os seus leitores para preservar o perfil de fórum de debate:

- “Mainly digital callouts to people which are promoted on the Guardian website. We also ask people to participate in fun ways - such as their favorite films of the year and these exercises are helpful in building relationships with reader (...) there are many different ways to contact our journalists through email, social media accounts and of course comments. Many journalists and writers respond to commenters below the line which is very important for trust and transparency. We invite readers to send in their questions that our journalists can answer such as health and science teams during Covid or our political team during elections. And sometimes do live QandAs with journalists and readers on different topics. Newsletters are another way of interacting with readers. The Community journalism team’s aim though is to try and reach beyond Guardian readers - to the people affected by issues, who can be hard to reach and who may or may not be traditional Guardian readers”, Caroline Bannock;
- “People contact me in a variety of ways: often email, and often by social media, for example messages or direct messages on Twitter/X or (increasingly for us) Bluesky. It can also happen via other means, eg Facebook or LinkedIn. We also still, occasionally, get physical letters. Anyone who wants to email me can do so – my address is in my social media profile. In terms of participating in comments under stories, that can be tricky for us because a/ comments are not often opened for political stories, in part as it takes up so much of the moderators’ time and b/ because when they are opened, there are so many comments it would be a full-time job to respond to them. One colleague who uses comments very well is Andrew Sparrow, who writes our politics live blog (and who arguably invented political live blogging). The comments on this are always open, and it is a very popular forum for readers. He always begins his blog with a note saying how people can contact him to point out info or mistakes, and one example is to have a comment beginning “@Andrew” which he can find by text search, which he does during the day”, Peter Walker.

As entrevistas revelam uma atitude globalmente consensual quanto à utilidade dos mecanismos de interactividade nos espaços participativos e um reconhecimento concreto relevante quanto à disponibilização dos acessos directos para comunicação com os jornalistas, seja através do correio electrónico ou das suas redes sociais (Fig.17). As dinâmicas de conversação baseadas em chats, fóruns e perguntas directas são igualmente valorizadas pelos jornalistas, sendo que o valor dos comentários encontra-se unanimemente reconhecido e sujeito a um processo de inovação reconhecido por John Ivison: “I like the idea of a journalist being nominated to participate in the

comments and stimulate conversation. That is probably long overdue and is the kind of added value that might drive subscriptions, which are now our lifeblood”.

Figura 17 Visualizador da matriz de códigos: interactivity



Fonte: Produção própria a partir da análise de dados com o *software* MAXQDA

5.4 As potencialidades do jornalismo participativo

Os resultados das entrevistas realizadas aos representantes dos jornais que integram o Modelo Atlântico-Norte ou Liberal revelam o seu reconhecimento relativamente ao conceito do jornalismo participativo e abertura à integração dos contributos dos cidadãos no processo de produção de notícias, mas dentro dos limites éticos e deontológicos da profissão. O que se encontra em linha com os estudos considerados na revisão da literatura.

Em segundo lugar, verifica-se uma acumulação de experiências individuais consideradas positivas pelos profissionais, mas os papéis editoriais reconhecidos aos cidadãos encontram-se fortemente concentrados nas suas potencialidades como fontes de informação, apesar de algumas manifestações de abertura baseadas nessas mesmas experiências. O que representa uma evolução relativamente a outros casos, provavelmente decorrentes do aumento dessas experiências.

Por último, as entrevistas revelam não apenas um reconhecimento generalizado das potencialidades dos mecanismos de interactividade como também uma atitude de manifesta abertura à sua generalização num quadro de inovação e de mudança (Fig.18). Estes resultados confirmam as potencialidades do jornalismo participativo e da

6. MODELO DE AVALIAÇÃO DE JORNALISMO PARTICIPATIVO

A investigação apresenta um Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo que permite aferir o impacto do envolvimento dos cidadãos no jornalismo através dos diferentes graus de participação disponíveis e da classificação dos respectivos mecanismos de interactividade (Fig.21). A sua elaboração resulta da problematização do quadro teórico, da análise dos estudos de casos e, acima de tudo, dos resultados produzidos pela investigação na análise dos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian*, complementados com entrevistas aos jornalistas.

Considerando que as práticas jornalísticas que incluem a participação dos cidadãos configuram territórios que lhes permitem desempenhar diferentes papéis editoriais e envolverem-se nas composições discursivas, o processo de comunicação participativo deve ser entendido muito além de um simples “transportar informações do ponto A para o ponto B”, na medida em que assume um compromisso que depende de regras e papéis “mutuamente aceites” para todos os indivíduos envolvidos no processo (Domingo et al., 2008).

Tendo em consideração este princípio orientador, procedeu-se à estabilização das variáveis para reduzir a sua natureza descritiva e mutante (o valor do que muda) e operacionalizar a sua formulação como marcadores estáticos de interactividade nos diferentes momentos do processo (o que é fixo na dinâmica). A sua classificação prévia e posterior localização permite caracterizar e avaliar o ecossistema participativo em função do grau de abertura. Esse território de compromisso entre jornalistas e cidadãos torna-se susceptível dessa avaliação compreensiva através do Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo e consubstancializa assim a ideia seminal da investigação de que o jornalismo circunda e é circundado pelos cidadãos.

6.1 Metodologia de construção do modelo

A metodologia teve em consideração os princípios do Processo de Análise Hierárquica (AHP) por permitirem racionalizar a complexidade e o volume dos dados através da criação de padrões que facilitam a interpretação e consequente contextualização no quadro da investigação (Hair et al., 2018), tendo por base a ideia “divide and conquer” (Ishizaka, & Nemery, 2013, pp.13-14).

É deste contexto que decorre a adopção da Escala de Saaty como metodologia, na medida em que permite atribuir diferentes níveis de intensidade de importância às variáveis em função do conhecimento prévio resultante da revisão da literatura, dos estudos de casos e da experiência construída com a análise dos resultados (Quadro 42).

Quadro 42 Escala de Saaty

INTENSIDADE DA IMPORTÂNCIA	DEFINIÇÃO	EXPLICAÇÃO
1	Igual importância	Duas actividades contribuem igualmente para o objectivo
3	Importância moderada	Experiência e julgamento favorecem ligeiramente uma actividade em relação à outra
5	Importância forte	Experiência e julgamento favorecem fortemente uma actividade em relação à outra
7	Importância muito forte ou demonstrada	Uma actividade é fortemente favorecida sobre a outra; a sua dominância demonstrada na prática
9	Importância extrema	A evidência que favorece uma actividade sobre a outra é de afirmação máxima
2, 4, 6, 8	Para compromisso entre os valores acima	Quando é necessário estabelecer um compromisso através de julgamento número na ausência de uma descrição insuficiente
Recíprocas	Se uma actividade tiver um número não nulo ao ser comparada com outra actividade, passa a ter o valor recíproco	Uma comparação determinada pela escolha do elemento inferior como unidade para estimar o maior como múltiplo dessa unidade
Racionais	Ratios originários na escala	Se a consistência for forçada para a obtenção de n valores numéricos para abranger a matriz
1. 1-1.9	Para actividades equivalentes	Quando os elementos são próximos e indistinguíveis; moderado é 1.3 e extremo é 1.9

Fonte: Adaptado de Saaty (1994)

Procedeu-se depois à sua aplicação aos marcadores convertidos a partir das variáveis. Os que foram considerados de menor impacto classificaram-se com o valor mínimo, e.g, conteúdo escrito, multimédia, sonoro e visual para acesso, procedendo-se depois a um aumento de importância até ao máximo da escala, e.g, vinculação de blogues e podcasts, fóruns e chats participados, conteúdo wiki criado e hiperlinks nos comentários, na medida em que aumentam a amplitude da participação e abrem o processo de produção noticiosa ao respectivo impacto. As diferentes intensidades das restantes marcadores decorrem do seu posicionamento intermédio (Quadro 43).

Quadro 43 Intensidade da importância dos marcadores

ACESSO/OBSERVAÇÃO	
MARCADORES	IMPORTÂNCIA
Conteúdo Escrito para Acesso	1
Conteúdo Multimédia para Acesso	1
Conteúdo Sonoro para Acesso	1
Conteúdo Visual para Acesso	1
Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso	2
Conteúdo Traduzido para Acesso	2
Podcast para Acesso	2
Entrevistas Assíncronas para Sugerir	3

SELECÇÃO/FILTRAGEM	
MARCADORES	IMPORTÂNCIA
Hiperlinks Relacionados dos Autores	5
Conteúdos para Avaliar/Classificar	5
Conteúdo para Arquivar	4
Conteúdo com Acesso Directo ao Autor	7
Conteúdo com Acesso Directo ao Jornal	7
Conteúdo com Acesso Directo ao Leitor	9

PROCESSAMENTO/EDIÇÃO	
MARCADORES	IMPORTÂNCIA
Blogues Vinculados	9
Podcasts Vinculados	9
Conteúdo Wiki Criado	9

DISTRIBUIÇÃO	
MARCADORES	IMPORTÂNCIA
Conteúdo para Partilhar	7

INTERPRETAÇÃO	
MARCADORES	IMPORTÂNCIA
Fóruns Participados	9
Chats Participados	9
Inquéritos/Sondagens Participados	7
Quizz Participados	5
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	9
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	9
Hiperlinks Introduzidos nos Chats	9

Fonte: Elaboração própria

A aplicação da Escala de Saaty permitiu classificar a importância da intensidade que viabiliza a construção do Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo, tendo também sido testadas outras representações visuais através do recurso à análise fatorial. A obtenção dessas correlações decorreu do cálculo da carga fatorial de cada marcador no seu posicionamento nos momentos específicos do processo de produção de informação (carga fatorial) e depois do cálculo da sua importância ponderada em todo o conjunto do processo (fator relativo) (Quadro 44).

Quadro 44 Modelo de avaliação de jornalismo participativo - Carga fatorial

ACESSO/OBSERVAÇÃO			
MARCADORES	INTENSIDADE DE IMPORTÂNCIA	CARGA FATORIAL	FATOR RELATIVO
Conteúdo Escrito para Acesso	1	0.125	0.0093
Conteúdo Multimédia para Acesso	1	0.125	0.0093
Conteúdo Sonoro para Acesso	1	0.125	0.0093
Conteúdo Visual para Acesso	1	0.125	0.0093
Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso	2	0.25	0.0185
Conteúdo Traduzido para Acesso	2	0.25	0.0185
Podcast para Acesso	2	0.25	0.0185
Entrevistas Assíncronas para Sugerir	3	0.375	0.0278

SELECÇÃO/FILTRAGEM			
MARCADORES	INTENSIDADE DE IMPORTÂNCIA	CARGA FATORIAL	FATOR RELATIVO
Hiperlinks Relacionados dos Autores	5	0.3125	0.0463
Conteúdos para Avaliar/Classificar	5	0.3125	0.0463
Conteúdo para Arquivar	4	0.125	0.0370

Conteúdo com Acesso Directo ao Autor	7	0.4375	0.0649
Conteúdo com Acesso Directo ao Jornal	7	0.4375	0.0649
Conteúdo com Acesso Directo ao Leitor	9	0.5625	0.0830

PROCESSAMENTO/EDIÇÃO

MARCADORES	INTENSIDADE DE IMPORTÂNCIA	CARGA FATORIAL	FATOR RELATIVO
Blogues Vinculados	9	0.3333	0.0830
Podcasts Vinculados	9	0.3333	0.0830
Conteúdo Wiki Criado	9	0.3333	0.0830

DISTRIBUIÇÃO

MARCADORES	INTENSIDADE DE IMPORTÂNCIA	CARGA FATORIAL	FATOR RELATIVO
Conteúdo para Partilhar	7	1.0	0.0649

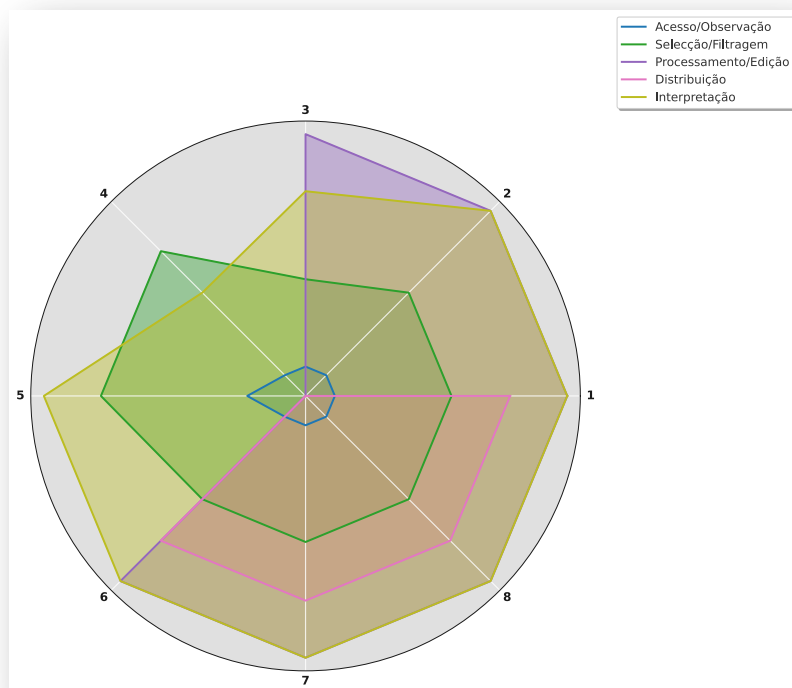
INTERPRETAÇÃO

MARCADORES	INTENSIDADE DE IMPORTÂNCIA	CARGA FATORIAL	FATOR RELATIVO
Fóruns Participados	9	0.225	0.0830
Chats Participados	9	0.225	0.0830
Inquéritos/Sondagens Participados	7	0.175	0.0649
Quizz Participados	5	0.125	0.0463
Comentários Introduzidos nos Conteúdos	9	0.225	0.0830
Hiperlinks Introduzidos nos Comentários	9	0.225	0.0830
Hiperlinks Introduzidos nos Chats	9	0.225	0.0830

Fonte: Elaboração própria

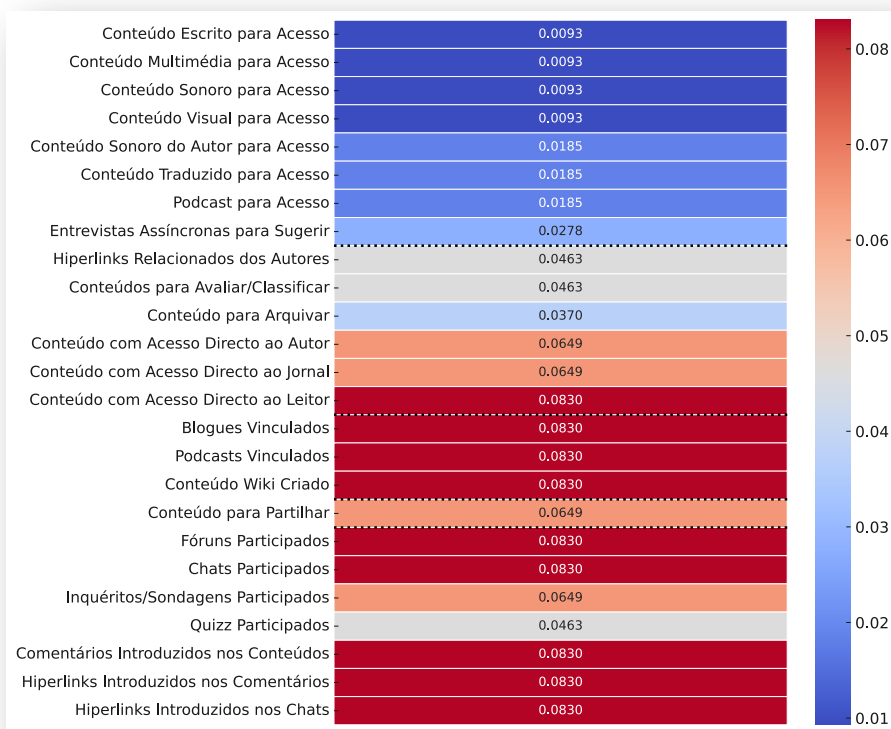
A exploração da análise fatorial permitiu gerar representações gráficas que ampliam as perceções sobre o alcance do próprio Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo. A primeira, baseada na magnitude de cada marcador em relação a um eixo radial constituído pelos momentos do processo jornalístico, tendo em vista gerar posicionamentos sobrepostos para identificar o perfil da sua importância (Fig.20). A segunda representação resulta da aplicação de uma *escala de calor* aos marcadores para aferir a respectiva intensidade nos diferentes momentos do mesmo processo de produção noticiosa (Fig.21).

Figura 20 Representação radial dos marcadores



Fonte: Elaboração própria

Figura 21 Representação de intensidade dos marcadores



Fonte: Elaboração própria

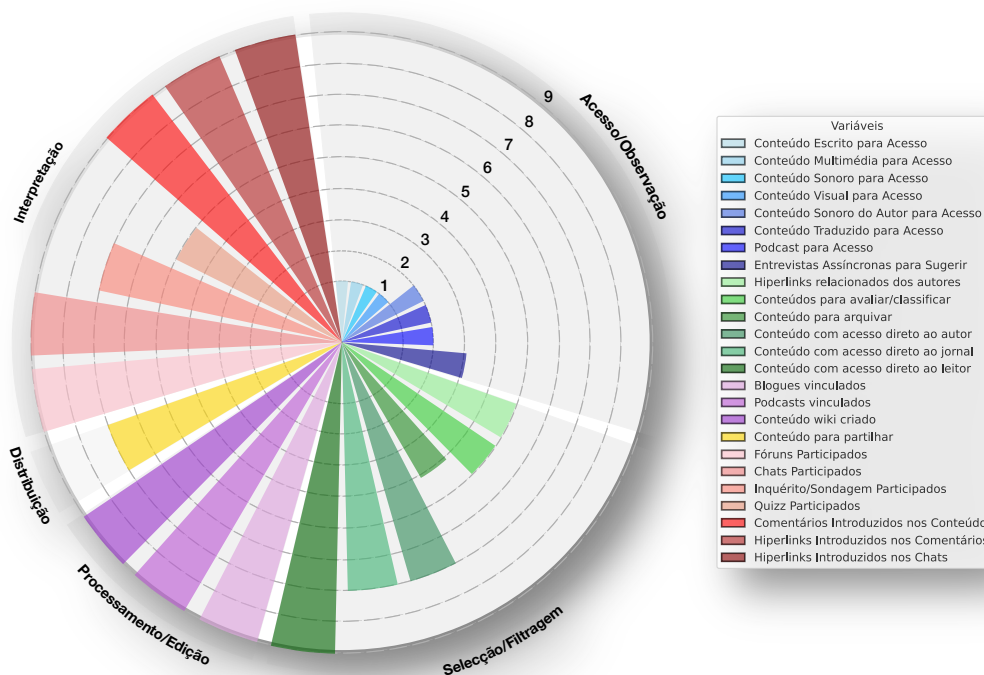
A utilização da análise fatorial tem sido explorada por outros autores neste campo de estudos, e.g., Deborah S. Chung começou por construir as suas variáveis através de inquérito e procedeu depois à análise da sua carga fatorial para categorizar os recursos interactivos (Chung, 2008).

O Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo que agora se apresenta resultou da conversão da escala de Saaty (1-9) para valorizar a importância relativa dos diferentes mecanismos e procedeu-se à estruturação modelar dos resultados da investigação para obter uma representação visual dessas relações através destes métodos de decisão multicritério:

“Be simple in construct; be adaptable to both groups and individuals; encourage compromise and consensus building; and not require inordinate specialization to master and communicate. In addition, the details of the processes leading up to the decision-making process should be easy to review” (Saaty, 1994, p.76).

Os marcadores encontram-se agrupados através da sua presença nos diferentes momentos do processo noticioso e dispostos em forma de leque para conferir a necessária dinâmica do contexto. O que permite estabelecer correlações entre intensidade da sua importância interactiva através de associações mensuráveis dentro do quadro do jornalismo participativo (Fig.22).

Figura 22 Modelo de avaliação de jornalismo participativo



Fonte: Elaboração própria

Esta construção permitiu projectar a investigação muito para lá das fronteiras definidas pelos resultados qualitativos e quantitativos obtidos com a análise dos conteúdos e as entrevistas. O Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo apresenta um carácter universal que viabiliza a utilização noutros *corpus* de análise e a sua natureza orgânica permite uma permanente melhoria através da introdução de novos marcadores resultantes da sua aplicação. O que viabiliza a sua consolidação como um instrumento operacional de medição neste campo de estudos e que poderá tornar-se efectivo após a necessária validação inerente à presente investigação.

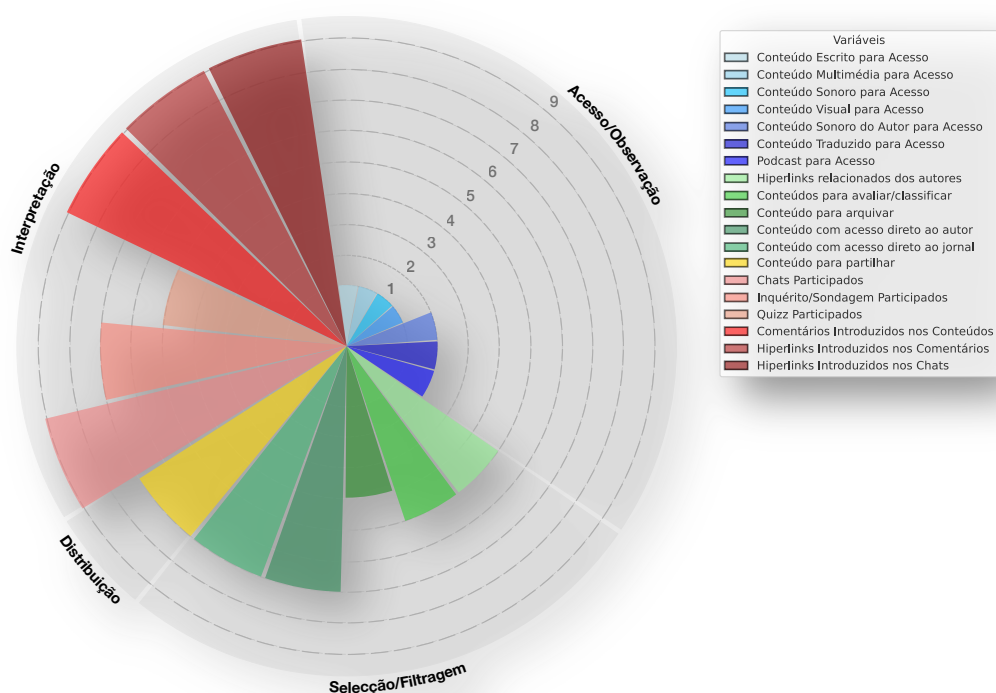
6.2 Aplicação do modelo

6.2.1 Avaliação de Jornalismo Participativo: *The Washington Post*

O jornal *The Washington Post* disponibiliza dezanove mecanismos de interactividade distribuídos por quase todo o processo de produção jornalística com excepção da fase Processamento/Edição. Na fase inicial, relativa à recolha de

informações para produzir notícias através de relatos de testemunhas e contribuições audiovisuais, apresenta particularidades inovadoras como Conteúdo Sonoro para Acesso, Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso e Podcast para Acesso; na fase da Selecção/Filtragem, quando são tomadas as decisões sobre o que deve ser publicado, o jornal disponibiliza Conteúdo com Acesso Directo tanto ao autor como ao jornal e consegue gerar um enorme fluxo participativo com os Hiperlinks Relacionados dos Autores; e no momento da Interpretação, quando a história é publicada e aberta para comentários e discussão, esse fluxo aumenta exponencialmente com os Comentários Introduzidos nos Conteúdos e nos Hiperlinks Introduzidos nos Comentários (Fig.23). Além da presença em quatro momentos do processo jornalístico e da variedade de mecanismos de interactividade, o jornal distingue-se pelas dinâmicas geradas na Intepretação por força da participação dos cidadãos.

Figura 23 Avaliação de Jornalismo Participativo: *The Washington Post*

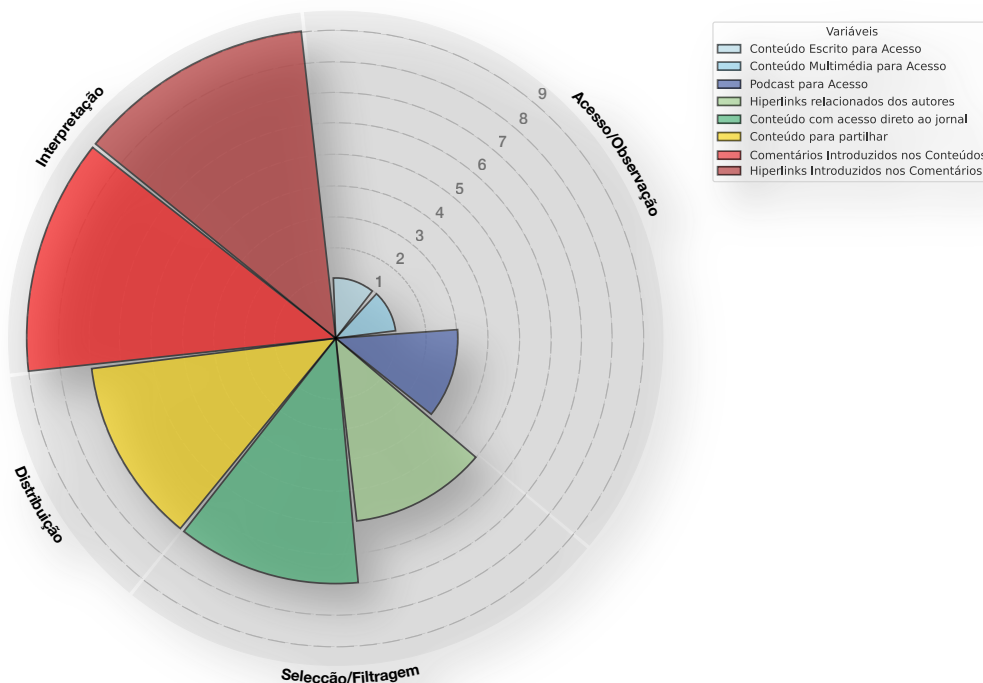


Fonte: Elaboração própria

6.2.2. Avaliação de Jornalismo Participativo: *National Post*

O jornal *National Post* disponibiliza nove mecanismos de interactividade, tal como no *The Washington Post*, distribuídos por quase todo o processo de produção jornalística com excepção da fase Processamento/Edição e com menor diversidade. Na fase inicial, relativa à recolha de informações para produzir notícias através de relatos de testemunhas e contribuições audiovisuais, foca-se no Conteúdo Escrito e Multimédia para Acesso e acompanha a particularidade inovadora do Podcast para Acesso; na fase da Selecção/Filtragem, quando são tomadas as decisões sobre o que deve ser publicado, disponibiliza Conteúdo com Acesso Directo tanto ao autor como ao jornal, e também consegue gerar dinâmica participativa com os Hiperlinks Relacionados dos Autores; por último, no momento da Interpretação, quando a história é publicada e aberta para comentários e discussão, o jornal capitaliza o aumento do fluxo através da concentração da interactividade nos Comentários Introduzidos nos Conteúdos e nos Hiperlinks Introduzidos nos Comentários (Fig.24).

Figura 24 Avaliação de Jornalismo Participativo: *National Post*

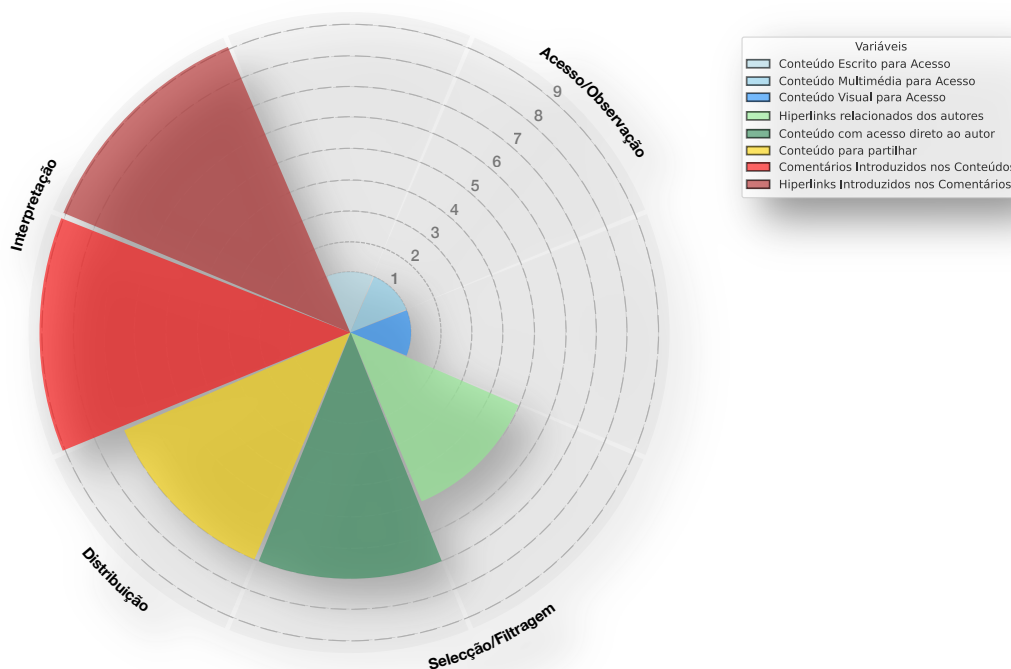


Fonte: Elaboração própria

6.2.3 Avaliação de Jornalismo Participativo: *The Guardian*

O jornal *The Guardian* disponibiliza 8 mecanismos de interactividade distribuídos, tal como os casos anteriores, por quase todo o processo de produção jornalística também com excepção da fase Processamento/Edição. Na fase inicial, relativa à recolha de informações para produzir notícias através de relatos de testemunhas e contribuições audiovisuais, o jornal disponibiliza Conteúdo Escrito, Multimédia e Visual para Acesso, mas sem integrar podcasts; na fase da Selecção/Filtragem, quando são tomadas as decisões sobre o que deve ser publicado, o jornal partilha Conteúdo com Acesso Directo apenas o autor ao jornal e a dinâmica participativa com os Hiperlinks Relacionados dos Autores apresenta-se comparativamente como muito moderada; por fim, no momento da Interpretação, quando a história é publicada e aberta para comentários e discussão, o jornal consegue beneficiar do fluxo gerado pela dinâmica concentrada dos Comentários Introduzidos nos Conteúdos e nos Hiperlinks Introduzidos nos Comentários (Fig.25).

Figura 25 Avaliação de Jornalismo Participativo: *The Guardian*



Fonte: Elaboração própria

6.2.4. Síntese da aplicação do Modelo

Tendo em consideração os resultados da investigação, a participação dos cidadãos nos jornais *The Washington Post*, *National Post* e *The Guardian* relevou-se inexistente no momento do processo de produção jornalística relativo ao Processamento/Edição e relativamente distribuída entre as restantes fases. A investigação não identificou as variáveis Conteúdo Wiki Criado, Blogues Vinculados e Podcasts Vinculados no *corpus* de análise relativamente à produção de conteúdos pelos cidadãos incorporados pelos jornais, mas os respectivos sites disponibilizam este tipo de conteúdos produzidos por jornalistas e/ou convidados.

Na fase de Acesso/Observação, a base participativa dos dois primeiros órgãos de informação começa por coincidir no Conteúdo Escrito para Acesso, Conteúdo Multimédia para Acesso e Podcasts para Acesso para depois *The Washington Post* alargar o horizonte participativo para Conteúdo Sonoro para Acesso, Conteúdo Visual para Acesso, Conteúdo Sonoro do Autor para Acesso e Conteúdo Traduzido para Acesso, variáveis resultantes da própria investigação. O *The Guardian* apresenta como particularidade a possibilidade de os cidadãos submeterem os seus próprios conteúdos escritos e visuais, sendo que a investigação identificou uma valorização jornalística através da sua incorporação como fontes de notícias e autores de conteúdos.

No momento da Selecção/Filtragem, todos os jornais disponibilizam Hiperlinks Relacionados dos Autores, Conteúdos com Acesso Directo ao Autor e Conteúdos com Acesso Directo ao Jornal, mas *The Washington Post* acrescenta Conteúdos para Avaliar/Classificar.

A interactividade na Distribuição começa por se verificar nos três jornais com a possibilidade Conteúdos para Partilhar.

Na fase da Interpretação encontra-se a dinâmica mais intensa e mais participada e, por conseguinte, onde se identifica um maior potencial para o processo jornalístico através dos mecanismos Inquéritos/Sondagens Participados, Comentários Introduzidos nos Conteúdos e Hiperlinks Introduzidos nos Comentários. Uma vez mais, *The Washington Post* aumenta a interactividade com Quizz Participados e Chats Participados.

Estas diferenças resultam da forma com os jornais organizam a participação dos cidadãos, na medida em que, enquanto o *National Post* procede à sua concentração numa dinâmica contínua designada NP Comment, a secção Opinon organizada pelo *The Washington Post* permite a participação nas Letters to the Editor, Guest Opinions, Editorials, Live Chats, Podcasts e Cartoons. Já o jornal *The Guardian* concentra a participação na secção Take Part para a submissão directa de conteúdos, ao mesmo tempo que fomenta os contributos através de cartas e dos comentários, deixando todo o restante site disponível para a interacção com os leitores. Neste caso concreto, importa destacar a abordagem directa aos cidadãos para que submetam os seus conteúdos em espaços comunitários participativos, na medida em que viabilizam a sua constituição como fontes de notícias e como autores de conteúdos de carácter informativo (Quadro 31, Quadro 32 e Quadro 33). O facto de se tratarem de temas considerados de baixa intensidade informativa (Quadro 30) reflecte o reduzido impacto da participação apesar dos incentivos igualmente questionáveis, como a atribuição de prémios em formato de vouchers – aliás, o carácter experiencial da participação encontra-se configurado como uma categoria (tipster). O que permite remeter o debate para as potencialidades de uma mediação visível e permanente como dinâmica de conversação e de participação a ter em consideração.

A presente investigação centra-se nos conteúdos existentes no site dos jornais, mas importa registar a considerável dinâmica interactividade gerada com as diferentes redes sociais e as respectivas aplicações móveis, onde se encontram mecanismos de interactividade e portas de entrada participativas dispersas que consolidam o posicionamento global relativamente ao jornalismo participativo. Para além das fronteiras dessas secções específicas, os jornais produzem conteúdos interactivos que podem incluir visualização de dados e mapas interactivos para manipular diferentes cenários com os dados²⁶⁴, vídeos explicativos²⁶⁵ e vídeos que oferecem perspectivas complementares baseados no storytelling nas reportagens (Long Reads).²⁶⁶

O acesso directo aos autores dos conteúdos reforça esse esforço de proximidade e permite que o envolvimento através das redes sociais construa camadas adicionais de

²⁶⁴ <https://flo.uri.sh/visualisation/16068976/embed>

²⁶⁵ <https://financialpost.com/news/economy/bank-of-canada-cut-interest-rates-deeper-faster>

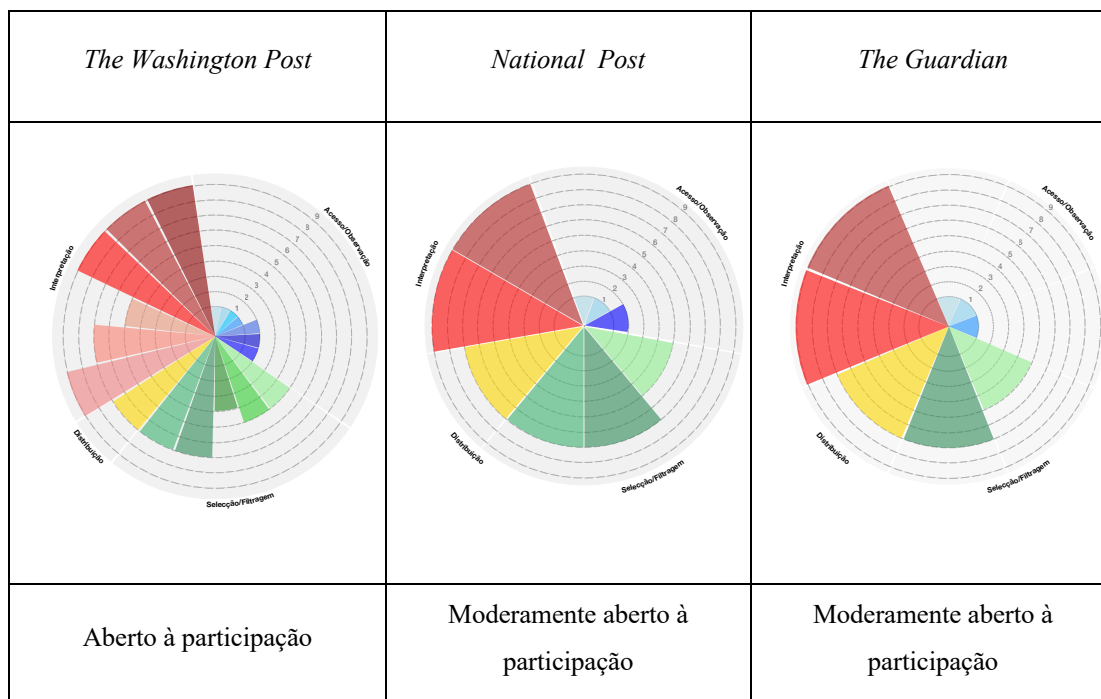
²⁶⁶ <https://nationalpost.com/news/canada/predicted-but-unseen-these-cannibal-stars-illuminate-an-astronomical-mystery>

conversaço que se propagam como as ondulaço es superficiais provocadas por uma pedra quando lançada à água.

O recurso pontual aos inquéritos e sondagens pretende captar a atenço dos cidadões e promover a sua participaçõ através da expressõ de opiniões directas que se constituem por si prõprias como determinada perspectiva ou fornecem dados para posterior ediçõ jornalística. A possibilidade de aceder a conteúdos personalizados reflecte um posicionamento passivo do cidadõ, mas os caminhos abertos pelos hiperlinks disponibilizados pelos autores permite a procura de caminhos interpretativos eventualmente diferentes.

Nesse sentido, a aplicaçõ do Modelo de Avaliaçõ de Jornalismo Participativo permite classificar o jornal *The Washington Post* como aberto à participaçõ e os jornais *National Post* e *National Post* como moderadamente abertos à participaçõ, mas reconhecendo em todos os casos potencialidade e abertura para aprofundar estes territórios de compromisso com a cidadania, tendo em vista contribuir para a melhoria dos espaços pú blicos e, conseqüentemente, para a melhoria das democracias (Fig.26).

Figura 26 Avaliação de Jornalismo Participativo: comparativo



Fonte: Elaboração própria

7. Manual de Práticas Participativas: princípios organizadores

A aplicação do Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo nos resultados da investigação permite apresentar uma síntese qualitativa da respectiva abertura ao envolvimento dos cidadãos e introduzir sugestões concretas orientadas para a contribuição, moderação, conversação e interação (Fig.27). As sugestões têm como propósito contribuir um território de compromisso entre jornalistas e cidadãos e dessa relação resulta a necessidade de tornar a participação claramente distintiva através da possibilidade de rastreamento de todo o ciclo de vida da contribuição (Quadro 45).

Figura 27 Princípios organizadores



Fonte: Elaboração própria

Quadro 45 Manual de Práticas Participativas

<p>CONTRIBUIÇÃO</p>
<p>Os cidadãos podem comentar diferentes géneros e formatos disponibilizados pelos jornais e podem contribuir com os seus próprios conteúdos por sua iniciativa ou por solicitação dos jornalistas.</p>
<p>Podem ser explorados novos formatos digitais produzidos pelos jornalistas para serem abertos à participação dos leitores, e.g., transformando as entrevistas assíncronas para solicitação de perguntas em entrevistas síncronas abrindo o contacto directo do cidadão com o entrevistado (sob vigilância jornalística); recorrendo às estratégias de storytelling que permitam escolher diferentes formas de exploração da notícia e dos respectivos ângulos (<i>choose your story</i>); desenvolvendo um <i>chatbot</i> para ir respondendo a perguntas adicionais; introduzindo dispositivos de conversação conhecidos (chats e fóruns) dentro de formatos existentes, adicionando assim mais camadas narrativas Estes caminhos devem ser orientados pelo incentivo do contributo e pelo princípio da conversação.</p>
<p>MODERAÇÃO</p>
<p>Os comentários e os contributos participativos abrem novas perspectivas de debate e sugestões para novas notícias ou calibração dos ângulos de abordagem.</p>
<p>Preservando a eficácia da moderação automatizada por algoritmos para despistagem de comentários manifestamente desrespeitadores de códigos de conduta previamente divulgados, importaria introduzir algum tipo de intervenção editorial que tornasse a moderação visível e transparente, e.g., aperfeiçoando o processo de destaque/hierarquização dos comentários com um “selo de avaliação” onde constasse o nome do <i>jornalista avaliador</i>; envio de notificações com notas que valorizassem a participação através da explicação da decisão editorial ou solicitando o seu desenvolvimento.</p>

CONVERSAÇÃO

Não se identificou a presença de jornalistas nas relações directas com os cidadãos. Trata-se da principal lacuna editorial resultante da aplicação do Modelo de Avaliação de Jornalismo Participativo, embora a ideia esteja presente sob diferentes formas, e.g., os comentários do jornal *The Washington Post* formulados como “join the conversation” entre leitores, mas sem mediação jornalística visível, isto é, de difícil escrutínio entre o que se permite publicar e o que se retira.

Esta realidade pode ser modificada através da criação de novas funções jornalísticas, e.g., *jornalista moderador*, responsável por hierarquizar as conversas (comentários, fóruns, chats), perguntando, respondendo, destacando ou introduzindo nova informação; *jornalista factchecker*, responsável pela verificação dos factos introduzidos pelos leitores em conversas relevantes. A criação de novas funções editoriais específicas poderá ter consideráveis vantagens na gestão dos contributos dos cidadãos, tendo em vista aumentar a participação por via da conversação, adicionando ainda caixas de conversação directas com esses *jornalistas conversadores* (mais do que gestores de comunidade).

INTERACÇÃO

Os jornais analisados permitem ligações para notícias próprias, para outras notícias e para sites com informação adicional e conseguem gerar enormes fluxos participativos com os comentários dos cidadãos e, acima de tudo, através da introdução de hiperlinks nesses mesmos comentários. A disponibilização dos contactos dos jornalistas contribui para a desejada proximidade, bem como as ligações para as respectivas redes sociais, na medida em que oferecem consideráveis vantagens ao potenciarem novas audiências através da interligação de diferentes contextos comunicativos.

As redacções poderão criar equipas permanentes de inovação, mas incluindo profissionais não-jornalistas para que o estudo de soluções jornalísticas baseadas na interactividade possa partir de uma realidade especulativa; a evolução dos podcasts produzidos pelos jornais poderia passar pela aceitação tanto da sua vinculação como de blogues; os modelos existentes de perfil e histórico do utilizador podem associar ligações directas às redes sociais dos cidadãos interrelacionando diferentes ecossistemas comunicativos para aumentar audiências; a inclusão de jogos tipo quiz existentes pode evoluir para uma linha de gamificação que explore novas formas de proceder à sua inclusão no conteúdo jornalístico (no limite do género?); os conteúdos escritos poderão ser desenvolvidos com *software* que permita seleccionar ideias e depois gerar quadros comparativos de argumentos; o volume dos hiperlinks introduzidos pelos autores e pelos leitores gera dinâmicas muito significativas e seria útil criar algum tipo de filtro para a qualidade e quantidade desses contributos directos.

Fonte: Elaboração própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projecto de investigação desenvolveu-se entre Setembro de 2020 e Fevereiro de 2025 a partir da constatação do refluxo da importância do jornalismo na intermediação dos espaços públicos em resultado da perda do monopólio na recolha, edição e difusão de informação nas dinâmicas aceleradas da digitalização. O enfraquecimento desse escrutínio e do poder da intermediação profissional orientado pelo interesse geral acelerou-se (e continuar a acelerar) com a reconfiguração dos espaços públicos em bolhas digitais impermeáveis ao pluralismo e resistentes aos factos. O inevitável impacto na qualidade das democracias provoca a erosão do debate e alimenta ambientes marcados pela intolerância decorrente da diluição das fronteiras entre o verdadeiro e o falso (Ash, 2017; Kakutani, 2018; Innerarity, 2019; Han, 2022).

O início da formulação desta realidade mediática levou os jornalistas a reposicionarem-se cautelosamente diante das crescentes ambições participativas dos cidadãos, mas a adaptação à realidade revelou-se quase sempre lenta e pouco convicta do seu valor intrínseco, ou por força de uma certa predisposição conservadora, ou devido às fronteiras éticas e deontológicas da profissão. O jornalismo público surgiu dessa necessidade e começou por se configurar como um movimento social de abertura aos cidadãos com especial relevância nos jornais norte-americanos (Schudson, 1999). Tratava-se de ouvir para dar voz através da configuração de um compromisso cívico (Merritt, 1988; Charity 1995; Rosen 2008) que acabou condenado ao fracasso na ausência de manifesta e genuína predisposição (necessidade) de mudança (Min, 2015).

O impulso seguinte transformou o debate num conflito musculado assente na desprofissionalização do jornalismo e na sua submissão aos especialistas do quotidiano (Kristensen, 2015). O que gerou ideias fragmentárias como *contra-jornalistas* ou *pós-jornalistas* num cenário caótico que passou a ser disputado entre *jornalistas-alternativos* e *jornalistas-institucionais* (Örnebring, 2013; Lyons, 2015). O rótulo morreu (Nip, 2008) porque este ilusório *jornalismo cidadão* acabou por desabar como uma estrela desaba sobre si própria e se transforma num buraco negro, mas as questões não resolvidas pelo jornalismo público mantiveram-se porque as audiências haviam deixado de ser irreversivelmente passivas (Bruns, 2005).

As décadas seguintes revelaram esforços continuados para integrar a participação amadora no processo jornalístico profissional através da produção de conteúdos próprios (Bowman & Willis, 2003) e proporcionaram o surgimento de experiências virtuosas como UGC em contexto jornalístico (Jönsson & Örnebring, 2011). O seu valor revelou-se particularmente relevante em contextos de fragmentação informativa que podiam beneficiar das perspectivas destas “outras vozes” (Alan, 2013), mas as iniciativas concretas desenvolvidas por alguns órgãos de comunicação social acabaram por transformar o potencial participativo em valor residual. O que parece constituir-se como uma linha de continuidade nesta dinâmica decorrente da “arrogância” dos jornalistas (Altschull, 1996). Experiências como o jornalismo de carácter local preservam as suas virtudes como comunidades interpretativas (Berkowitz & TerKeurst, 1999), porque viabilizam a partilha de significados simbólicos baseados na cooperação entre jornalistas e cidadãos (Lowrey et al., 2008; Howley, 2013), mas o confinamento nestas fronteiras acabou por forçar a sua transformação em hiperlocalismo e consequente redução da relevância noticiosa (Hart, 2017).

A regulação ética e deontológica do jornalismo exige a preservação dos poderes de edição e os sucessivos ciclos de vida das experiências de participação acabam por ser estrangulados pela ausência de engajamento (Radcliffe, 2024). Esta ideia como conceito normativo ambiciona encontrar um equilíbrio entre a ideologia do profissionalismo (controlo jornalístico) e ideologia da participação desprofissionalizada (Lewis, 2012), tendo como base o reconhecimento das vantagens da reciprocidade sustentada e dos benefícios mútuos (Coddington et al., 2013) para construir uma relação de confiança (Green-Barber, 2018).

O envolvimento dos cidadãos (o lugar do leitor) assenta em atitudes individuais e organizacionais que podem reconhecer a sua relevância através da identificação de convergências para evitar as discrepâncias entre aquilo que os jornalistas relatam e os interesses dos cidadãos (Brannock & Poepsel, 2020) através do recurso a métricas de escuta activa (Wenzel & Nelson, 2020). Este esforço para restaurar a confiança preserva a dimensão democratizadora do jornalismo público (Min, 2020) e define pontos de convergência no processo de produção noticiosa através da integração da interactividade, mas encontra-se igualmente remetido para o hiperlocalismo das comunidades sub-representadas (Brannock & Poepsel, 2020).

Os sucessivos fluxos e refluxos das dinâmicas participativas contribuíram para o ambiente de tensão identificado por inúmeros investigadores, tendo em conta dimensões teóricas resultantes do excesso de categorias (Abbott, 2016); constrangimentos profissionais que emanam da imutabilidade do controlo jornalístico (Gillmor, 2006; Domingo, 2008; Shirky, 2008; Briggs, 2010; Lewis, 2012), se quisermos, do seu tradicionalismo cauteloso (Chung, 2007); e do aceleração da realidade mediática impulsionado pelo surgimento de novos contextos e novos comunicadores que acentuam o enfraquecimento da mediação jornalística (Seib, 2022). Uma tensão que haveria de culminar com a publicação de manifestos a exigirem aos jornalistas uma reinvenção do jornalismo e até de si próprios (Anderson et al., 2022).

Uma insistência da formulação do problema nestes exactos termos de exclusão entre as partes produzirá necessariamente os mesmos resultados e contribuirá essencialmente para adicionar novas camadas narrativas a um quadro conceptual exausto e propenso a gerar mais tensão. A presente investigação posicionou-se na procura do potencial não realizado das diferentes experiências do passado e focou-se na procura das possibilidades que podem resultar da inovação resultante da interactividade e das virtudes do jornalismo participativo para superar estrangulamentos e contribuir para a qualidade das democracias. Por outro palavras, procuramos o uso público da razão kantiana na configuração das esferas públicas (Habermas) através do diálogo, da reciprocidade e da interactividade enquanto essência da democracia participativa (Holt & Karlsson, 2011).

É neste contexto que se procede à identificação de novos caminhos para o jornalismo explorar na recuperação da sua relevância social, tendo por base uma reaproximação aos cidadãos. Não se trata de reconquistar audiências e receitas para salvar a indústria (Engelke, 2019), mas de construir territórios partilhados que permitam aos cidadãos participar no processo de construção de notícias e reforçar a qualidade dos debates públicos através da multiplicação de perspectivas. Por outras palavras, a construção de uma cultura participativa assente na cidadania activa (Fiedler, 2009; Brock, 2013) e no reconhecimento do ideal deliberativo (Jenkins, 2008; Reich, 2011) enquanto discussão pública informada e vocacionada para a construção de consensos (Min, 2016). O que representa uma valorização dos processos democráticos (Habermas, 1997) decorrentes da conversação e da moderação jornalística através da

interactividade como processo dinâmico de colaboração que viabiliza a modificação das mensagens através das escolhas e produz relações baseadas na construção social da realidade enquanto princípio organizador do “jornalismo conversacional”, ou seja, transformar-se mais em “conversationalness” (Marchionni, 2014) e menos em palestra (Gilmor, 2004; Kunelius 2011). Trata-se de uma relação dialógica que proporciona uma troca comunicativa em termos de reciprocidade que pode atingir níveis de participação configurados em interactividade substantiva para produzir enunciados através de conteúdo original.

Os resultados da investigação revelam que os cidadãos podem comentar diferentes géneros e formatos disponibilizados pelos jornais e também contribuir com conteúdos por sua iniciativa ou por solicitação dos jornalistas. Contudo, existem vastos territórios por explorar através da hibridização e da inovação, de onde resultam os géneros e os formatos como actos de comunicação relativamente estáveis e ao mesmo tempo geradores de mudança, seja por via da extinção por desuso; da repetição, adicionando, assim, mais camadas narrativas; ou da criação inovadora. A participação deve estar orientada pelo princípio da solicitação e o incentivo do contributo.

Os comentários abertos aos cidadãos encontram-se moderados por diferentes regras participativas que pretendem evitar aquilo que o jornalista John Ivison genericamente identifica como “mob mentality” para se referir à capacidade destrutiva e tóxica das multidões, mas esta participação pode produzir novas perspectivas de debate e sugestões para novas notícias ou calibração dos ângulos de abordagem de notícias já publicadas. Os hiperlinks introduzidos pelos cidadãos constituem um exemplo claro dessa capacidade, mas a sua adopção como prática participativa orgânica exige intervenção editorial visível e transparente (jornalista avaliador).

As dinâmicas de conversação encontram-se genericamente ausentes dos casos estudados e poderiam ser reinterpretadas no quadro do jornalismo participativo através da criação de novas funções editoriais (jornalista moderador e jornalista factchecker) para hierarquizar as participações, verificar factos e gerar mais envolvimento através da conversação directa com as comunidades mutuamente identificadas (Bowman & Willis, 2003; Bruns, 2008; Paulussen & D’heer, 2013) através de uma relação dialógica e recíproca (Rost, 2007; Marchionni, 2013).

Esta procura pela interacção encontra-se necessariamente limitada pelas dimensões éticas e deontológicas genericamente reveladas pelas entrevistas com os jornalistas, mas os resultados confirmam o potencial de mecanismos de proximidade como os fóruns de debate, o envolvimento na participação de entrevistas, a integração de conteúdos produzidos pelos cidadãos em notícias, a disponibilização dos contactos dos jornalistas e das ligações para as respectivas redes sociais. O que antecipa a capacidade de gerar mais fluxos através da aceitação de ligações directas às redes sociais dos cidadãos e vinculação dos seus podcasts e blogs para interrelacionar diferentes ecossistemas comunicativos e permutar audiências.

Os jornalistas manifestam-se genericamente abertos à participação dos cidadãos nas suas notícias e recorrem aos seus contributos como fontes complementares e/ou especializadas, dependendo da sua representatividade e oportunidade informativa. Coincidem também na opinião de que o potencial participativo continua por explorar em termos de interactividade, mas manifestam reservas à total abertura do processo de produção noticiosa; seja por atitude de fechamento (*shovel ware*); por não reconhecimento da adequação dos contributos e do volume de trabalho associado; ou como consequência do quadro da regulação decorrente das suas obrigações éticas e deontológicas. Contudo, não deixam de reconhecer que se trata de uma dinâmica em curso e que a mudança produzirá necessariamente novos relacionamentos.

Os mecanismos de internactividade devem permitir que os cidadãos tenham um papel activo no processo de construção da notícia, mas acautelando que tanto a conversação como a interactividade se venham a constituir como uma nova mitologia que se apresente como panaceia para salvar o jornalismo e a democracia (Mosco, 2004). Não sendo a alma da democracia (Schudson, 1997), a conversação e a deliberação preservam a sua essência como prática, método e metáfora (Kunelius, 2001), ou seja, trata-se de explorar o potencial agregado e complementar da participação, conversação, moderação e interactividade configurado como “poder deliberativo”.

As dinâmicas configuradas através da interactividade representam a aceitação da reciprocidade na construção da realidade social partilhada (Mäkinen, 2006; Coddington et al., 2014). O que passa tanto pela disponibilização de diferentes mecanismos de interactividade como pela aceitação do seu impacto na modificação da notícia, no sentido de se constituir como um princípio organizador do jornalismo

conversacional. O potencial transformador do jornalismo participativo encontra-se nas possibilidades tecnológicas da interactividade através da integração das perspectivas dos cidadãos no processo jornalístico e no reconhecimento de algum tipo de impacto no processo produtivo. Um compromisso que preserve a evidência de que os cidadãos não produzem jornalismo (Abbott, 2017), mas ao mesmo tempo que lhes permita tomar parte do processo de criação e selecção das notícias (Abadal & Guallar, 2010; Rost, 2014). Desta forma, a sua intervenção concreta corresponde a uma interactividade produtiva (Suapa & Massip, 2011) com impacto no processo de comunicação através da aplicação de múltiplos mecanismos de interactividade que reconhecem um papel de receptor e produtor interactivo de conteúdos (Rost, 2014; Jönsson & Örnebring, 2018).

Esta mudança de paradigma pode atingir um nível de participação que se traduza na configuração dos cidadãos como contribuintes estruturados com impacto em todos os momentos da produção noticiosa (Peters & Witschge, 2014), mas sempre evitando a formulação destas “tecnologias da liberdade” com uma solução utópica que depois se venha a transformar em desilusão (Katz, 2005; Domingo, 2008; Karlsson et al., 2005). Trata-se de construir um novo tipo de relação dentro de um quadro multidimensional intrínseco ao *medium* e que se define através das práticas jornalísticas que integram a participação dos cidadãos nas decisões editoriais. A ideia da interactividade como um *hub* de múltiplos relacionamentos permite reaproximar os cidadãos do jornalismo e recentrar a profissão na sua lógica original de serviço público e de diálogo permanente.

Trata-se de estruturar esta cultura participativa emergente num modelo de comunicação que possa acolher tanto respostas às expectativas das “vozes não jornalísticas” como proceder à exploração das “novas oportunidades” resultantes da inovação tecnológica. O que passará necessariamente pela definição de novas fronteiras, não como uma quebra daquilo que resiste, mas como uma força para moldar uma nova dinâmica baseada na interacção e na inovação (e até no conflito) (Turner, 1893²⁶⁷). É neste sentido que interpretamos a superação das fronteiras naturais do jornalismo como um espaço de transformação, dito de outra forma, uma apoptose que permita o desenvolvimento programado sem desordens ou inflamações fatais.

²⁶⁷ Recuperado de <https://nationalhumanitiescenter.org/pds/gilded/empire/text1/turner.pdf>, consultado em 2 de Janeiro de 2025.

O jornalismo participativo pode assim constituir-se como uma aliança entre a força da cidadania e o jornalismo rigoroso, livre e plural, e contribuir activamente para a melhoria da qualidade das democracias, isto é, talvez possamos encontrar no *Paraíso* de Dante alguma orientação cósmica para definir uma base genuína de cooperação através do reconhecimento de que, tanto quanto as esferas celestes que representam o Universo circundam e são simultaneamente circundadas, também o jornalismo circunda os cidadãos sendo ao mesmo tempo por eles circundados.

ANEXOS

Quadro 46 Categorias e conceitos

Engage * Improve * Help * Support * Defend * Citizen Perspective * Connect to Community * Commitment * Public Deliberation * Shape News Agenda * Ordinary People Voice * Public Understanding * Citizen Deliberation * Accessible * Community * Empowered		Collaboration * Sharing * Convergence * Participate * Contribution Solicited * Working Together * Different Contributors * Interaction * Engagement * Journalists major role * Evolved		Journalists not evolved * Amateurs opposed to professionals * Bystanders at the right time * Participating in the agenda-setting process * Transparency and Interactivity * Unofficial sources * Provide a voice * Active role * Anyone to make the news * Ordinary Users * Active Role * News produced by amateurs * Ordinary citizen to play an active or integral role	
PUBLIC JOURNALISM		PARTICIPATORY JOURNALISM		CITIZEN JOURNALISM	
(...) A journalistic movement whose primary goals are to increase civic commitment to and citizen participation in democratic processes.	The ultimate goal of public journalism is to influence the civic attitudes and behaviors of news audiences.	Networked journalism takes into account the collaborative nature of journalism now: professionals and amateurs working together to get the real story, hiperlinking to each other across brands and old boundaries to share facts, questions, answers, ideas, perspectives . It recognizes the complex relationships that will make news. And it focuses on the process more than the product.	News users could participate in the news making ways, but in the recent development, participatory journalism takes the form of the news users generating content, more or less independently of the professionals, whereas the professionals generate some other content, and also produce, publish and market the whole news product. User contribution is solicited within a frame designed by professionals (...) User contribution is solicited within a frame designed by the professionals.	The act of a citizen, or group of citizens, playing an active role in the process of collecting, reporting, analysing, and disseminating news and information.	The ability of anyone to make the news will give new voice to people who's felt voiceless - and whose words we need to hear. They are showing all of us - citizen, journalist, newsmaker - new ways of talking, of learning.

Massey & Haas, 2002, p.572	Massey & Haas, 2002, p.569	Jarvis, 2006, consultado em 30-11-2020	Nip, 2006, p.12	Bowman & Willis, 2003, p.9	Gillmor, 2004, p. XVIII
<p>Public journalism has three main goals: to connect to the community; to engage individuals as citizens; and to help public deliberation in search for solutions.</p>	<p>Listening to the public to help shape the news agenda; Giving ordinary people a voice; Covering stories in a way that facilitates public understanding and simulates citizen deliberation of the problems behind the stories; Presenting news to make it more accessible and easier for people to engage in the issues; Engaging the community in problem solving; Maximizing the impact of the coverage in the community.</p>	<p>The twin or two-tiered developments of participatory news are part of a convergence process: a convergence between top-down and bottom-up journalism. Such convergence is driven both by commercial pressures on existing news organizations to arrest their decline in audience numbers, and by the sedimentations of participatory journalism projects as serious alternatives to the established news industry.</p>	<p>A very flexible process defined by different roles of content contributors and managers in different stages of the news production process.</p>	<p>Where the people are responsible for gathering content, visioning, producing and publishing the news product, I call citizen journalism. In this model, professionals are not involved at all (unless in the capacity of citizens but not as paid employees).</p>	<p>The inclusion of unofficial sources by citizen journalists may be a reflection of intimate knowledge of community residents. A traditional journalist's coverage area is much larger, making it more difficult to find sources to represent issues at a more personal level. Online citizen journalist's circle of potential sources is likely smaller, which increases the likelihood that they know someone in an unofficial capacity to represent an issue.</p>
Nip, 2006, p.6	Nip, 2008, p. 180	Deuze et al., 2007, p. 324	Domingo et. al., 2008, p.327	Nip, 2006, p.14	Carpenter, 2008, p.541
<p>Public journalism influenced the journalists professional self-image so that they</p>	<p>One of the axioms of public journalism is that the public should be involved in setting the</p>	<p>The people formerly known as the audience [Jay Rosen] actively contribute to journalism</p>	<p>(...) A form of journalism in which users and professionals both generate content, but the professionals solicit user</p>	<p>The people formerly known as the audience.</p>	<p>'Citizen journalism' refers to a range of web-based practices whereby 'ordinary'</p>

<p>positioned themselves on the same side as the public. Here journalists did not consider themselves as reporters that should, from an arm's-length distance, perform their public service to a receiving mass (...) journalists also 'helped' and 'supported' the public as citizens, and even 'defended' them'.</p>	<p>news agenda, issue selections, and overall establishing a citizens perspective.</p>	<p>by submitting texts, images and film or by interacting with news in various ways like, for example commenting or recommending it to others.</p>	<p>contributions within a framework that they design.</p>		<p>users engage in journalistic practices. Citizen journalism includes practices such as current affairs-based blogging, photo and video sharing, and posting eyewitness commentary on current events. Sometimes the term is used quite broadly to include activities such as re-posting, hiperlinking, 'tagging' (labeling wiht keywords), rating, modifying or commenting upon news materials posted by others users or by professional ews outlets, whereby citizens participate in the news process whithout necessarily acting as 'content creators'.</p>
<p>Ahva, 2013, pp.790-806</p>	<p>Hermans, 2014, pp. 642-654</p>	<p>Holt & Karlsson, 2011, p.23</p>	<p>Karlsson, 2010, p. 69</p>	<p>Rosen, 2008, http://archive.pr.essthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html, consultado em 28-12-2020</p>	<p>Goode, 2009, p.1293</p>
<p>(Also called civic journalism)</p>	<p>Encouraging citizens to solve</p>	<p>Participation (...) is a function of</p>	<p>A collective action of audiences</p>	<p>(...) A conversation with citizens</p>	<p>Bystanders at the right time and place</p>

refers to a kind of news reporting that empowered citizens to collectively identify, engage, and improve important public issues.	problems and with empowering them to help decide what information, ideas, and discussions to report.	<i>individual</i> agency engaged to address <i>collective</i> concerns, using the mix of motivations and affordances of digital cultures and technologies to solve group problems ...) I put special emphasis here on engagement , as a normative concept.	working with professional journalists in the news production process.	that encourages them to take an active role in news processes.	forward mobile phone footage, pictures and tweets to institutionalise d media or online platforms from here they are picked up by mainstream media.
Abbott, 2016, p.1	Abbott, 2016, p.5	Lewis, 2012, p.848	Hellmueller & Li, 2014, p.4	Hermida et al., 2011, p.143	Blaagaard, 2013, p.194
		Participatory journalism is power .	(...) 'Reciprocal' journalism, which promised 'a process of audiences participating with journalists and with each other in creating news and building community around news.	There is a commonly shared core of the term: it refers to news produced by amateurs as opposed to professionals .	This study has demonstrated how social media have many virtues: they provide a voice for those who may have not other way of reaching a wider audience.
		Karlsson et al, 2015, p.297	Lawrence et al., 2017, p. 3	Örnebring, 2013, p.36	Ali & Fahmy, 2013, p.60
		Emerging practices and understandings of 'engagement' can be likened to earlier notions of 'participatory' journalism	The key distinction to participatory journalism for most scholars, then, has been the professional journalists continue to play a major role in news production	Citizen journalism invokes the ordinary citizen to play an active or integral role in collecting and disseminating news through a variety of	Citizen journalism, in particular, is an evolving collective mind grounded on transparency and interactivity . Imposing traditional news criteria

		and 'reciprocal' journalism, which promised 'a process of audiences participating with journalists and with each other in creating news and building community around news'.	and/or dissemination.	media platforms.	such as objectivity on citizen journalism is futile.
		Lawrence et al., 2017, pp. 1221-1222	Abbott, 2017, p.6	Ali & Fahmy, 2013, p.57	Min, 2016, pp.8-9
		(...) Attitudes and behaviors regarding reciprocity play a significant role in explaining the degree to which journalists are open to engaging with audiences in participatory ways	Participatory journalism has been anticipated as a form of journalism in which the audience no longer 'merely' receives news, but, enabled by digital technologies, is involved in its productions and disseminations (...) participatory news environments can be considered places of 'boundary work', where the boundaries of conventional journalism are challenged (...) The potential rise of the audience as producers of news challenges journalism to rethink its		

			<p>professional identity, conventional understandings of its function in society and key principles - such as objectivity and diversity - that are conventionally associated with professional journalistic quality.</p>		
		<p>Coddington, 2018, p.9</p>	<p>Borger et al., 2016, p.445</p>		

Fonte: Elaboração própria

REFERÊNCIAS

- Abadal, E., Guallar, J. (2010). *Prensa digital y bibliotecas*. Gijón: Ediciones Trea.
- Abbott, J. (2017). Tensions in the scholarship on participatory journalism and citizen journalism. *Annals of the International Communication Association*, 41(3-4), 278-297. <https://doi.org/10.1080/23808985.2017.1350927>
- Agnès, Y. (2002). *Manuel de journalisme. Écrire pour le journal*. Paris: La Découverte & Syros.
- Ahva, L. (2013). Public journalism and professional reflexivity. *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, 14(6), 790-806. [https://doi.org/DOI: 10.1177/1464884912455895](https://doi.org/10.1177/1464884912455895)
- Alan, S. (2013). *Citizen witnessing – Key concepts in journalism*. Cambridge: Polity Press.
- Ali, S., & Shahira, S.F. (2013). Gatekeeping and citizen journalism: The use of social media during the recent uprisings in Iran, Egypt, and Libya. *Media, War & Conflict*, 6(1), 55-69. <https://10.1177/1750635212469906>
- Altschull, J. H. (1996). “A crisis of conscience: Is community journalism the answer?”. *Journal of Mass Media Ethics*, 11(3), 166–172. https://doi.org/10.1207/s15327728jmme1103_5
- Alves, R.C. (2006), “Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua”, *Comunicação e Sociedade*, (9)10, 93-102. [https://doi.org/10.17231/comsoc.9\(2006\).1157](https://doi.org/10.17231/comsoc.9(2006).1157)
- Anderson, C.W., Zelizer, B., & Bovzkowski, P.J. (2022). *The Journalism Manifesto*. Cambridge: Polity Press.
- Anselmino, N.R. (2012), Los espacios de intervención y participación del lector: clasificación y disposiciones. Em *A prensa online y su público - Un estudio de los*

espacios de intervención y participación del lector en Clarín y la Nación (pp.127-188). Teseo.

Armentia Vizuela, & J.I., Caminos Marcet, J.M. (2008). *Fundamentos de periodismo impreso*. Barcelona: Ariel.

Ash, T.M. (2017). *Liberdade de expressão – Dez princípios para um mundo interligado*. Temas e Debates.

Assis, F. (2008). Gêneros e formatos do jornalismo cultural: vestígios na revista Bravo!. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008*. Recuperado de <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-0421-1.pdf>

Athey, S., Calvano, & E., Gans, J.S. (2016). The Impact of Consumer Multi-homing on Advertising Markets and Media Competition. Recuperado de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2180851

Bakhtin, M. (1986). The Problem of Speech Genres. Em: Emerson, C., & Holquist, M. (Eds.), *Speech Genres and Other Late Essays*. University of Texas Press.

Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1979)

Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bauer, M.W., & Gaskell, G. (Eds.) (2000). *Qualitative researching with texto, image and sound – A practical handbook*. SAGE Publications.

Beltrão, L. (1969). *A imprensa informativa*. Folco Masucci.

Beltrão, L. (1976). *Jornalismo interpretativo: Filosofia e Técnica*. Sulina Editora.

Beltrão, L. (1980). *Jornalismo opinativo*. Sulina Editora.

Benkler, Y., Faris, R., & Roberts, H. (2018). *Network Propaganda: Manipulation, Disinformation, and Radicalization in American Politics*. Oxford University Press

Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*. Yale University Press.

- Berelson, B. (1952). *Content analysis in communication research*. The Free Press.
- Berkowitz, D., & TerKeurst, J.V. (1999). Community as Interpretive Community: Rethinking the Journalist-Source Relationship. *Journal of Communication*, 49(3), 125–136. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02808.x>
- Biber, D. (1993). Representativeness in Corpus Design. *Literary and Linguistic Computing*, (8)4, 243-257. <https://doi.org/10.1093/lc/8.4.243>
- Blaagaard, B.B. (2012). Situated, embodied and political – Expressions of citizen journalism. *Journalism Studies*, 14(2), 187-200. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2012.718547>
- Bock, M. (2012). Citizen video journalists and authority in narrative: Reviving the role of the witness. *Journalism*, 13(5), 639-653. <https://doi.org/10.1177/146488491142170>
- Boczkowski, P. J., & Mitchelstein, E. (2014). *The News Gap: When the Information Preferences of the Media and the Public Diverge*. MIT Press.
- Boczkowski, P.J. (2004). *Digitizing the News: Innovation in Online Newspapers*. MIT Press.
- Boczkowski, P.J., & Siles, I. (2012). Making sense of the newspaper crisis: A critical assessment of existing research and an agenda for future work. *News Media & Society*, 14(8). <https://doi.org/10.1177/1461444812455148>
- Bonini, T. (2022). Podcasting as a hybrid cultural form between old and new media. Em: Loviglio, J., & Lindgren, M. (Eds.), *The Routledge Companion to Radio and Podcast Studies*. Routledge.
- Borger, M., van Hoof, A., Meijer, & I.C., Sanders, J. (2013). Constructing participatory journalism as a scholarly object - A genealogical analysis, *Digital Journalism*, 1(1), 117-134. <https://doi.org/10.1080/21670811.2012.740267>
- Borger, M., van Hoof, A., & Sanders, J. (2016). Exploring participatory journalistic content – Objectivity and diversity in five examples of participatory journalism, *Journalism*, 20(3), 444-466. <https://doi.org/10.1177/1464884916675633>

Bowman, S., & Willis, C. (2003). *We Media - How audiences are shaping the future of news and information*. The Media Center at the American Press Institute. Recuperado de https://sodacity.net/system/files/Willis-and-Bowman_We-Media-Ch1.pdf

Brannock, J.C., & Poepsel, M. A. (2020). Deep Participation in Underserved Communities: A Quantitative Analysis of Harken's Model for Engagement Journalism". *Journalism Practice*, 14(5), 537–555. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1731321>

Briggs, M. (2010). *Journalism next*. CQ Press.

Brock, G. (2013). *Out of Print: Newspapers, Journalism and the Business of News in the Digital Age*. Kogan Page Limited.

Bruns, A. (2008). The active audience: Transforming journalism from gatekeeping to gatewatching. Em Domingo, D., & Paterson, C. (Eds.), *Making Online News: The Ethnography of New Media Production* (pp. 171-184). Peter Lang Publishing.

Bruns, A. (2012). Journalists and Twitter – How Australian news organisations adapt to a new medium. *Media International Australia Incorporating Culture and Policy*, 144(144), 97-107. <https://doi.org/10.1177/1329878X1214400114>

Bruns, A. (2016). User-Generated Content. Recuperado de <https://doi.org/10.1002/9781118766804.wbiect085>

Budarick, J. (2013). Media, Democracy and Pluralism: Exploring a Radical Response to the Crisis of Journalism. *Journalism Studies*, 24(3), 594-611. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2173959>

Canavilhas, J., & Rodrigues, C. (2012). O cidadão como produtor de informação: estudo de caso na imprensa online portuguesa. *Estudos em Jornalismo e Mídia* (9)2, 269-283. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p269>

Canga Larequi, J.A., Coca García, C., Martínez Rivera, E., Cantalapiedra González, J., & Martínez Odriozola, L. (2000). *Diarios digitales. Apuntes sobre un nuevo medio*. Universidad del País Vasco.

- Carlson, M., & Lews, S.C. (2012). *Boundaries of journalism*. Routledge.
- Carpenter, S.M. (2008). How Online Citizen Journalism Publications and Online Newspapers Utilize the Objectivity Standard and Rely on External Sources. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 85(3), 531-548.
<https://doi.org/10.1177/107769900808500304>
- Castells, M. (1996). *The rise of the network society: Vol. 1 of the information age—Economy, society and culture*. Blackwell.
- Cavanagh, A. (2019). Letters to the Editor as a Tool of Citizenship. Em Cavanagh, A. & Steel, J. (Eds.), *Letters to the Editor – Comparative and Historical Perspectives* (pp.89-108). Palgrave Macmillan.
- Cebrián Herreros, M. (1992). *Géneros informativos audiovisuales. Radio, televisión, periodismo gráfico, cine, video*. Ciencia 3.
- Chadwick, A. (2013). *The hybrid media system: Politics and power*. Oxford University Press.
- Chadwick, A. (2017), *The hybrid media system*. Oxford University Press.
- Chaparro, C.M. (2008). *Sotaques d'aquém e d'além mar – Travessias para uma nova teoria de géneros jornalísticos*. Summus.
- Charaudeau, P., & Maingueneau, D. (2004). *Dictionnaire D' Analyse du Discours*. Éditions du Seuil.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing Grounded Theory*. SAGE. Publicado originalmente em 2006.
- Chiang, C.M. (2012), Géneros y estilos de redacción en la prensa. Desarrollo y variantes taxonómicas, *Correspondencias & Análisis*, (2)2, 201-217.
<https://doi.org/10.24265/cian.2012.n2.10>

Chung, D.S. (2007). Profits and perils: Online news producers perceptions of interactivity and uses of interactive features. *The International Journal of Research into New Media Technologies*, 13(1), 43–61. <https://doi.org/10.1177/1354856507072856>

Chung, D.S. (2008). Interactive Features of Online Newspapers: Identifying Patterns and Predicting Use of Engaged Readers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, (13)3, 658–679. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00414.x>

Coddington, M., Lewis, S. C., & Holton, A. E. (2018). Measuring and evaluating reciprocal journalism as a concept”. *Journalism Practice*, 12(8), 1039-1050. <https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1493948>

Coddington, M., Lewis, S.C., & Holton, A.E. (2013). Reciprocal Journalism”, *Journalism Practice*, 8(2), 229-241. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.859840>

Colussi, J., & Rocha, P.M. (2020). Examining the journalistic genres hybridization in content published by newspapers on Facebook Live”. *The Journal of International Communication*, 26(1), 20-35. <https://doi.org/10.1080/13216597.2020.1744467>

Couldry, N. (2012). *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Polity Press.

Creswell, J.W., & Cheryl, N.P. (2017). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches*. SAGE.

Cuccu, R. (2009). From E-Learning to T-Learning. Em Cartelli, A., & Palma, M., *Encyclopa of Information, Communication, Tecnology*. Information Science Reference.

Cunha, A. (2021). New Subjectivity and Normative Objectivity – A case study with communication sciences students. *Revista Comunicação Pública*, 16(31). <https://doi.org/10.34629/cpublica.81>

Dahlberg, L. (2011). Re-constructing digital democracy: An outline of four ‘positions’. *New Media & Society*, 13(6), 855-872. <https://doi.org/10.1177/1461444810389569>

Dahlgren, P. (2005). The Internet, public spheres, and political communication: Dispersion and deliberation. *Political Communication*, 22(2), 147–162. <https://doi.org/10.1080/10584600590933160>

Daymon, C., & Holloway, I. (2002). *Qualitative research – Methods in public relations and marketing communications*. London: Routledge.

Dear, J., & Scott, F. (2014). *The Responsible Journalist – And Introduction to news reporting and writing*. Oxford: Oxford University Press.

Deuze, M. (1999). Journalism and the Web: An Analysis of Skills and Standards in an Online Environment. *Gazette* (Leiden, Netherlands), 61(5), 373-390. <https://doi.org/10.1177/0016549299061005002>

Deuze, M. (2003). The Web and its Journalisms: Considering the Consequences of Different Types of Newsmedia Online. *New Media & Society*, 5(2), 203-230. <https://doi.org/10.1177/1461444803005002004>

Deuze, M. (2005a). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464. <https://doi.org/10.1177/146488490505681>

Deuze, M. (2005b). Toward professional participatory storytelling in journalism and advertising, *First Monday*, 10(7). <https://doi.org/10.5210/fm.v10i7.1257>

Deuze, M., Bruns, A & Neuberger, C. (2007). Preparing for an age of participatory news. *Journalim Practice*, 1(3), 322-338. <https://doi.org/10.1080/17512780701504864>

Diakopoulos, N. (2015). Picking the NYT Picks: Editorial criteria and automation in the curation of online news comments. *ISOJ Journal*, 6(1), 147–166. Recuperado de <https://isojjournal.wordpress.com/2015/04/15/picking-the-nyt-picks-editorial-criteria-and-automation-in-the-curation-of-online-news-comments/>

Dias, P.R, & Rosemary, B.M. (2008). Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal ‘Folha de S. Paulo’ e da revista ‘Veja’. Recuperado de <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>

Díaz Noci, J. (2004), Os géneros periodísticos: una aproximación teórica a los cibertextos, sus elementos y su tipología. Em Gago Mariño, M., Limia Fernández, M., Otero López, M.L., López García, X., & Pereira Fariña, X. (Eds.) *Tendencias en el ciberperiodismo iberoamericano*. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=8345>

Díaz Noci, J., & Salaverría Aliaga, R. (Eds.) (2003). *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Ariel Comunicacion.

Dodds, T., & Yeung, W. (2024). *Automated Journalism*. Recuperado de <https://doi.org/10.48550/arXiv.2409.03462>

Domingo, D. (2008). Interactivity in the daily routines of online newsrooms: Dealing with an uncomfortable myth. *Journal of Computer-Mediated Communication* 13(3), 680–704. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00415.x>

Domingo, D., & Heinonen, A. (2008). Weblogs and journalism: A Typology to explore the blurring boundaries. *Nordicom Review*, 29(1), 3-15. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0159>

Domingo, D., Quandt, T., Heinonen, A., Paulussen, S., Singer, J.B., & Vujnovic, M. (2008). Participatory journalism practices in the media and beyond – An international comparative study of initiatives in online newspapers. *Journalism Practice*, 2(3), 326-342. <https://doi.org/10.1080/17512780802281065>

Dosenko, A. (2024). Smartphone Journalism: Modern Academic and Practical Approaches to the Study. *State and Regions. Series: Social Communications*. Recuperado de http://www.zhu.edu.ua/journal_cpu/index.php/der_sc/article/view/1070

Döveling, K., Sommer, D., Robinson, K., & Suter, L. (2024). Chapter 35 Mediatization and Entertainment. Em Bowman, D.B. (Ed.), *Entertainment Media and Communication* (pp.505-520). <https://doi.org/10.1515/9783110792881-036>

Edo, C. (2003). *Periodismo informativo e interpretativo. El impacto de Internet en la noticia, las fuentes y los géneros*. Comunicación Social.

Elliot, M., & Kristoffer, H. (2020). Freedom of Expression, Democratic Discourse and the Social Media. *Media and Communication*, 8(4), 107-157. <https://doi.org/10.17645/mac.v8i4.3693>

Embe, Z. C., & Hussain, H. (2009). An Edutainment Framework Implementation Case Study. In A. Cartelli, & M. Palma (Eds.), *Encyclopedia of Information Communication Technology* (pp.202-208). IGI Global Scientific Publishing. <https://doi.org/10.4018/978-1-59904-845-1.ch027>

Engelke, K. (2019). Online participatory journalism: A systematic literature review. *Media and Communications* 7(4), 31-44. <https://doi.org/10.17645/mac.v7i4.2250>

Fernández Parratt, S. (2008). *Géneros periodísticos en prensa*. CIESPA.

Fiedler, T. (2009). Crisis Alert: Barack Obama Meets a Citizen Journalist. Em Allan, S., & Thorsen, E. (Eds.) *Citizen Journalism – Global Perspectives* (pp.209-232). Peter Lang.

Fitzpatrick, N. (2022). No news is not good news: the implications of news fatigue and news avoidance in a pandemic world. *Athens Journal of Mass Media and Communications* 8(3), 145-160. <https://doi.org/10.30958/ajmmc.8-3-1>

Gambarato, R.R. (2018). Transmedia Journalism – The potentialities of transmedia dynamics in the news coverage of planned events. Em Freeman, M., & Gambarato, R.R (Eds.), *The Routledge Companion to Transmedia Studies*. Routledge.

Gamble, A. (2006). *The idea of the West: Changing perspectives on Europe and America*. Recuperado de https://escholarship.org/content/qt6f02368k/qt6f02368k_noSplash_0e6d4d1284caed041a484c992bdb92b4.pdf

Gans, H. J. (1979). *Deciding what's news – A study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Northwestern University Press.

Gans, H.J. (2003). *Democracy and the News*. Oxford University Press.

García-Avilés, J.A., Ferrer-Conill, R., & García-Ortega, A. (2022). Gamification and Newsgames as Narrative Innovations in Journalism. Em: Vázquez-Herrero, J., Silva-Rodríguez, A., Negreira-Rey, MC., Toural-Bran, C., & López-García, X. (Eds.) *Total Journalism. Studies in Big Data*, 97. https://doi.org/10.1007/978-3-030-88028-6_5

García-Orosa, B., & López-García, X. (2020). Journalism in digital native media: beyond technological determinism”. *Media and Communication*, 8(2), 5-15. <https://doi.org/10.17645/mac.v8i2.2702>

Gillmor, D. (2006). *We the Media – Grassroots journalism by the people for the people*. O’Reily Media, Inc.

Gjoni, E. (2017). From passive viewers to content generators: Audience role on TV programs and Online Media. *Journalism and Mass Communications*, 7(2), 63-77. <https://doi.org/10.17265/2160-6579/2017.02.001>

Glaser, B.G., & Strauss, A.L. (1967). *The discovery of Grounded Theory - Strategies for qualitative research*. Aldine Transaction (Publicado originalmente em 1967)

Gomis, L. (1988). *Teoría de los géneros periodísticos*. Premi a la Investigació sobre Comunicació de Masses. Editorial UCO.

Gomis, L. (1991), *Teoría del periodismo – Cómo se forma el presente*. Paidós.

González Reyna, S. (1999). *Géneros periodísticos: Periodismo de opinión y discurso*. Trillas.

Goode, L. (2009). Social news, citizen journalism and democracy. *New Media & Society*, 11(8), 1287-1305. <https://doi.org/10.1177/1461444809341393>

Goyanes, M., Ardèvol-Abreu, A., & Gil de Zúñiga, H. (2021). Antecedents of News Avoidance: Competing Effects of Political Interest, News Overload, Trust in News Media, and ‘News Finds Me’ Perception’. *Digital Journalism*, 11(1), 1-18. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1990097>

Granado, A., Silva, D.S. (2021). Hibridismo e jornalismo – Introdução. *Media & Jornalismo* 21(38). https://doi.org/10.14195/2183-5462_38

Green-Barber, L. (2018). Towards a Useful Typology of Engaged Journalism. Recuperado de <https://medium.com/the-impact-architects/towards-a-useful-typology-of-engaged-journalism-790c96c4577e>

Gripsrud, J. (2009). Digitising the public sphere: Two key issues, *Javnost: The Public*, 16(1), 5–16. <https://doi.org/10.1080/13183222.2009.11008994>

Haas, T. (2007). *The pursuit of public journalism – Theory, Practice, and Criticism*. Routledge.

Habermas, J. (1997). *Direito e democracia – Entre facticidade e validade (vol. II)*. Tempo Brasileiro.

Haddad, M.F., & Brizuela, E. (2018). The narratives and routines of journalistic productions based on open data. *#ISOJ* 8(1), 53-68. Recuperado de <https://isoj.org/research/the-narratives-and-routines-of-journalistic-productions-based-on-open-data/>

Hair, J.F., Black, W.C., Babin, B.J., & Anderson, R.E. (2018). *Multivariate data analysis*. Cengage.

Han, B.C. (2022). *Infocracia*. Relógio D'Água.

Harte, D., Williams, A., & Turner, J. (2016). Reciprocity and The Hyperlocal Journalist. *Journalism Practice*, 11(2-3), 160-176. <https://doi.org/10.1080/17512786.2016.1219963>

Hellmueller, L. & Li, Y. (2014). Contest over content: A longitudinal study of the CNN iReport effect on the journalistic field. *Journalism Practice*, 9(5), 617-633. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.987553>

Henry, J. (2008), *Convergence Culture. La cultura de la convergencia de los medios de comunicación*. Paidós.

Henry, P., & Moscovici, S. (1968). Problèmes de Tanalyse de contenu. Em Sumpf, J. (Ed.) *Langages*, 3^e année, n°11 (pp. 36-60). <https://doi.org/10.3406/lgge.1968.2900>

Hermans, L., Schaap, G., & Bardoel, J. (2014). Re-Establishing the Relationship with the Public - Regional journalism and citizens' involvement in the news. *Journalism Studies*, 15(5), 642-654. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.894373>

Hermida, A. (2010). "Twittering the news. The emergence of ambient journalism". *Journalism Practice*, 4(3) 297-308. <https://doi.org/10.1080/17512781003640703>

Hermida, A. (2011). Mechanisms of participations – How audience options shape the conversation. Em: Singer, J. B., Hermida, A., Domingo, S., Heinonen, A., Paulussen, S., Quandt, T., Reich, Z., & Vujnovic, M., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers* (pp.13-33). Wiley-Blackwell.

Hermida, A., & Thruman, N. (2008). A clash of cultures – The integration of user-generated content within journalistic frameworks at British newspaper websites. *Journalism Practice*, 2(3), 343-356.

Hermida, A., Domingo, D., Heinonen, A., Paulussen, S., Quandt, T., Reich, Z., Singer, J.B., & Vujnovic, M. (2011). The active recipient – Participatory journalism through the lens of the Dewey-Lippmann debate. *ISOJ*, 1(2), 139-161.

Hernandez, R.K., & Rue, J. (2016). *The Principles of Multimedia Journalism – Packaging Digital News*. Routledge.

Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. Sage.

Hjarvard, S. (2013). *The mediatization of culture society*. Routledge.

Hjarvard, S., & Petersen, L.N. (2013). Mediatization and cultural change. *MedieKultur: Journal of media and communication research*, 29(54). <https://doi.org/10.7146/mediekultur.v29i54.8123>

Holt, K., & Karlsson, M. (2011). Edited Participation: Comparing Editorial Influence on Traditional and Participatory Online Newspapers in Sweden. *Javnost - The Public*, 18(2), 19–35. <https://doi.org/10.1080/13183222.2011.11009054>

Holt, K., & Karlsson, M. (2015). Random acts of journalism. How citizen journalists tell the news in Sweden. *New Media and Society*, 17(11), 1795-1810. <https://doi.org/10.1177/1461444814535189>

Holton, A.E., Coddington, M. & Gil de Zúñiga, H. (2013) “Whose news? Whose values? Citizen journalism and journalistic values through the lens of content creators and consumers”, *Journalism Practice* 7(6), 720-737. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.766062>

Howley, K. (2013). Community Media Studies: An Overview. *Community Media Studies: An Overview*, 7(10), 818-828. <https://doi.org/10.1111/soc4.12075>

Hynds, E. C. (1992). Editorial page editors discuss use of letters. *Newspaper Research Journal*, 13(1), 124–136. <https://doi.org/10.1177/073953299201300111>

Innerarity, Daniel (2019). *Política para Perplexos*. Porto Editora.

Ishaku, J., & Nyitse, G.T. (2024). Prospects and challenges of automated and drone journalism in Nigeria. *Akungba Communication and Media Journal*, 1(1), 13-24.

Ishizaka, A., & Nemery, P. (2013). *Multi-criteria decision analysis – Methods and software*. Wiley.

Jakobson, R. (1973), *Linguística e Comunicação*. Cultrix.

Jarvis, J. (2006). Networked Journalism. Recuperado de <https://buzzmachine.com/2006/07/05/networked-journalism/>

Jenkins, H. (2006). *The convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.

Jönsson, A. M., & Örnebring, H. (2010). User-generated Content and the News: Empowerment of Citizens or Interactive Illusion?’, *Journalism Practice* 5(2), 127-144. <https://doi.org/10.1080/17512786.2010.501155>

Karlsson, M. (2010). Flourishing but restrained. The evolution of participatory journalism in Swedish online news. *Journalism Practice*, 5(1), 64-84. <https://doi.org/10.1080/17512786.2010.486605>

Karlsson, M., Bergström, A., Clerwall, C., & Fast, K. (2015). Participatory journalism – The (r)evolutions that wasn’t. Content and user behaviour in Sweden 2007-2013.

Journal of Computer-Mediated Communication, 20(3), 295-311.
<https://doi.org/10.1111/jcc4.12115>

Katz, M. (2005). Internet gurus: sociology and ideology of prominent Internet professionals. *Tripodos*, 1(10), 157–170. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8371871>

Keen, A. (2007). *The Cult of the Amateur: How blogs, MySpace, YouTube, and the rest of today's user-generated media are destroying our economy, our culture, and our values*. Random House.

Keenan, A.P., & Stevens, J.P. (2005). *Applied multivariate statistics for the social sciences*. Routledge

King, N., & Horrocks, C. (2010). *Interviews in qualitative research*. Sage.

Kissinger, H.A., Schmidt, E., & Huttenlocher, D. (2021). *A Era da inteligência artificial e o nosso futuro humano*. D. Quixote.

Kolhatkar, V., & Taboada, M. (2017). Using New York Times Picks to identify constructive comments. Em Strapparava, C., & Popescu, O. (Eds.) *Proceedings of the 2017 EMNLP Workshop: Natural Language Processing meets Journalism*, (pp.100–105). <https://doi.org/10.18653/v1/W17-42>. Recuperado de <https://aclanthology.org/W17-4218.pdf>

Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An introduction to its methodology*. SAGE.

Kumar, A., & Mohamed Haneef, M.S. (2019). Emergent interactive features in websites: analysis of online editions of six Indian newspapers. *Media Asia*, 46(1-2), 35-52. <https://doi.org/10.1080/01296612.2020.1764720>

Kunelius, R. (2001) ‘Conversation: a metaphor and a method for better journalism?’ *Journalism Studies* 2(1), 31-54. <https://doi.org/10.1080/14616700117091>

Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). *InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing*. Sage.

Larsson, A.O. (2012). Interactivity on Swedish newspaper websites: What kind, how much and why? *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 18(2), 195-213. <https://doi.org/10.1177/135485651143018>

Larsson, S. (2014). Battling mainstream media, commentators and organized debaters – Experiences from citizens’s online opinion writing in Sweden. *Nordicom Review*, 35(2), 77-89. <https://doi.org/10.2478/nor-2014-0016>

Lawrence, R.G, Radcliffe, D., & Schmidt, T.R (2017). Practicing Engagement: Participatory journalism in the Web 2.0 era. *Journalism Practice*, 12(10), 1220-1240. <https://doi.org/10.1080/17512786.2017.1391712>

Lee, E.-J., & Tandoc, E.C. (2017). When news meets the audience: How Audience Feedback Online Affects News Production and Consumption. *Human Communications Research*, 43(4), 436-449. <https://doi.org/10.1111/hcre.12123>

Lestari, R.D. (2019). Study: Violation of Journalistic Ethics in Journalistic Products and Journalism Behavior in Online Media. *Komunikator*, 11(2). <https://doi.org/10.18196/jkm.112027>

Lewis, S. C., Holton, A.E., & Coddington, M. (2013). Reciprocal Journalism: A Concept of Mutual Exchange Between Journalists and Audiences. *Journalism Practice* 8 (2), 229–241. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.859840>

Lewis, S.C. (2012). The tension between professional control and open participations – Journalism and its boundaries. *Information, Communications & Society*, 15(6), 836-866. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.674150>

Loosen, W., Ahva, L., Reimer, J., Solbach, P., Deuze, M., & Matzat, L. (2020). ‘X Journalism. Exploring journalism’s diverse meanings through the names we give it. *Journalism*, 23(1), 39-58. <https://doi.org/10.1177/1464884920950090>

López Hidalgo, A. (2002). *Géneros periodísticos complementarios. Una aproximación crítica a los formatos del periodismo visual*. Comunicación Social.

Lopez, D.C., & Mata, J.H. (2009). Os gêneros jornalísticos e a sua aplicação no radiojornalismo. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21052/11427>

Lowrey, W., Brozona, A., & Mackay, J.B. (2008). Toward a measure of community journalism. *Mass Communication and Society*, 11(3), 275-299. <https://doi.org/10.1080/15205430701668105>

Lyons, B. (2015). Is online citizen news really alternative? A multiplatform analysis of BP oil spill coverage. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/278678552_Is_Online_Citizen_News_Alternative_A_Multiplatform_Analysis_of_BP_Oil_Spill_Coverage

Maanen, J.V. (1979). Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly* (24)4, 520-526. <https://doi.org/10.2307/2392358>

Machado, I. (2001). Por que se ocupar dos gêneros? Recuperado de <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3194/3194.PDF>

Mangueneau, D. (2014). *Discours et analyse du discours – Introduction*. Editions Armand Collin.

Mäkinen, M. (2006). Digital empowerment as a process for enhancing citizens participation. *E-Learning* 3. Recuperado de <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/elea.2006.3.3.381>

Marchionni, D. (2013). Journalism-as-a-conversation: A concept explication. *Communication Theory*, 23(2), 131-147. <https://doi.org/10.1111/comt.12007>

Marchionni, D. (2015). Online Story Commenting: An experimental test of conversational journalism and trust. *Journalism Practice* (9)2, 230-249. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.938943>

Marinov, R. (2020). Mapping the infotainment literature: current trajectories and suggestions for future research. *The Communication Review*, 23(1), 1-28. <https://doi.org/10.1080/10714421.2019.1682894>

- Marques de Melo, J. (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- Marques de Melo, J. (2003a). *Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Mantiqueira.
- Marques de Melo, J. (2003b). O desafio do estudo dos gêneros. Recuperado de https://www.academia.edu/27155538/ENTREVISTA_José_Marques_de_Melo_O_D_ESAFIO_DOS_ESTUDOS_DOS_GÊNEROS
- Marques de Melo, J., Assis, F. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 39(1). <https://doi.org/10.1590/1809-5844201613>
- Martin-Barbero, J. (1987). *De los médios a las mediaciones. Comunicación, cultura e hegemonia*. Editorial Gustavo Gili.
- Martínez Albertos, J. (1974). *Redaccion Periodística – Los estilos y los géneros em le prensa escrita*. A.T.E.
- Martínez Albertos, J. (2004). Aproximación a la teoria de los géneros periodísticos. Em Cantavella, J, Francisco Serrano, J. (Eds.) *Redacción para periodistas: informar e interpretar* (pp.51-75). Ariel.
- Martínez Albertos, J.L. (1992), *Curso general de redacción periodística: lenguaje, estilos y géneros periodísticos en prensa, radio, televisión y cine*. Paraninfo.
- Martínez Rodríguez, L. (2005). La participación de los usuarios en los contenidos periodísticos de la red. Em López García, G. (Ed.) *El ecosistema digital. Modelos de comunicación, nuevos medios y público en Internet* (pp.123-150). Universitat de València.
- Massey, B.L., & Haas, T. (2002). Does making journalism more public make a difference? A critical review of evaluative research on public journalism. *J&MC Quarterly*, 79(3), 559-586. <https://doi.org/10.1177/1077699002079003>
- Mata, J., Masip, P. (2018). Jornalismo participativo e audiências ativas: Uma análise dos espaços de participação nos websites de noticiários televisivos da Espanha e do Brasil, *Trípodos*, 42, 137-152. Recuperado de

https://tripodos.com/index.php/Facultat_Comunicacio_Blanquerna/article/view/527/642

Mayring, P. (2021). *Qualitative content analysis: A step-by-step guide*. SAGE.

McChesney, R. W. (1999). *Rich Media, Poor Democracy*. University of Illinois Press.

McErlean, K. (2018). *Creating Immersive Stories Across New Media Platforms*. Routledge.

McLuhan, M. (2015 [1964]). *Understanding media: The extensions of man*. Ginko Press.

Min, S. J. (2020). What the Twenty-First Century Engaged Journalism can Learn from the Twentieth Century Public Journalism”. *Journalism Practice*, 14(5), 626–641. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1758188>

Min, S.J. (2015). Conversation through journalism: Searching for organizing principles of public and citizen journalism. *Journalism*, 17(5), 567-582 <https://doi.org/10.1177/1464884915571298>

Mosco V. (2004). *The digital sublime: myth, power and cyberspace.*: MIT Press.

Müller, N. C., & Wiik, J. (2021). From Gatekeeper to Gate-opener: Open-Source Spaces in Investigative Journalism. *Journalism Practice*, 17(2), pp. 189–208. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1919543>

Nah, S., Luo, J., Akçakir, G., Wu, X., Nam, G., & Kim, S. (2024). “Revisiting citizen journalism scholarship in the Web Era (1994-2023): Past, present, and prospect!”. *Journalism* 0(0). <https://doi.org/10.1177/14648849241247972>

Neuberger, C. (2024). How journalism adapted the Internet in Germany: Results of six newsroom surveys (1997–2014). *Journalism*, 25(10), 1070-1091. <https://doi.org/10.1177/14648849241234445>

Nip, J. Y. M. (2008). The last days of civic journalism: The case of the *Savannah Morning News*. *Journalism Practice* (2)2, 179-196. <https://doi.org/10.1080/17512780801999352>

- Nip, J. Y.M. (2006). Exploring the second phase of public journalism. *Journalism Studies*, 7(2), 212-236. <https://doi.org/10.1080/14616700500533528>
- Nuriddinova, M. (2020). Classification Of Genres In Multimedia Journalism. *The American Journal of Social Science and Education Innovations*, 2(11), 112-118. <https://doi.org/10.37547/tajssei/Volume02Issue11-19>
- Olsson, T., & Dahlgren, P. (2010). *Young people, ICTs and democracy*. University of Gothenburg.
- Örnebring, H. (2013). Anything you can do I can do better? Professional Journalists on citizen journalism in six European countries. *International Communication Gazette*, 75(1), 35-53. <https://doi.org/10.1177/1748048512461761>
- Otto, L., Glogger, I., & Boukes, M. (2017). The Softening of Journalistic Political Communication: A Comprehensive Framework Model of Sensationalism, Soft News, Infotainment, and Tabloidization. *Communication Theory*, 27(2), 136–155. <https://doi.org/10.1111/comt.12102>
- Park, D., Sachar, S., Diakopoulos, N., & Elmqvist, N. (2016). Supporting comment moderators in identifying high quality online news comments, 1114–1125. <https://doi.org/10.1145/2858036.2858389>
- Paulussen, S., & D’heer, E. (2013). Using citizens for community journalism: Findings from a hyperlocal media project. *Journalism Practice*, (7)5, 588-603 <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.756667>
- Peixinho, A.T., & Almeida Santos, A.T. (2021). Hibridismo e Géneros Jornalísticos - Análise de uma ‘reportagem-folhetim’. *Media & Jornalismo*, 21(38), 59-75. https://doi.org/10.14195/2183-5462_38.
- Peruško, Z., Čuvalo, A., & Vozab, D. (2020). Mediatization of journalism: Influence of the media system and media organization on journalistic practices in European digital mediascapes. *Journalism*, 21(11), 1630-1654. <https://doi.org/10.1177/1464884917743176>

Peters, C., & Witschge, T. (2014). From Grand Narratives of Democracy to Small Expectations of Participation Audiences, citizenship, and interactive tools in digital journalism. *Journalism Practice*, (9)1, 19-34.

<https://doi.org/10.1080/17512786.2014.928455>

Petri, R. (2019). *Breve história da ideologia ocidental – Um relato crítico*. Temas e Debates.

Ponte, C., Mascheroni, G., Batista, S., Garmendia, M., Martinez, G., & Cino, D. (2023). Children's digital mediation: The family climate in Spain, Italy and Portugal. *Observatorio (OBS*)*, 17(2). <https://doi.org/10.15847/obsOBS17220232214>

Radcliffe, D. (2024). Advancing Community-Centered Journalism: A practical guide for a more equitable and service oriented form of journalism. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.19318.61764>

Rädiker, S., & Kuckartz, U. (2020). *Análisis de Datos Cualitativos con MAXQDA – Texto, Audio, Video*. MAXQDA Press.

Raudsepp, E. (1989). Reinventing journalism education. *Canadian Journal of Communications*, 14(2), 1-14. Recuperado de <https://cjc.utppublishing.com/doi/pdf/10.22230/cjc.1989v14n2a496>

Reis, C. (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Almedina.

Ricoeur, P. (1991). *On Paul Ricoeur Narrative and Interpretation*. Routledge.

Robinson, S. (2010). Traditionalists vs. convergers: Textual privilege, boundary work, and the journalist—Audience relationship in the commenting policies of online news sites. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 16(1), 125–143. <https://doi.org/10.1177/1354856509347719>

Robinson, S. (2013). Introduction: Community journalism midst media revolution. *Journalism Practice*, 8(2), 113–120. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.859822>

Rogers, E.V. (1986). *Technology – The new media in society*. The Free Press.

Rosen, J. (2008). The People Formerly Known as the Audience. Recuperado de http://archive.pressthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html

Rosen, J., Merritt, D., & Austin, L. (1997). *Public Journalism - Theory and Practice – Lessons from experience*. Kettering Foundation.

Rost, A. (2006), La interactividad em el periódico digital [Tese de doutoramento, Universitat Autònoma de Barcelona, Facultat de Ciències de la Comunicació]. Depósito digital de documentos da Universidade Autònoma de Barcelona. <https://ddd.uab.cat/pub/tesis/2006/tdx-1123106-104448/ar1de1.pdf>

Rost, A. (2007). Propuestas para un Periódico Digital Interactivo. *Zer*, 22, 369-389.

Rost, A. (2014). Interatividade: Definições, estudos e tendências. Em Cavavilhas, J. (Ed.) *Webjornalismo – 7 características que marcam a diferença* (pp.53-88). Recuperado de https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf

Rovelli, C. (2020). *A realidade não é o que parece – A natureza alucinante do universo*. Contraponto.

Ryfe, D. M. (2012). *Can journalism survive? An inside look at American newsrooms*. Polity Press.

Saaty, T.L. (1994). How to make a decision: The analytic hierarchy process. *Aestimum* 24(24). DOI <https://doi.org/10.13128/Aestimum-7138>

Salaverría, R. (2005), *Redacción Periodística en Internet*. Eunsa.

Salaverría, R. (2019). Digital journalism: 25 years of research. Review article. *El profesional de la información*, 28(1). <https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>

Sánchez, J.F., & Pan, F.L. (1998). Tipologías de géneros periodísticos em España. Hacia un nuevo paradigma. Em *Los géneros periodísticos em los médios de comunicación impresso. Ocaso o vigência?* (pp.15-35). *Revista de Ciències de la Informació*, 8.

Santamaría Suárez, L. (1994). Estado actual de la investigación sobre la teoría de los géneros periodísticos. *Estudios sobre el mensaje periodísticos*, 1(37).

Saunders, B., Sim, J., Kingstone, T., Baker, S., Waterfield, J., Bartlam, B., Burroughs, H., & Jinks, C. (2018). Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Qual Quant*, 52, pp. 1893–1907. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11135-017-0574-8>

Schmidt, T.R., Lawrence, R.G. (2020). Engaged journalism and news woe. A sociotechnical analysis of organizational dynamics and professional challenges. *Journalism Practice* 14(5), 518-536. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1731319>

Schudson, M. (1997). Why Conversation Is Not the Soul of Democracy?. *Critical Studies in Mass Communication* 14, 297–309. Recuperado <https://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/09/Why-Conversation-is-Not-the-Soul-of-Democracy-by-Michael-Schudson.pdf>

Schudson, M. (1999). What public journalism knows about journalism but doesn't know about 'public'. Em T. L. Glasser (Ed.), *The idea of public journalism* (pp.118-133). The Guilford Press.

Schultz, T. (1999). Interactive Options in Online Journalism: A Content Analysis of 100 U.S. Newspapers. *Journal of Computer-Mediated Communications* 5(1). <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.1999.tb00331.x>

Scolari, C.A. (2013). *Narrativas transmedia – Cuando todos los médios cuentan*. Deusto.

Sebastião, S. (2024). *As potencialidades do jornalismo digital na consolidação da democracia em Angola*. *Estudos de Caso Novo Jornal, Jornal de Angola e Maka Angola*, [Dissertação de Mestrado, Universidade Europeia, IADE]. Registo Nacional de Teses e Dissertações. TID 203760255.

Seib, P. (2002). *Going live. Getting the news right in a real-time online world*. Rowman and Littlefield.

Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos – Propostas de novos critérios de classificação*. LabCom Books.

Seixas, L. (2013), Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. *Galaxia*. (São Paulo, *Online*), 13(25), 165-179. <https://doi.org/10.1590/S1982-25532013000200014>

Semanti, M., & Brookey, R.A. (2014). Not for *Neda*: Digital Media, (Citizen) Journalism, and the invention of a post-feminist martyr. *Communication Culture & Critique*, 7(2), 137-153. <https://doi.org/10.1111/cccr.12042>

Shin, W. (2015). Being a truth-teller who serves only the citizens – A case study of Newstapa. *Journalism*, 16(5), 688-704. <https://doi.org/10.1177/1464884914525565>

Shirky, C. (2008). *Here comes everybody: The power of organizing without organizations*. Penguin.

Shkondin, M., Smirnova, O.N., & Svitichm O.A., (2020). “The Role of Journalism in Mediatization of the World of Everyday Life”, *Theoretical and Practical Issues of Journalism* 9(4), 595-61. [https://doi.org/10.17150/2308-6203.2020.9\(4\).595-611](https://doi.org/10.17150/2308-6203.2020.9(4).595-611)

Siivonen, J. (2007) *Personporträttet som tidningsgenre. En närläsningstudie med fokus på innehållsliga teman, berättarkonventioner och kön*. [The profile interview as a newspaper genre. A close-reading study focusing on themes of content, narrative conventions and gender. [Tese de Doutoramento, Helsingfors universitet]. Recuperado de <https://helda.helsinki.fi/items/6d9d982c-3acc-40aa-9dae-1280e228a005>

Silva, D.S. (2015). *Cultural journalism in a digital environment – New models, practices and possibilities* [Tese de Doutoramento, Universidade NOVA de Lisboa]. Registo Nacional de Teses e Dissertações. TID 101365276

Silva, D.S. (2018a). Digitally Empowered. *Journalism Practice*. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2018.1507682>.

Silva, D.S. (2018b). New genres and formats of cultural journalism in the digital landscape. International Conference Rethinking cultural journalism and cultural critique in digital media culture. University of Copenhagen, Copenhaga, Dinamarca, 22 de novembro de 2018.

Singer, J.B., & Ashman, I. (2009). “Comment Is Free, but Facts Are Sacred”: User-generated Content and Ethical Constructs at the Guardian. *Journal of Mass Media Ethics: Exploring Questions of Media Morality* 24(1), 3-21
<https://doi.org/10.1080/08900520802644345>

Skovsgaard, M., & Andersen, K. (2020). Conceptualizing News Avoidance: Towards a Shared Understanding of Different Causes and Potential Solutions”, *Journalism Studies* 21(4), 459–476. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2019.1686410>

Song, H., Gil de Zúñiga, H., & Boomgaarden, H. (2020). Social Media News Use and Political Cynicism: Differential Pathways through “News Finds Me” Perception. *Mass Communication and Society* 23(1), 47–70. <https://doi.org/10.4324/9781003179580-5>

Steensen, S. (2011). The Featurization of Journalism. *Nordicom Review* 32 (2), 49-61. <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0112>

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded Theory and techniques*. SAGE

Suau, J, Masip, P., (2011). Models de participació de les audiències en mitjans digitals catalans: anàlisi de La Vanguardia, El Periódico, Vilaweb i 3cat24. *Revista de Recerca i d'Anàlisi*, Societat Catalana de Comunicació, 28(1), 83-104.

Sukheem A. (2024). The Future Metaverse of Digital Journalism. *Advances in Social Behavior Research*, 8, 33-38. <https://doi.org/10.54254/2753-7102/8/2024065>

Svi, R. (2011). User Comments: The transformation of participatory space. Em: Singer, J. B., Hermida, A., Domingo, S., Heinonen, A., Paulussen, S., Quandt, T., Reich, Z., & Vujnovic, M., *Participatory Journalism: Guarding Open Gates at Online Newspapers* (pp.96-117). Wiley-Blackwell.

Swasy, A, Tandoc, E., Bhandary, M., & Davies, R. (2015). Traditional reporting more credible than citizen news. *Newspaper Research Journal*, 36(2), 225-236. <https://doi.org/10.1177/0739532915587298>

Tengarrinha, J.M. (1989), *História da imprensa periódica portuguesa*. Editorial Caminho.

Thon, J.N. (2016). *Transmedial narratology and contemporary media culture*. University of Nebraska Press.

Thussu, D.K. (2007). *News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment*. Sage.

Todorov, T. (1978). *Les genres du discours*. Éditions du Seuil.

Toff, B., & Kalogeropoulos, A. (2020). All the News That's Fit to Ignore: How the Information Environment Does and Does Not Shape News Avoidance. *Public Opinion* 84, 366–390. <https://doi.org/10.1093/poq/nfaa016>

Tong, Z. (2019). *The Reality Bubble: Blind spots, hidden truths and the dangerous illusions that shape our world*. Canongate Books.

Torres da Sila, M. (2009). *As cartas dos leitores na imprensa portuguesa: uma forma de comunicação e debate do público* [Dissertação de Doutoramento, Universidade NOVA de Lisboa]. Registo Nacional de Teses e Dissertações.TID 101207220.

Traquina, N. (2020). *Teorias do Jornalismo – A tribo jornalística – Uma comunidade interpretativa transnacional* (vol.II). Editora Insular.

Ureta, A.L., (2011). The potential of web-only feature stories. *Journalism Studies*, 12(2), 188-204. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2010.491300>

Van Dijk, T.A., (2000). *El discurso como interacción social – Estudios sobre el discurso II*. Gedisa.

Veenstra, A.S., Iyer, N., Park, C.S., & Alajmi, F. (2015). Twitter as a 'journalistic substitute'? Examining #wiunion tweeters' behaviour and self-perception. *Journalism*, 16(4), 488-504. <https://doi.org/10.1177/1464884914521580>

Vilarnovo Caamaño, A., & Sánchez Sánchez, J.F. (1992). Discurso, tipos de texto y comunicación. <https://doi.org/10.15581/003.5.37533>

Wahl-Jorgensen, K. (2001). Letters to the editor as a forum for public deliberation: Modes of publicity and democratic debate, *Critical Studies in Media Communication* 18(3), 303–320. <https://doi.org/10.1080/07393180128085>

Wenzel, A., & Nelson, J. L. (2020). Introduction “Engaged” Journalism: Studying the News Industry’s Changing Relationship with the Public. *Journalism Practice*, 14(5), 515–517. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1759126>

Wildermudth, N. (2010). Empowerment, the real gap faced by digital inclusion initiatives in Recife, Brazil. Em H. Philipsen, L. Agerbæk, & B. Walther Kampmann (Eds.), *Designing New Media: Learning, Communication and Innovation* (pp. 177-212). Academica.

Williams, A., Wardle, C., & Wahl-Jorgensen, K. (2010). Have they got news for us?. *Journalism Practice*, (5)1, 85-99. <https://doi.org/10.1080/17512781003670031>

Zelizer, B. (2004). *Taking Journalism Seriously: News and the Academy*. Sage Publications.

Zelizer, B. (2015). Terms of choice: Uncertainty, journalism, and crisis. *Journal of Communication* 65(5), 888-908. <https://doi.org/10.1111/jcom.12157>